

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RENATA CRISTINA MATIAS

**Carecas do Subúrbio - A experiência urbana narrada pela música, as práticas
sociais e a construção de um herói nacional.**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Renata Cristina Matias

**Carecas do Subúrbio - A experiência urbana narrada pela música, as práticas
sociais e a construção de um herói nacional.**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de
Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais em
cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do
título de Doutor em Ciências Sociais sob a orientação
da Profa. Dra. Lucia Maria Machado Bógus.

SÃO PAULO

2018

Banca Examinadora:

Leila Maria da Silva Blass
in memoriam

AGRADECIMENTO

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo incentivo financeiro, fomento imprescindível para que pudesse prosseguir os meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Nadir Lúcia de Moraes Matias e Francisco Domingos Matias, responsáveis pela formação do meu caráter e da minha personalidade. Por estarem sempre presentes e, muitas vezes sem entender minhas escolhas, serem minha maior fonte de apoio.

Ao meu marido, Alex de Fraga Lacerda, por todo o apoio, compreensão e incentivo em todas as fases.

Aos meus tios Lúcia Martins e Mauricio Martins por me acolherem sempre em seus corações e pela imprescindível ajuda em momentos sombrios que, com a luz de vocês, hoje, voltaram a brilhar.

À professora Lucia Maria Machado Bógus, orientadora querida, pela orientação, compreensão e incentivo dispensados durante o desenvolvimento deste trabalho. Por me acolher e estar sempre presente de maneira extremamente carinhosa e singular.

Aos professores do programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo por suas orientações e compreensão dispensadas nas aulas do programa de doutorado.

Às professoras Prof.^a Dr.^a Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira e Prof.^a Dr.^a Teresinha Bernardo por aceitarem fazer parte do meu Exame de Qualificação e trazerem questões ricas para o engrandecimento deste trabalho.

A amiga Simone Lippi Pavesi, que, gentilmente, procedeu à revisão ortográfica da língua estrangeira deste trabalho.

Aos integrantes do movimento urbano Carecas do Subúrbio por disporem de seu tempo e permitirem minha inserção no grupo para a realização deste trabalho. Afinal, são 12 anos de caminhada junto ao grupo e foi imprescindível a colaboração de amigos que ganhei.

Aos membros dos grupos: Skinheads Sharps (Skinheads Against Racial Prejudice), Skinheads Rash (Red and Anarchist Skinheads) e Skinheads Nazistas/White Powers que participaram de entrevistas para que pudéssemos conhecer as vertentes dos Skinheads e traçar suas ideologias e diferenças.

A todos os policiais civis que compõem a Decradi (Delegacia de Polícia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância), em especial à delegada Daniela Branco, que concedeu entrevista para que pudéssemos conhecer o papel imprescindível da delegacia.

Ao investigador chefe da Decradi, Nelson Collino Junior, que teve papel fundamental para que estabelecêssemos contato com a delegacia.

A Delegacia de Repressão aos Delitos Esportivos, em especial **T. J.**, que concedeu entrevista e contou sua experiência vivida junto com os Punks e com os Carecas do Subúrbio.

Agradecimento especial a Katia Cristina da Silva e Rafael Diego Garcia, secretários da Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP. Mais do que funcionários, foram importantíssimos para que toda a vida acadêmica, durante estes cinco anos de curso, fosse mais leve e agradável.

Aos amigos que sempre estiveram presentes e dotados de compreensão para me auxiliar e me apoiar.

“A sabedoria não nos é dada. É preciso descobri-la por nós mesmos, depois de uma viagem que ninguém nos pode poupar ou fazer por nós.”

Marcel Proust

RESUMO

MATIAS, Renata Cristina. **Carecas do Subúrbio - A experiência urbana narrada pela música, as práticas sociais e a construção de um herói nacional**. São Paulo, 2018. p.220 Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Este trabalho analisa letras de músicas de bandas do grupo urbano Carecas do Subúrbio. Para tanto, aprofundamo-nos em conhecer a história dos Skinheads na Grã-Bretanha, os propagadores da ideologia, o surgimento do movimento dos Carecas no Subúrbio e as diferentes ramificações que surgiram ao longo dos anos para poder, assim, traçar um perfil dos indivíduos que fazem parte do grupo. Verificamos, por meio de entrevistas com membros do grupo, a relevância das bandas musicais para o movimento e, também, o significado que os integrantes das bandas atribuem a alguns termos utilizados em suas letras. Esta pesquisa, de caráter qualitativo, elegeu as bandas Histeria Oi!, Classe Oi!perária e Soldados da Pátria, além de membros do movimento Carecas do Subúrbio residentes na cidade de São Paulo (SP), para realizar o estudo de caso. Foram utilizados como procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica, a vivência da pesquisadora com o grupo e a pesquisa de campo, na qual foram aplicados questionários com questões abertas e, posteriormente, a realização de um grupo focal. As letras das bandas musicais do grupo foram analisadas e o tema nacionalismo foi verificado como o mais abordado pelas bandas, por isso, analisado neste trabalho. Foi constatado que as bandas musicais se posicionam mais emblematicamente em campo de atrito social e que elas são as propagadoras da ideologia dos Carecas do Subúrbio. Revelou-se que os integrantes do grupo acreditam que sua ideologia, que preza pelo nacionalismo e pelo tradicionalismo, seja a ideal para o país. Os Carecas acreditam que são os soldados da pátria e que, com sua ideologia, irão alcançar um Brasil melhor para todos. Acreditam ser os heróis nacionais e que a violência instituída no grupo é justificável, pois eles lutam pela ideologia que irá salvar os brasileiros de problemas em setores como educação, saúde, economia.

Palavras-chave: tribos urbanas, Carecas do Subúrbio, nacionalismo, Skinheads, bandas Carecas.

Carecas do Subúrbio - The urban experience narrated by music, social practices and the construction of a national hero

ABSTRACT

This paper analyzes lyrics of the Carecas do Subúrbio urban group bands. However, in knowing the history of the skinheads in Britain, the propagators of ideology, the emergence of the Carecas do Subúrbio movement and the various branches that have emerged over the years to may, thus, profiling of individuals who are part of the group. It was noted, through interviews with members of the group, the relevance of the musical bands for this movement and, also, the significance which they attribute to such terms used on your lyrics. This research, of a qualitative character, elected the bands Hysteria Oi!, Oi!perária Class and Soldados da Pátria, as well as members of the Carecas do Subúrbio movement resident in the São Paulo city (SP), to conduct the case of study. Methodological procedures were used the bibliographic review, the experience of the researcher with the group and field research, in which questionnaires were applied with open questions and, subsequently, conducting of a focal group. The lyrics of musical bands of the group were analyzed and the theme nationalism was verified as the most covered by bands, therefore, analyzed in this study. It has been found that the musical bands are more emblematically in field of social conflict and that they are the propagators of the Carecas do Subúrbio ideology. It turned out that the members of the group believe that their ideology, that values by nationalism and the traditionalism, is ideal for the country. The Carecas believe that they are the soldiers of the homeland and that, with their ideology, will achieve a better Brazil for everyone. They believe to be the national heroes and that the violence established in the group is justified, once they fighting for the ideology that will save the brazilians of the problems in sectors as education, health and economy.

Keywords: urban tribes, Carecas do Subúrbio, nationalism, Skinheads, Carecas bands.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa de CDs das Bandas Histeria Oi!, Soldados da Pátria e Classe Oi!perária, as bandas entrevistadas.....	25
Figura 2 – Foto da década de 1980, quando Punks e Carecas do Subúrbio eram grupos próximos.....	47
Figura 3 – Carecas A. C. e J. V.	55
Figura 4 – Folder divulgado pelos Carecas do Subúrbio, convidando para o treino de práticas marciais.	56
Figura 5 – Carecas T. D. vestido com um visual típico dos Carecas do Subúrbio.....	57
Figura 6 – Tatuagem de teia de aranha comum entre os Carecas.	58
Figura 7 – Brasão dos Carecas do Subúrbio que contém os machados, muito utilizados em tatuagens.....	59
Figura 8 – Mapa da cidade de São Paulo com marcadores das regiões com maior número de Carecas.....	67
Figura 9 – Banda Patriotas.....	104
Figura 10 – Banda Patriotas, A. O. baterista..	104
Figura 11 – Folder de divulgação do Dezembro Negro de 1985.....	108
Figura 12 – Foto de um som Careca.	109
Figura 13 – Foto de novo membro sendo puxado para ser batizado.	111
Figura 14 – Banda Classe Oi!perária. Integrantes da banda. Figura..	117
Figura 15 – Imagem do folder de divulgação da Discotecagem dos Carecas do Subúrbio.	120
Figura 16 – Recorte de jornal com a notícia sobre o sucesso no Brasil da banda Histeria Oi!..	122
Figura 17 – Guitarrista da banda Histeria Oi!..	127
Figura 18 – Foto da última formação do Histeria Oi!.	
Figura 19 – Fotos da última formação Soldados da Pátria..	138
Figura 20 – Fotos dos Carecas no Sambódromo no desfile cívico da cidade de São Paulo.....	156
Figura 21 – Árvore genealógica da tribo urbana Skinheads	203

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Termos utilizados nas letras das músicas Carecas	146
--	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Processo Metodológico.....	25
Tabela 2 – Capítulos da dissertação.	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Tema	20
Problema	20
Hipótese	20
Objetivo	20
Objetivos específicos	21
Justificativa	21
Metodologia	22
Processo Metodológico	25
Fases da Pesquisa	26
1. O SURGIMENTO DO MOVIMENTO SKINHEAD	27
1.1 Ramificações dos Skinheads	36
1.1.1 Skinheads Tradicionais	37
1.1.2 Skinheads Sharp - Skinheads Against Racial Prejudice	38
1.1.3 Skinhead Rash - Skinhead Red and Anarchist	39
1.1.4 Skinheads Nazistas – White Power	41
1.2 Dos Punks aos Carecas do Subúrbio	45
1.3 Os Carecas do Subúrbio	53
2. MEMÓRIA CARECA	70
2.1 Careca K. F., o Pastor	70
2.2 Careca J. P. o ex Desordem Punk	79
2.3 Careca T. D., o escritor e referência dentro do movimento Carecas do Subúrbio	86
3. A DECRADI (DELEGACIA DE POLÍCIA DE REPRESSÃO AOS CRIMES RACIAIS E DELITOS DE INTOLERÂNCIA)	94
4. AS BANDAS “CARECAS”	102
4.1 Os Sons	107
4.2 Banda Classe Oi! péraria	111
4.3 Banda Histeria Oi!	120
4.4 Banda Soldados da Pátria	134
5. A MÚSICA DOS CARECAS DO SUBÚRBIO, OS “CARECAS” POR ELES MESMOS	140

5.1 O nacionalismo dos Carecas do Subúrbio	147
5.1 Carecas do Subúrbio, os heróis do Brasil	161
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
ANEXOS.....	183
Anexo A – Entrevista com o Careca do Subúrbio K. F.....	183
Anexo B – Entrevista com o Carecca do Subúrbio J. F. G.....	198
Anexo C – Árvore Genealógica dos Skinheads	203
Anexo D – Imagens da revista Atenção e de Fanzines	204
Anexo E – Fotos dos Carecas do Subúrbio da década de 1980 e 1990	219

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa as letras de música das bandas do grupo urbano Carecas do Subúrbio. Para isto, iniciamos a discussão explanando sobre a história dos Skinheads da Grã-Bretanha, que serviram de inspiração para o movimento brasileiro, e apresentamos a história do movimento que nasceu em meados da década de 1980 no subúrbio de São Paulo, Zona Leste da capital, os Carecas do Subúrbio.

Ao reconstruirmos a história do grupo, identificamos que sua origem o relaciona ao grupo conhecido na Grã-Bretanha na década de 1960 como Skinheads, e que ganhou maior força e mais adeptos em 1969. Em tese, jovens operários que trabalhavam encontram nos fins de semana a diversão necessária para o seu descanso, atraídos por cerveja, futebol e música.

Após o surgimento do grupo na Inglaterra, os conhecidos Skinheads espalhavam-se pelo mundo, paralelamente com um movimento que surgiu nos Estados Unidos na década de 1970 e ganhou força, os Punks.

O número de adeptos desses grupos começou a crescer e a chamar a atenção da mídia, que publicava inúmeras reportagens sobre Punks e Skinheads, abordando sua origem, ideologias, estilo de roupa, músicas e ações sociais. As matérias divulgadas pela imprensa mostravam como essas tribos em ascensão se articulavam em diversos países.

Com o tempo, os Skinheads espalhados pelo mundo apresentaram diferenças ideológicas, criando vertentes desse grupo, alguns afirmavam que eram a consagração do que eles costumavam chamar de “espírito de 1969”, ou seja, o retorno às raízes britânicas dos seus ancestrais Skinheads, outros identificavam-se com o nazismo, mas, também, surgiram vertentes que se posicionavam contra o preconceito que o grupo White Power demonstrava.

No Brasil, a chegada do movimento Skinhead, especificamente em São Paulo, foi uma jornada tortuosa que passou pelo movimento Punk antes de arrebataram novos adeptos. A massificação dos Punks foi possível por meio da imprensa, que produzia inúmeras reportagens sobre o grupo; da força que o movimento ganhava em outros países; dos novos adeptos que já surgiam no Brasil; e daquilo que o grupo pregava em sua ideologia.

Sendo um movimento violento e que gerava diversas brigas entre seus membros, os Punks começaram a se dividir e, com a ideia de formar um novo grupo, surgiram, próximo ao metrô São Bento em São Paulo, os primeiros Carecas do Subúrbio. Mais tarde, o movimento ganharia força na periferia da Zona Leste da capital, tendo em vista que seus idealizadores pertenciam a esta região. O perfil dos jovens que se tornavam adeptos deste grupo no início da década de 1980 era de trabalhadores do proletariado que residiam nas periferias da cidade de São Paulo, ganhavam pouco e viviam com dificuldades.

Alguns jovens das periferias, como uma maneira de se posicionar contra os problemas do país e a ideologia dominante, adotaram o movimento Carecas do Subúrbio e as características que o movimento surgido na Grã-Bretanha apresentava. O que na Europa era conhecido como Skinheads, no Brasil ganhou uma nova nomenclatura, mas continuava sendo formado por jovens, como na Europa, que faziam parte do proletariado e da classe pobre do país.

Assim, é significativo que os "Carecas" brasileiros também tenham surgido em uma conjuntura caracterizada por transformações de ordem política e de crise econômica. Do mesmo modo que seus "irmãos" ingleses, os Carecas brasileiros provinham de camadas sociais que se viam em uma posição de fragilidade frente à crise econômica e ao processo de lumpenização (Costa, 1993:72).

Outrora, na pesquisa desenvolvida para a construção da dissertação de mestrado, iniciei a pesquisa com este grupo, conhecendo diversos integrantes e suas bandas musicais. O trabalho desenvolvido pautava a existência de bandas dentro desse grupo e a ausência de políticas públicas que fomentassem essas bandas, a fim de aproximá-los da sociedade e diminuindo as dificuldades financeiras que as bandas encontram, uma vez que os membros dos Carecas do Subúrbio, em sua maior parte, são de classe baixa e, mesmo assim, são eles quem sustentam as bandas, comprando equipamentos e o que for necessário, sem o auxílio do grupo como um todo.

Além disso, no trabalho anterior, utilizamos as letras das músicas para compreender a violência presente dentro do grupo Carecas do Subúrbio e como essa violência se expande para fora do movimento. Ao começarmos a estudar as letras, percebemos dois importantes tópicos que se tornaram o foco da discussão para a pesquisa do doutorado: o nacionalismo presente no grupo Carecas do

Subúrbio e como esse nacionalismo cria dentro do grupo a imagem de herói nacional.

A importância de abordarmos uma tribo urbana e suas bandas se faz, segundo Pais (2004), por elas gerarem um sentimento de pertença, e seus marcos conviviais serem sinônimo de afirmação identitária. Por isso, nesses grupos, encontramos manifestações de resistência à adversidade, mas, ao mesmo tempo, vínculo de integração social e sociabilidade. Quanto maior é a resistência à adversidade que uma tribo possui, mais prováveis são as verbalizações que se referem ao tribal como forma de característica identitária. Ou seja, se for realizado o mapeamento territorial das bandas juvenis musicais que se concentram nos subúrbios de grandes metrópoles, “as bandas consideradas as mais tribais são as que mais contribuem e correspondem a formas compensatórias de integração social” (Pais, 2004, p.23).

Conhecendo o perfil dos Carecas do Subúrbio, não pretendemos aqui reforçar a imagem socialmente criada sobre eles e associada apenas à violência e à marginalidade – não estamos, porém, afirmando que não exista violência no grupo, afinal, é uma gangue. Pretendemos aqui ressaltá-los como produtores culturais.

A música é o produto cultural mais consumido por algumas tribos urbanas e, em torno dela, criam-se bandas musicais alternativas, a partir das quais os indivíduos estabelecem trocas, experimentam, se divertem, produzem, vivem um estilo próprio de vida.

As bandas musicais dos Carecas do Subúrbio utilizam-se da música para ter voz ativa sobre o posicionamento crítico à sociedade onde vivem e são as propagadoras da ideologia do grupo, dentro e fora do movimento. Por meio da música, os indivíduos conseguem dividir suas angústias e incertezas diante da luta pela sobrevivência que se resolve diariamente, além de seus sonhos, crenças e esperanças. Um exemplo desta postura pode ser visto no trecho da letra da música Dias Difíceis, da banda Bandeira de Combate:

Os nossos dias estão difíceis
Nossas vidas estão ruins
Mas seguiremos sempre adiante
Não podemos desistir
Devemos ser valentes
Jovens fortes com ideais
E a certeza de que estamos vencendo
É algo que nos satisfaz

Dias Difíceis. Banda Bandeira de Combate

Pudemos constatar que a tribo urbana Carecas do Subúrbio, até os dias de hoje, encontra-se enraizada nas periferias e que seus integrantes mostram-se orgulhosos de serem uma classe trabalhadora, e que, por meio da música, expõem suas opiniões e sua esperança de conquistarem um Brasil mais justo, que atenda às classes mais baixas da população, assumindo a superação dos problemas diários como uma batalha a ser vencida. Posicionam-se como um grupo que lutará, como soldados, por essas melhorias.

Soldado, erga a bandeira para defender suas fronteiras
É sua maior razão, Ordem e Progresso, é o lema da nação
Combata com coragem, não tenha medo de morrer
Porque um país melhor para todos tem que nascer.
Soldados do Subúrbio. Banda Bota Gasta

Neste cenário, a música, atividade muito presente no grupo, transforma os ouvintes em produtores, constituindo grupos musicais das mais diversas tendências, sendo mais voltados para o estilo musical Oi! ou uma mistura de outros estilos, como Rock e Ska, compondo suas próprias letras e apresentando-se em festas organizadas por eles mesmos. A música dá uma identidade aos indivíduos e opera a socialização do grupo. Ela se torna, mais que uma forma de diversão, um canal de comunicação do grupo com a sociedade, de ideias e sentimentos, desejos e necessidades, cuja compreensão pode dar elementos para o verdadeiro diálogo desses indivíduos com a sociedade.

Deste modo, por intermédio de pesquisa bibliográfica, entrevistas e análise de letras de músicas, estudaremos a relevância das letras das bandas no movimento Carecas do Subúrbio, compreendendo a ideologia de herói nacional que é transmitida pelo grupo e em quais aspectos da sociedade os entrevistados colocam-se nessa função.

O objetivo central desta pesquisa é compreender, por meio das músicas das bandas Carecas, as crenças e ideologias do grupo. Analisar, calcados nas letras como relatos de suas vidas cotidianas, suas experiências urbanas, conhecendo suas práticas sociais dentro do grupo e fora, como indivíduos que se autoproclamam donos de um estilo de vida fundado nas regras do grupo. Além disso, observar o nacionalismo presente em suas crenças que transmite a imagem, perante o grupo, de heróis nacionais.

Tema

Carecas do Subúrbio - A experiência urbana narrada pela música, as práticas sociais e a construção de um herói nacional.

Problema

Tendo em vista o interesse em compreender as crenças e ideologias dos Carecas do Subúrbio por meio das letras de músicas, utilizando as letras de suas bandas como um rico relato de suas vidas cotidianas e experiências urbanas, observando o nacional e a ideia de herói presente no grupo, vislumbramos a discussão sobre o seguinte propósito de problema: as músicas compostas por integrantes de bandas de tribos urbanas, especificamente os Carecas do Subúrbio, são a elucidação de suas crenças e ideologias e traduzem um sentimento único em comum, criando uma comunidade imaginária de heróis nacionais?

Hipótese

Os jovens vivem em um contraponto da sociedade, no qual, para se sentirem pertencentes a uma comunidade, unem-se por meio de tribos urbanas para encontrarem afinidades, como: preferência política, estilo musical (que normalmente acaba refletindo na vestimenta que a tribo adota), ideologias, crenças. As bandas têm papel fundamental como difusoras e são emblematicamente especiais para traduzirem na música, ou seja, na produção artística da tribo, suas crenças e valores, constituindo uma subversão contra os princípios da sociedade que desaprovam.

Objetivo

Conhecer a tribo urbana Carecas do Subúrbio e, por meio de pesquisa e da inserção no grupo, acompanhar suas experiências urbanas, conhecendo suas crenças e ideologias. Assim, verificando o impacto das músicas no grupo, compreendendo as questões levantadas por eles nas letras.

Objetivos específicos

- Conhecer a produção musical de bandas vinculadas à tribo urbana Carecas do Subúrbio e, deste ponto, entender sua contribuição na identidade dos jovens em questão.
- Analisar letras de músicas das bandas mais emblemáticas no grupo, sendo elas: Bota Gasta, Vírus 27 e Combatentes. Acompanhar eventos desse grupo, a fim de recolher material para compreender seus signos e significados, traduzindo em palavras a compreensão do que em pesquisa de campo for captado.
- Compreender a ideia de herói nacional vigente nos Carecas do Subúrbio para traduzir suas ideologias, signos, significados e postura perante o grupo e em suas vivências cotidianas e experiências urbanas.

Justificativa

O fenômeno da pós-modernidade deu impulso ao declínio das tradições e à aceleração do deslocamento da identidade, resultando em um novo enfoque nos estudos das identidades e criando novas noções de hábitos e valores. Deste ponto, os jovens encenam um novo cenário por meio das tribos urbanas e o seu papel principal ganha forma na complexidade dos novos relacionamentos sociais. Os jovens, com a difícil tarefa de adquirir o sentimento de pertença, unem-se a tribos que traduzem suas crenças e valores com produções musicais, disseminando o seu ponto de vista sobre as tramas da cidade, tornando-se os autores das suas próprias histórias e difundindo-as por meio de bandas.

Este projeto tem como objetivo estudar a constituição da identidade juvenil, a necessidade do sentimento de pertença que faz com que jovens se unam a tribos urbanas e entender se as produções musicais do grupo Carecas do Subúrbio são o relato fiel de sua identidade, de suas crenças e valores.

O propósito da pesquisa é explorar as questões sobre a identidade cultural e as modificações por ela sofridas até os dias atuais, levando em consideração a influência da globalização e o questionamento sobre a “descentralização”, ou seja, a fragmentação que a identidade sofreu até os dias atuais, podendo pontuar quais são as consequências na identidade juvenil e entender, assim, a necessidade dos jovens

de se unirem a grupos com características semelhantes, tanto de personalidade, quanto no modo de se vestir, gosto musical etc.

Este trabalho se torna importante por propor uma reflexão sobre grupos que, cada vez mais, vêm surgindo e recrutando jovens de todas as partes, constituindo grupos com características peculiares e que circulam por toda a cidade.

Por fim, na publicação de partes ou do todo deste material, esta pesquisa pode se tornar mais uma referência para possíveis projetos que dissertem sobre o tema em questão.

- **Justificativa Acadêmica**

A quantidade de investigações sobre grupos urbanos vem crescendo à medida que os mesmos ganham maior destaque na sociedade, tendo em vista o caso, por exemplo, dos Black Blocs (do inglês *black*, preto; *bloc*, agrupamento de pessoas para uma ação conjunta ou propósito comum, diferentemente de *block*: bloco sólido de matéria inerte), que se popularizou no Brasil nas manifestações de junho em 2013, nas manifestações contra o aumento da tarifa do transporte em São Paulo. Entretanto, as pesquisas apontam as características desses grupos, sobressaindo seus aspectos ligados à violência. Diferentemente disto, esta pesquisa tem o interesse em compreender não apenas o simbólico do grupo Carecas do Subúrbio, mas estudar a fundo a música como representatividade social e cultural, além de compreender sua vivência cotidiana em suas experiências urbanas.

Metodologia

A pesquisa consiste em um estudo de caso com membros dos Carecas do Subúrbio, além de pesquisa bibliográfica sobre os temas essenciais abordados pelo trabalho: identidade, tribos urbanas, nacionalismo, a história dos Carecas do Subúrbio e a produção musical.

Utilizamos entrevistas semiestruturadas que combinem perguntas abertas e fechadas, visando conhecer melhor os sujeitos, aproximando-os mais do estudo de caso da dissertação, elencando os principais assuntos do objetivo da pesquisa. Desta forma, permitimos a livre expressão dos entrevistados ao responder as questões, mas guiando a entrevista e dando direcionamento.

A proposta foi entrevistar vinte e cinco integrantes da tribo urbana Carecas do Subúrbio, entre eles, dez pertencentes a bandas atuantes no movimento e dez integrantes do grupo, mas sem nenhuma ligação com alguma banda musical do movimento. A ideia era coletar diferentes percepções sobre a produção musical, sendo identificadas nessas duas frentes pesquisadas. Além disso, foram realizadas três entrevistas com Carecas que narraram sua trajetória até sua chegada ao movimento, as perguntas foram abertas, mas conduzidas conforme a necessidade de questionamento mediante a exposição de fatos dos entrevistados, e, também, foram realizadas duas entrevistas com membros da delegacia Decradi (Delegacia de Polícia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância), que é responsável pela investigação, também, de tribos urbanas. Além disso, realizamos entrevistas com membros dos grupos Skinheads tradicionais, Skinheads Sharps (Skinheads Against Racial Prejudice), Skinheads Rash (Red and Anarchist Skinheads) e Skinheads Nazistas / White Powers, a fim de conhecer a ideologia dessas vertentes dos Skinheads e poder traçar seu perfil diferenciando-os dos Carecas do Subúrbio.

Foi realizado um grupo focal, em um dia de evento dos Carecas do Subúrbio na Zona Leste de São Paulo, com os Carecas sugeridos pelos membros do grupo por terem maior representatividade atualmente dentro do grupo. A ideia foi compreender sua ideologia e a articulação que ocorre dentro do movimento, além de abordar temas que aparecem com bastante frequência nas letras de músicas de suas bandas.

As entrevistas, no geral, foram realizadas ou em dia de eventos musicais dos Carecas do Subúrbio, que ocorriam sempre em bares que aceitavam sua presença, ou na casa de membros do grupo onde ocorriam reuniões para alguns de seus membros, sendo todos esses eventos realizados na Zona Leste da cidade de São Paulo.

Todos os entrevistados que participaram desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo a utilização de suas entrevistas e a utilização de seus nomes ou iniciais aqui citados.

A escolha por esta tribo foi feita com base na facilidade de contato por parte da pesquisadora, pois trabalhou em sua dissertação de mestrado com o grupo, e por ser uma tribo grande na cidade onde foi realizada a pesquisa, São Paulo.

Os entrevistados foram selecionados por meio de contato com integrantes que são de extrema relevância para o grupo e que delimitaram as bandas mais atuantes no movimento Carecas do Subúrbio, além dos integrantes mais frequentes e fiéis à ideologia.

Os procedimentos se constituíram em duas etapas: a) entrevista qualitativa com membros da tribo urbana escolhida, Skinheads: Carecas do Subúrbio, com questionário pré-determinado; b) análise de produções musicais. Essa escolha teve como cunho de determinação a relevância das bandas, ou dos membros que fazem parte da banda, perante o grupo estudado.

Realizamos uma pesquisa das bandas que os Carecas do Subúrbio consideram relevantes para a realização de levantamento de dados para compreender os temas mais abordados pelo grupo. Além das três bandas que pesquisamos a fundo: Histeria Oil, Classe Oilperária e Soldados da Pátria, utilizamos as letras das bandas: Bota Gasta, Vírus 27, Dose Brutal, Expulsos do Bar, Bandeira de Combate, Reação Proletária, Puro Impacto, a fim de localizar os temas mais expressivos no grupo, sendo eles: o nacionalismo e termos relacionados como: luta e o posicionamento dos Carecas do Subúrbio como soldados da pátria.

A pesquisa se orienta de um procedimento teórico-metodológico de análise qualitativa, pois são exploratórias, ou seja, estimulam o pensamento livre sobre determinado tema, discutindo as respostas e analisando sua relevância com o objeto de estudo.

O trabalho procurará organizar uma linha de pensamento sobre o surgimento do movimento Carecas do Subúrbio e sua ideologia, além de contar com a narração da memória de fatos vivenciados dentro dos Carecas e de trajetória para a inserção no grupo pela voz de três entrevistados.

Somada a isto, temos a proposta de estudar a tribo urbana Carecas do Subúrbio e suas produções musicais, discutindo a transcrição de sua ideologia, experiências urbanas de seu cotidiano por meio de suas produções musicais, tendo como base para estruturar esta pesquisa a obra pioneira da pesquisadora Costa (1993).

Processo Metodológico

Público-alvo	Carecas do Subúrbio (acima de três anos de movimento)
Amostragem	25 entrevistados
Público-alvo	Membros da delegacia Decradi
Amostragem	2 entrevistados
Instrumentos de pesquisa	Estudo bibliográfico Vivência de grupo Entrevistas semiestruturadas Levantamentos de dados Grupo focal
Região	São Paulo - SP

Tabela 1 – Processo Metodológico.

Bandas entrevistadas

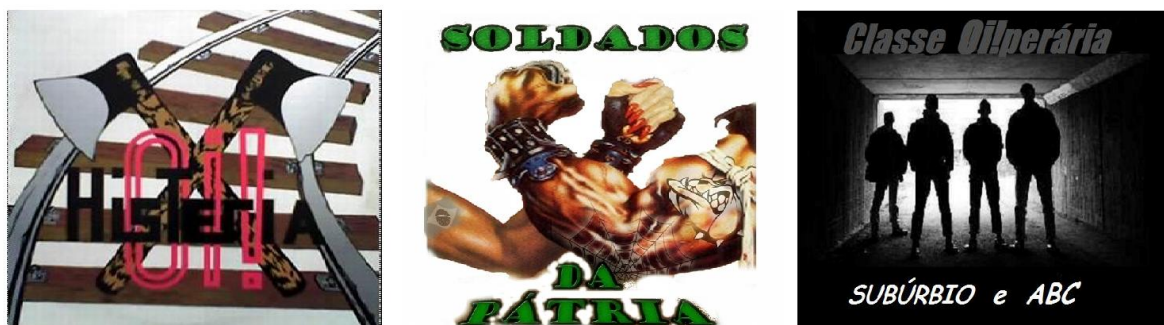


Figura 2 – Capa de CDs das Bandas Histeria Oi!, Soldados da Pátria e Classe Oi!perária, as bandas entrevistadas. Imagens enviadas pelos membros das bandas.

CAPÍTULOS DA TESE

1º Cap. O surgimento do movimento Skinhead, os precursores para a origem dos Carecas do Subúrbio	• COSTA, Marcia Regina da. Os Carecas do Subúrbio: Caminhos de um Nomadismo Moderno. 1. ed. – São Paulo: Vozes, 1993. • Entrevistas
2º Cap. A memória Careca	• HALBWACHS, M. A memória coletiva. Tradução: Beatriz Sidou. 2. Ed. – São Paulo: Editora Centauro, 2003. • MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo na sociedade de massa. Tradução de Maria de Lourdes Menezes e Débora de Castro Barros. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. • PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (Org.). Tribos Urbanas: Produção Artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004. • HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. • Entrevistas
3º Cap. O Decradi	• Entrevistas
4º Cap. Nacionalismo e o Herói nascido dos Carecas do Subúrbio	• MORRIS, Matt; MORRIS, Tom; IRWIN, William Cordenção. Super-Heróis e a filosofia: Verdade, justiça e o caminho socrático. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2009. • Análise de músicas
4º Cap. A música dos carecas do subúrbio, os “carecas” por eles mesmos	• HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. • Análise de músicas

Tabela 2 – Capítulos da dissertação

1. O SURGIMENTO DO MOVIMENTO SKINHEAD, OS PRECURSORES PARA A ORIGEM DOS CARECAS DO SUBURBIO.

O movimento Skinhead surgiu na Grã-Bretanha, por volta de 1966. O grupo seria uma evolução de um movimento já existente, os Modernists, ou como eram conhecidos, os Mods.

Era uma tribo que chamava a atenção por andar em lambretas e bem vestidos, ao contrário de um grupo que também se destacava naquela época, os Rockers, vestidos com blusões de couro na tentativa de aproximarem o seu estilo com a gangue de motociclistas Hell's Angels.

Quando os Skinheads surgiram, segundo Costa (1993), já havia relatos de outros grupos que tinham como atividades a violação dos costumes e das normas da sociedade em que viviam. Mesmo na Grã-Bretanha, a proliferação de grupos juvenis iniciou-se na década de 1950, período marcado pela consolidação da cultura de massa, pela crescente autonomia dos jovens perante a sociedade e seus grupos familiares, além de sua independência financeira. Foi este o cenário ideal para permitir aos jovens o poder de consumo adquirindo bens e espaços para seu lazer.

É preciso lembrar que o consumo de massa que ocorria na década de 1930 foi um processo interrompido pela Segunda Guerra Mundial, que durou seis anos e envolveu a maioria dos países do mundo, sendo a maior guerra da história com a mobilização de mais de 100 milhões de militares (MASSON, 2010). O processo de consumo de massa seguiu paralisado no período pós-guerra (de 1945 a 1955).

A retomada do desenvolvimento social iniciou na década de 1950 e fez com que houvesse mudanças significativas no setor educacional, na saúde e no bem estar da Europa e Estados Unidos, beneficiando a classe operária que com maior poder aquisitivo passou a consumir muito mais, tornando possível a criação de um mercado de consumo para jovens. A criação desse mercado resultou no alicerce para a cultura juvenil. (COSTA, 1993, p. 21).

Morin (1986), também utilizado para elucidar a discussão sobre o tema cultura de massa por Costa (1993), afirma que a cultura de massa pode ser definida como a cultura do indivíduo privado na sociedade burguês-tecno-industrial-moderna, sendo um produto do mercado que depende do desenvolvimento tecnológico, da modernidade e dos meios de comunicação, e está relacionada à indústria cultural.

Segundo Morin (1986), foi a cultura de massa a responsável por desenvolver o individualismo, a euforia e os espetáculos de evasão, mas, a partir de 1955, a cultura de massa pluralizou-se e passou a responder à sociedade que a produzia para atender toda a complexidade da sociedade.

Mesmo as culturas *adolescentes-juvenis*, com suas características contraditórias, nasceram e se fortaleceram na cultura de massa e nas leis do mercado de consumo. Assim, a cultura seria criada pelos jovens, mas reproduzida pelo sistema.

Destacada por meio da revolta e da divergência social e política, a cultura juvenil contraditoriamente se conduz para o consumo estético lúdico para fruição da civilização burguesa (MORIN, 1986, p. 101). Deste ponto, a problematização que permeava os estudos de Morin (1986) era compreender como fenômeno da cultura *adolescente-juvenil* teria resultado em uma classe de idade específica, sendo classe para o autor a posição que determinado sujeito ocupa perante a propriedade dos meios de produção. Deste modo, o termo *adolescente-juvenil* seria utilizado referindo-se a determinado grupo de indivíduos que se classificam como adolescentes ou jovens e que são o reflexo da virtualidade provocada pelo conjunto de processos sociais.

Costa (1993) ressalta que o termo *adolescente-juvenil* poderia ser utilizado referindo-se a um determinado grupo de pessoas que são classificadas como adolescentes ou jovens como um reflexo de virtualidades provocadas pelo conjunto de processos sociais, resultando em uma pluralidade de culturas.

Devem-se aprofundar as ressalvas e tomar cuidado para não se assumir uma (mitologia) que acredita na existência de uma adolescência e juventude única e coerente. Para Lagrée, por exemplo, não existe o que comumente se denomina de (cultura-jovem), mas, sim, (várias culturas jovens). Podemos perceber isso quando analisamos a extração social

desses jovens e a comparamos com o tipo de “práticas” culturais e posicionamentos assumidos pelos mesmos. (COSTA, 1993, p. 24).

As gangues que surgiram em 1950 e procuravam se destacar eram uma forma de cultura juvenil que chamava a atenção por sua preferência musical, roupas, ideologias, cortes de cabelo e por seu comportamento, que demonstrava a sua insatisfação com os padrões sociais da época. Nesse período, na Grã-Bretanha, grupos de jovens com características das gangues e que provinham das classes operárias ganhavam mais força ao serem difundidos pela mídia, com relatos de sua violência, principalmente em estádios de futebol.

Unidos pela diversão, operários que trabalhavam dia e noite encontravam nos fins de semana a única saída para seu descanso, que era encontrar-se com outros da mesma classe, pelos mesmos objetivos: música, futebol e cerveja. Vestidos com suas melhores roupas, em um visual que anos depois viraria um estilo próprio, eles chamavam a atenção por onde passavam com suas lambretas e músicas negras norte-americanas (Soul e R&B) e jamaicanas (Ska).

Danning, Murphey e Wilkins, em seu artigo sobre as origens da violência em estádios de futebol na Grã-Bretanha, afirmam que os teddy-boys, assim como outros grupos de jovens que se tornaram amantes no início da década de 60, como os rockers e os mods, tornaram-se os principais “diabos populares” da sociedade britânica. (COSTA, 1993, p. 25).

Segundo Costa (1993), estudos apontam que a violência desse grupo não era resumida apenas aos estádios de futebol, e foi por este motivo que os meios de comunicação começaram a explorar mais o assunto como notícia e acabaram por difundir esta manifestação juvenil para toda a Inglaterra. Foi essa grande visibilidade social proporcionada pela mídia que atraiu muitos jovens para os estádios de futebol e resultou em um comportamento violento assumido por eles. Por esta razão, ganharam o nome de Skinheads, e foi após a realização de uma Copa do Mundo¹, que ocorreu em 1966 na Inglaterra, que o nome tomou força e o grupo aceitou a nomenclatura. A partir daquele momento, então, não eram mais apenas operários que se juntavam por lazer, eles eram os Hooligans.

¹ Campeonato mundial de futebol realizado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol)

Costa (1993), relata que em seu levantamento de dados para conhecer a história dos Skinheads, autores afirmam que grupos de jovens violentos começaram a surgir no início da década de 1970 nos países europeus, ao mesmo tempo em que a cultura juvenil urbana, marginal e delinquente emergia com força. Em alguns casos, membros de grupos que causavam problemas haviam sido ou ainda eram Skinheads.

Os primeiros Skinheads não tinham relação com a política: sua motivação era escutar música (Reggae e Ska), cuidar da própria aparência e arrumar brigas com gangues de motoqueiros e com Hippies, dentre outros. Entretanto, com o tempo, alguns jovens Skinheads começaram a se interessar pela ideologia da extrema-direita, fato que ressaltou nesta parcela forte aversão aos imigrantes, em particular àqueles do norte da África e judeus. Estes Skinheads acabaram por incorporar sentimentos característicos do extremismo, até mesmo com a utilização da saudação da Alemanha Nazista, “Heil Hitler”.

Mas não era apenas o vandalismo nos estádios de futebol que chamava a atenção ao grupo Skinheads, mas, também, suas roupas que remetem a operários da década de 1960, com calças jeans, camisetas, botas (coturnos) e suspensórios, além de seu comportamento. O estilo musical do grupo também chamava atenção; no início, adotaram o Reggae vindo da Jamaica, que também era o estilo preferido dos Rude-boys, dos quais acabaram por adotar algumas características. Deste ponto, começaram a escutar músicas do consagrado Bob Marley e o Ska de Lauren Autken (COSTA, 1993, p.27).

Algumas características adotadas pelos Skinheads chamavam a atenção: sua postura de proletariado, além de serem agressivos e duros, puritanos e machistas. Naquela época, a tribo desprezava os intelectuais e seus integrantes passavam a ser considerados antissocialistas, anti-imigrantes e nacionalistas. O grupo assumia-se como proletário que sofria desigualdade social e crise econômica, ao contrário dos Mods.

Ao fazer uma análise marxista do comportamento dos operários da década de 1960, Costa (1993), apresenta três vertentes do proletariado: a) os aptos para trabalhar; b) os órfãos e filhos de indígenas; c) os degradados considerados

incapazes de trabalhar. Os Skinheads representavam uma dessas facetas operária, assim, a origem da identidade do grupo vem de duas hipóteses: 1) é a cultura dos imigrantes, negros das Antilhas e conhecidos como Rude-boys ou Rudies; 2) a cultura da classe operária branca, tradicional.

Os grupos operários passaram por um tempo de crise na Inglaterra e isto resultou em um sentimento de insegurança no grupo. O movimento Skinhead, deste ponto, pode ser compreendido como uma forma de afirmação da classe trabalhadora, sendo resultado de um cenário na Inglaterra que não era favorável e os operários acreditaram estarem perdendo seu espaço para os imigrantes. O movimento pode ser compreendido como uma forma de legitimação da postura proletária, mas, também, utilizando-se da posse de elementos culturais da cultura negra dos imigrantes – tornando uma questão contraditória, uma vez que a tribo, desde seu início, apresentava um enorme senso de defesa territorial. Assim, segundo Costa (1993), os Skinheads podem ser considerados a personificação dos problemas sociais enfrentados na Inglaterra.

Assim, os skins, segundo Hebdge, são considerados como a materialização das ansiedades de uma sociedade com problemas raciais e sociais. E sua violência pode, em parte, ser relacionada com as mudanças pelas quais a sociedade inglesa estava passando. (COSTA, 1993, p. 29).

Adeptos a diversos tipos de lutas para poder alimentar sua imagem de força, masculinidade e virilidade, os Skinheads permitiam que mulheres participassem da gangue, desde que seus princípios fossem os mesmos que os do grupo. Por sua vez, a família dos integrantes desse grupo os apoiava, pois a imagem da presença de seu filho em um grupo masculino era considerada boa. Como os integrantes também trabalhavam como operários, traduziam sua imagem para os pais como trabalhadores, fazendo com que estes preferissem que seus filhos estivessem no grupo e os defendiam por isso (COSTA, 1993).

Na década de 1960, diversos grupos emergiram além dos Skinheads, pois era um momento de grandes transformações culturais e a juventude começava a demonstrar o desejo de renovação da cultura. Os jovens apresentavam um sentimento de recusa às políticas tradicionais e à recusa a sociedade de consumo. Uma parcela desses jovens mantinha sua postura de não-violência, surgindo assim, o movimento Hippie, um fenômeno na classe média que questionava os padrões e a

moral burguesa. Seu protesto era feito por meio do uso de drogas (pois acreditavam que era libertador para suas mentes), pela sexualidade e por não terem trabalho. Em caminhos distintos, os Skinheads não aceitavam a cultura Hippie e isso resultava em confrontos.

Além das brigas com outros grupos, os Skinheads se manifestavam contra outras questões, como as transformações sociais, políticas, econômicas e as consequências que a Grã Bretanha e sua classe começavam a sofrer.

Segundo Lapeyronnie, em fins da década de 60 a crise econômica obrigou a Grã-Bretanha a iniciar um processo de transformações e modernização de sua indústria, que afetou particularmente as indústrias tradicionais e os empregos que proporcionavam. Nesse processo, os setores mais frágeis de classes operárias acabaram duramente atingidos. O crescimento econômico, que posteriormente se desenvolveu, acelerou a distância entre os setores “marginalizados” e aqueles que se modernizavam, cujos trabalhadores acabavam se aproximando da classe média. A instalação, cada vez mais crescente, de minorias étnicas e imigrantes de um modo geral deu-se paralelamente a essas transformações e à decomposição do mundo industrial e operário o que acabou gerando a rejeição dessas minorias como sendo uma “ameaça extrema”. (COSTA, 1993, p. 30).

A vertente da tribo que se posicionava a favor da extrema-direita recebe a nomenclatura National Front, e começa a se instalar cada vez com mais força, propagando suas ideologias e se posicionando contra os imigrantes. Em meio a esse cenário, em 1968, Enoch Powell, em Birmingham, lança um disco que traz um discurso afirmando que os ingleses precisam defender a sua cultura, defendendo sua raça e sua nação contra os imigrantes. Para Lapeyronnie (COSTA, 1993), no final da década de 1960 ocorreu a superposição de três fatores importantes que deram possibilidade para que a extrema-direita se unificasse em um único discurso: 1) a grande crescente da população imigrante; 2) os problemas financeiros que ocorreram em 1970 e abriram espaço para o governo conservador de Margaret Thatcher; 3) uma crise da identidade nacional dos ingleses. Enfrentando estes problemas, a classe operária estava lutando para sua sobrevivência no meio de um cenário de tantas mudanças e os Skinheads mantinham uma conduta agressiva como forma de reforçar sua identidade mediante a esse período.

Em 1970, Margaret Thatcher conseguiu sua ascensão, em meio a tantos problemas que a Inglaterra enfrentava, e tornou-se primeira ministra. Tentou implantar em seu governo o *neoliberalismo* econômico, atacando os sindicatos e os

benefícios que a democracia social proporcionava, utilizando-se de um discurso conservador e centrado em pontos estratégicos, como a defesa de autoridade, da ordem, da hierarquia, das tradições e valores britânicos. (COSTA, 1993).

Ao mesmo tempo, a Inglaterra sofria com a explosão do racismo como forma de afirmação identitária e como defesa aos imigrantes que se instalavam no país. A articulação entre o crescimento exorbitante do racismo e a extrema-direita resultou no desenvolvimento de uma corrente de extrema-esquerda, que procurava apontar os problemas enfrentados pelos operários e pelas minorias por causa do capitalismo.

Esse período, o início da década de 70, segundo Hebdge, foi marcado por um refluxo dos Skinheads, motivado pela corrosão acentuada dos valores tradicionais da classe operária, pelo processo de transformação e modernização que envolvia a sociedade como um todo, pelo crescente “aburguesamento” do futebol e do próprio lazer em geral e pela ampliação do consumo em moldes capitalistas, entre outros fatores. (COSTA, 1993, p. 32).

No meio de tanta turbulência e na luta a favor e contra o preconceito, o Reggae começou a apresentar mudanças ideológicas e a não fazer mais concessões ao público jovem branco. Com origem na Jamaica e com raízes na América Central, o Reggae se inspirava na cultura negra trazida pelos escravos da África. Pautados em sua origem, negros que viviam em guetos urbanos utilizavam-se desse estilo musical como canal para manifestar o seu descontentamento, além de sua busca por afirmação cultural e política. Essa movimentação serviu como alicerce para que os negros saíssem da periferia e demonstrassem seu interesse em afirmar a sua cultura. Deste modo, apesar de Skinheads e negros terem tido simpatia pelo mesmo estilo de música na década de 1960, os jovens brancos foram impedidos de aderirem ao gênero musical Reggae e propagá-lo em seu grupo.

Isso também aconteceu com o Rock'n'Roll e seus instrumentos caros, suas músicas elaboradas e seus temas sofisticados. O Rock era distante da dura realidade vivida pelos jovens brancos das camadas mais pobres.

O empresário Malcolm McLaren², percebendo o clima social do desemprego, da violência e do caos, aproveitou-se desses sentimentos para lançar a banda Sex Pistols, que resultou em uma verdadeira revolução no Rock. A banda trazia em suas músicas críticas sociais, exaltavam a anarquia e a luta contra a sociedade de consumo. Utilizando muitos palavrões, chocaram a opinião pública com sua forma agressiva, o uso de suástica nazista, o discurso contra os falsos valores, a necessidade de destruição do sistema. (COSTA, 1993). Logo, a banda se tornou a porta voz dos problemas enfrentados na década de 1970 pela Grã-Bretanha e sua nova maneira de expressar atitude cultural e política trazia um novo Rock, que recebeu o nome de Punk.

A indústria cultural, por sua vez, utilizou-se desse momento para a criação de uma nova marca e os proclamou New Wave. Em 1977, o movimento já havia alcançado o mundo e produtos foram lançados para esse novo público-alvo, consumidores que haviam aderido a essa tribo. Em 1981, os Punks tentaram se posicionar contra o processo de massificação do movimento e lançaram o tema Punk's not Dead (o Punk não está morto), popularizado pela banda escocesa The Exploited. Como outros grupos, a banda se propunha a fazer um estilo musical conhecido como "Oi!", que é a mistura de Reggae e Street Punk, um estilo um pouco mais lento sonoramente que o Punk Rock. A proposta desse novo estilo era unificar Punks e Skinheads e outros jovens, mas, com a pressão dos meios de comunicação que mediavam notícias de seus shows e encontros como agressivos e repletos de atritos, além da existência de alguns Skinheads ligados à extrema-direita, o movimento passou a ser conhecido como Shunk.

Os Skinheads se posicionavam contra o movimento New Wave trazido pela indústria cultural, resistindo paralelamente ao processo de massificação e reafirmando sua identidade proletária.

Entre tantas bandas e grupos que emergiam, o movimento Punk começou uma articulação para o seu retorno. Várias bandas participaram de shows denominados "Rock Against Racism" (Rock contra o racismo), que tinham como

² Um dos indivíduos mais importantes do Rock e empresário de diversas bandas, como Sex Pistols.

propósito combater a extrema-direita. O National Front (Frente Nacionalista) também criou sua própria organização, o "Rock Against Communism" para apoiar bandas de extrema-direita.

Em meio a esse cenário, nos anos de 1975 e 1976, surgem os Skinheads nazistas, que têm sua imagem conhecida até os dias de hoje pelo mundo todo. Essa vertente reafirma as características e os valores dos Skins de 1960, mas incorporaram também à sua ideologia traços do nazismo. Deste modo, começaram a tatuar-se com suásticas e a utilizarem "Heil Hitler" para saudarem-se entre si.

Brigas entre Skinheads da extrema-direita e Punks eram comuns, pois ambos ouviam o som "Oi!" e acabavam se encontrando em shows de bandas. Vale ressaltar que existiu uma vertente do movimento Skinhead que se identificou com a extrema-direita e incorporou essa ideologia à tribo. Entretanto, é necessário explanar que nem todos dessa tribo urbana foram adeptos dessa ideologia, criando assim, ramificações na tribo.

Embora seja clara a ligação de parte dos Skins com a extrema-direita, devemos ter cuidado com as generalizações, pois também existiam grupos dentre eles que recusavam essa ligação. E ainda havia aqueles que tiveram sua percepção social e política transformada pela atuação de grupos de extrema-esquerda, que procuravam mostrar a classe operária a existência de interesses comuns entre ela e outros setores da população, como o das minorias imigradas. Podemos supor que o mesmo processo produziu os grupos de Skinheads tanto os de extrema-direita, quanto os que não se identificaram com ela. E até mesmo os que se ligaram a partidos de extrema-esquerda. (COSTA, 1993, p. 36).

O movimento Skinhead, que surgiu na Inglaterra, espalhou-se pelo mundo em paralelo ao movimento Punk, que também ganhou muita força em inúmeros países. Quanto mais esses grupos se difundiam, mais adeptos eles ganhavam e mais atenção da mídia recebiam por meio de inúmeras reportagens sobre ambas as tribos, desde suas origens a características, bandas, ideologias. As notícias divulgavam como esses grupos em ascensão se articulavam em diversos países e adquiriam cada vez mais adeptos. Com a ideologia difundida, a tribo Skinhead começou a apresentar diferenças ideológicas e novas ramificações do grupo foram sendo criadas.

1.1 Ramificações dos Skinheads

O início do movimento Skinhead, como elucidado no início deste capítulo, não tinha nenhuma ligação com a política e o único interesse em comum entre os membros era curtir, encontrar os amigos que passavam pelos mesmos problemas sociais, pois eram operários, e sair com suas melhores roupas para beber cerveja e escutar músicas Reggae. Mas, com a difusão por todo o mundo, o grupo sofreu diversas influências musicais, políticas, raciais e, assim, outras vertentes com ideologias parecidas em alguns pontos, outros, não, começaram a surgir. Cada vez que a tribo ganhava mais visibilidade midiática, aumentava o seu número de adeptos e, com isso, cada vez mais difundida, a tribo ganhou novos olhares e novas opiniões, que resultaram em pelo menos quatro outras vertentes dos Skinheads originais da Grã-Bretanha.

Entre essas ramificações, encontramos características em comum, como o modo de se vestir que remete aos Skinheads de 1960, o que acaba gerando confusão nos meios de comunicação ao noticiarem informações sobre determinado grupo.

No geral, os Skinheads prezam pela origem de seus antepassados ingleses e são orgulhosos em demonstrar seu saber histórico quanto ao surgimento do movimento. Sendo assim, para poder elucidar com melhor clareza os nossos sujeitos de pesquisa, os Carecas do Subúrbio, faz-se necessário explanar sobre as ramificações dos Skinheads, ressaltando suas características e ideologias.

A ausência de produções acadêmicas que abordem essas vertentes, apresentando características e diferenças entre si, fez com que recorrêssemos a pesquisas empíricas com os membros dos Carecas do Subúrbio para poder complementar o pouco material encontrado, tornando possível a apresentação neste trabalho sobre esses grupos.

Utilizaremos duas entrevistas: a primeira do indivíduo **D. A.**, de 25 anos, que foi realizada no ano de 2010 em pesquisa de campo, quando realizei minha dissertação de mestrado, que tinha como tema: “Skinheads - Carecas do Brasil: Identidade Juvenil e Produção Artística”. Vale ressaltar que o indivíduo estava

vinculado aos Carecas naquele período e era uma figura representativa para o grupo, por isso foi entrevistado. A segunda entrevista foi feita com **J. P.**, de 28 anos, que já fazia parte do movimento quando realizei minha pesquisa em 2010 e continua participando, sendo representativo; assim, sua entrevista será utilizada não apenas como forma de atualização de dados, mas, também, para podermos ter o olhar dos Carecas do Subúrbio atuais perante as outras ramificações.

1.1.1 Skinheads Tradicionais

No início do movimento Skinhead, na Grã-Bretanha da década de 1960, os integrantes desse grupo estavam preocupados em se reunir pela diversão em seus fins de semana livres. Vestiam-se com suas melhores roupas, que mais para frente virariam o visual do grupo que é utilizado até os dias de hoje, com calça jeans, camiseta (normalmente branca), suspensório, botas, e tinham o hábito de saírem para beber cerveja e ouvir seu estilo de música preferencial, que se referia a músicas de origem negra norte-americanas, o Soul e o R&B, e de origem jamaicana, o Ska e o Reggae.

Atualmente, ainda existem membros de grupos Skinheads que se proclamam como tradicionais, pois, segundo eles, tentam reviver o espírito de 1960 e chegar o mais próximo de seus antepassados ingleses.

Podemos encontrar nos dias de hoje grupos que se apresentam como Skinheads Tradicionais, que afirmam seguirem o “espírito de 69”, com as mesmas crenças e gostos. Reúnem-se para beber cerveja e ouvir o mesmo estilo de som dos Skinheads de 1960, com o mesmo estilo de roupa e só querem saber de se divertirem, sem nenhum envolvimento político.

(..) E os tradicionais, simplesmente, o negócio deles não é política, o negócio deles é beber, fumar maconha e curtir o som. Careca **D. A.**, 25 anos. (MATIAS, 2010)

Como afirma o Careca **D. A.**, jovens se declaram Skinheads tradicionais somente por se identificarem com o estilo musical e com o hábito de beber cerveja.

O Careca **J. P.** também fala sobre os Skinheads tradicionais e também ressalta que são o espelho dos Skinheads da década de 1960 e sua preocupação é apenas em se encontrar e garantir sua diversão.

Os tradicionais foram onde tudo começou. Os Skinheads anos 60, que era a junção dos Mods com os negros jamaicanos da época e fizeram os Skinhead tradicional [sic]. Curtiam futebol, fumavam maconha, Ska, Reggae, não tinha muito esse negócio de Rock'n'roll. E era isso. O Skinhead tradicional era muita curtidão, briga, tomar uma cerveja, ir pra jogo, só isso. E até hoje tem, e são muito apáticos ao que acontece no meio político, não se envolve, até hoje ficam na deles lá curtindo a maconha deles e é isso. **J. P.**, 28 anos

Além disso, **J. P.** fala sobre a relação dos Carecas do Subúrbio e dos Skinheads tradicionais. Aponta que, apesar de não terem nenhuma aproximação com os tradicionais, não tem nenhum problema quando se encontram, por exemplo, em algum show de banda a que ambas as vertentes vão.

Tem uma boa aproximação, sim. Não de ficar som em conjunto ou marcando alguma coisa pra fazerem juntos, mas quando tem um som de uma banda estrangeira, vários tipos de grupo, sempre nos damos bem. Vários conhecidos de lá quanto daqui, nunca teve problema entre os movimentos, entre tradicionais e os Carecas, nunca teve nenhum tipo de problema no Brasil, não. **J. P.**, 28 anos

1.1.2 Skinheads Sharp - Skinheads Against Racial Prejudice

Esta ramificação surge na metade dos anos 1980 com o objetivo de difundir para a população o que eles consideravam a verdadeira cultura Skinhead, ou seja: seu fundamento era elucidar que a ideologia da vertente White Power não representava a verdadeira ideologia Skinhead.

O principal objetivo do grupo era exterminar o movimento Nazista que estava crescendo e ganhando cada vez mais adeptos e força. A ideia principal era mostrar que a origem dos Skinheads surgiu na Grã-Bretanha e tinha como base musical o Reggae e o Soul, que são músicas de origens negras, da Jamaica. Deste modo, não seria plausível pregar preconceito contra negros, como fazia sua tribo rival.

O Careca **D. A.** fala sobre a criação do movimento Sharp e como os Carecas veem a atuação do grupo na América do Norte e no Brasil.

(...) O Sharp aqui no Brasil se diferencia do Sharp que começou nos Estados Unidos e foi para a Europa. Com essa onda nazista que estava batendo nos Estados Unidos e na Europa, surgiu a Sharp, que eram

simplesmente Skinheads contra o racismo. Não tinha nada de posição política, não eram nem nazistas, nem comunistas. Eram contra o racismo. Simplesmente assim: Skinhead contra o racismo. Só que aqui no Brasil, a Sharp anda com a Rash, anda com comunista, anda com anarquista. Eles se misturam como se estivessem... como se estivessem virando uma coisa só. O Sharp lá fora é mais ou menos parecido com o que é o Careca: ele é patriota, ele é antirracista. Careca **D. A.**, 25 anos. (MATIAS, 2010)

J. P. aborda que essa ramificação nasceu juntamente com o Neonazismo, como citado acima, exatamente para ser o contraponto e mostrar que no movimento Skinhead não havia espaço para o Nazismo, pois suas origens eram negras. Ele também aponta que os Sharps que surgiram naquela época em Nova York e os da Europa são diferentes dos encontrados no Brasil, pois no país eles são politizados e ligados a partidos de esquerda e, segundo **J. P.**, podemos encontrá-los em movimentos como os Black Blocs.

Esse aí é uma ramificação que começou nos anos 1980, com o crescimento Neonazista e se fez necessário um movimento totalmente anverso do movimento Neonazista, aí foram os Sharps, não era essa coisa que a gente vê hoje com o envolvimento com o Black Bloc, esse negócio de extremo... Era uma coisa pura, contra racismo, contra homofobia, mas não uma característica do movimento e sim uma coisa meio que o anverso do movimento Neonazista. Queria mostrar que Skinhead não é nazista e até hoje em muitos lugares no mundo segue essa filosofia de caracterizar que é contra o racismo, contra o nazismo, contra qualquer tipo de preconceito que resgata um pouco a raiz do Skinhead. Só que, no Brasil, ele se deturpou, ficou anverso da ideia original do Sharp, ficou uma coisa meio que política de esquerda, se envolveu com partidos políticos, com grupos de extrema esquerda e ficou uma coisa meio deturpada. **J. P.**, 28 anos

Vale ressaltar, como afirma **D. A.**, que o posicionamento dos Sharps no Brasil não é igual ao dos membros da Europa e dos que surgiram na América do Norte e que, por isso, existe atrito entre os Carecas e essa ramificação.

(...) Mas aqui no Brasil eles deturpam um pouco e virou uma coisa anárquica, comunista. Eu não entendo a ligação que eles fazem. Então, como eles se unem nessa leva de fascistas, a gente também tem um posicionamento contra. Careca **D. A.**, 25 anos. (MATIAS, 2010)

1.1.3 Skinhead Rash - Skinhead Red and Anarchist

A ramificação dos Skinheads Rash, nomenclatura essa que vem da sigla em inglês para Red and Anarchist Skinheads, são os Skinheads comunistas, ou, como conhecidos pelas outras ramificações, os vermelhos.

É um grupo politizado que se posiciona como antifascista, além de se denominarem avessos a qualquer tipo de preconceito, como a homofobia, por exemplo.

A Rash foi formada em 1993, em Nova York, Estados Unidos, e no Brasil, em 2001. Trazem da cultura clássica dos Skinheads o hábito de beber cerveja, o orgulho de serem de classe operária e o posicionamento antifacista.

Anteriormente, a ramificação dos Skinheads Sharp era a mais conhecida e com maior influência no meio underground. Segundo os entrevistados, a questão é que seu posicionamento maior é o antirracismo. No fim do ano de 1992, em uma briga de rua, um homossexual foi assassinado por um membro da Sharp, e isso causou indignação no meio Skinhead. Assim, membros que pararam de se identificar com a Sharp fundaram no ano seguinte, 1993, a Rash.

A Rash chegou ao Brasil por meio de um jovem do meio underground que foi para a Europa e lá conheceu as vertentes antifascista, dentre elas a Rash. Ao retornar para o seu país, apresentou para um grupo de Punks essa proposta de um grupo Skinhead – que não fosse de direita, mas, sim, Skinheads de esquerda. No início, a ideia não foi aceita, mas, com o passar do tempo, a Rash se estruturou e foi conquistando seu espaço na militância e nas ruas.

Atualmente, a Rash é dividida em seções: oficialmente, o grupo se ramifica apenas em Fortaleza, no Ceará, porém, existem membros da Rash por diversos estados do Brasil.

Segundo **J. P.**, os Rashes têm como característica fundamental estarem ligados com a política. Sempre estiveram ligados com partidos de esquerda, desde seu surgimento, em meados de 1980, além de serem caracterizados por serem uma gangue de embates com outros grupos.

Os Rashes são uma coisa mais extrema. Eles realmente nasceram pra incorporar uma ideologia política, uma diretriz política, que são comunistas e anarquistas. Começaram na Europa, também nos anos 1980 com gangues comunistas, gangues anarquistas e eles têm essa característica como embate político, embate ganguista também, restritos a isso mesmo. Partidos políticos e tudo mais, são bem conectados a isso, o mundo deles é a política. **J. P.**, 28 anos

Em entrevista com membros da Rash, eles afirmam que a maior parte de seus membros entra no grupo por já possuir proximidade com o meio Skinhead, mas de uma perspectiva antifascista, e o contato com o grupo acontece por meio da vivência da rua, do meio underground. Muitos também, atualmente, procuram pelas informações na internet, e é o posicionamento antifascismo que atrai seus membros.

1.1.4 Skinheads Nazistas – White Power

Podemos encontrar várias nomenclaturas que se referem a essa ramificação como: Skinhead nazista, Skinhead White-power e Nazi-skin. Esta tribo prega o nazismo por meio da raça pura (arianos) e surgiu por volta da década de 1970, quando os Skinheads se dividiram entre aqueles que eram a favor do nazismo e quem ficaria fora desta ideologia.

Esta ramificação começou a se envolver em muitas brigas e a perseguir quem não se encaixasse nos padrões pregados como raça pura.

Vale ressaltar, e é de extrema importância para esta pesquisa, que, ao serem realizadas as pesquisas com os Carecas do Subúrbio, podemos encontrar entre eles negros, pardos, indivíduos de várias etnias e esta percepção nos oferece o respaldo necessário para compreender que essa ramificação – Carecas do Subúrbio – não é racista, ao contrário da ramificação White Power, que prega uma ideologia de raça, da não mistura de raças.

O entrevistado **J. P.** aborda sobre a incorporação da cultura Skinhead pelos White Powers, essa ramificação que teve seu surgimento na década de 1980 no Reino Unido por meio de um partido político, o *National Front*³, que se apresentava como de extrema-direita; unificou a política com o movimento Skinhead, também surgido na Europa, e começou a difundir suas ideias por meio do movimento. Em um momento em que a Europa passava por problemas, iniciou-se o processo de culpar os imigrantes pelas deficiências e, com isso, aumentar ainda mais o preconceito.

White Power pegou aquela cultura Skinhead e pegou pra si. Na verdade, o White Power nasceu de um partido político no Reino Unido que era o

³ National Front (Frente Nacionalista) é um partido político britânico que surgiu entre as décadas de 1970 e 1980 e tinha orientação ultradireitista e fascista.

National Front, de extrema-direita e tal. E eles encontraram dentro do movimento Skinhead uma forma de expandir as ideias deles e eles cortaram no meio o mapa do movimento Skinhead na Inglaterra e na Europa, se expandindo pela Europa inteira, transformando aquela indignação contra o Estado que era brancos, negros, todo mundo no mesmo barco, estavam ferrado, que eram os trabalhos industriais, eles tomaram pra si que a culpa de todos os problemas que estavam vivendo era da imigração, dos negros, dos paquistaneses que tinham muitos lá. E eles viram no movimento Skinhead uma porta pra eles expandirem as ideias deles. Foi daí que surgiu o movimento White Power, nos anos 1980, bem no começo dos anos 1980, na época da Margaret Thatcher e formaram um novo movimento Skinhead com esses ideais racista, neonazista e se expandiu pelo mundo, principalmente pela Europa rapidamente e não sei qual foi a forma chegou ao Brasil. **J. P.**, 28 anos.

J. P. questiona a existência de White Powers no Brasil por ser um país miscigenado. Aponta que muitos que se identificam com essa ramificação são de classes baixas, mas têm familiares que são imigrantes e têm a cultura europeia viva. Vale ressaltar que encontramos o maior número de membros dessa ramificação no Sul do país, onde as origens europeias são mais vivas em relação ao restante do Brasil.

Hoje eles estão meio que espalhados por grande parte do país, principalmente Sudeste e Sul, mais no Sul. **J. P.**, 28 anos.

A gente não sabe como isso conseguiu se enraizar aqui, não tem lógica pelo histórico do nosso povo. E aqui no final dos anos 1980 começaram aparecer esses grupos, a maioria desses grupos eram pessoas de classe baixa, pessoas que não tinham muito recurso, conhecimentos, mas a maioria tinha aqueles parentes que eram tradicionais, aquele avô que era mais imigrante, italiano, alemão, que sempre tinha essas coisinhas que negro é isso, negro é aquilo e acabaram tomando pra si e acharam o movimento White Power, essa porta pra eles explanarem tudo. Acabou tomando força, virou um movimento e começaram as brigas, as tretas, as confusões ideológicas. Quem tá de fora vê os Skinheads tudo igual, tudo racista, tudo fascista... Começou por conta disso e de ações de movimentos White Power. **J. P.**, 28 anos.

Quando abordamos a ramificação dos Skinheads que recebe a nomenclatura nazista, é importante ressaltar que, dentro dela, também existem diferentes visões, ramificações. Esta ramificação é uma teia complexa a ser entendida, e, sem dúvida, geraria uma pesquisa que abordaria apenas esse tema. Entretanto, neste trabalho, queremos apenas explanar um pouco sobre o tema para poder diferenciar essa vertente dos Carecas do Subúrbio.

Acima, pudemos analisar a opinião de um Careca sobre os White Powers. Apesar de **J. P.** ter participado do movimento quando residiu no Sul do país, para poder sanar dúvidas acerca do tema entrevistamos **H. S.**, um membro de um

movimento do Sul do Brasil há 15 anos que explica um pouco do seu movimento e sobre as diferentes vertentes dentro dele.

Primeiramente, o entrevistado explica que existe diferença entre o movimento White Power e o Nacional Socialista: o primeiro prega supremacia branca, sendo assim, um movimento racista, enquanto o movimento Nacional Socialista, ao qual ele é adepto, é racista e preza pela preservação do seu povo, pela manutenção de uma raça sem misturas, mas acreditando que a raça branca é superior, pois foi ela a responsável pela evolução da sociedade. Para eles, não deve haver a mistura de raças, mantendo assim, a conservação de cada etnia, para que a raça branca que é mais evoluída permaneça evoluindo sem nenhuma mistura.

O movimento Nacional Socialista é racista, ele quer a preservação do seu povo, das suas origens, de quem é você. Isso em um coletivo. **H. S.**, 28 anos.

Mesmo o nosso movimento sendo racista e não racista, pois acreditamos na preservação do ser, acreditamos que a sociedade que nós vivemos, constituída por invenções e toda a evolução do ser humano, foi constituída pelo povo branco. A sociedade que a gente vive hoje em dia, ela foi constituída pelo povo branco, pelo povo europeu, foram eles que começaram a construir cidades, assim, a sociedade foi evoluída para o povo branco. A gente não é contra as demais raças, mas acreditamos que a sociedade foi constituída para o povo branco. Não pregamos que se o cara for negro ele tem que morrer, é que o nosso povo lutou muito para chegar aqui, mas isso não significa que somos contra os outros povos, tirando o povo judeu. **H. S.**, 28 anos.

Por acreditar que o Nacional socialismo prega a continuação da raça, o entrevistado sentiu-se atraído a este grupo ainda muito novo, com 12 anos de idade. Vindo de uma família desestruturada, como ele relata, ele viu no movimento a esperança de perpetuar sua raça. **H. S.** acredita que é a valorização dos seus antepassados, do que eles lutaram para ser, é que deve ser perpetuado, valorizando a sua raça sem misturas.

Você não é substituível, você tem uma origem e seus antepassados lutaram para ter essa sociedade, para você ter essa vida, e valorização do seu ser, do seu solo, do seu povo. **H. S.**, 28 anos.

O movimento White Power, assim como o movimento Nacional Socialista, está presente no Brasil inteiro. Já houve união entre os dois grupos, mas, atualmente, são grupos que atuam separadamente, com maior força em São Paulo e no Sul do país.

H. S. fala que, para ele, o movimento Skinhead (tendo em vista que para os Nacionais Socialistas eles fazem parte dos Skinheads) é como um jogo de xadrez. Fazendo analogia às peças do jogo, cada peça é necessária, e o juiz, o peão, o rei, cada pessoa precisa ser alguém no jogo. Para ele, o movimento Skinhead é como a AS (tropas paramilitares nazista): são a linha de frente, pois são eles que estão na rua para defender os interesses, mesmo que seja com a violência. Entretanto, **H. S.** ressalta que nem todos os Nacionais Socialistas são Skinheads ou possuem a mesma opinião que a dele sobre esse movimento.

O entrevistado conta que o Nacional Socialismo chegou ao Brasil por intermédio de imigrantes que vieram fugidos e se instalaram no Sul do país, buscando algo melhor para suas vidas, e trouxeram consigo essa ideologia que, para uma parcela do Sul, ainda é bem forte e viva.

Os Nacionais Socialistas e os White Powers se posicionam contra o movimento Antifascista que, como o nome já sugere, é uma organização contra o Fascismo, e podemos encontrar dentro dela grupos como: comunistas, anarquistas e indivíduos ligados a grupos que são contra o fascismo. Além disso, esses dois grupos têm embate direto com a direita liberal, pois, segundo **H. S.**, este grupo prega que o indivíduo seja a engrenagem da sociedade, um escravo, cujo trabalho faz com que a sociedade continue a funcionar.

A gente acredita que o neoliberalismo quer escravizar o seu povo e isso nós não podemos aceitar. **H. S.**, 28 anos.

Deste modo, de acordo com o entrevistado, a extensão do movimento inclui Fascistas, White Powers e movimento Skinheads de direita, que pregam pela preservação de suas origens, mesmo estando em um país miscigenado. A ideia é manter a raça sem mistura com outras.

É tentando minar você, sua família, a um ponto que você consiga preservar o seu povo. **H. S.**, 28 anos.

Não acho que o outro é mais do que eu ou menos do que eu, essa é a ideia do não julgamento. O fato de não mistura racial (sic) é que você tem todo roxo do mundo e você tem todo azul do mundo: você mistura essas duas cores, uma hora vai deixar de existir o roxo ou vai deixar de existir o azul, se perde uma identidade cultural. A não mistura racial significa não significa "vou sujar o meu sangue com uma raça inferior". Não, é porque cada um tem sua própria identidade cultural. Raça abrange muita coisa. **H. S.**, 28 anos.

1.2 Dos Punks aos Carecas do Subúrbio

No Brasil, especificamente na cidade de São Paulo, a chegada do movimento Skinhead foi uma jornada longa e tortuosa que passou pelo movimento Punk antes de ganhar uma parcela de jovens que se identificassem com os Skinheads e viessem a criar os Carecas do Subúrbio. Essa chegada ao Brasil se deu pela difusão e influência dos meios de comunicação de massa, que produziam reportagens sobre o movimento, sobre a força que ganhava em diversos países e sobre a ideologia que pregava.

Costa (1993) ressalta a importância de realizar um levantamento de dados das bibliografias existentes para conseguirmos adquirir um panorama elucidativo a respeito do movimento Punk, compreendendo sua consolidação como grupo autônomo, mas percebendo também sua incorporação ambígua e contraditória.

Informações sobre os Punks começaram a chegar ao Brasil em meados da década de 1970 por meio de revistas especializadas e discos de bandas que mais emblematicamente se posicionavam no movimento. O entrevistado **D. A.** afirma que as informações eram poucas naquela época e não se conhecia totalmente a ideologia Punk

Na época dos Skinheads tudo o que chegava era pouco, sabe? Uma notícia que saía em uma revista, em um jornal de fora, o som que vinha... Careca **D. A.**, 25 anos (MATIAS, 2010).

Assim, em 1977 a imprensa brasileira começou a produzir matérias sobre o Punk europeu e, ao mesmo tempo, a denunciar sua presença no Brasil. A revista "Istoé", por exemplo, publicou a reportagem "Há futuro nos Punks? Há muita animação na Europa, mas aqui o movimento custa a pegar" (COSTA, 1993, p. 44).

O estilo Punk também foi incorporado no Brasil pela indústria da moda, que vislumbrava esse estilo como curtição, diferentemente da Europa, que via esse movimento como um assunto sério. No geral, a área de comunicação adotava o movimento e transformava-o em modismo. Desta forma, o Punk chegou ao Brasil caracterizado pela imprensa do país como violento e descrente dos valores democráticos.

Em meados de 1979, jovens considerados das classes subalternas da população e que viviam em bairros pobres localizados nas periferias de São Paulo começaram a expressar seu interesse crescente pelo movimento Punk e por suas músicas, ao mesmo tempo em que a imprensa produzia notícias que repercutiam sobre a nova tendência protagonizada por essa parcela de jovens. Assim, essa parcela que aderiu ao movimento Punk também aderiu aos padrões agressivos dos Punks europeus, que lutavam contra o sistema. Sua luta era a favor da liberdade sexual, contra os padrões burgueses e, apesar de não serem bem-vista pela mídia, foi o combustível para a aceleração da aceitação do movimento do país pelos jovens que entendiam o Punk como uma forma de lutar contra a desigualdade social que eles viviam diariamente.

Nesse período, algumas lideranças Punks que atuavam na região metropolitana de São Paulo, por meio de bandas e fanzines, tentaram restabelecer uma nova ordem no movimento Punk. Entretanto, esse novo grupo que eles tentaram construir se tornou incompatível com a parcela que se apresentava violenta e anárquica e que utilizava a agressão como forma de expressão. Naturalmente que a normatização de formas de comportamento e de adequação de valorativa que passaram a servir de lastro para este movimento Punk estava interligado a contradições e alterações que o Punk vinha sofrendo no exterior. Isto resultou em conflitos sérios entre os Punks que circulavam na cidade e os Punks do subúrbio (ABC e Zona Leste de São Paulo), e é nessa separação que começa a nascer o movimento Carecas do Subúrbio que, mais tarde, espelharia sua ideologia nos Skinheads da Grã-Bretanha (COSTA, 1993).



Figura 2 – Foto da década de 1980, quando Punks e Carecas do Subúrbio eram grupos próximos. Imagem enviada pelo Careca **A. O.**

O entrevistado **A. O.** relata, em entrevista, que começou no movimento Punk em 1977, e participou de muitas brigas, pois elas eram muito mais comum naquela época entre as gangues. Em 1978, com as notícias que repercutiam, cada vez mais, sobre os Skinheads que se espalhavam pelo mundo, **A. O.**, por não aprovar mais as atitudes dos Punks para si, juntou-se com **C.**, **P.**, **T.**, **N.**, **K.** e **F.** para iniciarem um novo movimento, os Carecas do Subúrbio.

Naquele tempo, os Carecas tomaram força como gangue e causavam muitas brigas com outros grupos. Segundo o entrevistado, o grupo percebeu a importância de se colocarem como proletários e de se unirem como os trabalhadores brasileiros, para irem às lutas do dia a dia, tema este que podemos observar presente no grupo até os dias atuais.

Comecei no movimento Punk em 1976. Nós éramos Punks, só brigas, gangues... Era muitas brigas, de vários grupos, dos Punks Terror, Punk da Carolina, os Punks da Casa Verde e da Vila Mazzei, eu fazia parte dos Punks da Vila Mazzei. Aí, eu cheguei na Cohab em 1978 e montei uma gangue, os Vândalos, uma gangue Punk. No final de 1978, o Punk já estava ultrapassado, já não tinha mais perspectiva de nada, todo mundo se drogando. Aí foi quando, subindo os degraus do metrô São Bento, naquele tempo o nosso ponto de encontro era ali, quando acabava algum som nosso, a gente dormia ali, aí enquanto um dormia os outros ficavam vigiando para que ninguém viesse nos pegar de surpresa. Lá também era

muito bom porque a policia não entrava, então havia muitas brigas ali dentro. Então, aí, foi quando eu estava subindo e o **C.**, o **P.**, o **T.**, o **N.**, o **K.** e o **F.** chegaram e falaram: “a partir de hoje nós não somos mais Punks, nós somos Carecas do Subúrbio. Quem quer andar com a gente que comece a partir de agora a assumir que é Careca do Subúrbio”. Foi quando eu entrei, eu era o sétimo Careca. Comecei a andar junto com eles. Naquele tempo o movimento Careca não era conhecido como movimento, era uma gangue, era a gangue dos Carecas. Eram muitas brigas, mas aí, resolvemos fazer um movimento proletário, um movimento de operários, um movimento que fosse para a guerra junto com os trabalhadores brasileiros. Aí resolvemos que, quando tinham passeatas, protestos dos trabalhadores ali na Sé, nós estávamos presente sendo a linha de frente, para defender tanto os aposentados, como os trabalhadores brasileiros. **A. O.**, 58 anos.

Entre os anos de 1981 e 1982, o movimento estava cada vez mais forte e com mais adeptos no país: começavam a ganhar cada vez mais força os Carecas do Subúrbio. Ao mesmo tempo, o movimento Punk tentava se fortalecer por meio do New Wave, uma forma de reafirmação do Punk, com valores e postura que acreditavam fazer sentido na sociedade em que viviam (COSTA, 1993).

Os Carecas do Subúrbio adotavam sua postura cada vez mais parecida com os Skinheads ingleses e, com isto, com suas ideologias contrárias, eram cada vez mais constantes os conflitos entre Punks e Carecas. Alguns preocupados com suas ideologias e outros só queriam saber de diversão; deste ponto, Costa (1993) divide os Punks existentes no Brasil em duas categorias de acordo com seu posicionamento político: a) os Punks vagabundos, que destruíam pelo prazer de destruir: b) os Punks conscientes, politizados.

Com essa divisão, gerou-se uma preocupação em criar um novo movimento que estivesse afastado da postura agressiva de alguns Punks. Nesse mesmo período, a imprensa brasileira continuava noticiando e analisando os Skinheads que surgiam. Os Punks, também, traziam notícias sobre este movimento, que ainda não se mostrava tão presente no país.

Ainda segundo os estudos de Costa (1993), no ano de 1982 e início de 1983, fanzines procuravam fornecer uma versão diferente a respeito dos conflitos existentes, em que os Skinheads afirmavam que não eram racistas e nazistas e que as acusações levantadas contra eles era fruto do seu posicionamento contra o desemprego e desigualdade social. Assim, por meio de suas publicações, Skinheads e Punks acentuavam suas diferenças. Os Skins, por um lado, desejavam retirar a

imagem que era comum na Europa de nazismo e racismo, e afirmavam que lutavam contra a desigualdade e não se posicionavam contra nenhuma etnia, não sendo racistas ou nazistas.

Jornais e revistas editados no Brasil, após 1982, paulatinamente passaram a focalizar e comparar Punks e Skinheads, procurando levantar suas características, diferenças e posturas políticas. Vários desses artigos eram lidos por Punks e “Carecas” e assim, através deles, os primeiros “Carecas do Subúrbio” tiveram noção do espaço dado aos Skinheads e tiveram acesso a diferentes posições sobre eles e a forma como eram criticados pela sociedade. Mas também existiam outras fontes e canais de informações. Os fanzines ocuparam um papel importante nesse debate e divulgação. Assim, a imagem produzida e projetada dos Skinheads variava: por um lado, a de serem violentos, racistas, nazistas; e, de outro, a de serem arruaceiros, violentos, debochados, mas não racistas, não nazistas, além do que preocupados com o trabalhador e seus destinos. (COSTA, 1993, p. 64).

Os Punks, em 1982, preocupados em retrabalhar o sentimento de anarquia em uma nova direção que fosse oposta à ideia de violência e de vadiagem, começaram a se posicionar contra as guerras, as drogas, a violência e a assumir uma postura política que contestava o Estado e o sistema. A preocupação dos Punks que se instalavam no subúrbio era de mostrar sua diferença de postura e de atitude perante os Punks da cidade. Os fanzines eram peça principal para a propagação dessa nova postura Punk.

Em 1984, com o fim da guerra entre alguns Punks que moravam no subúrbio e outros do centro da cidade de São Paulo, os empresários Punks que comercializam seus produtos, as bandas musicais e os Carecas do Subúrbio ficaram fortes por haver uma união entre os grupos, o que estabelecia o fim de suas brigas. Com isto, foram beneficiados: os empresários, pois seus produtos podiam ser comercializados com mais liberdade; as bandas musicais, por poderem tocar em qualquer região e por terem ampliado o seu público; e os Carecas do Subúrbio, que passaram a ser considerados os mais fortes entre essas gangues e a terem seu nome mais conhecido.

Após essa junção, os Punks da cidade e do subúrbio começaram a ser acusados de terem sido movidos pela mídia para essa articulação do movimento, aderindo ao New Wave (COSTA, 1993). Nessa época, no ano de 1982, os fanzines ganhavam maior relevância como difusores das polêmicas e das diferenças entre

Punks e Carecas do Subúrbio, sendo um agente que anunciava a reelaboração da postura de ambos os movimentos.

As acusações dos Punks da cidade de terem se vendido para a mídia e se tornado aburguesados partia dos Punks do ABC e dos Punks da Zona Leste de São Paulo. É exatamente nessas duas regiões, ABC e Zona Leste, que os Carecas do Subúrbio se fortaleciam. Os Punks da cidade se posicionavam afirmando que os do ABC e da Zona Leste eram violentos e vândalos; logo, essa acusação também recaía sobre os Carecas do Subúrbio, que começavam a se separar definitivamente do movimento Punk.

Por um lado, temos as bandas Punks preocupadas em modificar a imagem difundida pela mídia e em não serem mais um produto da indústria cultural, afirmando que era um movimento de jovens conscientes; de outro lado, temos os Punks da Zona Leste e ABC que, gradativamente, assumiam a nomenclatura Carecas do Subúrbio e já começavam a divulgar o movimento (COSTA, 1993).

Iniciava-se a construção do movimento Carecas do Subúrbio, cujos membros afirmavam ser os verdadeiros propagadores da essência do movimento Punk no país, parcela que assumiu a postura da não violência e de serem menos radicais que os Punks. Aos poucos, os Carecas passaram a se identificar com os Skinheads ingleses, por serem adeptos à radicalização contra o sistema (governo) e contra os Punks anarquistas. Eles também se identificavam com a origem operária do movimento na Inglaterra, com o nacionalismo e com a defesa da classe menos favorecida socialmente.

Os Carecas eram jovens pobres, proletariados, que sofriam com a desigualdade social, trabalhavam para sua sobrevivência, expressavam valores como a busca pela dignidade no trabalho, o respeito, o reconhecimento social, além da postura moralista e nacionalista, características muito semelhantes aos primeiros Skinheads que surgiram na Grã-Bretanha (COSTA, 1993).

Entretanto, uma parcela dos Punks estava preocupada em reconstruir o movimento e os Carecas também começaram a abordar este assunto, buscando construir uma imagem de um movimento sério, de jovens proletários, fortes,

nacionalistas, conscientes, preocupados com o destino do Brasil e sem vícios (COSTA, 1993). Afastavam-se dos Punks, pois os consideravam alienados, preocupados em consumir e comprar, além de depredarem espaços públicos e de carregarem a bandeira do anarquismo.

Os Carecas do Subúrbio não se identificavam com o movimento Punk e começaram a construir o seu próprio movimento, que se revelou ambíguo, pois de um lado existiam jovens preocupados com sua dignidade, conscientes politicamente e não alienados; do outro, assumiam a postura violenta, a gangue como forma de não aceitação das posturas e símbolos sociais.

Os Carecas brasileiros, como os ingleses, surgiram em um período caracterizado por transformações políticas e problemas econômicos no país. Da mesma forma que os Skinheads da década de 1960, os Carecas vinham de uma classe proletária menos favorecida e fragilizada diante dos problemas pelos quais o país passava. O movimento nasceu em bairros da periferia de São Paulo, posicionando-se contra o movimento Punk, que afirmavam trazer uma ideologia deturpada e cujos membros só queriam arrumar confusão. A anarquia teria se tornado sinônimo de bagunça e foi neste ponto que eles perceberam que esse estilo não tinha nenhuma ligação com o que queriam seguir, pois queriam um movimento mais sério, um estilo de vida, um movimento de trabalhadores, de brasileiros, de jovens e adolescentes que moravam no subúrbio, sem nenhuma ligação com ideologias de fora (COSTA, 1993). Contraditoriamente, os Carecas afirmavam não querer nenhuma ideologia do exterior, ao mesmo tempo em que se identificavam com o movimento Skinhead inglês.

As grandes características dos Carecas eram: seu estilo de roupa semelhante aos Skinheads europeus, a prática de lutas de defesa pessoal, a preocupação com o corpo, a recusa a qualquer tipo de drogas, sua participação assídua a protestos e sua grande preocupação em não serem taxados como alienados. A tribo se posicionava contra a política vigente e afirmava que era um grupo de jovens prontos para salvar o Brasil (COSTA, 1993). Um ponto importante a se ressaltar como característica desse grupo é que, apesar de ser uma tribo juvenil, eles aceitavam

adeptos mais velhos, que podiam andar com eles desde que compartilhassem das regras do movimento.

O movimento inicialmente podia ser encontrado nas periferias de São Paulo, mas, com o tempo, os Carecas começaram a receber adeptos vindos da classe média, gerando conflitos e ambiguidades entre eles. Por isso, o movimento não é unificado, existindo ramificações e pluralidades: alguns, por terem sido Punks, tiveram acesso à literatura e ao próprio movimento anarquista, enquanto outros Carecas eram ligados aos partidos de direita.

O fato é que o movimento que se instalou nas periferias das grandes cidades do Brasil e que já apresentava indícios de violência; esta foi acentuada perante a sociedade pelas reportagens que a mídia produzia. Mas, se por um lado a mídia fortaleceu a imagem de violentos, por outro lado, foi a mídia e a cultura de massa que fizeram com que esse movimento tomasse força e chegasse até o Brasil.

Para Morin (1986), a cultura de massa é um produto do mercado que depende da modernização dos meios de comunicação para sua propagação e está ligada à indústria cultural e ao fortalecimento de um mercado de bens e cultura. Para o autor, o saber que compõe determinada cultura é um mosaico que se organiza subestruturalmente (MORIN 1986),. Os fatos que a compõem são organizados por meio de tabus e grandes tropismos imaginários que já estão instituídos na sociedade e em sua cultura.

Em síntese, podemos afirmar que estes jovens, a partir de seu cotidiano, das relações que mantinham com o conjunto da sociedade e das vinculações e cooptações que se produziam, e tendo por base as informações que lhes chegavam através da mídia em geral e através de fanzines e cartas foram adaptadas, elaborando e reelaborando o estilo skin. (COSTA, 1993, p. 84).

Contudo, o produto dessa reelaboração não foi unitário, pois o processo criou e potencializou divergências, conflitos e ambiguidades entre os Skinheads brasileiros (COSTA, 1993). Entretanto, idealmente, os Carecas se concebem fazendo parte de um movimento, que apresenta pontos divergentes a serem discutidos.

1.3 Os Carecas do Subúrbio

O movimento Carecas do Subúrbio, quando emergiu dos Punks do Subúrbio, tinha como uma de suas bandeiras mais fortes o fato de seus membros se posicionarem como trabalhadores e dotados de dignidade. Na visão da tribo, os Carecas trabalham e isso os diferencia dos bandidos e marginais que não trabalham ou têm como profissão roubar ou vender drogas. Vale ressaltar que o fato de ser uma tribo violenta não faz com que eles se considerem marginais, pois mantêm seus empregos dignamente (COSTA, 1993). Esse posicionamento dos integrantes dos Carecas foi observado anteriormente, pois pudemos, durante todo o período em que estivemos inseridos realizando a pesquisa empírica e por meio de diálogos com os sujeitos da análise em questão, constatar que este é um sentimento que prevalece dentro do grupo Carecas do Subúrbio. Os membros abordam o tema com muito orgulho, pois o trabalho, para eles, é algo que os diferencia dos grupos que consideram “vagabundos”, como os Punks; este aspecto demonstraria a superioridade do movimento Careca perante os demais movimentos que o grupo repele por não concordar com sua ideologia. Não trabalhar significa para os Carecas que o sujeito optou por um modo de vida que não é digno.

Orgulho de obter o que é seu com seu esforço. Somos todos proletariados, podres e iremos chegar aonde todos os outros chegam. **T. D.**, 34 anos.

Outra postura que os Carecas do Subúrbio adotavam era o fato de que, ao contrário dos Skinheads da Inglaterra, a tribo não causava brigas em estádio de futebol. Apenas aconteciam brigas com os seus considerados inimigos, como Hippies, Roqueiros, vagabundos, boys. Eles afirmavam que essas outras tribos não passavam de drogados e alienados. Entretanto, é comum encontrarmos Carecas que façam parte dos Hooligans (torcidas organizadas de futebol conhecidas por causarem brigas dentro e fora de estádios de futebol).

Alguns Carecas em seus discursos deixam claro que não é possível separar as brigas de tudo o que compõe o movimento Careca, afinal, os Carecas do Subúrbio são uma gangue de rua e não é difícil escutar um relato de alguma briga recente. Entretanto, muitos afirmam que, perto das inúmeras brigas que aconteciam no fim da década de 1970, o grupo hoje está mais pacífico, afinal, naquela época, além da grande rivalidade com os Punks, estava ocorrendo a transição dos ex-

Punks que iniciariam o movimento Carecas do Subúrbio. Com tudo incerto, apenas a convicção de uma nova ideologia contrária à dos seus ex-amigos de grupo (Punks), os novos Carecas estavam se descobrindo. Assim, estavam também descobrindo a que se opunham, e isso gerou muito mais brigas.

O começo foi de muitas tretas e muito preconceito. Muitos irmãos morreram, muitos nos chamavam de traidores do movimento Punk, pois foi de onde surgiu o movimento Carecas do Subúrbio. **A. O.**, 58 anos.

Ainda conhecidos por serem um grupo turbulento, os Carecas se consideram mais passivos, mas, segundo eles, caso seja necessário, eles estarão prontos para brigar contra seus inimigos, mas as brigas não são tão frequentes como já foi visto dentro do movimento. Mesmo para os que se dizem Hooligans, o futebol é um assunto externo ao movimento dos Carecas. Para eles, se há alguma briga que envolva torcidas de futebol, o Careca envolvido não irá brigar por ser Careca, mas, sim, por ser torcedor. Entretanto, se olharmos para a história do surgimento dos Skinheads, o futebol e as brigas envolvidas fazem parte da origem desse grupo. Uma vez que os Carecas tomam para si como inspiração os Skinheads da Inglaterra de 1969, o ser Careca envolve, também, mesmo que não dito ou percebido pelos entrevistados, o hooliganismo, uma vez que esta é uma vertente do grupo Skinheads que foi adotada para a criação do movimento Carecas do Subúrbio.

Para serem capazes de enfrentarem as brigas e, também, demonstrarem a virilidade e a força de um homem Careca, cobra-se dentro do movimento que os integrantes treinem algum tipo de esporte, tanto homens como mulheres, para que estejam preparados para as lutas diárias de seu país. Isto inclui todas as dificuldades, como pegar transporte público lotado. Para os Carecas, lutar não significa apenas brigar com membros de grupos contrários às suas ideologias, mas lutar contra as dificuldades do seu dia a dia.



Figura 3 – Carecas **A. C.** e **J. V.** Imagem enviada pela Careca **A.**

Na imagem, duas mulheres que atualmente fazem parte do movimento Carecas estão treinando boxe na residência de **J. V.** Nem todos os membros do grupo conseguem pagar uma academia para praticarem algum tipo de esporte, afinal, é comum perceber que, dentro dos Carecas, a maior parte não esteve ou está inserido no ensino superior ou possui um emprego que gere uma grande renda. Como a Careca **A. C.** afirmou em entrevista: “os Carecas continuam fazendo parte da periferia. Somos pobres, de baixa renda”, e este é um cenário nítido. Assim, os Carecas se ajudam mutuamente, e os que sabem algum tipo de luta tendem a ensiná-la para os demais membros, sem custo algum.

Por mais que alguns membros não tenham condições financeiras, praticar algum tipo de atividade física é tão essencial para os Carecas do Subúrbio que, atualmente, o grupo tem se posicionado de forma mais emblemática e organizado encontros para que os Carecas que sabem lutar possam ensinar aqueles que não sabem. O grupo tem em vista a importância de estarem preparados para as lutas, mesmo porque, ao estarem nas ruas, em um protesto, por exemplo, nunca podem prever quando haverá uma briga.

Protestar e se precisar quebrar o pau no manifesto, quebra o pau. De ir pra luta mesmo, não só fica ali discursando. **T. D.**, 34 anos.



Figura 4 – Folder divulgado pelos Carecas do Subúrbio, convidando para o treino de práticas marciais. Imagem enviada pela Careca A.

A questão das lutas e de estarem preparados para elas também se reflete nas roupas que eles usam: camisetas normalmente brancas, pretas, de alguma banda que seja do movimento Careca ou que eles escutem ou ainda a camiseta com a nomenclatura “Carecas do Subúrbio”; calças jeans ou camufladas; coturnos; suspensórios e a cabeça raspada. Este seria, para eles, o estilo de roupa ideal, mas que não é adotado diariamente para não serem perseguidos pela polícia, por membros de gangues rivais e nem perderem seus empregos.



Figura 5 – Carecas **T. D.** vestido com um visual típico dos Carecas do Subúrbio.
Imagem enviada pelo Careca **T. D.**

Costa (1993) disserta em seu livro que, para os Carecas, o corpo exige uma mente limpa, afastada das drogas. Em suas entrevistas com os membros da tribo, a autora afirma que eles negam qualquer utilização de drogas. Mas existem testemunhos que apontam que muitos integrantes da tribo as utilizam, apesar de o movimento tentar se caracterizar como contrário a qualquer tipo de entorpecente. Portanto, os Carecas deveriam manter-se afastados do vício, pois sua ideologia condena o consumo de drogas como uma forma de alienação, uma válvula de escape utilizada para não perceber o mundo, o que está ao seu redor. Já que a proposta é de um grupo de jovens conscientes e preparados para salvar o Brasil, eles devem estar mentalmente e fisicamente equilibrados para tal ação.

O corpo limpo das drogas deve estar preparado para as lutas diárias, pois são os integrantes do grupo são jovens pobres, porém fortes. Em um contexto onde o pobre é humilhado e fraco, os Carecas podem ser o poder, fortes, orgulhosos e ativos.

Relacionado a isso, está o fato de que o “Careca” se visualiza como um herói, um guerreiro que, através da força, da altivez, da não submissão, impõe-se socialmente. É provável que, por detrás de tudo isso, escondam-se um desejo de autonomia e liberdade impossíveis de serem realizados na prática. (COSTA, 1993, p. 133).

Deste ponto, os Carecas se dividem em duas posições, pois, apesar de serem contra as drogas, alguns membros consomem muito álcool, uma droga lícita. Para uma parte dos Carecas, consumir cerveja faz parte da essência do grupo, pois o movimento se espelha nos Skinheads da Grã-Bretanha, como afirmado acima, e beber cerveja era um de seus hábitos quando não estavam trabalhando para se divertirem junto com outros membros do seu grupo. Assim, o ato de confraternizar com membros do grupo Carecas reflete no hábito de beber cerveja e se divertir com o grupo. Para outros Carecas, beber cerveja, além de ser uma droga, apesar de ser lícita, atrapalha os membros a manterem seu corpo em forma e a estarem preparados para as lutas citadas acima.

Além do culto ao corpo, encontramos na tribo Careca o gosto por tatuagens. As mais frequentes são teias de aranha no cotovelo e ombro, o machado, o soco inglês, a bandeira do Brasil, símbolos que, para eles, representam a ideologia Careca.

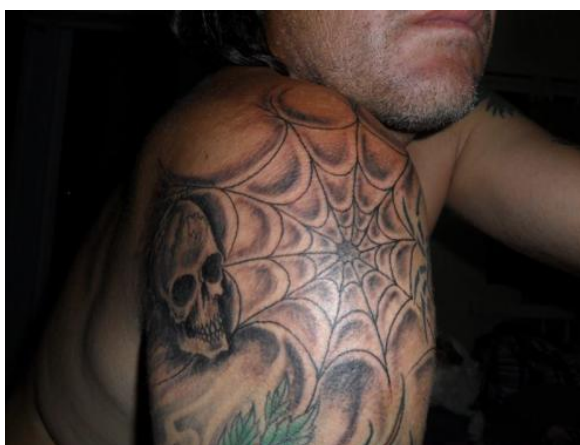


Figura 6 – Tatuagem de teia de aranha comum entre os Carecas. Imagem enviada pela Careca **A**.

A teia de aranha representa o conservadorismo, segundo **T. D.**, pois é o aspecto de velho que a teia traz que remete a essa ideia. Segundo o entrevistado, caso esteja representada, além da teia, uma aranha na tatuagem, significa que, se um indivíduo passar pelo Careca, pode ficar tudo bem, mas, se mexer com ele, o “cair na teia” desse Careca será mortal.

Isso é para representar que você pode achar que derrubou, venceu ou deve algo para os Carecas e não foi cobrado. Mas a cobrança pode

demorar, (o tempo que se enrola na teia), mas a cobra virá (como o ataque da aranha) **T. D.**, 34 anos.

A tatuagem apenas com a teia também pode significar um Careca que aprecia criar estratégias para brigas com seus rivais, pois a ideia de a aranha não estar na teia, segundo **T. D.**, é relacionada ao fato de que o indivíduo não consegue prever quando será o ataque da aranha.



Figura 7 – Brasão dos Carecas do Subúrbio que contém os machados, muito utilizados em tatuagens. Imagem enviada pela Careca **A**.

Em entrevista, **C.**, um dos fundadores do movimento Carecas do Subúrbio, explica detalhadamente a simbologia do brasão do grupo, que é utilizado até os dias atuais tanto em camisetas, bandeiras e em tatuagens pelos membros do movimento.

As correntes quebradas representam liberdade. O escudo representa todos que estão sob, ou debaixo, ou atrás sob a proteção desse grupo. Os machados representam armas, armas que se usam, defesa. O triângulo – não é uma pirâmide, é um triângulo, então um lado dele representa coragem, o outro lado representa a amizade e a parte de baixo dele, luta. Junto com o escudo tem uma estrela também, essa estrela representa nascimento, como se fosse mais um grupo que nasce. As estrelas eram usadas como cartas náuticas, que o pessoal estudava e seguindo as estrelas guiava-se, então ela vem com a ideia de com a ideia de nascimento, marcando o nascimento, e lembrando que estrela representa direção, que direção que é essa? A direção que o grupo leva, que o grupo toma. **C.**

Outra característica da tribo Carecas do Subúrbio – e também a mais polêmica, é a questão da violência instituída no grupo. Costa (1993) aborda este tema partindo de entrevistas realizadas com Punks e Carecas. Esta autora constatou que o assunto é de extrema complexidade. Os entrevistados denunciavam que a sociedade produz desigualdade, conflitos e contradições, além da miséria dos economicamente menos favorecidos, e que é este cenário que gera a violência, ou seja, a violência está dentro da sociedade e não apenas em um grupo. A maneira

agressiva com que as gangues agem seria uma forma de se defender dessa desigualdade no ambiente onde vivem, o que só poderia ser feito por meio da violência, ao contrário de quem possui poder econômico e pode utilizar do dinheiro para se defender. Vista deste ângulo, a violência seria uma forma de libertação da dominação. Assim, para os Carecas, é por meio dela que o sistema pode ser derrubado, os corruptos, punidos e a exploração pode chegar ao fim.

A violência seria uma forma de sobrevivência, de conquistar o respeito dos demais sujeitos. Mas Costa (1993) aponta também que tanta violência pode ser uma forma de disputa dos jovens que competem entre si. Como se houvesse uma fascinação por esse sentimento que seria alimentado nas brigas, dando a sensação de poder e de potência. Segundo a autora, é por meio dela que o Careca que se coloca como herói encontra imaginariamente sua realização.

É o caráter de seriedade, de pureza e de firme afirmação de seus valores que faz com que os “Carecas” considerem como inimigos todos aqueles que não são como eles. E é contra os outros, os diferentes, que, com frequência, ocorrem às violências, às tretas. (COSTA, 1993, p. 143).

Quando nos deparamos com novos membros do grupo, verificamos que uma parcela deles começa a participar do movimento por se sentirem atraídos pela imagem que se tem dos Carecas: uma gangue de rua forte, que tem em sua história um número significativo de brigas e por ainda existirem embates com membros de outros grupos. Essa parcela é atraída nitidamente pelo ganguismo, que não deixou de fazer parte do movimento Carecas do Subúrbio e é essa parcela que se alimenta da violência para se posicionar perante o grupo como fortes.

Vários são os assuntos que causam polêmica quando abordamos esse grupo e as contradições que encontramos. Um dos temas que causam inquietação por parte da mídia e da sociedade é o fato de a imagem do grupo Skinhead pregar o racismo.

Como citamos neste capítulo, os Carecas surgiram como uma oposição aos Punks e começaram a criar o seu próprio movimento por meio de uma complexa reelaboração de signos, significados, significantes, mensagens e informações. Os Carecas surgiram como um espelho da realidade vivida por jovens pobres

trabalhadores que se instalavam nos subúrbios da cidade de São Paulo e na busca para a solução de alguns problemas sociais (COSTA, 1993).

Esse processo de elaboração do movimento acabou implicando na aproximação de alguns partidos políticos, dos meios de comunicação e da sociedade em geral (COSTA, 1993). Isso gerou problemas internos, transformações e divisões.

Nas entrevistas de Costa (1993), um jovem afirma que, em cada país, os Skins sofrem alterações e adequações de sua ideologia. O jovem se declarou neonazista e nacionalista e contra qualquer tipo de imperialismo. Para ele, os judeus foram os primeiros imperialistas e controladores da sociedade. Outros entrevistados, por sua vez, apontam que os Skinheads se caracterizam pelo estilo e pela maneira de se vestir, referindo-se a um modo de vida operário, a um modo de vida nacionalista constituído por jovens conscientes que buscam posicionar-se na sociedade onde vivem.

Quando abordamos os Carecas do Subúrbio que se inspiraram nos Skinheads de 1969 para iniciar o seu movimento, é preciso compreender que, além de os membros do grupo terem consciência de que os seus antepassados Skins da Grã-Bretanha trouxeram em sua cultura a música africana, este sendo um ponto para não poderem, segundo eles, propagarem o nazismo, para o grupo, o Brasil é um país extremamente miscigenado, que acolheu diversas raças, que tem muita mistura de etnias; assim, não seria possível disseminar aqui uma ideologia nazista, propagando uma ideia de raça soberana. De fato, é notório que entre os Carecas não há preconceito, pois o grupo é composto por membros de diversas etnias e de varias regiões do Brasil, sendo extremamente heterogêneo.

Diante da questão do racismo, Costa (1993) pode constatar que a maior parte dos Carecas alega que o Brasil é um país miscigenado e que aqui, ao contrário de outros países, todos crescem juntos. Assim, seria difícil existir um racismo contra negros, pois o racismo só é possível em um país onde exista a raça pura e, na pátria Brasileira, existe uma variedade de cultura e de raças. Além disso, os Carecas afirmam que os Skinheads originados da Inglaterra na década de 1960 também não eram racistas, existindo até alguns negros entre eles.

Como eles trabalham com a concepção de que o Skinhead sofre adaptações conforme o país, a nação, admitia-se que era possível ser “Careca do Subúrbio” negro ou mulato. (COSTA, 1993. p. 150).

Os integrantes dos Carecas entrevistados por Costa (1993) afirmam não serem racistas, mas que seu ódio seria endereçado para quem tem o poder, quem controla a imprensa e quem tenta manipular a sociedade de acordo com seus interesses, sendo, assim, os capitalistas e políticos corruptos que fazem parte do grupo a quem os Carecas direcionam sua raiva.

De fato, ao frequentarmos as reuniões dos Carecas do Subúrbio, podemos perceber, tanto nos membros que fazem parte, quanto no discurso de cada indivíduo entrevistado, que não existe o preconceito racial dentro do movimento. Encontramos membros de varias etnias, descendentes de nordestinos, e todos pregando a mesma ideologia contra o não preconceito racial. Entendo que o Brasil é um país miscigenado, e que contempla diversas culturas, diversas raças, e essas diferenças encontramos dentro dos Carecas, sendo pregadas de forma positiva.

Um ponto forte no movimento Careca é o nacionalismo, o desejo de defender a nação contra qualquer tipo de exploração e contra o capitalismo que só quer enriquecer, explorando o trabalhador de suas cidades. Por isso eles se posicionam como nacionalistas e prontos para defender a nação do imperialismo, do capitalismo e de qualquer forma de exploração. Podemos perceber o posicionamento dos Carecas perante o governo e sua opinião não apenas no seu discurso, mas também por meio das letras das músicas de suas bandas, como, por exemplo, na letra a seguir:

Não, não, não quero ver
Não, não, não quero sentir
Não, não, não quero olhar
Tanta miséria espalhada no ar

Miséria, miséria, só vejo miséria
Este é o futuro que te espera

A situação é das piores
As promessas de nada valem
Enquanto isso a fome é geral
Eles enganam como podem

Tanta coisa pra se olhar
Tanta coisa pra se fazer
Tanta coisa para estudar
Mas eles nunca vão aprender

Segundo o entrevistado **T. D.**, a ideia nacionalista apareceu no momento em que ficava extremamente claro que, dentro da postura dos Carecas do Subúrbio, não iriam adotar o nazismo. **C.**, um dos sete fundadores do movimento, foi quem levantou a questão e argumentou que, se os nazistas eram patriotas dentro da ideologia deles, os Carecas seriam nacionalistas, pois amariam o seu país. Esta seria a única semelhança, segundo ele, entre os dois grupos.

Para os Carecas, segundo **T. D.**, ser nacionalista é lutar por melhorias em sua pátria, sair às ruas e legitimar essas lutas em protestos, lutar contra tudo que afeta negativamente o país, o que, segundo ele, é diferente do patriota, pois este ama sua pátria, mas não é capaz de lutar por ela.

O que é o nacionalista? O nacionalista é aquele que luta pela melhoria da pátria. Ele ama a bandeira, seus símbolos, sua terra, seus selos nacionais, mas não aceita a corrupção e luta contra tudo o que afeta seu país. O que é o patriota? O patriota é aquele que ama sua pátria, ele ama a bandeira, seus símbolos, sua terra, seus selos nacionais, mas não sai de casa para lutar ou protestar. **T. D.**, 34 anos.

Para os Carecas, ser nacionalista não significa estarem necessariamente envolvidos com a política institucional, mas, sim, segundo **T. D.**, é ser contra a desnacionalização de qualquer produto ou empresa brasileira. Apoiam que, ao contrário, seja feito um investimento no produto brasileiro. Deste modo, nacionalismo para os Carecas do Subúrbio não envolve apenas política, mas envolve lutas diárias e valorização dos produtos e da mão de obra brasileira.

Deste ponto, vale ressaltar que os Carecas se posicionam contrários aos imigrantes que vêm de outros países para viver no Brasil, pois, segundo eles, além de se instalarem em nosso país e receberem auxílio do governo, direito que deveria ser apenas dirigido aos brasileiros, os imigrantes ocupam vagas de trabalho que poderiam ser destinadas a brasileiros que estão desempregados. Para eles, não há justificativa para o governo brasileiro estar auxiliando os imigrantes, tendo em vista que tantos brasileiros estejam passando por uma situação precária. Deste modo, é preciso fechar as fronteiras e dar atenção e auxílio apenas para os brasileiros que são carentes de um governo que atenda às necessidades da população.

Do mesmo modo que os Carecas cobram o governo, eles se posicionam, como grupo, sem partido político. A política é um assunto muito discutido pelo grupo, mas não há um consenso dentro dele. Segundo os entrevistados e pelo o que pudemos observar, existem membros que tendem sua preferência política para direita, como outros que preferem o centro, mas, também, existem os que preferem não abordar o tema. A maior questão é todos serem contra uma ideia qualquer de esquerda.

Os Carecas levantam inúmeras questões, como o nacionalismo, falam sobre a política atual, sobre as mudanças pelas quais o país precisa passar e, até mesmo, sobre mudanças e lutas nas quais eles precisam se engajar para que haja uma transformação na situação atual, mas são completamente desunidos como grupo na questão política, pois cada um responde sobre si próprio. Não há uma cobrança do grupo, nem uma representatividade para que se unifiquem as ideias ou que se personifique para defendê-las: os membros preferem que cada um faça suas escolhas e não respondam como grupo quando trata-se de política – claro, desde que levem em consideração o repúdio do grupo por qualquer ideia de esquerda, pois foge à ideologia do movimento Careca.

Como vimos durante este capítulo, os Carecas se posicionam com valores de união, fraternidade, solidariedade e força que são existentes dentro do grupo. Todavia, é possível notar que, até mesmo na obra de Costa (1993), existem divergências e dúvidas a respeito das relações da tribo com partidos políticos, cujos valores encontram eco entre alguns membros dos Carecas. A questão do posicionamento dos Carecas sobre “Deus, pátria e família”, também é um assunto que gera bastante polêmica no grupo e diversos pontos de vista. Os Carecas do Subúrbio não se consideram integralistas, apesar de outros grupos de fora os apontarem como adeptos desta doutrina política por possuírem pontos comuns na sua ideologia, como tradicionalismo e ultraconservadorismo, além de levantarem a bandeira de “Deus, pátria e família”. Podemos observar que uma parcela dos Carecas segue à risca essas três vertentes do movimento, mas outros afirmam que, apesar de isto já ter sido uma cobrança, existem exceções dentro dos limites aceitáveis para o grupo. Como o grupo não aceita a ideia de homossexual, a ideia de família prevalece, pois o indivíduo deverá formar sua família e ser um homem de

respeito. A dedicação à pátria é algo indiscutível dentro dos Carecas, uma vez que eles se posicionam como extremamente nacionalistas, mas a ideia de Deus, para alguns, nos dias de hoje, é algo que pode ser relevado dentro dos Carecas do Subúrbio, pois já aceitam membros ateus ou que não possuam nenhuma religião. O importante, portanto, é que se sigam os dois primeiros princípios – pátria e família –, algo contraditório, pois a ideia de família que os membros adotam vêm do cristianismo, logo, é contraditório separar Deus da estrutura familiar que escolheram, como sugere a opinião abaixo:

Pode ser ateu! O que vai impedir o cara é se ele for um satanista, uma coisa assim, porque aí tá contra a conduta do movimento. **T. D.**, 34 anos.

T. D. explica que falar de família para os membros do grupo não é apenas falar da formação da família tradicional, mas, também, é falar sobre os Carecas do Subúrbio, pois, para os membros, eles são uma família que precisa ser mantida, assim como a família tradicional.

A família, quando a gente fala, é a família nos dois sentidos: sua esposa, seus filhos, a forma como você cuida dos seus filhos – também a busca do Careca, porque quem não tem isso, a maior parte que ainda não tem isso, busca ter isso. A maior parte nem gosta muito de sair, o pessoal tem mais essa visão de querer ter esposa, querer ter uma família. E também a família, no sentido do grupo. Principalmente desses que ainda não formaram sua família, passa a viver mais com os Carecas. **T. D.**, 34 anos

Os Carecas são uma família, né? Por isso que aquele costume de chamar de irmão, porque, dentro do movimento, você tem uma consideração familiar pelas pessoas. E você acaba virando família mesmo, conheci meu marido no movimento. **A.**, 26 anos.

Além disso, segundo os entrevistados, muitos membros que procuraram os Carecas do Subúrbio não tinham a estrutura familiar que gostariam de ter, e foi exatamente isso que os atraiu para o grupo, pois se o grupo é para eles uma família, irão encontrar toda a estrutura que desejam, além da disciplina que, para os Carecas, faz parte da estrutura familiar.

Pelo que a gente vê hoje e que você conta que sempre foi assim, é muito irônico. É engraçado que, num movimento que se prega tanto o valor da família, você tenha pessoas extremamente desestruturadas que procuram os Carecas. Se você ver o perfil de meninos que procuram, são os carentes de família, de disciplina, de estrutura, e eles veem nos Carecas tudo aquilo que eles carecem. Então geralmente é o pai e a mãe que são separados – vou pegar um exemplo: você vê um menino que pai e a mãe são separados, o irmão às vezes tá envolvido com alguma coisa errada. Ou a família dele é desestruturada, briga, ou o pai e a mãe é meio doido, o

menino quer ter uma cabeça no lugar, são pessoas que carecem dessa estrutura, desse âmbito familiar, dessa disciplina e eles procuram isso nos Carecas. São os revoltados que têm dificuldade em casa, pessoas mais humildes. Hoje a gente pode ver, isso não mudou, desde sempre, o pessoal fala que é Carecas do Subúrbio exatamente por isso: subúrbio, são as pessoas que vem do subúrbio. Se você entrar na casa das pessoas, você vai ver que é tudo humilde, simples, condição social menor. São pessoas bem humildes mesmo e buscam isso nos Carecas. Eu acho isso fantástico, todos nós aqui já passamos por isso, de ter algum problema na família ou no relacionamento ou algo pessoal que buscou nos Carecas. É automático. A., 26 anos.

É difícil ver uma família formada por pai, mãe e filhos dentro dos Carecas do Subúrbio. O que encontramos, na maior parte das vezes em que encontramos familiares no grupo, são homens Carecas e seus filhos, mas muito poucos em relação ao total de membros. O movimento, na sua maior parte, é constituído por homens, e mulheres são uma pequena parcela. Algumas mulheres presentes no movimento vão para acompanhar seus namorados ou maridos que são Carecas – não necessariamente estas mulheres também fazem parte do grupo. Existe uma pequena quantidade de mulheres que são Carecas do Subúrbio; desta parcela, algumas são casadas ou namoram Carecas, mas fazem parte do movimento não pelo motivo de terem seus companheiros presentes, pois elas os conheceram depois que se tornaram Carecas.

Anteriormente, era nítida que a participação feminina dentro do movimento era extremamente restrita, pois faziam parte do grupo, mas sem voz ativa, uma vez que o grupo é comandado por homens. Com o tempo, as mulheres conseguiram ter mais espaço para serem participativas. Atualmente, existem mulheres Carecas que auxiliam na organização dos eventos do grupo, monitoram as redes sociais, e estão cientes das decisões tomadas, entretanto, ainda não participam da tomada de decisão dentro do grupo.

As decisões tomadas referentes aos Carecas do Subúrbio acontecem em reuniões, atualmente mensais, nas quais os membros do grupo se encontram para definirem, por exemplo, questões relacionadas aos próximos sons e questões relacionadas ao grupo. Como não há uma hierarquia explícita, apesar de haver líderes que tomam a frente do grupo, os entrevistados dizem acreditar que a melhor maneira para a condução dos Carecas seja por meio dessas reuniões, onde é cobrada a presença dos membros.

Porque também é o seguinte: não tem líderes, não tem presidências, mas tem o pessoal que tá na linha de frente, que tá organizando. É natural, o cara chega na reunião, acaba organizando, um evento, já começa a ter uma voz mais ativa. **T. D.**, 34 anos

As reuniões acontecem em lugares escolhidos pelo grupo – como não têm uma sede, a escolha irá depender da conveniência. Esses encontros acontecem na Zona Leste, pois foi nesta região de São Paulo que surgiram os Carecas do Subúrbio. Eles tendem a fazer as reuniões e os eventos na região para manter as origens do grupo, mas encontramos Carecas também por outras partes de São Paulo.

No mapa a seguir, os marcadores demonstram as regiões da cidade de São Paulo com maior número de Carecas. Nas regiões não pontuadas, não significa que não haja a existência de membros do grupo, apenas que a quantidade é muito menor do que as demais.

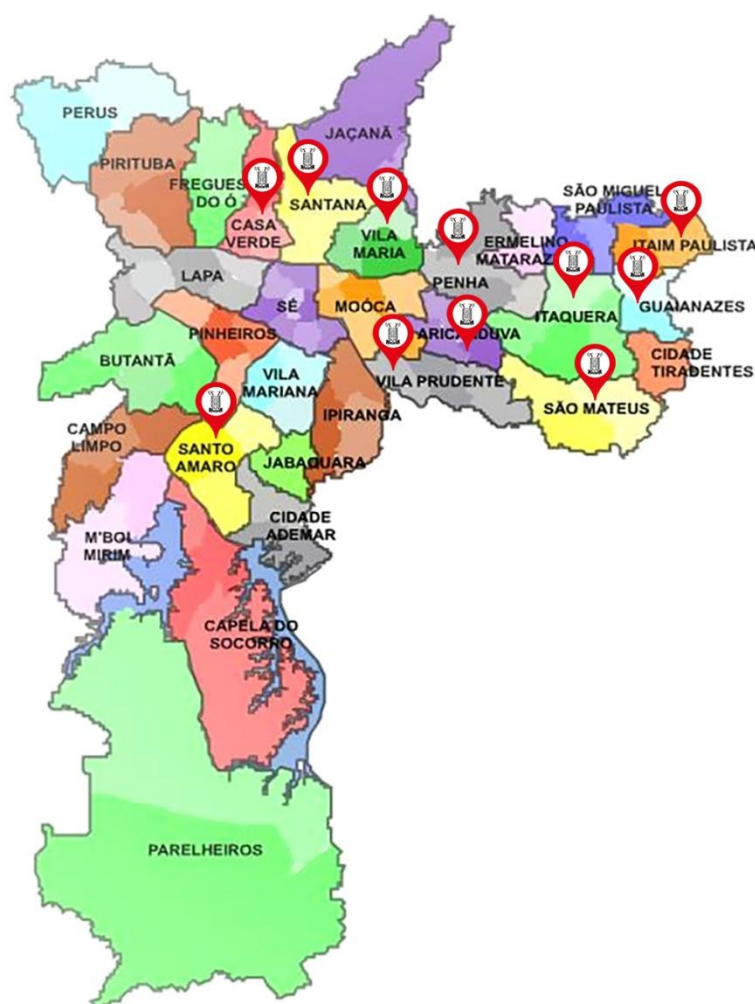


Figura 8 – Mapa da cidade de São Paulo com marcadores das regiões com maior número de Carecas.

Os membros entrevistados que fazem parte da liderança dos Carecas do Subúrbio afirmam que hoje existe uma cobrança em relação ao material que o sujeito que deseja ser um novo membro do grupo deve ler. **T. D.**, cuja história contaremos mais à frente, em outro capítulo, além de ser um dos membros, é quem gera o maior conteúdo para o grupo, inclusive, escreveu livros sobre a ideologia do movimento. Este material deve ser adquirido pelos novos membros e cobra-se que seja feita a leitura, segundo os entrevistados, para que o novo membro conheça a ideologia. Além disso, como já citado acima e reforçado na fala do entrevistado a seguir, a segunda maior cobrança é que o físico esteja preparado. Para isto, os membros precisam praticar algum esporte que lhes dê condicionamento físico.

Você vai entrar, você tem a obrigação. Algumas pessoas vieram falar que eu quero ganhar dinheiro e não ganho dinheiro com isso. Você quer entrar? Vai ter que comprar os livros pro Subúrbio, pelo menos uns dois livros, é o mínimo pra cultura. Outra coisa, o cara tem que tá pelo menos um ano treinando. O cara vim falar que em um ano ele não conseguiu juntar dinheiro pra comprar um livro? Mentira. Em um ano ele não conseguiu treinar uns quatro meses numa academia? Mentira! **T. D.** 34 anos

Outra forma de obter informações sobre o grupo, atualmente já não tão utilizada, são os fanzines. Muito utilizados pelos Carecas anteriormente, os fanzines foram tema da análise de Costa (1993), que estudou as informações contidas nesses veículos que traziam notícias sobre o grupo e suas opiniões sobre diversos temas, que traziam algumas contradições.

Com um papel extremamente importante dentro e fora do movimento, pois muitos que entravam no movimento obtinham informações sobre ele nos fanzines, estas publicações tiveram um papel primordial dentro do grupo por muitos anos, mas foram perdendo força. Ainda é possível encontrar fanzines dentro do grupo, mas em uma quantidade muito menor do que já foi produzido outrora. (Imagem de fanzines no Anexo D)

Em suma, os Carecas do Subúrbio são um grupo composto de contradições, da imagem do operário trabalhador que, com dignidade, busca melhores condições para si e para seus companheiros, luta contra a desigualdade social e posiciona-se

em manifestações carregando sua bandeira e ideologias. Para compreendermos melhor como os Carecas se posicionam ideologicamente, utilizaremos as suas letras de músicas, que são a tradução daquilo em que o grupo acredita.

2. A MEMÓRIA DOS CARECAS DO SUBÚRBIO

2.1 Careca K. F., o Pastor

Neste capítulo, abordaremos a história de três Carecas narrada por eles mesmos. Utilizaremos a memória como um ponto chave para compreender como foi a trajetória de cada um desses três integrantes do movimento, as experiências vividas em grupo e a importância de sua memória individual e coletiva.

Em um sábado pela manhã, **K. F.** aceitou contar sua trajetória de vida até chegar ao movimento Carecas do Subúrbio. Encontramo-nos na residência de outro membro do grupo, onde havíamos marcado previamente.

Apesar de conhecer o movimento dos Carecas do Subúrbio desde 1993, **K. F.** entrou efetivamente para o grupo, participando de reuniões dos integrantes, a partir do ano de 1996. Como muitos Carecas, **K. F.** foi Punk em sua adolescência, antes da aproximação com os Carecas. Segundo seu relato, ele conhecia diversas gangues, mas não fazia parte de nenhuma efetivamente. A música, sempre presente na maioria dos grupos urbanos, atraía o entrevistado, que no começo optava por escutar música punk, punk rock, e foi por esse caminho que **K. F.** foi se aproximando de forma cultural do grupo. Conforme conta, apenas em segundo plano ele considerou a questão ideológica.

Segundo o entrevistado, ao começar a compreender a questão ideológica do grupo, ele percebeu que, deste ponto, não se encaixaria no movimento Punk, pois a ideologia não era consoante com a sua.

Quando eu comecei a me aproximar mais da questão ideológica, na verdade eu meio que coloquei o pé no freio. Eu vi que em termos ideológicos não era bem o que eu esperava, não era bem o meu perfil. Então, por mais que eu gostasse no movimento Punk, gostava das músicas e tudo mais, ideologicamente a questão da anarquia, do não governo, era coisa muito fora da minha ideia de valores. **K. F.**, 42 anos

Apesar de frequentar alguns eventos Punks e de ter contato com membros de algumas gangues, como Devastação, **K. F.** conta que optou por não fazer parte de nenhum grupo.

As gangues de Punks se dividiam entre os dois tipos de integrantes do movimento: aqueles que estavam inseridos nas gangues já conhecidas e consolidadas e os Punks independentes. Estes, segundo o entrevistado, não eram bem aceitos pelos Punks nas gangues, pois muitos acabavam por aderir ao movimento Careca do Subúrbio, que crescia e tomava cada vez mais força nas periferias de São Paulo. Este contexto ocorreu do ano de 1987 até o ano de 1993, causando reflexo posteriormente nos dois grupos, que se tornaram cada vez mais opostos ideologicamente.

Ao se distanciar cada vez mais da ideologia Punk, **K. F.** procurou conhecer os Carecas e isto foi lhe atraindo cada vez mais para o movimento, que era o oposto do que ele vivenciava com os Punks. Valores propagados pelos Carecas como Deus, pátria e família, além de pensamentos conservadores, foram determinantes para afastar o entrevistado do antigo movimento e fazer sua migração para o grupo dos Carecas. Sentimentos que nasceram na infância de **K. F.**, vivenciados em família, começaram aos poucos a serem resgatados.

Vindo de um núcleo familiar que participou da Revolução Constitucionalista que ocorreu em 1932 em São Paulo, o entrevistado restaurou valores familiares e sentimentos vividos com seus entes queridos, que fizeram a lembrança vivida por eles próprios ser presente na vida do entrevistado em sua infância. A memória torna-se coletiva e passa a ser vivenciada novamente com o grupo que ele escolheu para participar como membro, os Carecas.

Então, foi quando eu comecei a ter contato com o movimento e aí eu comecei a ver qual era a diferença entre Punks e Carecas. Eu confesso pra você que os Carecas me chamaram mais atenção, não somente por causa da ideologia, mas eu comecei a me identificar mais por questão de perfil. Por causa dos valores que eles pregavam desde aquela época. Essa questão de valores mais família, de você ser mais conservador. Apesar de que, naquela época, isso não era tão forte como é hoje. Acho que o termo nacionalista que eles usam até hoje ficou como uma marca registrada dos Carecas, principalmente por causa daquela época mais distante. Algo que sempre foi muito forte, muito forte, o patriotismo. Eu prefiro falar patriotismo que nacionalismo, tá? Isso sempre foi muito forte. Como eu venho de uma família tradicional, bastante tradicional aqui de São Paulo - meus avós participaram da Revolução Constitucionalista - então, isso sempre foi muito forte, o orgulho paulista, os hinos. Tem os desfiles, as comemorações, 9 de julho, 31 de março, 7 de setembro, meus avós me levavam a todas. Desde menininho, desde criancinha, eu ia vestido de policial. **K. F.**, 42 anos.

Ao estudarmos a memória do entrevistado sobre o conservadorismo que vivenciou durante sua infância e que sentiu resgatado ao deparar-se com a ideologia dos Carecas, podemos utilizar a teoria de Halbwachs (2006), que defende que é preciso abordar a memória individual, considerada um ponto de vista sobre a memória coletiva. Ou seja, a memória individual só é possível por meio de palavras e ideias que os indivíduos absorveram do ambiente e que, em determinado momento, podem ser vivenciadas novamente pelo indivíduo quando de alguma forma exposto a símbolos ou significados que o remetam a essa memória. Assim, podemos correlacionar que as lembranças que se destacam em um grupo social são aquelas que foram vivenciadas pela maior parte dos indivíduos que integram esse grupo, elucidando, então, que existe uma estreita relação entre memória coletiva e memória individual.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2013, p. 39)

A memória individual está alicerçada nas percepções produzidas pela memória em grupo, como também na memória histórica. Conviver em grupo atua diretamente na construção na memória individual, que carregará, segundo Halbwachs (2006), “marcas” da memória coletiva do grupo social em que o indivíduo encontra-se inserido.

Deste modo, podemos compreender que a memória do conservadorismo de **K. F.** foi construída em determinado momento de sua vida - na sua infância - e em grupo - dentro de sua família. Essa memória se tornou individual e permaneceu com o entrevistado, que a teve ativada quando encontrou membros de um grupo que compactuavam com a mesma ideologia presente em sua memória. Esse fato pode ocorrer com outros membros do grupo dos Carecas do Subúrbio e eles podem estar compartilhando suas memórias individuais, tornando-as coletivas.

...desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob um mesmo aspecto, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir o nosso passado com o seu (HALBWACHS, p. 28, 2006).

Assim, o lado conservador que o entrevistado trazia em suas memórias junto ao estilo de música de que ele já gostava desde o tempo em que frequentou o movimento Punk, pois os estilos de músicas de ambos os grupos são próximos, foi o encontro ideal para que ele escolhesse o movimento Careca. Um grupo que apresentava traços de violência, afinal, era uma gangue, mas trazia um ponto positivo para **K. F.**: a postura conservadora, demonstrando, acima de tudo, o patriotismo. Mas, apesar de todos os fatores que fizeram com que o entrevistado escolhesse o grupo do qual ele queria fazer parte, na fase em que o entrevistado finalizava a adolescência para se tornar um adulto, ele se converteu e começou a fazer parte de uma igreja cristã, a Renascer em Cristo, na Zona Leste de São Paulo. Mesmo parecendo caminhos distintos - fazer parte de um grupo urbano conhecido por ser uma gangue e fazer parte de uma igreja e seguir sua doutrina -, **K. F.** conta que, dentro da igreja que escolheu, era realizado um trabalho com grupos urbanos de evangelismo, e que logo ele começou a fazer parte dessas reuniões.

Aos poucos, membros de diversos grupos foram se aproximando desse grupo religioso. Começaram com membros de bandas até chegarem os Punks, Skinheads e Carecas. O primeiro contato foi com Carecas que haviam sido do Subúrbio, mas tinham migrado para os Carecas do ABC. Também chegaram membros de outros grupos como Punks, que começaram a participar das reuniões, a frequentarem a igreja e a se converterem.

Começou a chegar um pessoal na reunião que, na época, eles já haviam sido Carecas do Subúrbio e naquele momento eles estavam no ABC. E começaram a participar das reuniões, se converteram também, começaram a frequentar a igreja, e aí começou a chegar um pessoal Punk, né? Na época tinha um cara que ele era líder da maior gangue Punk de São Paulo na época, que era a Devastação Punk. Foi pra igreja também e acabou se convertendo, permaneceu na igreja. **K. F.**, 42 anos.

Com o interesse grande de **K. F.** por grupos urbanos e por escolher fazer parte de uma igreja, ele foi se envolvendo com o trabalho de evangelização desses membros de grupos e retomando seu contato com os Carecas de dentro da igreja, mas sem se considerar membro do grupo. Até que, em 1995, ele começou a frequentar os eventos Carecas, as reuniões, a conhecer os membros do grupo, conhecendo as brigas, envolvendo-se como parte daquele grupo.

Com o aparecimento de um câncer na região pélvica, um tumor primário, mas que teve metástase rápida para os retroperitoneais, **K. F.** precisou realizar uma cirurgia e permanecer internado por três meses para o tratamento de quimioterapia. Estando internado, a única maneira de manter contato com o mundo exterior era por meio da internet e por meio dela ele continuava a fazer os aconselhamentos. Com a notícia de sua doença se espalhando pelos seus conhecidos, o entrevistado começou a retomar seus contatos com os Carecas. Pelas conversas, ele foi se atualizando sobre o movimento, quem estava à frente, quem estava participando, reuniões, ocorridos, e essa movimentação fez com que ele se aproximasse novamente dos Carecas e continuasse com o trabalho de evangelização dentro do grupo.

E aí eu fui falando com um, falando com outro. E nas reuniões, comecei a pegar de novo como é que tava o movimento. Quem estava andando, quem estava presente, quem estava à frente, quando as coisas estavam acontecendo, como estavam acontecendo. E aí, quando eu saí, me senti meio que inspirado por tudo isso a voltar e posso dizer para você que incomodado interiormente e até espiritualmente a voltar para o meio dos Carecas e falar assim: “eu acho que deve ter gente precisando de mim lá”. Então, foi mais uma inspiração e um incômodo interior pra voltar. Eu confesso pra você que, das experiências que eu tive depois que eu voltei, com pessoas, com amigos, numa conversa, numa orientação, numa oração, num pedido de ajuda, eu disse: “putz! Eu voltei na hora certa”. Voltei na hora certa. Muita gente acha que Careca do Subúrbio envolve só confusão, discussão, treta, pancadaria, machadada, tiro, morte, etc, etc, etc, mas quem tá dentro sabe que não é assim. Quem tá dentro sabe o que é que acontece mesmo no coração daquelas pessoas. Por mais que eles sejam aquela figura Skinhead originalmente brasileiro, não a figura Skinhead tradicional, mas brasileiro... Só quem anda, quem conhece, que já presenciou, que já esteve com eles, sabe o que se passa no coração daquele povo. Como eles são um pelo outro, como eles se doem um pelo outro, quanto eles respeitam um ao outro. É uma família, eles se consideram e se comportam como uma família. Muitos ali têm nos Carecas a família que eles não têm em sangue e são essas coisas que me fazem valorizar aquelas pessoas. **K. F.**, 42 anos.

Olhar para os Carecas não apenas como indivíduos a serem evangelizados, até por encontrar neles, segundo **K. F.**, a necessidade de “terem Deus”, fez com que a amizade entre o entrevistado e os membros do movimento fosse aumentando, e ele resolveu se assumir cristão e Careca.

Dois pontos eram fortes para prender o entrevistado ao movimento Careca: o primeiro era a amizade conquistada com os membros do grupo; o segundo era que, para ele, os Carecas precisavam muito do que ele tinha para oferecer, que era Deus,

pois, apesar de os integrantes do movimento afirmarem serem crentes em Deus, segundo **K. F.** eles não tinham de fato a proximidade com valores espirituais.

K. F. relembra as diferenças das situações vividas dentro das gangues naquela época e atualmente: antigamente, brigas eram resolvidas com a violência física e, segundo ele, os Carecas, por terem como ponto forte em seu grupo a prática de esportes, que está relacionada à saúde e ao integrante ter disciplina, acabam tendo uma vantagem nas brigas, estavam mais preparados. Com o tempo, isso foi mudando e a violência piorando, sendo praticada com armas de fogo na hora das brigas.

Praticamente não acontece mais porque os tempos são outros, né, Renata? Os tempos são outros. Naquela época, muita coisa se resolvia na base da porrada, falando o português claro, as coisas se resolviam na pancadaria, era na briga. Entendeu? Era gangue contra gangue, era um contra o outro. Hoje já não é mais assim, hoje qualquer coisa se resolve na base do chumbo, na base do tiro. Com o tempo, isso foi aumentando cada vez mais. No início se resolvia muita coisa na base da porrada, quem tinha maior número, quem era mais forte, quem era mais preparado. No início, os Carecas sempre tinham vantagem. Até hoje, sempre foram muito mais preparados para esse tipo de... Assim, a prática de atividade física, a prática de artes marciais não está diretamente envolvida com as brigas, com as tretas, digamos assim. A prática de atividades físicas e marciais está ligada à cultura de você ter uma boa saúde, de você ter disciplina, de você se envolver mais com cuidado de si mesmo do que mais diretamente com as brigas. **K. F.**, 42 anos.

A briga era vivenciada como um evento para o grupo - não apenas as brigas com membros de outros grupos, mas também dentro do próprio movimento Careca. Para eles, quem não seguia à risca o que era estipulado no movimento teria de ser cobrado por isso e, se fosse algo mais grave que esse integrante tivesse cometido, considerando os parâmetros estipulados dentro do grupo, essa cobrança era realizada por meio da violência física. As piores brigas, porém, eram as das ruas, quando membros dos Carecas se encontravam com grupos rivais, como os Punks.

A briga naquela época, principalmente, acabava sendo um evento, entendeu? Dentro dos nossos eventos, dentro dos eventos dos Carecas na época. Aconteciam algumas brigas dentro dos próprios Carecas? Dentro dos próprios Carecas, porque quem não andava totalmente na linha, quem não seguia totalmente a ideologia, os parâmetros daquilo que era necessário para ser um Careca, obviamente ia ser cobrado. E se houvesse algum sinal de traição ou do cara que tivesse pisado na bola ou tivesse agindo de forma muito imprópria, certamente ele era cobrado de uma forma mais violenta, uma forma mais dura, digamos assim. Mas não era o pior. O pior mesmo eram as brigas de quando se encontravam nas ruas, em algum evento. Naquela época tinha muito evento no centro da

cidade, centro velho da cidade. Então, ali onde juntavam os Punks em algum evento que os Carecas ouviam também, como era aberto, fatalmente eles iriam se encontrar e fatalmente haveria algum tipo de confusão. Isso era praxe. **K. F.**, 42 anos.

Com o tempo, segundo **K. F.**, tudo foi amenizando e as coisas pararam de serem resolvidas como a Lei de Talião (olho por olho, dente por dente), e passaram a ser resolvidas por intermédio da utilização de armas de fogo, piorando a situação entre os grupos. Algo, que para ele, era contrário àquilo que o atraía para o grupo, pois, apesar de ter uma ideologia semelhante e de se sentir atraído pelo movimento Careca, **K. F.** considerava que não valia a pena se arriscar. Isso mostrava para ele que o grupo mantinha sua ideia original, mas precisava se adequar às ruas. Decerto, Carecas mais velhos, como o entrevistado, percebem que, se tivessem sua experiência atual naquela época, o movimento Careca poderia atualmente ter outra proporção, até mesmo suas vidas particulares poderiam estar diferentes se tivessem tido outra postura então. Acreditam que, se seus filhos escolherem por seguir o movimento Careca hoje, possam estar mais preparados do que os Carecas mais antigos estavam; que possam escolher não apenas estar em um grupo urbano, mas seguir sua vida paralelamente - não vivendo apenas o “ser Careca”, mas sendo profissionais que também são Carecas e que preservam a ideologia do grupo, com valores conservadores que são passados por meio das gerações.

O movimento Careca, para **K. F.**, não acabou e está longe de acabar exatamente porque foi e é mutável. Segundo ele, o movimento percebeu a necessidade de mudanças, mantendo seu pensamento conservador, mesmo sendo um paradoxo, mas se adaptando às necessidades atuais e deixando de ser arcaico. Foi com a maturidade alcançada por eles que isso foi e é possível para que o movimento Careca siga vivo.

Os Carecas continuam mantendo a mesma ideia original, mas eles foram obrigados a se adequar ao tempo. Então, eu costumo dizer que o movimento amadureceu muito. Os próprios antigos, né? Costumo chamar os mais antigos, os mais velhos no movimento, eles próprios falam que se nós tivéssemos antigamente a cabeça que nós temos hoje, o movimento teria ido muito mais além, teria chegado em patamares muito mais altos, muito maiores do que estamos hoje. Hoje estamos mais velhos, hoje todos já têm a noção de que tiveram a necessidade de procurar um emprego melhor, pra sustentar a família, para dar um estudo para os filhos, coisa que a maioria não teve. Não teve ou não teve como procurar ou não se interessou, não teve condições, mas hoje todos se preocupam em fazer para os filhos. Porque eles entendem que meus filhos talvez não queiram ser Carecas, mas se eles quiserem, eles vão ter outra ideia, vão ter outro

parâmetro da coisa. Se ele quiser ser Careca, pode ser Careca, desde que ele seja um advogado, desde que ele seja um médico, desde que ele seja um engenheiro, desde que ele seja um psicólogo. Qualquer que seja a formação dele, a formação acadêmica, mas que ele seja uma pessoa normal da sociedade e que saiba preservar o que pra nós, hoje, é muito importante para os Carecas, que é a preservação dos valores da família, dos valores nacionais, da história daquilo que faz o povo brasileiro um povo aguerrido, povo guerreiro. Um povo que tem história. Infelizmente, a nossa história não é respeitada e não é mantida. E os Carecas têm muito disso, de querer preservar isso no sangue e passar isso para as suas gerações. A maturidade a que eles chegaram hoje, eu acho que é muito importante. Demorou muito, demorou bastante pra chegar nessa maturidade que chegaram hoje, mas acho que isso é muito importante. Porque nos dá a certeza de que futuramente o movimento não vai se extinguir. Se hoje nós tivéssemos uma cabeça diferente e fôssemos mais arcaicos, como alguns anos atrás, talvez eu poderia dizer para você que movimento estaria prestes a acabar totalmente. Mas, com a maturidade que se tem hoje, mesmo eles sendo mais velhos, 40 anos... Eu acho que era o que faltava para que o movimento pudesse chegar no ponto em que agora a gente tem maturidade e cabeça pra levar adiante aquilo que realmente é o que tem que ser feito. **K. F.**, 42 anos.

Estar dentro de um grupo que tem traços de violência faz com que o entrevistado lembre que, para ele, a igreja é um lugar de comunhão com outras pessoas, um lugar que pertence à sociedade, não só um espaço de pessoas religiosas, porque acredita que religião é algo que afasta as pessoas de Deus e que causa inúmeras guerras. Assim, ser Careca era estar naquele espaço em comunhão com outras pessoas, que eram Carecas ou não, e ser um indivíduo que agregaria pregando sobre Deus dentro e fora do movimento Careca. E foi por intermédio de escolher ter uma crença dentro da igreja que o entrevistado decidiu que poderia fazer parte do movimento Carecas do Subúrbio e trazer o que acreditava para dentro do grupo, agregando valores que ele considera serem importantes para estarem vivos dentro do movimento.

Então, eu entendi que eu poderia ser Careca e não necessariamente ser uma pessoa destruída, e que eu poderia agregar valor falando sobre Deus e poder agregar valor dentro dos Carecas. E foi isso o que me trouxe pra dentro do movimento. E é o que me faz permanecer dentro do movimento até hoje. **K. F.**, 42 anos.

Atualmente, **K. F.** continua seu objetivo de evangelizar os membros do grupo Careca, fazendo com que eles conheçam Deus como ele. Esse é o exemplo do entrevistado que, mesmo em outro núcleo, o da igreja, conseguiu conciliar o ser Careca e ser pastor, pois, com o tempo, **K. F.** tornou-se pastor na igreja que frequenta e dentro do movimento Careca é conhecido como Pastor.

Porque quem é Careca sempre vai ser Careca, esteja você num Centro, esteja você na igreja, esteja você onde estiver, você sempre vai ser Careca. Onde te olharem, vão falar: você é Careca do Subúrbio. Porque quem participa do movimento sempre faz história no movimento. Pode ser uma história boa, pode ser uma história ruim. Mas você sempre vai ter uma história.. **K. F.**, 42 anos.

Fazer a diferença dentro de seu grupo é o que mantém vivo o trabalho do entrevistado, pois ele não é considerado apenas mais um: ele constrói dentro do movimento a sua história, vivencia as suas lembranças e junto constrói a história do movimento Careca. Trazer conforto religioso, captar novos fiéis e trazer os Carecas para uma das vertentes que eles pregam ser importantes em seu conservadorismo, a fé em Deus, é o papel que fez com que **K. F.** se fixasse como membro do movimento Careca. Graças à atuação dele, outros Carecas tornam-se cristãos e, com isso, mudam sua postura perante o grupo. Mesmo estando dentro do grupo, passam a fazer escolhas diferentes, que serão intermediadas pela conscientização espiritualizada. O entrevistado relata que não existe uma separação entre Carecas cristãos e Carecas que não fazem parte desta crença, sendo todos um único grupo, apenas com alguns aspectos diferentes.

O que é legal é você olhar pra dentro do movimento e você ver que as pessoas não te respeitam por aquilo que você é ou o título, mas que as pessoas te olham por aquilo que você faz de diferente no movimento. Isso que é importante. Porque uma pessoa que não agrega, ela acaba não sendo lembrada. Uma pessoa que não agrega, que não acrescenta, ela até pode continuar junta [sic], mas talvez, se ela não tiver atitude, que também é necessário dentro do movimento Careca, ela vai ser mais um dentro do movimento. Não que quem está no movimento tenha que ser o cara diferenciado, não é isso. Todo mundo tem o seu valor, todos, mas quando você agrega pra trazer diferença, entre tantas pessoas, isso acaba tendo um valor diferente. Não individualmente pra mim, mas para o movimento e isso é importante. Então, eu julgo que a minha permanência no movimento como cristão é muito importante por causa disso. Se eu puder trazer uma palavra, se eu puder trazer um pronunciamento, se eu puder dar uma orientação, se eu puder fazer uma oração, se eu puder contribuir com uma determinada situação, seja com palavras, seja com atitude ou orientação individualmente ou em grupo, se eu puder fazer isso, pra mim tá ótimo. Se esse é meu papel lá dentro, excelente. Isso não me faz mais ou menos Careca, isso não me faz melhor ou pior que qualquer um deles, até porque no movimento todos são iguais, equalizadamente iguais. Mas eu acho que a importância de estar entre o movimento, nesse aspecto é exatamente nesse sentido. Eu já não sou o único Cristão no movimento, outros já vieram, já se converteram, já estão frequentando a igreja de alguma maneira, mesmo que não regularmente, mas frequentam. Então, isso traz autocontrole, faz com que as atitudes sejam diferentes. Careca sempre vai ser Careca. Quem foi Careca um dia, sempre vai ser Careca, em termos de atitude, forma de pensar, o raciocínio, sempre vai ser. **K. F.**, 42 anos.

K. F. relata sobre sua trajetória até chegar ao movimento dos Carecas e suas experiências, como ter ficado doente e aproveitado o tempo em que esteve internado para se reaproximar dos integrantes dos Carecas, e poder fazer o que considera ser o seu papel dentro do grupo: evangelizar. Para atrair para a igreja membros que fazem parte de grupos urbanos, utilizou-se das experiências que viveu e de suas memórias individuais para torná-las coletivas - de fato, uma experiência pode ser baseada não apenas na lembrança individual, mas também na coletiva. Isto ocorre nas experiências trocadas em grupo quando o entrevistado conseguia reunir membros de grupos na igreja, afinal, segundo Halbwachs (2006), uma lembrança compartilhada entre indivíduos assume uma importância maior e acreditamos revivê-la com maior intensidade, pois não estamos mais representando apenas para nós mesmos.

Assim, **K. F.** transfere lembranças entre os membros de grupos que frequentam sua igreja. Mais do que acolhê-los pela fé, ele os auxilia a compartilhar suas lembranças individuais, tornando-as coletivas e um sentimento em comum.

Inversamente, pode acontecer que os depoimentos de outros sejam os únicos exatos, que eles corrijam e reorientem nossa lembrança, ao mesmo tempo que incorporem-se a ela. (HALBWACHS, p. 28, 2006).

2.2 Careca J. P., o ex-Devastação Punk

Em um contexto diferente do que o primeiro entrevistado, **J. P.** aceitou contar sua trajetória até se consolidar dentro do movimento Carecas, em um dia de som⁴, no qual estavam presentes outros membros do grupo. Separamo-nos dos demais para que ele pudesse contar com detalhes como chegou até os Carecas.

Como muitos Carecas, antes de entrar efetivamente no movimento Carecas do Subúrbio, **J. P.** fez parte do movimento Punk em São Paulo. Aos 15 anos, aproximou-se dessa ideologia e se agrupava com os Punks do centro, mas, por ser um garoto de periferia, percebia que os Punks do centro faziam uma movimentação para se separarem dos Punks provindos de outras áreas da cidade, pois estes não seriam qualificados para se agruparem com eles.

4 Nome dado aos eventos organizados pelos Carecas, nos quais se reúnem para tocarem com suas bandas, beberem cerveja, fazerem churrasco, encontrarem-se com amigos que não conseguem estar presentes em todas as reuniões e arrecadarem alimentos para alguma causa na qual estejam empenhados.

Um dia, **J. P.** auxiliou um Punk que havia sido espancado e isso causou revolta nos Punks do centro que, segundo ele, acusaram-no de fascista por estar ajudando o colega. **J. P.** foi agredido com uma garrafada na cabeça, além de ter uma arma apontada para si. A partir de então, **J. P.** e seus amigos do subúrbio perceberam que não eram de fato bem-vindos pelos Punks do centro, foram expulsos do grupo e tiveram que se afastar, criando seu próprio grupo, o Desordem Punk.

Eu mesmo tinha 14 pra 15 anos, tomei uma garrafada, quase cortaram meu pescoço na frente da policia, por quê? Porque ajudei um Punk que foi espancado. Falaram que eu era Punk, que tinha ajudado, era fascista. Tava ajudando ele, aí apontaram a arma pra minha cara, deram a garrafada. Quase cortaram meu pescoço e apontaram a arma na minha cara. Os meus amigos falaram: “o que tá acontecendo, véio?” E a gente não fez nada. A partir daí que a gente viu que tinha que fazer uma coisa diferente, tinha que bater de frente com esses caras. **J. P.**, 28 anos.

O Desordem Punk era uma gangue e não possuía uma ideologia definida. Eram jovens expulsos pelos Punks do centro, assim como os Carecas do Subúrbio, que também em sua história foram Punks do centro, foram expulsos e formaram o movimento na periferia de São Paulo. Este fato ocorreu em meados de 2004 e, por possuírem histórias parecidas, Carecas e Punks Desordem se aproximaram e começaram a manter contato de forma amigável, marcavam encontros e até mesmo se uniam para brigas contra grupos nazistas ou outros grupos Punks com os quais ambos os grupos não tivessem afinidade. Com isto, o grupo Desordem Punk começou por adotar algumas das ideologias Carecas, como o nacionalismo.

Quando começaram a se aproximar dos Carecas, teve até uma coisa engraçada uma vez. Foi no começo, que a Desordem gostava de usar uns trajes meio Laranja Mecânica, todo mundo de branco. Tinha um bar lá no Tatuapé, você deve ter conhecido, o Vítrola. A gente foi tudo lá de branco, foi uns 40 caras [sic]. O símbolo da Desordem tinha Desordem, um A de Anarquia e escrito Punk embaixo. Falavam: “quem são esses caras? Esses doidos aí?” Muitos não conheciam os Carecas ainda. “É o Desordem e tal, os caras andam com a gente, são de boa, são punks”. Acho que foi naquele momento - na época existia até os Carecas de Guarulhos, que também eram muito próximos da gente, tinha muita amizade e respeito - e começou essa integração aí, entendeu? Do Desordem Punk com Careca. Outras gangues como Devastação Punk se aproximaram muito dos Carecas, apesar de eles serem da cidade, tinham muita aproximação. **J. P.**, 28 anos.

J. P. continuou fazendo parte do grupo Desordem Punk, mas precisou se mudar para Curitiba para cuidar de sua noiva, que havia sofrido um acidente. Nessa nova cidade, com novos amigos e experiências, ele se afastou de vez do movimento

Punk e se autoproclamou um Skinhead tradicional. Nesse momento, ele se deu conta que sua ideologia política se voltava para a direita. De acordo com o entrevistado, a ideologia é algo que já trazia desde sua infância, relacionando o fato às lembranças com sua mãe, que o fazia ler livros, não podendo assim, segundo ele, fazer parte de um grupo Punk. Assim, resolveu se assumir Skinhead e, desse ponto, começou a enfrentar problemas com novos grupos, como Antifascistas (os Antifas) e os Sharps, que possuíam uma ideologia contrária à de direita.

(...) por conta da minha mãe fazer eu ler muito livro de castigo. Minha mãe fazia eu ler muito livro [sic], matemática, história, tudo. Tinha que ler o livro, depois rezar. Esses eram os meus castigos. Quando não resolvia, era porrada. **J. P.**, 28 anos.

Meu negócio era futebol e cerveja. [Ainda] não me dava o nome de Skinhead, mas virei Skinhead. Porém, eu tive muitos problemas quando tava surgindo os Antifas [sic], Sharps, tive muitos problemas lá com eles. Eu já tinha essa política de ideologia puxado pra direita, já gostava disso e usava umas coisas de direita, sim. **J. P.**, 28 anos.

Aos 20 anos, em Curitiba, o entrevistado encontrava-se politicamente voltado à direita. Também voltava sua atenção ao futebol com torcida organizada, à Brigada Verde e Amarela, à qual se filiou, e participou de manifestações como a contra o dito “Kit Gay”⁵, que aconteceu em Curitiba, mas em outras cidades do Brasil também. Nesta manifestação, diversos grupos se uniram, inclusive grupos neonazistas. Lá, **J. P.** conheceu membros de grupos nazistas e mantiveram uma trégua em suas divergências, pois acreditaram estar juntos nesse dia “por um bem maior”. No mesmo dia, grupos de esquerda, os antifascistas, iniciaram uma briga com o entrevistado, que contou com o auxílio do grupo nazista para defendê-lo. Isso gerou uma amizade que transcendeu as diferenças ideológicas e **J. P.** e neonazistas iniciaram uma amizade.

Nesse dia teve uma briga em que os Antifas tentaram invadir essa manifestação e foram pra cima de todo mundo. A polícia não conseguiu conter e, no meio dessa briga, eu tava sozinho, praticamente, quando começou. Os caras vieram tudo pra cima de mim [sic], foi quando esses Nazis de lá foram e compraram a treta. O grupo que tava se manifestando, sejam eles integralistas, Nazis, todos que estavam lá contra os Antifas de lá. E eu tava sozinho quando começou, [mas] os caras foram e compraram a briga e seguraram o rojão junto comigo. Foi quando eu comecei a ter

⁵ Material “Escola sem Homofobia”, de formação sobre questões de gênero e sexualidade, que foi lançado em 2004 pelo programa Brasil Sem Homofobia, com o objetivo de combater o preconceito e a violência contra a população LGBT.

amizade com esse pessoal de lá, os Nazis e tal. A partir dali, eu bebia às vezes junto com eles, ou ia no som e eles estavam lá, ficava todo mundo junto, conversava. Cheguei até a frequentar a casa de alguns, conheci bastante o pessoal de lá, tanto que tenho amigos até hoje lá que são Nazi. Com os que não são também tenho amizade. **J. P.**, 28 anos.

Nesse momento, o círculo de amizade com outros grupos crescia e **J. P.** firmava uma amizade com nazistas, mas mantinha suas ideologias Skinheads. Deste ponto, o entrevistado começou a ter contato com **T. D.**, um Careca que estava em São Paulo, onde fortalecia cada vez mais a ideologia já sentida por **J. P.**

Membros antigos do grupo nazista de Curitiba e que fizeram amizade com o entrevistado relatavam que os Carecas já haviam ido para a capital paranaense nos anos 1990 com a ideia de montar ali mais uma ramificação do grupo, os Carecas de Curitiba, mas, sem o apoio dos Carecas de São Paulo, essa tentativa logo fracassou. Com isso, o grupo nazista se fortaleceu lá e ganhou cada vez mais adeptos ao movimento. **J. P.** se sentiu motivado para tentar colocar em prática novamente a ideia de criar uma ramificação careca em Curitiba e entrou em contato novamente com o Careca **T. D.**, que, segundo ele, era uma referência no movimento, além de o entrevistado demonstrar grande admiração por ele. Mas logo **J. P.** precisou voltar para São Paulo, tendo de abandonar mais uma vez a ideia e deixando Curitiba, até os dias de hoje, sem uma ramificação do grupo Careca.

Com o fim de seu noivado, **J. P.** volta a São Paulo aos 21 anos, já decidido a ficar no grupo Carecas do Subúrbio. Procurou mais uma vez **T. D.** para se aproximar do movimento e **T. D.** tornou-se então o padrinho de **J. P.** dentro do grupo Careca. O entrevistado ainda procurou se aproximar mais uma vez do seu antigo grupo, o Desordem Punk, mas, segundo ele, tudo estava mais “bagunçado” do que quando ele saiu. Assim, ele simplesmente abandonou a gangue sem prestar satisfação, uma vez que, para ele, isso não era necessário, pois ele era um dos fundadores do grupo. Posteriormente, o Desordem Punk apresentou alguns conflitos com o grupo Carecas, mas que foram resolvidos. Hoje, não são grupos inimigos.

É muito comum, não apenas nos Carecas, mas em outros grupos, vermos muitos membros transitando de um grupo para o outro, como no caso de **J. P.**, ficando difícil de identificar o momento da mudança e o que faz com que os indivíduos que em determinado momento estavam instalados em um grupo mudem

para outro. É comum, por exemplo, chegar para um evento dos Carecas e não encontrar mais determinado membro, pois ele já se deslocou para outro grupo, ao mesmo tempo em que encontramos novos rostos que migraram de outros grupos. Esse movimento é dinâmico e contínuo. Sobre esta temática, Halbwachs (2016) explica que algumas pessoas estão sempre no presente e se interessam apenas pelas pessoas e coisas com as quais elas se encontram no meio. Trata-se de uma relação líquida, não se prendendo ao passado, mas apenas aos interesses presentes.

Logo são absorvidas por outros interesses, engajadas em outros grupos. Uma espécie de instinto vital lhes ordena desviar seu pensamento de tudo aquilo que poderia distrai-las do que as preocupa atualmente. Algumas vezes, as circunstâncias são tais que essas pessoas giram de algum modo num mesmo círculo e são reconduzidas de um grupo para outro, como nessas velhas figuras de dança onde mudando sempre de dançarino reencontramos o mesmo, porém, com intervalos bem próximos. (HALBWACHS, p. 32, 2006).

Quando desconectados do grupo, por mais que existam inúmeros momentos em que o indivíduo esteve com os demais sujeitos que compõem aquele grupo, as lembranças são deixadas para trás, e ele passa a fazer parte unicamente do grupo em que está inserido agora. As lembranças de sujeitos que outrora estiveram com ele se tornam distantes demais e os indivíduos que antes eram próximos agora são desconhecidos e não compartilham mais daquelas lembranças. Assim observamos que, quando **J. P.** relata sua experiência e suas lembranças, ele se posiciona distante daqueles grupos e parece não reconhecer mais o grupo do qual fez parte, com cuja ideologia, histórias e lembranças compactuou. Isso ocorre porque o contato com o outro grupo foi quebrado e a atenção foi voltada apenas para o grupo atual, não tendo tempo para poder recordar de lembranças passadas, guardando apenas lembranças vagas, sem muita riqueza de detalhes, pois as lembranças vão se diluindo com o tempo.

J. P. passou a frequentar o movimento Carecas do Subúrbio e, logo no começo, já se deparou com um grande problema: a morte do Punk Johni no Carioca Club. Este caso ganhou grande repercussão midiática, diversas partes foram ouvidas e a investigação está a cargo do Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP), não cabendo a este trabalho o juízo de valor do certo ou errado, mas apenas contar a história do entrevistado. Para **J. P.**, foi uma briga

gigantesca que envolveu mais de 300 indivíduos que brigavam contra os antifascistas, e Johni era considerado um antifascista. O entrevistado relata que Johni foi o Punk que ele auxiliou outrora e criou revolta nos Punks do centro. Para **J. P.**, o assassinato de Johni foi culpa do grupo Nazista que estava envolvido na briga também, mas, no meio de tantas brigas, não era possível provar quem eram os culpados e todos foram considerados suspeitos e investigados. Deste ponto então que o entrevistado se consolidou com o grupo Carecas do Subúrbio e foi definitivamente aceito por eles, pois provou que estava junto com o grupo para o que fosse necessário.

Aí comecei a frequentar os Carecas e bem no começo já teve um grande problema, que foi aquela briga que teve que morreu o Punk, o Johni. Uma briga gigantesca em que morreu o Johni do Antifa, no Carioca Club. Tinha umas 300 pessoas na briga, um monte de gente que brigou de uma vez só. Foi todo mundo contra os Antifas. Até Punk se juntou pra brigar com os caras, até o Desordem Punk e acabou alguns caras feridos da gente [sic], tinha até Nazi lá também. E foi quando morreu esse Johni aí, que inclusive foi o Punk que eu ajudei quando os caras me zuaram. Ele tinha problema de cabeça, ele tomava remédio, morreu por conta da briga. Não foi a gente que fez, foram os Nazis, mas acabou que espirrando na gente. Quem pode provar quem foi, quem não foi? Tava todo mundo junto, todo mundo culpado. Foi aí que me consolidei, nem sempre de paz se vive. Na guerra também vê quem é quem. Foi aí que viram, eu tava lá junto e tal e minha participação começou aí, 22 anos. **J. P.**, 28 anos.

O grau de importância do entrevistado foi aumentando no grupo e ele começou até a auxiliar na organização de eventos. **J. P.** relata que não era de brigas, pois já tinha vivido tudo isso com o Desordem Punk, mas que, se acontecesse, ele estaria lá para lutar com os Carecas.

Com o tempo, sua experiência e relação com outros grupos também serviram para aconselhar. Membros que estavam insatisfeitos com o movimento Careca e pensavam em mudar de grupo buscavam a ele como conselheiro.

Foi quando a gente começou. Era o meu papel, auxiliar no que eu pudesse. E teve muitos problemas nesse meio tempo, problemas de concordância, caras que viraram Nazi, saíram... Meio que me envolvi nisso, tentando reverter pra não acontecer isso. Antes de eles fazerem isso, me consultaram. Como eu já tinha uma relação com Nazi, eles vieram falar porque estavam descontentes com algumas coisas que estavam vendo no subúrbio, quiseram marcar reunião comigo, entre outras pessoas que achavam que estavam insatisfeitos, marcaram a reunião lá entre os Carecas que achavam que estavam insatisfeitos - não uma reunião, um encontro. Eu fui, ouvi a ideia deles, falei: "você estão ficando malucos, veio? Você estão doidos? Uma coisa é se a gente tá insatisfeito, a gente junta e fala: tá acontecendo isso e isso, tem como a gente sentar e

mudar isso aí? E outra coisa é vocês quererem fazer parte de outro rolê que não tem nada a ver com o que a gente pensa”. Tentei convencer, pra mim tinham assimilado, escutado o que eu tinha dito, mas como ninguém me ouve, os caras decidiram fazer essa mudança aí. Alemão, Biscuit, o Crânio, eu até esperava que ia fazer isso. **J. P.**, 28 anos.

Já estando no movimento Careca, **J. P.** foi com seus amigos tatuadores à casa de shows Cazebre, localizada na Zona Leste de São Paulo. No estabelecimento, eles encontraram um grupo de antifascistas que já conheciam o entrevistado e sabiam que ele era de um grupo de ideologia oposta. Alterado por já ter consumido bebida alcoólica, **J. P.** foi até ao banheiro e o grupo rival o seguiu. Ali começou a briga, o entrevistado sentiu uma fígada no pescoço e percebeu que havia levado uma facada - não foi um ferimento profundo. Motivado pela vingança, **J. P.** e seus amigos foram de carro atrás dos antifascistas que o haviam machucado e os espancaram até os deixarem desacordados na Avenida Aricanduva.

Depois que voltou o Cazebre, eu fui lá sozinho. Eu já era Careca, tinha uns amigos tatuadores. Tinha os Antifas, eu briguei com eles, tomei uma facada no pescoço. Os caras já me conheciam, me viram lá, eu já tava meio mamado, fui ao banheiro. Os caras falaram: “Olha um Nazi aí”... Eu fui pra cima dos caras. Eles tavam tudo lá, os tatuadores era tudo maconheiro [sic], eu fui pra cima dos caras sozinho. Fiquei um minuto batendo e apanhando sozinho, até que os caras se ligou [sic] que eu tava brigando. Tomei tanta cadeirada nesse dia, não sei como fiquei em pé. Os caras começou a me ajudar, só senti um fígão [sic] assim. Aí meu compadre, ele que deu um soco num Punk lá, num Antifa lá, aí saiu. Eu vi eles saindo pra lá, senti uma fígada assim no pescoço, aí eu vi os caras saindo correndo assim, não entendi, escondendo alguma coisa. Começou a jorrar sangue, eu falei: “que porra é essa?” Quando eu vi, a cabeça tava toda lavada de sangue, fiquei sangrando lá até parar, a faca bateu no osso, não afundou, bateu bem no ossinho da vértebra, não chegou a enfiar, encravar. Depois disso, os seguranças do Cazebre ainda me imobilizaram, me colocaram pra fora, eu falei: “Meu, vocês têm noção que eu tomei uma facada no pescoço?” Aí o cara viu assim... Comecei a falar uma par [sic], os seguranças ficaram em choque. Aí eu fiquei pra fora sozinho, os Antifas saíram tudo. Só que depois a gente foi atrás dos caras, né? Fomos de carro atrás dos caras, achamos, fechamos o Aricanduva e deixamos os três desmaiados na avenida Aricanduva. Tava eu e meus amigos. Eu voltando de ré na avenida Aricanduva. **J. P.**, 28 anos.

Anos depois, em março de 2015, **J. P.** relata sobre um evento que colocou os Carecas do Subúrbio em evidência novamente na mídia. Em uma manifestação que ocorria na Avenida Paulista, em São Paulo, a favor do impeachment da, na época, presidente Dilma Rousseff, os integrantes do grupo estavam presentes apoiando a causa, portando socos ingleses, que, segundo o entrevistado, foram levados para se defenderem dos “Antifas” (antifascistas) presentes no evento; fogos, que seriam para celebrar a ocasião, e madeira, que serviria até mesmo para hastear a bandeira do

Brasil. Mas, na ocasião, diversos grupos se encontravam na manifestação, o que ocasionou a desavença com alguns membros dos Carecas, mesmo sendo contra a vontade de outros. Isso gerou repercussão e assustou a multidão que ali se encontrava.

Chegamos lá, tudo em paz, inclusive até repórteres veio [sic] falar com a gente. Eu cheguei a conversar uma coisa ou outra com uma repórter lá, mas nada de importante. Aí tava praticamente acabando a manifestação, os olhos estavam tudo voltado pra gente, a gente tava muito visual, tudo muito tenso, a gente tava com caibros gigantes na mão, fogos de artifício, foi um momento de distração minha. Fui ao banheiro e na volta encontrei uns amigos meus da torcida e quando eu tava subindo aconteceu uma briga lá em cima, eu falei: “Putaquepariu, o que tá acontecendo?” Falei: “Pera aí, depois converso com vocês”, com meus amigos. Eu subi e já tava no final da treta, os caras batendo num cara, um cara caindo no chão, a menina caindo em cima da bicicleta. Eu fui segurar o pessoal, falei: “Vocês estão ficando malucos?” Comecei a puxar todo mundo, nem vi quem era, quando estavam saindo que vi, eram uns conhecidos meus, que iam à loja da **S.**, que eram Nazis. Parou a manifestação inteira pra ver o que tinha acontecido. Fez um círculo gigante. A população inteira olhando pra nós, eu e o **K. F.**: “Vocês são loucos? Para! A gente não veio aqui pra isso”. Eles falaram: “Os caras são nazistas”... A gente falou: “Foda-se, a gente tá numa manifestação, todo mundo em paz aqui”. Aí ficamos dez minutos lá, daqui a pouco chegou a tropa de choque, circulou a gente tudinho, revistou a gente no meio da manifestação, todas as mídias vendo tudo. Aí abre a mochila, tinha lá, um monte de bombinha de fogos, com socos ingleses. **J. P.**, 28 anos.

2.3 Careca T. D., o escritor e referência dentro do movimento Carecas do Subúrbio

Dentre os entrevistados, **T. D.**, o autor do livro “Eu, Careca do Subúrbio”, no qual conta a história do movimento Carecas do Subúrbio por sua perspectiva, é um indivíduo, atualmente, de grande visibilidade e relevância, pois, além de sua movimentação para criar matérias de divulgação sobre o grupo, ele se encontra do centro da liderança, organizando eventos, reuniões e motivando os demais membros.

Em um domingo no final da tarde, os Carecas estavam reunidos na casa de **W.**, que não era Careca, apenas simpatizante do movimento. Nesta casa, grande, encontrávamos diversos pequenos grupos de Carecas e não Carecas, que conversavam, interagindo entre si. Não era um evento Careca, mas uma reunião fechada. Não tivemos acesso ao motivo do encontro, apenas que, após aquele

encontro, os Carecas iriam se encontram com os demais para fazerem sua reunião de costume com todo o grupo.

Na sala, sentamos com **T. D.** e **W.**, que preferiu ficar por perto enquanto realizávamos a entrevista, e os demais continuaram ali, sem se incomodar com a nossa presença.

Aos 34 anos, **T. D.** coleciona memórias do grupo desde o ano de 1999, quando começou a fazer parte dos Carecas do Subúrbio. Segundo o entrevistado, por ter diversos problemas em sua vida pessoal, ele procurava por situações perigosas, nas quais poderia colocar sua vida em risco. Naquela época, o cenário tribal era mais agressivo e brigas eram mais constantes. Estar nesse meio poderia lhe fazer alcançar o que desejava, colocar em xeque sua vida.

Três a quatro brigas por dia. Todo dia a gente arrumava briga e a gente nunca gostava de usar faca. O pessoal usava muita faca, a gente treinava muita defesa pessoal pra conseguir tirar a faca dos outros. O nosso barato era esse, arrancar a faca dos outros e quebrar perna, quebrar braço. **T. D.**, 34 anos.

A ideologia Careca agradava **T. D.**, pois estava alinhada com a sua, mas ficava em segundo plano diante da possibilidade de participar de tantas brigas.

Na verdade, eu entrei no movimento por diversos fatores. Primeiro porque eu não tinha amigos, era muito sozinho e eu procurava grupo de amigos. Segundo porque eu tinha diversos problemas na minha vida, diversos problemas familiares na época e até tive vontade de me matar, mas não tive coragem, então eu ia fazer de tudo pra morrer mesmo, entrava nas situações mais inacreditáveis. E o movimento Careca era legal pra isso. Eu queria morrer brigando, por isso que eu decidi e ideologicamente falando... Ficou na moda esse negócio de usar maconha, quando começou o Planet Hemp e tudo isso. Então eu não me identificava com nada, a minha linguagem, a minha ideia, o meu jeito de ser, tudo era diferente. Isso foi me identificando com os Carecas e, por essas razões, cada vez entrando mais, principalmente no lado das brigas. **T. D.** 34 anos.

Com o tempo, o laço de amizade se fortalecia entre os Carecas e o entrevistado, que encontrou, segundo ele, quem o apoiasse e incentivasse a estudar e a trabalhar. **T. D.** foi adotado pelos Carecas, pois morava na rua quando sua mãe o colocou para a fora de casa. Até seus 13 anos, ele vivia entre a rua e a casa de sua mãe, e, em 2006, foi para a rua definitivamente.

Em uma ocasião, na escola onde estudava, o entrevistado conheceu alguns Carecas com quem pode conversar e marcar de se encontrar novamente.

Posteriormente, a coincidência da permanência de um amigo de infância no grupo e a oportunidade de fazer parte de uma banda o fariam escolher por permanecer definitivamente nos Carecas, como narra o entrevistado:

Eu estava na escola, eu era muito briguento, tinha uma galerinha de uns maloqueiros que gostavam de brigar com todo mundo. Eu era muito quieto, não gostava de falar com ninguém. Eu era bem estranho mesmo. No intervalo, eu sempre ficava no canto e apanhava de todo mundo, todo mundo me batia, até eu descobrir que eu também podia machucar as pessoas. Aí eu não aceitava mais. Aí, como eu tinha muita fama de bater nos outros e essa galerinha gostava de bater em todo mundo, eles decidiram numa festa da escola me bater e eles levaram a pior. Tentaram me bater e eu bati no mais forte lá, no liderzinho deles, aí saiu todo mundo correndo e eles juntaram vários caras pra me pegar e eu consegui ir embora, não pegaram. Na outra semana, esse mesmo pessoal disseram [sic] que tinha um pessoal na porta do colégio pra pegar alguém que tava lá dentro, que era uma gangue, essas coisas. Eu acreditei que era comigo e a escola inteira tava em choque, eu fiz maior escândalo, falei que ia sair na mão e que não tinha medo de ninguém. E nessa que eu tô discutindo, querendo sair e ninguém deixava eu sair [sic], a servente do colégio e tudo mais, a diretora do colégio virou e falou: “não é com você, são os Carecas que tão aí fora”. Eu nunca tinha ouvido falar de Careca, sei lá, eu achei que fosse uma gangue de pichadores. Eu virei e falei: “eu quero saber quem é”, empurrei a diretora - empurrei, por assim dizer, tirei ela da minha frente e saí pela porta. Quando eu atravessasse a porta, os Carecas tinha uma fama tão ruim que as serventes trancaram. Eu saí e as serventes trancaram a porta na mesma hora. Eu não tinha mais volta e, quando olhei do outro lado da rua, eu vi três caras. O menor devia ter 1,80 m e uns 40 cm de braço. Eles eram fisiculturistas, hoje eu sei que eram fisiculturistas porque passei a conhecê-los. Eles eram muito grandes, os três estavam com camisa branca, calça jeans, coturno e cabeça raspada. Eu olhei pro outro lado da rua e falei: “Nossa! Tô perdido, vou morrer”. Se esses caras me dessem um tapa na cara, ia cair minha cara pra um lado, minha caveira pro outro, minha alma do outro. Os caras eram muito grandes, o que ia fazer? Fui atravessar e conversar com eles e conversei com eles. Resumindo a história, eles gostaram da minha atitude, falaram que eu tinha atitude, fui o único que saiu pra conversar com eles. O nome do rapaz que eu conheci era **R.**, era o maior deles. Era muito grande e eles queriam bater num rapaz que estudava lá, um tal de Negão, porque ele tinha batido na irmã do **R.** e eles não conseguiram pegar naquele dia. Voltaram no dia seguinte e não conseguiram. Naquele final de semana eles conseguiram pegar o Negão e deixaram o Negão em coma e encontraram comigo e falaram: “E aí meu? Você é um cara legal, bacana, você tem atitude, cola com a gente na Romero. A gente tá lá quinta, sexta e sábado”. Eu falei: “tudo bem, vou colar”. Eles falaram: “você falou que vai colar; se não colar, quando a gente te encontrar você vai ficar igual o Negão”. Eu achei melhor eu colar, né? Eu comecei a colar e demorou pra eu trombar os Carecas ali. Aí conheci primeiramente os Punks que colavam ali, mas eram amigos dos Carecas, aqueles Punks do subúrbio eram amigos dos Carecas. Aí conheci uma gangue de Black Metal que colava ali, fui conhecendo diversas gangues e entrando no meio e acabava conhecendo um Careca, outro Careca e um amigo meu que andava de skate comigo, quando a gente era garoto. Não sei a história dele, mas quando a gente reencontrou, ele já tava andando com os Carecas, também foi mais um passo pra eu tá ingressando [sic]. Eu tocava guitarra, bateria, alguns instrumentos e o pessoal tinha muita carência de banda, não sabiam tocar nada. Tinha um amigo nosso, o louquinho que tocava no

Reação Planetária, aí ele saiu e entrei no lugar dele e assim fui entrando.
T. D., 34 anos.

Entre tantas histórias vividas com o grupo Carecas do Subúrbio, **T. D.** conta a história do **E. D.**, um amigo que cresceu com ele. Aos 14 anos se conheceram e o gosto pelo Rock os uniu. Posteriormente, o movimento Careca os uniria novamente e, com uma tragédia, os separaria definitivamente.

E. D., segundo o entrevistado, gostava mais de curtidão, brincar, fazer piada, ouvir música. Entretanto, quando se tratava de música, **E. D.** era radical. Ao encontrar um sujeito com uma camiseta estampada com uma banda de Rock, ele se aproximava para questionar a pessoa sobre seus conhecimentos sobre tal banda. Caso o sujeito não soubesse nada, **E. D.**, segundo **T. D.**, “com o seu jeitão inocente”, explicava tudo sobre a banda. Entretanto, às vezes, essa atitude de **E. D.** ocasionava uma reação ruim e ele apanhava por sua atitude.

Foi em uma festa gótica em 2003 na fila do banheiro que **E. D.** questionou a roupa de **L.** que, coincidentemente, era conhecido também de **T. D.**. O entrevistado estava afastado e não separou a briga, mas outro amigo que estava com eles na festa, **J.**, interveio. Entretanto, para **L.**, a briga não acabou, e ele voltou para agredir **E. D.**, que foi esfaqueado e chegou a óbito, como narra o entrevistado em ricos detalhes.

(...) só que o **E. D.**, o negócio dele era curtidão, brincar com todo mundo, fazer piada, ouvir música, com ele não era nada sério. Só que ele tinha um defeito: quando ele encontrava as pessoas com camisa de rock ou qualquer coisa assim, ia sempre perguntar o que você sabia sobre aquilo. E na época era assim, se você curtia uma banda de rock ou encontrava alguém com camisa de banda de rock, você ia intimar. Se a pessoa não soubesse explicar a história daquela banda ou qualquer coisa assim, rolava briga e rolava umas brigas feias. Por motivo banal, mas rolava. Só que o **E. D.** perguntava isso numa inocência, era o jeito dele pegar amizade. Aí se você virasse e falasse: “pô, eu não sei nada!”, ele virava e falava: “Você é louco, meu”, aí ele contava como funcionava. Ele contava a história toda de qualquer banda, porque o negócio dele era ler sobre bandas. Só que, às vezes, não dava tempo de ele se explicar, porque quando você encontrava alguém que já era mais desse universo, batiam nele. Era até engraçado ver ele apanhar, às vezes ele até merecia, mas merecia só tomar uns tapas. Até que a gente foi no Spearow (um clube), isso foi em 2003, uma semana após ele fazer 24 anos. Era 4h35, nunca vou esquecer, eu tinha acabado de olhar no relógio. A gente foi na fila do banheiro pra ir embora, 5h da manhã, última noite da balada e a gente não pagava pra entrar nessa balada gótica e ia ter um café da manhã, então eu falei: “vamos ficar pra comer e beber de graça e ir embora”. Era 4h35, fomos no banheiro e, na fila do banheiro, um rapaz chamado **L.**, que ele já tinha sido segurança e depois foi sócio da casa, tava lá como cliente; e o

E. D. atrás. O **L.** tava de sobretudo, vestido igual um gótico. O **L.** era um idiota, era magrelo, alto, dentuço, com os dentes pra fora da boca, era um tonto, todo mundo sempre bateu nele e o **E. D.** com aquele jeito dele, cutucou ele, ele olhou para o **E. D.** e o **E. D.** falou: “você entende o quê desse visual?” Eu falei: “Lá vai o **E. D.** de novo apanhar”. É claro, o moleque deu um murro na boca, começou a bater nele. O **J.** saiu do banheiro, viu aquilo, separou, a gente tava tão acostumado que eu nem separei, só que toda a noite o **E. D.** apanhava de alguém, mas o **J.** separou, o **E. D.** não reagiu, só pediu desculpa o tempo todo. O **J.** falou: “Que palhaçada é essa?” O **L.** respondeu: “tá com você, **J.**?” Então, miou [sic]. Aí o **E. D.** pediu desculpa: “Ou, desculpa, eu não quis te ofender”. O **L.** falou: “Tudo bem, eu vou embora pra não ter mais briga”. O Spearow tinha uma entrada bem estreita, tão estreita que o **J.**, que era muito grande, ele tinha 1,98m, era muito grande, muito forte, ele não conseguia entrar reto, ele tinha que entrar de lado. Então tinha esse corredorzinho estreito que saía no banheiro e você passava por duas portas de acesso, uma porta dava para duas salas e era em frente à escada que dava pra rampa do piso superior. No segundo acesso, você saía no bar e atrás tinha os dois banheiros, tão estreitos que quase não dava pra você entrar no banheiro. A gente saiu, o **L.** prosseguiu pelo acesso estreito e nós fomos para o bar. Eu tava sentado tomando suco, olhei o relógio, vi a hora, conversando com o **J.**, o **E. D.** aqui de costas pra gente. O **L.** voltou e começou a bater no **E. D.** pelas costas, a gente riu, porque ele dava socos abaixo da linha da cintura. A gente viu aquilo e falou: “que coisa ridícula é essa?” O **J.** falou: “vai lá separar” Eu falei: “tô tomando suco, vai você”, de tão frágil que tava o ataque. O **J.** foi e, quando ele chegou perto deles, foram andando de costas, o **E. D.** enquanto apanhava, foi encostando na parede na outra sala. Ele só colocou a mão no rosto e levantou uma das pernas, tentando se proteger. Às vezes ele tentava empurrar com a perna, mas ele ficou a maior parte do tempo só encostado. Quando o **J.** chegou próximo, ele colocou a mão na cabeça e quando o **J.** colocou a mão na cabeça é que me bateu na hora: “Meu! Esse moleque tá com uma faca”. E o **J.** deu uma chave de braço nesse **L.** e jogou ele pra cima de mim. Ainda éramos inocentes, eu tinha uns 19 anos, agarrei a mão do **L.** e olhei pra faca, era uma faca bem pequenininha. Esse **L.**, ele tinha sido da Aeronáutica, não sei se você já viram aquela faca de aeronáutica, é grande e vem com uma bem pequenininha, era uma dessas bem pequenininhas, bem fininha, né? Eu olhei, não tinha marca de nada, de sangue, de nada. Olhei aquilo, eu segurei a faca, eu vi a faca na minha frente. Aí o **J.** veio e socou ele por trás, deu uma cotovelada por trás. O **J.** era muito forte, magro, e eu, baixinho. Caiu eu para um lado, ele para o outro. O **J.** começou a bater no **L.** e eu fui até o **E. D.** Ele tava encostado na parede, ele segurava o pulso e não tinha nenhuma marca no corpo, soco de nada, eu falei: “Tá bem?” Ele falou: “tô bem, aqui é o **E. D.**”. Ele virou como se fosse sair. Ele já tava meio sem consciência da dor e a porta de acesso ficava aberta e ficava uma parte dela bem longa pra dentro. Ele deu com a cara na porta e caiu no meu pé. Quando caiu, o corpo dele parecia um chafariz de sangue pra todo lado. Meu coturno eu tive que jogar fora, da forma que manchou. E aí o que eu falei pro **J.** e pro **E. D.**: “sacanagem esse filho da puta não socorrer o nosso irmão”. E a gente tentou socorrer ele, colocamos ele pra fora e eu nunca vi na minha vida os góticos reagirem numa briga. Só que nessa hora, subiu uma mina gritando: “os Skinheads estão matando um dos nossos” e o **L.**, quando socava ele, gritava: “aqui é White Power!” O **L.** tava começando a andar com os White Power na época. Quando desceram e viram o **J.** socando um cara de visual gótico, parando de socar o outro e indo ajudar o outro, e a gente puxando o cara todo esfaqueado com a camisa do Halloween pra fora e nós dois com visual de Careca, o que deduziram? Que nós estávamos agredindo. Tomamos garrafada, tomamos soco, começamos a brigar,

brigar com eles e o **C.**, que hoje é Abutre - na época ele era Careca do ABC -, ele travou a porta e segurou os góticos pra dentro e tentou trancar. O **J.** e eu ali olhando o **E. D.**, chamaram a ambulância e eu sabia que a ambulância não ia vim [sic], porque ali era um lugar muito perigoso. Uns dois, três meses antes, quando a polícia tinha ido lá tentar intervir uma briga, a viatura teve que sair de ré, debaixo de tiro. Lá realmente era muito perigoso e era outra época, né? Muito mais perigosa, eu sabia que não ia vir. Eu falei: “vamos colocar no carro e levar”. Enquanto eu falava com eles, um tal de **H.** chega, olha pra ele e fala: “deixa esse filha da puta sangrando que ele estanca e vai andando pra casa”. O **J.** falou: “então você vai ficar pior que ele”, socou o **H.**, socou e socou muito e, enquanto ele batia no **H.**, aí que os caras acreditaram que a gente tava realmente querendo bater e a briga ficou mais feia ainda. O **J.** teve que pegar o **E. D.**, jogar no carro do **B.**, os dois correrem eu ainda continuei lá brigando. Assim que deu um espaço, eu corri e fui até o hospital. Quando cheguei no hospital, no Pronto Socorro do Tatuapé, tava o **J.** e mais dois polícias [sic] brigando com os médicos, brigando mesmo, de porrada. E aí a gente chegou, meu irmão e eu batendo também. Ficamos sabendo que os médicos se recusaram a atender porque acharam que se tratava de nazista e por isso os polícias também entraram na briga. Aí, no final, quando os polícias conseguiram separar aquilo, resolver aquilo, o médico finalmente atendeu e o **J.** deixou claro que ia fazer a mesma coisa com o médico se o médico não cuidasse dele. Ele ficou o tempo todo olhando para os médicos, eles tentaram, tentaram, mas uma das veias... Ele tomou 18 facadas e a gente não viu nenhuma. Uma das facadas pegou dentro da perna e furou a veia e não tinha o que fazer. Aí o tempo todo, desde o Spearow até a hora que a gente chegou no hospital, ele sangrou. O **E. D.** pegou na minha mão e falou: “eu vou morrer, vou morrer”, aí foi a coisa que mais me chocou nos Carecas. Eu sei que aquilo mudou quem sou, quem eu era, quem eu fui, minhas atitudes. Eu tinha que ficar apertando a mão dele, eu vi a voz dele sumindo, o olho dele virando e ele morreu, morreu na minha frente e eu me culpava, culpava pra caramba. Porque eu devia ter ido pra cima do moleque antes, quando ele deu o primeiro golpe, e não fui. Eu vi a faca e não segurei. **T. D.**, 34 anos.

Essa memória de **T. D.** mudou sua postura e seus pensamentos diante de suas próprias escolhas e do caminho a seguir. Tendo uma situação tão intensa como a relatada, que colocou em dúvida suas escolhas e qual caminho trilhar, o entrevistado afirma que foi no agradecimento que recebeu de outros Carecas que ele treinava (**T. D.** era treinador de boxe) que encontrou a certeza para permanecer no grupo, pois muitos afirmavam que foi a permanência nos Carecas que os afastou das drogas, aproximou-os novamente dos estudos e os alavancou a construírem suas famílias. O entrevistado acredita que cada um tem uma missão, então que essa possa ser a dele, auxiliar as pessoas por meio da conscientização do que ele e os Carecas acreditam. Isso reforça a imagem de líder que **T. D.** tem dentro do grupo.

(...) Eu acredito que eu tenha uma missão, essa é minha missão, e tem algum motivo de os Carecas existirem há 40 anos e nunca ter acabado. Talvez seja individual cada missão, pra cada Careca, talvez essa é a minha [sic], talvez eu tenha ajudado mais pessoas que eu tenha conseguido entender. Conscientizando sobre drogas, sobre a situação do

país e, principalmente, os Carecas, é o motivo pra se viver. Movimento no Brasil também é a razão para o ser humano viver. A maior parte dos garotos, assim como eu, se você for perguntar quem é fora dos Carecas, eu não sou, não tenho nada, se você ler meu livro, você vai ver isso. Antes dos Carecas eu não tenho nada a contar, não tenho vida. Se você pegar o **T.**, esses meninos aí, o **M.** que tá aí, eles não são ninguém. O movimento Careca te dá uma identidade, o movimento Careca te mostra alguma coisa. Eu tenho 14 livros que escrevi e todos quem lê, gosta, qual o único que sou reconhecido, pelos Carecas. Eu fiz diversas música de rock, eu já gravei diversos programas de televisão, piloto, filmes e curta metragens e não sou reconhecido por nada, mas todo trabalho que desenvolvo com os Carecas, sou reconhecido. Ali eu sou alguém, sem os Carecas, nada. **T. D.**, 34 anos.

Encontrar um grupo do qual fazer parte significa, também, dividir lembranças, possuindo memórias que são evocadas como membros do grupo. São lembranças comuns, e que se apoiam umas sobre as outras. Assim, seria a memória individual de cada sujeito um ponto de vista sob a memória coletiva do grupo; o ponto de vista mudaria conforme o lugar que o sujeito ocupa no grupo e depende das relações que forem mantidas com outros grupos (HALBWACHS, p. 51, 2006). Deste modo, quando **T. D.** argumenta em seu discurso que sua lembrança com **E. D.** mudou sua forma de pensar e agir, na realidade são suas lembranças individuais do que ocorreu naquele dia que interferem diretamente na sua lembrança coletiva. Seu posicionamento atual como peça-chave nos Carecas auxilia com que o sentimento de que ele tem “uma missão” seja ainda mais forte, e, quando projetado no grupo, reflita na sua postura e em como ele age dentro do movimento, na sua chegada à liderança e na crença de que precisa cumprir sua missão dentro dos Carecas- ou sendo um Careca, pois sua lembrança individual, quando colocada em grupo, aumenta essa necessidade.

A memória individual nunca está sozinha, porque ela precisa recorrer à memória coletiva para poder acessar as lembranças que o indivíduo quer repetir. Quando **T. D.** cita em seu depoimento a memória do movimento dos Carecas do Subúrbio que, segundo ele, tem 40 anos, o entrevistado remete a um tempo que ele não viveu e sobre o qual apenas escutou histórias, tomando para si os depoimentos como verdade. Neste caso, a memória existe pelo depoimento de outras pessoas. Ao invocar os testemunhos de quem viveu aquela época, **T. D.** é obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não irá complementar ou fortalecer a dele, mas, sim, é a única fonte daquilo que ele deseja repetir. É uma memória emprestada, mas que não é a dele (HALBWACHS, p. 54, 2006).

Assim, no discurso dos entrevistados, temos a percepção de memórias individuais que se tornam coletivas e são divididas com o grupo, ao mesmo tempo em que o trânsito por diversos grupos urbanos é comum, de forma que a memória não se prende no grupo passado, mas fica no presente, sendo esquecida e perdendo detalhes. Também podemos observar que a memória passada do grupo, a não vivida pelos integrantes que não estão há 40 anos no movimento Carecas - uma vez que, como já afirmado, o grupo é rotativo -, é tomada por estes integrantes mais novos por meio da história contada por outros porta-vozes. Os integrantes então vestem-se dela e acreditam naquela narrativa que é propagada dentro do grupo.

3. A DECRADI (DELEGACIA DE POLÍCIA DE REPRESSÃO AOS CRIMES RACIAIS E DELITOS DE INTOLERÂNCIA)

A Decradi⁶ é um órgão público que tem como atribuição reprimir, investigar e analisar os crimes de intolerância, como racismo, homofobia e qualquer forma de preconceito e intolerância. Sua atuação é relacionada às infrações motivadas pelo posicionamento intransigente e divergente de um indivíduo ou grupo em relação a outro indivíduo ou grupo, caracterizado por convicções que podem ser de cunho ideológico, religioso, racial, cultural e étnico, que resultam no preconceito.

A delegacia se originou do Grupo de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância (Gradi), criado por resolução secretarial, em meados do ano de 2000 (Resolução SSP nº 42). O Gradi era um grupo ligado diretamente à Secretaria de Segurança Pública, e não ao departamento de polícia, e formado por policiais civis e militares. Impulsionado por um crime que ganhou grande repercussão na mídia - o caso de Edson Neris da Silva⁷, o adestrador de cães morto por dois Skinheads em 2000 -, o grupo se tornou uma delegacia com o intuito de mapear e cadastrar os membros dos grupos e apurar esse tipo de crime. Assim, em 2006, foi fundada a Decradi, que pertence ao DHPP (Departamento de Homicídios de Proteção à Pessoa), tornando-se a 2ª Delegacia de Polícia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância.

Atualmente a delegada titular é Daniela Branco, que concedeu entrevista a esta pesquisadora, na qual abordou questões sobre a delegacia, não apenas com tribos urbanas, mas crimes de intolerância no geral.

A Decradi é especializada em crimes de intolerância. Crimes raciais, por etnia, religião, por orientação sexual, não só praticados por grupos.
Delegada Daniela Branco

⁶ A unidade policial está instalada à rua Brigadeiro Tobias, nº 527, 3º andar, no bairro da Luz, São Paulo - SP. Atende de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h horas. Telefone: (11) 3311-3555, e-mail: decradi@policiacivil.sp.gov.br

⁷ Na madrugada de 6 de fevereiro de 2000, Edson Neris da Silva passeava na Praça da República com seu companheiro quando foram surpreendidos por um grupo. Edson foi espancado até sua morte.

A delegacia recebe suas demandas por denúncias, sendo anônimas ou não, de indivíduos que sofreram algum tipo de intolerância e buscam a delegacia para terem suporte da lei, e casos que chegam são investigados.

Por vários meios, tanto por denúncia anônima, como por webmail, através do [Disque Denúncia] 181, Ministério Público ou através da Defensoria Pública. A própria parte, principalmente, pode vir na delegacia fazer um registro, um boletim de ocorrência. São vários meios. **Delegada Daniela Branco**

Apesar de a Decradi ser conhecida no meio das tribos urbanas e, muitas vezes, ser considerada uma referência apenas com esses grupos, a delegada Daniela aponta que, nesses 11 anos que a delegacia acaba de completar, os crimes que são a maior demanda e exigem maior atenção são os crimes raciais, discriminação com injúria racial, normalmente ligados a cor, e, em uma escala decrescente, em segundo lugar, encontram-se os crimes contra comunidades LGBT.

Os crimes de intolerância não são unicamente investigados pela Decradi. Eles podem ser registrados em outra delegacia e, neste caso, a investigação ocorre pela delegacia que acolheu a denúncia. O crime irá passar para a Decradi se for de autoria desconhecida e for necessária uma investigação especializada.

(...) porque a atribuição é recorrente, não é exclusiva. Então o crime pode ser registrado na delegacia de polícia e a investigação pode ser feita por lá. Inclusive, a Decradi, além de trabalhar só no âmbito da capital paulista, a gente apura crimes de autorias desconhecidas. Se naquele primeiro momento foi meu irmão, meu vizinho, se tem um nome na qualificação, esse crime não vem pra Decradi. Ele vai ficar lá na delegacia territorial, unidade territorial, porque não exige uma investigação especializada, já que a autoria é conhecida. **Delegada Daniela Branco**

Porque a atribuição de crimes não é exclusiva da Decradi, segundo a delegada titular, atualmente o efetivo do departamento é suficiente para atender a todos os casos que chegam e que necessitam de investigação especializada, sendo de autoria desconhecida. Se o autor do crime é conhecido, qualquer delegacia é capaz de acolher e atender a demanda, mas, se o delito foi cometido por um grupo, é preciso que o caso passe para a Decradi para que receba uma investigação especializada.

A demanda que chega pra gente, sim [o efetivo do departamento é suficiente]. Porque eu falo, a atribuição não é exclusiva. Se fosse exclusiva, é óbvio que não. A gente não teria policiais pra atender a todas as demandas de crimes de intolerância numa cidade como São Paulo,

mas naquela que exige, que é uma autoria desconhecida e exige um conhecimento especializado, sim. Que não são todas que exigem esse conhecimento. “Ah! O meu vizinho me ofendeu”, qual a atuação de uma especializada nisso? “A minha irmã testemunhou, o nome dele é tal...” Isso qualquer delegacia... Agora, teve um crime praticado por um grupo específico, de Punks ou Skinheads. Isso precisa de uma atuação especializada? Precisa. Muitas vezes você pode confundir por uma vestimenta, por uma tatuagem você já identifica que grupo que é, qual grupo poderia ter sido. Aqui a gente tem um conhecimento, tem um cadastro dos membros dos grupos, então, sim. Uma investigação dessa precisa de uma atuação da especializada. Mas outros casos, não.

Delegada Daniela Branco

Para a prevenção em relação à população quanto a crimes de preconceito, a Decradi tem o papel de conscientização, apresentando as leis, a fim de tentar minimizar futuros problemas e no intuito de caracterizar o que é crime. Além disso, a delegacia faz o mapeamento de eventos nos quais possam se encontrar grupos rivais. Assim, há comunicação com outros órgãos para que a segurança necessária possa ser realizada, a fim de atuar preventivamente e evitar futuros conflitos.

A delegada Daniela deixa claro que a delegacia está voltada às minorias e a seus direitos. Para entrelaçar a delegacia e os direitos humanos, a Decradi participa de conselhos estaduais e de grupos de trabalho preocupados com a elaboração de políticas públicas que atendam às demandas minoritárias.

Vou dar um exemplo concreto: a gente participou de um trabalho na Secretaria de Segurança Pública ao qual foram integrantes da Polícia Militar, da Polícia Civil, da Secretaria [de Segurança Pública], do Conselho Estadual LGBT, pra quê? Pra gente colocar em prática políticas públicas que eram pleiteadas pela comunidade LGBT. Por exemplo, a partir desse grupo de trabalho, houve um aumento na carga horária dos cursos de formação de policiais, tanto na academia da Polícia Militar como da Polícia Civil, de aulas relacionadas a esses temas, para uma melhor preparação do policial no entendimento a essas questões. A partir desse grupo, houve também alteração no FDO. Foi incluído o nome social no FDO para que a pessoa seja chamada também por sua identidade de gênero. A partir desse grupo de trabalho, teve alteração também pra gente colocar o motivo, a motivação do crime, se ela está relacionada a intolerância. Se foi homofobia, transfobia, se foi questão racial, religiosa. São conquistas desses órgãos públicos em conjunto com a comunidade LGBT para que as suas demandas também fossem atendidas.

Delegada Daniela Branco

Quando questionada sobre as tribos urbanas, a delegada conta que a instituição possui o cadastro de diversos membros de grupos, seja esse cadastro feito em algum momento que esse indivíduo foi levado à delegacia para maiores esclarecimentos, foi detido, ou por operações que realizam antes de algum grande evento. Quando sabem que será realizado um show que poderá reunir um grande

número de membros de determinado grupo ou grupos, os investigadores da Decradi comparecem para fazer o cadastramento de possíveis novos membros desses grupos.

Por meio de denúncias anônimas ou não, ou até mesmo pelo monitoramento realizado pela Decradi, a delegacia se faz presente na investigação de tudo o que acontece no meio das tribos urbanas e que pode gerar conflitos no futuro.

A gente monitora muito a questão dos shows que têm, e dentre esses shows, existe a possibilidade, dependendo do tipo de banda que toca. Mês passado, tivemos uma banda que felizmente não deu nada, mas poderia dar. Ela atrai tanto Punk quanto Skinhead, poderia ter dado alguma coisa. Felizmente não deu, mas a gente monitorou, fez as comunicações de praxe. **Delegada Daniela Branco**

O entrevistado **T. J.** fez parte do Decradi, mas hoje trabalha, especificamente, com crimes relacionados a torcidas de futebol. Sua narrativa é marcada não apenas pelo seu trabalho como investigador, mas como alguém que vivenciou o cenário urbano das cidades com os grupos. É conhecido por alguns grupos por ter frequentado a cena underground, mas optou por trabalhar na polícia e dedicar seu conhecimento, sua vivência, para auxiliar na resolução de crimes.

Nesta pesquisa, abordaremos o trecho de sua história, de como iniciou na polícia e utiliza-se de tudo que viveu em seu trabalho. Sua trajetória é o relato de quem viveu e viu as tribos urbanas de perto, não apenas como investigador, mas como pertencente ao cenário urbano.

Em meados de 1982, na época com 15 anos, **J. T.** começou a ter contato com o movimento Punk, por meio de Punks que viviam em seu bairro e que, segundo o entrevistado, eram a segunda geração do movimento. Com o tempo, ele começou a conhecer Punks de outros locais, como ABC, Punks da Cidade, Zona Norte.

Com a criação e constante crescente do movimento Carecas do Subúrbio, **T. J.** passou a ter contato com os Carecas também, pois ele não era pertencente a um grupo; ele transitava entre os grupos que conhecia e fazia amizades.

(...) aí eu também passei a frequentar e ter amizade com esses grupos aí e uma vez ou outra eu mudava o visual. Eu tava no rolê com os caras, mas nunca fui Careca. Eu tava num visual Skinhead, usava um visual Punk leve, por isso o pessoal me associou muito ao movimento Punk. Cabelo

curto, uma jaqueta de couro, uma camiseta de uma banda, então você fica no meio termo ali, não sabe se você é Punk ou se é Careca. **T. J. 50 anos**

Dentre diversas histórias das quais ele fez parte ou presenciou, **T. J.** relata que foi no primeiro Dezembro Negro, atualmente conhecido como Dezembro Oi!, uma festa dos Carecas, que ele e seus amigos se depararam com outros três indivíduos. Isso gerou um conflito entre eles e um dos indivíduos que os abordaram estava armado e disparou. **T. J.** e os amigos conseguiram fugir sem nenhum dano.

(...) eu fui no primeiro [evento Dezembro Negro] em 1984, em São Vicente. Quem foi comigo foi a **S.**, a dona da loja lá, ela era Punk; o **M.**, que até hoje é Careca; tinha um pessoal do meu bairro; tinha um cara que chamava **P.**, era do parque São Rafael. Eu tava esperando um ônibus no campo de futebol, ia descer o morro pra ir pra Santos, a gente pegou ônibus pra ir pra São Paulo, isso já era 5h da manhã. Chegou [sic] três vagabundos e falaram: “Pow! Vocês arrumaram confusão aqui, vocês zuaram o pedaço, tacaram pedra em ônibus”, chamavam o ônibus de burra, “tacaram pedra nas burras aqui do morro, vocês vão se ferrar”. Um deles estava armado, aí o **P.** tava de boné, o cara virou pra ele e falou: “quero o seu boné”. Ele falou: “eu não vou dar o meu boné pra você” e, nesse meio tempo, um dos vagabundos foi lá conversar com o **T.** Eu não sei o que o **T.** conversou com o cara, o cara ficou meio assustado e, como o **T.** tinha ficado preso na casa de detenção em São Paulo, o cara ficou meio cismado com o **T.** e não falou nada. O **T.** era enorme também. E os três vagabundos começaram a mexer com todo mundo, Carecas e Punks, naquele tempo juntos. Daqui a pouco o cara foi tirar o boné do **P.**, o **P.** sacou um estilete e deu uma estiletada no cara. Não sei se acertou. Começou aquela confusão generalizada, o cara sacou uma arma, começou a atirar pra tudo quanto é lado, o pessoal juntou e conseguiu tirar a arma dele. A arma não sei que fim levou também, eu sei que foram agredidos lá e nós conseguimos descer o morro a pé. A gente chega na rodoviária de Santos, tá lotada de polícia lá, eles começam a deter o pessoal. Aí vinha passando um ônibus pra São Vicente, entramos dentro do ônibus e a gente foi pra São Vicente. Chegamos em São Vicente, tinha polícia lá também. Conseguimos embarcar no ônibus pra São Paulo e foi um azar: o ônibus passa na rodoviária de Santos de novo. Aí sobe um PM dentro do ônibus e pergunta para o motorista: “tá tranquilo aí? Por que essa noite, lá no morro, parece que bateram nuns caras, esfaquearam, maior confusão lá”. O motorista disse: “tá tranquilo”. A gente tudo sentado lá no fundo. Eu gostava de usar um macacão de jardineira, de coturno, e tava careca. E eu lá no fundo rezando, dizendo: “se eu escapar dessa, prometo que não vou mais curtir”, mas não adiantou nada. **T. J. 50 anos**

No ano de 1985, **T. J.** serviu o Exército brasileiro, mas não se afastou do seu gosto pelas noites das tribos urbanas e continuou a ir a eventos frequentados por membros de grupos, como um show da banda Inocentes e o Dezembro Negro, que naquele ano, aconteceu em São Vicente, litoral de São Paulo.

Estamos indo embora, passa um Escort, acho que no jornal até fala desse Escort. Passa um Escort na beira da praia de São Vicente e começa a xingar os Carecas. Só que a cidade já tava de prontidão da confusão do ano anterior em Santos, então tavam de prontidão, São Vicente, Santos

também. Esse Escort mexeu com os Carecas e, por azar, parou próximo de um semáforo e tinha um grupo de Careca e Punk lá na frente. O pessoal deu sinal: “oh, os caras folgaram com a gente”, daí quebraram o Escort inteirinho, choveu polícia pra todo lado. **T. J. 50 anos**

Em 1986, o ano seguinte, **T. J.** continuou servindo o Exército, mas, em paralelo, entrou na faculdade para cursar Educação Física. Focado em sua vida, o entrevistado estava afastado da movimentação tribal das ruas. Entretanto, neste mesmo ano, os Carecas transferiram o Dezembro Negro para São Paulo, o que facilitou para que **T. J.** tivesse mais informações sobre o movimento.

Carecas e Punks estavam se separando definitivamente, pois a nova geração do movimento Carecas do Subúrbio não mantinha laços de amizade com Punks como seus antecessores. A Europa também passava por mudanças nesse sentido, pois Skinheads e Punks se separavam e abriam espaço para novos grupos como Sharps, Skinheads envolvidos com o partido National Front, tornando os Skins da Europa politizados e envolvidos em brigas para defender seus ideais partidários. Assim, quando essa realidade chegou ao Brasil, os adeptos ao movimento Skinhead começaram a incorporar as modificações sofridas em outros países e a adaptar a sua realidade.

Como os Carecas tinham negros, nordestinos, eles não podiam ser nazistas, mas tinham inimigos em comum: o pessoal de esquerda, os Anarcopunks, os próprios Punks, porque o Punk começou a fugir um pouco da realidade da época dos primeiros Punks. Já começou a tratar com movimento de esquerda, começou a fletar com o pessoal das drogas, um monte de coisas que fugia aos primeiros Punks, completamente diferente. Eu já comecei a me afastar um pouco do pessoal. **T. J. 50 anos**

T. J. continuava cursando sua graduação e no ano de 1988 começou seu estágio como professor de Educação Física. Paralelamente, montava um fanzine - revistas artesanais muito comuns entre grupos, pois traziam notícias direcionadas a eles e seu cotidiano e gostos -, que recebeu o nome de “Rebeldes em Marcha”.

Foi uma época que teve um auge de fanzines. Todo mundo queria fazer a sua [sic]. Fanzine já diz: é junção de fã com magazine, revista de fã pra fã. E esse **C** tinha 17 anos na época, moleque franzino, magrinho, até usava um visual esquisito, usava um bonezinho dos confederados da Guerra Civil Americana na cabeça, um casacão azul, coturno e ele que datilografava as fanzines. Ele xerocopiava, passava para os colegas, eles tiravam mais cópias e aquilo era agente multiplicador. **T. J. 50 anos.**

Um dia, **C.** convidou **T. J.** para ir a um show em sua cidade. O entrevistado, naquela época, já estava se afastando de qualquer movimento e decidiu por não ir. **C.**, por sua vez, optou por ir com seu primo **P.** **T. J.** conta ter alertado para que ambos tomassem cuidado no metrô e não que embarcassem na estação Tatuapé, pois lá os Carecas da região tinham brigas constantes com Punks. Porém, um grupo específico de Carecas que se reuniam na Praça Silva Romero, no Tatuapé, que mantinham rixa com os Punks do bairro de **T. J.**. No encontro entre Carecas e Punks na estação Tatuapé do metrô, **C.** e seu primo contrariaram o conselho do entrevistado e foram para a mesma estação, depararam-se com a briga, e cada um correu para um lado, mas **C.** não conseguiu fugir e foi assassinado com um golpe de estilete.

Por azar, foram os Punks lá do meu bairro e resolveram pegar o metrô no Tatuapé. Quando chegaram no Tatuapé, tinha uns Carecas lá, eles correram atrás desses Punks, agrediram os Punks e o **C.** também foi no show com o primo dele, e houve essa briga. Era segunda-feira, eu fui dar aula de manhã, tinha 20 anos, Cheguei em casa, falaram pra mim que o **C.** tinha sido morto, tinha sido encontrado morto, a golpes de faca, ali na Avenida Salim Farah Maluf, perto do cemitério da IV Parada. Aí fui até o velório na Vila Formosa, o primo dele me contou o que aconteceu: “Aconteceu que a gente tava indo no show e houve uma confusão, a gente foi emboscado pelos Careca. Eu corri pra um lado, meu primo correu para outro, pensei que voltou pra casa. No outro dia a minha tia foi em casa me procurar, ‘cadê o C.?’ Falei: ‘Ah, tia, ele não tá em casa?’ ‘Não’. Eles passaram a procurar em delegacias e hospitais, naquela época só tinha o IML central. O **C.** foi achado no IML central, o corpo dele tava lá. Levou um único golpe de estilete no lado da costela, furou o pulmão e ele morreu por causa disso. **T. J. 50 anos.**

Inconformado, **T. J.** procurou alguns Carecas para esclarecer o que havia ocorrido com **C.** Sem sucesso, o entrevistado continuou a frequentar shows onde era comum o encontro de Punks e Carecas. Em um show em Itaquera, **T. J.** conseguiu estabelecer contato com o Careca **P.**, que supostamente estava na briga em que **C.** foi assassinado. O entrevistado sondou **P.** para tentar descobrir algo sobre o assassinato de seu amigo.

Quando chegou ao centro de Itaquera, existia um parquinho ali, próximo à delegacia de Itaquera. Aí tava passando o **P.** e falaram: “o **P.** tava na confusão”. Comecei a conversar com o **P.**, ele falou: “Você tá ligado que Punk agora não tem ideia, se a gente cruzar com Punk vai descer a madeira...”. Eu já escutei aquilo, o sangue subiu, peguei o **P.** e dei um soco nele. Ele bateu na parede do parquinho, comecei a dar um monte de soco nele. A namorada dele entrou, apanhou a namorada também. **T. J. 50 anos.**

Passado um tempo, por incentivo de um colega, o entrevistado decidiu prestar o concurso para investigador, uma vez que ele já havia servido o Exército. Após passar no concurso, **T. J.** entrou na polícia no ano de 1989. Não era sua primeira opção de carreira, mas, como tinha dívidas e precisava de dinheiro, optou por aceitar esse cargo.

Surgiu a oportunidade de o entrevistado trabalhar no Departamento de Homicídios. Incentivado pelo sentimento de impunidade no caso de seu amigo **C.**, ele aceitou, a fim de tentar investigar o assassinato do qual não havia sido encontrado nenhum culpado. Com informações colhidas na investigação e com o depoimento de um membro do grupo do assassino, **J.** foi identificado como culpado, mas, como havia a ausência de testemunhas que tivessem presenciado a agressão contra **C.**, ocorreram apenas audiências preliminares no fórum e audiência de instrução. O caso foi arquivado.

Após seis anos de trabalho no Departamento de Homicídios, **T. J.** foi trabalhar na Decradi, onde ficou até 2012, quando a delegacia foi desmembrada. O entrevistado assumiu outro cargo, no qual ficaria à frente da investigação de crimes que envolvessem torcidas organizadas.

T. J. afirma a importância da Decradi, de existir uma investigação especializada, não apenas para casos de grupos urbanos, mas para qualquer tipo de intolerância na qual não se saiba quem foi o autor do crime, visando a diminuir crimes que se encaixem como de intolerância e minimizando, também, futuros conflitos de grupos organizados.

4. AS BANDAS “CARECAS”

É o som que faz pensar no objeto, porque reconhecemos o objeto através do som (HALBWACHS, p. 161, 2006).

O entrevistado **A. O.** foi um dos primeiros Carecas a iniciar o movimento no Brasil. Ele relata, que apesar das diversas brigas que os Carecas do Subúrbio vivenciaram no começo de sua trajetória, as músicas das bandas Carecas representaram e representam até hoje um ponto marcante na união do grupo.

Desde os primeiros passos do movimento, um dos eventos mais conhecidos é o Dezembro Negro, que existe até os dias de hoje com o nome de Dezembro Oi!⁸. Nesses encontros, o ponto central para a união dos membros do grupo eram – e continuam sendo – as bandas Carecas, que são de extrema representatividade no movimento e são, normalmente, o fator que atrai cada vez mais membros para dentro do grupo.

Halbwachs (2006) aborda, como citado acima, a questão do som, que faz com que nossa memória remeta a algum objetivo, ou a alguma voz humana, pois a nossa atenção não se concentra apenas nas palavras, mas sobre o timbre a entonação. Ao ouvirmos uma voz, pensamos no caráter e no sentimento que se revela, ou naquilo que aquela voz parece expressar, fazendo com que nos reportemos a ideias e reflexões que, para nós, são familiares. Os sons que estão presentes em tudo, e nesta pesquisa analisados como musicalidade, se não fossem repetitivamente escutados, logo seriam esquecidos e seríamos incapazes de nos referirmos novamente àquela melodia. Assim, segundo o autor, para que consigamos incorporar uma música, ou a ouvimos repetitivamente ou aprendemos a produzi-la vocalmente, pois aprendemos a reproduzir a música como uma sequência de movimentos vocais. Temos, assim, um dos pontos-chave para entendermos a música como o elo que reúne o grupo por meio de suas bandas.

8 Oi! é o nome popular do gênero musical Streetpunk, uma variação do estilo Punk Rock que surgiu no final dos anos de 1970 no Reino Unido. É o Punk Rock com influência das subculturas Bootboy (Hooligan) e Skinhead, apreciado principalmente por Punks e Skinheads. O Streetpunk/Oi! nasceu entre os jovens dos subúrbios londrinos.

O entrevistado **A. O.** foi o primeiro membro dos Carecas a montar uma banda Oi! que viesse de dentro do movimento, pois o grupo ouvia diversas bandas, mas nenhuma que fosse montada por Carecas.

A banda recebeu o nome de Carecas do Subúrbio, mas não continuou por muito tempo com este nome pois, segundo o entrevistado, dava-se a ideia de ser uma banda sustentada pelo movimento e, apesar de as bandas tocarem para o grupo Carecas do Subúrbio, cada banda é responsável por si mesma. Logo, a banda ganhou o nome de Patriotas, fazendo alusão ao fato de os Carecas exaltarem o patriotismo.

A Patriotas começou a tocar em um evento Careca, em substituição a uma banda que não havia comparecido. Os membros do grupo relatam que mal sabiam tocar instrumentos e tiveram que aprender após serem “lançados” naquele dia como uma banda Careca. Vale ressaltar que a banda citada é um exemplo de como é feita a organização dentro dos Carecas para a construção de bandas: não existem regras explícitas para membros que desejam possuir uma banda no grupo, basta apenas que os integrantes se unam, escrevam letras que estejam de acordo com a ideologia dos Carecas e sustentem suas próprias bandas. Normalmente, os instrumentos musicais e locais para ensaios são pagos ou alugados pelos membros de cada banda, pois o movimento não possui equipamentos ou sede.

Começamos do nada! Eu mesmo não sabia nem tocar bateria, aprendi vendo os irmãos de outras bandas. Foi quando o M. da banda Fogo Cruzado começou a me mandar “faz isso, faz aquilo”, até eu pegar a coordenação motora e comecei a treinar. **A. O., 56 anos**



Figura 9 – Banda Patriotas. Imagem enviada pelo Careca A. O.



Figura 10 – Banda Patriotas, A. O. baterista. Imagem enviada pelo Careca A. O.

A Patriotas, mesmo sem nenhuma estrutura, ganhou repercussão no meio Oi!, principalmente por ser a primeira banda Oi! Careca, e tocou ao lado de bandas

musicalmente reconhecidas no meio underground, como Garotos Podres, Virus 27, Bandeira de Combate entre outras.

Em meados da década de 1990, um dos integrantes da banda, J., faleceu, então os outros membros decidiram parar de fazer shows. A banda, porém, vive até os dias de hoje dentro do movimento e é comum ouvirmos falar sobre ela como uma referência e também como uma banda que pretende se reformular para voltar a fazer parte da cena Oi!.

A Patriotas é lembrada dentro do movimento porque os músicos atuais dos Carecas reproduzem as músicas da banda vocalmente, revisitando a obra de conjuntos musicais que, para eles, fizeram história.

Por não se dedicarem exclusivamente às bandas, muitos membros dos conjuntos Carecas não estudaram música o suficiente para se considerarem músicos e para integrarem bandas que tenham a pretensão de fazer sucesso fora da cena underground. A maioria dos integrantes foi aprendendo a tocar um instrumento conforme podia, com o intuito maior de participar de uma banda; outros preferem se arriscar no vocal e compondo músicas que estejam relacionadas ao movimento. De fato, a musicalidade, o som, é algo que atrai os Carecas, mas as letras das músicas são o ponto central das bandas deste movimento, o combustível que faz com que a banda continue a tocar, mesmo que o som, musicalmente falando, não seja sofisticado, dadas as limitações dos integrantes.

Para Halbwachs (2006), a música que é composta por ritmo e palavras e que nos lembra não só os sons, mas a maneira pela qual determinamos sua sucessão, seja o ritmo quem desempenhe o principal papel na música para as palavras. O ritmo que é algo passado de um homem para o outro, pois não provém da natureza, mas, sim, é um produto da vida em sociedade, um indivíduo sozinho seria capaz de inventá-lo, pois isso, há a necessidade da repetição de outros indivíduos, do grupo.

O ritmo é construído em meio ao canto e aos gestos dos que propagam a música. Um exemplo é a força de explosão que a música Careca tem em seus eventos com os conhecidos “bate cabeça”, que são uma forma de expressão da música que os indivíduos sentem e exteriorizam; também o é o momento do batismo

para tornar-se Careca, no qual a música conduz o ritual que iniciará os novos membros. Cada chute e empurrão são guiados pela música de batismo, que é tocada e esperada para que os aspirantes a Carecas se tornem membros do grupo.

O canto oferece um modelo aos trabalhadores agrupados, e o ritmo vem do canto em meio aos gestos. Supõe, portanto um acordo coletivo preliminar (HALBWACHS, p. 174, 2006).

Consideramos que a música (assim como a linguagem oral presente nela) e a estética operam como marcadores culturais, principalmente no âmbito das culturas tribais. Assim, é preciso refletir sobre a vinculação das ideologias dos Carecas, e sobre a música, à medida que expressa as características do grupo, sendo a porta-voz do que são os Carecas do Subúrbio.

A música fornece a seus intérpretes a possibilidade de subjetividade da mensagem, um sentimento que passa a ser coletivo. Ou seja, uma interpretação individual de quem canta as composições passa a ser uma sensação coletiva.

As bandas musicais e a música como propagadora da ideologia dos Carecas do Subúrbio são o tema central deste capítulo. Para compreendê-los, deve-se examinar, principalmente, alguns dos valores fundamentais do movimento, procurando captar o sentido e o papel que eles assumem. Em seguida, é preciso destacar o tópico que é de extrema relevância para a tribo e que foi identificado por meio de pesquisa de campo e análise das letras das músicas: o nacionalismo, um tema extremamente abordado nas músicas Carecas e que constrói uma das bases mais sólidas da ideologia do grupo.

Analisaremos alguns trechos de músicas de bandas atuantes no movimento Careca, com foco no nacionalismo, para compreender, por meio de entrevistas com integrantes do grupo – alguns deles membros das bandas, a ideologia, a crença, o posicionamento e a importância da música como um combustível para fazerem parte dos Carecas do Subúrbio e adotarem a ideologia do grupo para suas vidas.

Sendo uma manifestação reflexiva de diversos atritos sociais (geracionais, classistas, étnicos etc.), as chamadas tribos juvenis convidam-nos a uma valorização analítica da sua potencial dimensão subversiva. Nesses grupos, contudo, a subversão aparece estreitamente associada à conversão. Por outras palavras, as tribos geram sentimentos de pertencas e os seus marcos conviviais são garante de afirmações identitárias. Por isso, nesses grupos encontramos manifestações de resistência à

adversidade, mas também vínculos de sociabilidade e de integração social. (PAIS, 2004, p. 23).

As canções que serão expostas nesse capítulo captam representações do cotidiano dessa tribo, reelaborando e devolvendo-as para o social e, muitas vezes, sendo aceitas como conselhos a serem seguidos. Mas cabe destacar que não analisaremos a música como um reflexo automático e transparente da realidade, mas, sim, como crônicas da ideologia do grupo.

Iniciaremos apresentando três bandas que são relevantes no movimento Carecas: Classe Oi!perária, Histeria Oi! e Soldados da Pátria, contando a história de cada banda e, logo em seguida, apresentando suas músicas para que possamos analisar.

4.1 Os Sons

Os espaços de sociabilidade dos Carecas do Subúrbio são marcados pela presença da música, e são as bandas que fazem a união desse grupo. Afinal, os encontros onde podemos localizar um maior número de Carecas e a principal motivação para que eles se unam são os eventos que recebem o nome de “sons”, organizados por eles mesmos e cujo fundamento é unir o maior número de Carecas, além de alguns convidados deles, para tomar cerveja e curtir as bandas que irão se apresentar.

Um dos primeiros eventos que surgiram com a finalidade de unir os Carecas para ouvir suas bandas e bandas convidadas que compartilhassem de ideais iguais aos do grupo foi o Dezembro Negro. O evento foi criado na década de 1980, época em que os Carecas decidiram que não seriam apenas uma gangue. Os membros pretendiam se estabilizar como um grupo que não tinha apenas a violência como característica, mas uma ideologia que seria passada, não apenas pelo discurso dos integrantes, mas também pelas bandas que começavam a surgir no meio Careca.



Figura 11 – Folder de divulgação do Dezembro Negro de 1985. Imagem enviada pelo Careca A. O.

Com o passar dos anos, o evento Dezembro Negro ganhou um novo nome: Dezembro Oi!, fazendo alusão ao estilo musical bastante ouvido pelos Carecas. Outros eventos foram criados, como o Inverno Oi!, que é, juntamente com o Dezembro Oi!, um dos maiores no meio Careca, além de outros pequenos eventos

que ocorrem durante todo o ano, todos sempre da mesma maneira: um encontro de diversos Carecas que vão para tomar cerveja e escutar a música das bandas.



Figura 12 – Foto de um som Careca. Foto: Renata Matias

Os Carecas não possuem sede, assim, os sons organizados por eles sempre ocorrem em bares que aceitam recebê-los. Os eventos são realizados quase sempre nos mesmos lugares, pois, com a fama de gerar brigas que o grupo carrega, são poucos os estabelecimentos que aceitam seus membros. Também é comum que o dono do local exija uma revista antes da entrada de todos os sujeitos que irão participar do som, para garantir que não portem nenhum tipo de arma, mesmo as armas brancas, como facas e soco inglês, visando diminuir quaisquer incidentes no estabelecimento.

As bandas são o ponto central para a união do grupo, e são elas que transmitem a ideologia Careca e a difundem, até mesmo, para quem quer conhecê-lo. São as bandas que movimentam o grupo e são elas que o mantêm vivo e unido, uma vez que os eventos existentes são voltados a sua apresentação.

Um ponto importante para chamar a atenção é que as bandas se posicionam emblematicamente dentro do movimento. Um exemplo disso é que, quando um novo

membro é aceito para fazer parte do movimento, ele passa pelo batismo, que é conduzido ao som da música da banda Combatentes. Neste ritual, o sujeito que será batizado para entrar nos Carecas é colocado no meio da roda que é formada pelos demais integrantes e, ao som da música Batismo, irá tomar uma surra de seus novos colegas. Essa é uma tradição Careca que ocorre há muitos anos e sempre é realizada em um som. No final, o novo membro recebe sua nova camiseta preta, na qual se lê “Carecas do Subúrbio”, e começa a ser visto como um membro pelos demais.

Para entrar nessa família
Não é muito fácil não
Tem que ter muita atitude
E a pátria no coração

Ele foi apadrinhado
Por nós é considerado
Agora chegou a hora
Ele vai ser batizado

Poe ele na roda, pra ele saber
Que batismo de Careca
É porrada pra valer

Pega esse ae
Enche ele de coturnada
Pega esse ae
Cobre ele na porrada

Para entrar nessa família
Não é muito fácil não
O batismo de Careca
Faz parte da tradição

Batismo / Combatentes

Como a letra da música da banda Combatentes fala, é comum que o novo membro dos Carecas seja apadrinhado por outro Careca, pois para entrar no grupo requer ser admitido. O aspirante a ser um novo Careca passa por um tempo de provação, aonde os outros Carecas, segundo eles, irão analisar sua postura, sua ideologia e ver se ele se adapta ao grupo, quem é seu padrinho também irá contar como ponto positivo para ser admitido ao grupo, mas, no mínimo, o indivíduo fica um ano sendo analisado, e no momento que os demais acreditarem que ele pode ser aceito e que tem esses pré-requisitos para ser um Careca, sem aviso prévio ele será batizado de surpresa em um som Careca.



Figura 13 – Foto de novo membro sendo puxado para ser batizado. Foto: Renata Matias

Deste modo, o ano dos Carecas é marcado por dois sons tradicionais – Dezembro Oi! e Inverno Oi!, para os quais Carecas de outros estados vêm para participar, mas é marcado também por outros sons que garantem a união do grupo.

4.2 Banda ClasseOi!perária

A fim de representar a banda, P. C. concedeu entrevista em um sábado, dia de evento dos Carecas quando a banda iria, mais uma vez, tocar para os membros do grupo.

O entrevistado começa contando como sua afinidade pela música começou e relata que o interesse começou cedo: aos nove anos de idade, ele já gostava de escutar Rock and Roll. Nesse período, a banda de Hard Core dos Estados Unidos Kiss veio ao Brasil, e isso fez com que sua afinidade pela música aumentasse. Logo, fez amizade com garotos que tinham o mesmo gosto musical, mas, quando conheceu O., um rapaz mais velho que morava na mesma rua que ele, P. C. pôde começar a conhecer outras bandas, como os Ramones, uma banda norte-americana de Punk Rock.

Eu comecei a comprar só coisa do Kiss, só escutava Kiss. Aí eu, quando eu tava acho que na 5ª série, eu conheci outro rapaz que hoje mora na Inglaterra. A irmã dele era roqueira velha e ela começava a me emprestar, gravando a fita. Conheci o O., lá da minha quebrada, aí ele me gravou uma fita dos Ramones. Aí que fui começar a conhecer Punk Rock, comecei a curtir o Punk Rock. **P. C.**, 45 anos

Com um gosto musical voltado para o underground desde criança, **P. C.**, ao se tornar adulto, cultivou seu gosto por músicas de Punk Rock e Oi!, dentre outras. Ao conhecer membros do movimento Carecas do Subúrbio que residiam próximo a sua casa, conheceu a música do grupo e ele, então, começou a frequentar o grupo.

O que o atraiu nas músicas do movimento Careca, segundo o próprio entrevistado, foram as letras de protesto, a crítica ao sistema e as letras que abordam o nacionalismo que é presente no grupo, dentre outras questões.

A letra da música de protesto, aquele lance de você ser nacionalista, você lutar contra esse sistema que tá cada vez pior... Essa promiscuidade da molecada tá foda. **P. C.**, 45 anos

Deste ponto, chamamos atenção para a fala do entrevistado em que ele afirma que uma das características das bandas Carecas são as letras de protesto. Segundo Pais (2004), as bandas são o reflexo dos diversos atritos sociais que esses indivíduos enfrentam diariamente, e são as bandas que se posicionam mais emblematicamente em campo de atrito social.

Pais (2004) utiliza-se de Feixe para uma análise estrutural dos estilos de vida e sistemas simbólicos das bandas tribais, para a qual se inspirou no método de Lévi-Strauss, o antropólogo que utilizou seu estruturalismo para compreender a mitologia das tribos indígenas da América do Sul e estudar as estruturas adjacentes da aparência. Pais (2004) detecta, assim, que é a aparência que traz a realização para o mundo das bandas. Esses jovens podem ser vistos como as tribos indígenas foram: como selvagens ou como bárbaros perigosos, pois a juventude pode ser vista como *“a idade mais bela da vida”*, mas dotada de características tanto de agressividade quanto de degeneração social (PAIS, 2004). Assim, Pais (2004) inicia sua abordagem sobre a teoria do Revivalismo Tribal, que é o reviver as origens por meio de símbolos existentes ou reinventados. É por meio da sonoridade, de imagens e de desejos que as bandas utilizam efeitos, como por exemplo, sonoros, e outros meios para conseguirem se ligar com o passado, com sua origem. Ou seja, utilizam-

se de algum aspecto de alguma cultura antiga e inserem-no na atualidade; assim, sentem-se ligados a determinado tempo do passado, como exemplificado pelos Carecas, que se colocam como operários. Até mesmo o nome da banda aqui citada, Classe Oi!perária, é uma mistura do nome do estilo musical Oi!⁹ e da classe operária a que os Skinheads da Grã-Bretanha pertenciam, uma vez que não encontramos Carecas do Subúrbio operários, mesmo que se coloquem nesta posição, como seus ancestrais da década de 1960. Além disso, os Carecas, desde o início, proclamam-se os Skinheads brasileiros e trazem diversos hábitos dos Skinheads de 1969, não apenas apresentando-se como operários, mas seguindo a mesma ideologia do grupo que deu origem aos Skinheads do Brasil.

Os jovens dessas bandas utilizam a criatividade na hora de construir uma música de forma concreta, podendo ela ser fruto de algum atrito social, utilizando da teatralização como uma forma de protesto da situação que vivenciam nas metrópoles (PAIS 2004). As dramatizações ou teatralizações que são feitas pelas tribos juvenis são uma forma, para eles sagrada, de incorporar, simbolicamente, traços e tensões da sociedade. Se estivessem ausentes esses símbolos, os sentimentos sociais teriam apenas uma existência precária. Os símbolos são uma espécie de linguagem em que o presente dialoga com o passado e com o futuro.

Trazer o passado para o futuro por meio de ritmos parece ser uma forma de revigorar o social para quem vive uma existência precária. Pois o passado não é um objeto de preservação, mas é também uma permanente reconstrução, tendo por base o presente, que ganha sentido com representações recriadas do passado. Em outras palavras, quando um jovem se vê em situação de abandono, ele recorre a vínculos que o integrem, mesmo que seja de forma distorcida, mas que espelhem um passado feito de conquistas memoráveis (PAIS, 2004).

Em uma realidade carregada de imaginário, o que se busca em contexto tribal é a liberdade. É neste contexto que se redescobrem pertencências identitárias encontradas em um mundo fragmentado. São identidades que se materializam no

⁹ Oi! é o nome popular do gênero musical Streetpunk, uma variação do Punk Rock que surgiu no final dos anos 1970 no Reino Unido. É o Punk Rock com influência das subculturas Bootboy (Hooligan) e Skinhead. É apreciado principalmente por Punks e Skinheads.

aqui e agora. Por isso, os grupos juvenis investem no visual e na performance corporal, como se recuperassem, assim, uma existência desembaraçada de qualquer constrangimento social.

No fundo, trata-se de uma teatralização que encerra o drama onde, segundo a metodologia da dramatização, proposta por Duvignaud, a existência social é representada, performatizada, ritualizada. Mas o que nessas dramatizações importa reter é a sua capacidade de parodiarem a existência de contradições sociais relevantes, convidando a sociedade a rir de si mesma. (PAIS, 2004. p. 34).

Um fato interessante é que as bandas mais adeptas do Revivalismo Tribal reivindicam diferentes tradições culturais e musicais. Isto pode ser uma forma de se reencantarem com o mundo e de se religarem. As identidades de bandas musicais que estão mais ancoradas a tensões sociais têm uma configuração caleidoscópica, como se o presente fosse o espelho do passado. (PAIS, 2004).

Em nosso sujeito de pesquisa, Carecas do Subúrbio, podemos observar que os grupos musicais se posicionam em atritos sociais por meio da música contra as ideologias das quais não partilham, e a música é a forma de expressar aquilo que acreditam ser coerente e certo para a sociedade. Além de estar marcado na fala de **P. C.** e na de outros entrevistados, é também extremamente claro, quando se está dentro de um evento Careca, que é a música que os une; como é a música que traduz qual é a posição do grupo e aquilo a que se opõem; e como são as bandas as suas porta-vozes para protestarem. Mais do que isto, são as músicas que atraem novos membros para o grupo, pois é através da música que outros indivíduos vão conhecer a ideologia dos Carecas e se interessar para fazer parte do grupo.

Por acreditar na importância do papel das bandas musicais dentro do movimento Carecas do Subúrbio, **P. C.** resolveu fazer parte de uma banda, a Classe Oi!perária. O conjunto começou com o Careca **N.**, que, antes de se tornar membro dos Carecas, era Punk e tinha uma banda. Ao migrar de grupo, trouxe consigo a ideia de continuar a fazer música e adaptou tanto o nome da banda quanto as letras para a realidade Careca. **N.** juntou-se com **T.**, **B.**, **C.** e **M.**, escreveu novas músicas e eles passaram a tocar nos eventos Carecas.

Eu queria tá no movimento Careca, eu queria participar mais, ser mais ativo, queria ajudar de alguma forma, então eu fiz a banda, pra poder tá

contribuindo com alguma coisa, pra mim poder tá fazendo por onde, pra mim ser reconhecido [sic]. **N.**, 38 anos.

O nome do grupo surgiu de uma mistura com o nome do estilo musical que a banda toca, o Oi!, e a classe a que o grupo afirma pertencer, a classe operária, imagem inspirada nos Skinheads de meados de 1969.

Com o tempo, **N.** se desentendeu com os demais membros da banda, pois ele se dizia integralista e os demais, não. **N.** não aceitava que os demais não seguissem aquilo em ele acreditava, assim a banda acabou.

N. entrou então em contato com um primo, **R.**, também Careca, que tampouco sabia tocar bateria, mas aceitou participar. Convidou também **D.** e **P. C.** para tocar contrabaixo, apesar de o entrevistado também não saber tocar.

O **R.** me ligou pra eu fazer o contrabaixo, só que eu não sabia tocar nem campainha, não sei até hoje. Engano aí, quem não conhece acha que estou tocando. Sou fraquíssimo, faço solo em 3/4 notas, não sei tocar. Lembro que a gente foi fazer o primeiro ensaio lá no **B.** [nome de um bar frequentado por tribos urbanas], e o **B.** fazia evento pra tudo quanto é tio de gangue, e nesse dia que a gente foi ensaiar tinha um som Punk lá. Quando os caras começaram a chegar e viram a gente lá, os caras começou a debandar, os caras não entraram, falaram: “poxa, tem uma pá de Careca aí, mano”. Só que chegou uns moleques desinformados e ficou lá. Aí o **B.** chegou: “pow, vai zuar os caras?” “Não, a gente tá de boa”, ficamos tomando cerveja. Aí os moleques começaram: “não vai ter som, não vai ter som”, o **B.** falou: “ah, as bandas não vieram” - ele também não sabia se as bandas viram a gente e vazou. “Tem os caras aí, se quiserem eles tocam pra vocês”. Os moleques: “demorou!” A gente ficou tocando, aproveitando pra ensaiar, os moleques ficaram agitando, uns 15 moleques. Foi o primeiro ensaio comigo na banda. **P. C.**, 45 anos

A banda logo mudou mais uma vez de formação, perdendo **D.** e **R.** Entrou no grupo então o professor de bateria **L.**, podendo, assim, auxiliar na melhoria da banda. Por mais ou menos dois anos, a banda manteve essa configuração, até que **N.**, teoricamente o dono da banda, resolveu se afastar dos Carecas do Subúrbio e ir para a outra ramificação, os Carecas do ABC, motivo esse que desestabilizou a banda dentro do Subúrbio - apesar de ambos se autoproclamarem Carecas, os grupos não andam juntos e possuem desafeto entre si.

N., ainda não satisfeito com o grupo de que fazia parte, montou com outros indivíduos um novo grupo Skinhead. Ele não queria mais tocar para o Subúrbio e, por outro lado, **P. C.** e **L.** também não queriam tocar para o grupo de que **N.** fazia parte. Mais uma vez o Classe Oi!perária parava de tocar. **N.**, por sua vez, seguia sua

vida no outro grupo, e como já gostava de estar participando de banda, montou um novo grupo dentro do movimento de que faz parte.

N., que era muito amigo de **P. C.**, afastou-se do entrevistado, bloqueando seus contatos após estabelecer sua nova banda e fazendo com que o Classe Oi!perária realmente acabasse.

Em um evento Careca, o famoso e tradicional Dezembro Oi!, **D.**, um Careca muito conhecido entre o grupo e de grande relevância, pois sempre se coloca como linha de frente nos Carecas do Subúrbio, estava tocando com sua banda. **D.** começou a chamar diversos Carecas que faziam ou que tivessem feito parte de alguma banda Careca para subir ao palco e cantar, incluindo **P. C.** Apesar de resistir inicialmente, o entrevistado subiu e cantou - isso foi o suficiente para que os demais Carecas comessem a convidar o Classe Oi!perária para tocar nos eventos novamente. **P. C.**, no entanto, resistia, justificando que a banda havia acabado.

Determinado dia, **P. C.** comentou com seu filho sobre a procura pela banda e este sugeriu que o entrevistado montasse uma nova banda, tocasse cover de outros grupos, e no meio, algumas músicas do Classe Oi!perária. Nesse meio-tempo, **N.** ficou sabendo que **P. C.** tinha o intuito de montar uma nova banda e fazer cover, mas **N.** decidiu dar a banda para **P. C.** continuar com ela, se era essa sua vontade.

Aí foi nessa ideia, essa ideia, aí o **N.** começou a ensaiar no estúdio do **L.** novamente, com a outra banda dele que agora me falha o nome dessa banda aí... Ação Extrema, Ação Extrema, a banda dele. Aí o **L.** comentou isso, que o pessoal chamou pra fazer e tal, e o que ele achava. Ele falou: "é o seguinte, se o **P. C.** quiser seguir com a banda, segue com a banda. Se ele quiser cantar, ele canta, se quiser umas letras, eu passo pra ele, adapta, faz o esquema dele". **P. C.**, 45 anos

O Classe Oi!perária, é formado atualmente por **P. C.**, **L.** e **L. S.** e é uma banda Careca, mas que não toca apenas para os Carecas do Subúrbio. Eles tocam para Carecas do ABC e em outros eventos musicais não ligados aos Carecas. A banda apenas deixa de tocar em eventos que tenham Nazistas.



Figura 14 – Banda Classe Oi!perária. Integrantes da banda. Imagem enviada pelo Careca P. C.

Segundo o entrevistado, as músicas da banda falam sobre problemas sociais dos brasileiros, sobre integralismo, nacionalismo e faz algumas sátiras sobre a situação do Brasil. L. atualmente é o responsável por compor as letras da banda. Para P. C., as músicas, apesar de serem tocadas em eventos que não são dos Carecas do Subúrbio, têm suas letras totalmente voltadas para os Carecas e para a expressão das ideologias do grupo. Além disso, P. C. acredita que a banda seja uma formadora de opinião dentro do grupo e fora também, pois as músicas veiculadas na internet ganham maior dimensão, conseguindo alcançar um maior número de pessoas.

Fora também. É claro que, como a gente não é uma coisa que vincula na mídia [sic], é mais difícil atingir outras pessoas, é muito mais dentro da banca. A gente procura gravar um CDzinho, passar pra um, pra outro, pôr no YouTube. Eu tenho uma página da banda que eu quase não tava entrando. O que tem de nego de fora me pedindo coisa e curte o som... Fora que eu digo é fora de São Paulo, pede pra mandar a camisa lá pra casa do chapéu e acaba o frete saindo mais caro que a camisa, aí joguei a resposta na mão de outro cara pra fazer isso aí, [mas] o cara também se enrolou. Você vê que o pessoal curte as letras e nem são Carecas. P. C., 45 anos

As músicas são disponibilizadas na internet para download por meio de blogs Carecas e também em CDs, que são vendidos nas apresentações do grupo. Os integrantes da banda acreditam que os Carecas compreendem melhor as mensagens do movimento por meio da música.

Ao observarmos de perto as letras das músicas da banda, podemos constatar que o cotidiano dos brasileiros que os integrantes da banda afirmam relatar em suas músicas é também a realidade dos próprios membros da banda – podemos observar que são poucos os Carecas que possuem uma situação financeira estável. A maior parte dos membros tem pequenos salários, mas eles se ajudam entre si e enfrentam as dificuldades sociais que relatam em suas músicas. Nas letras, apontam também outros problemas sociais como o da prostituição de menores e alcoolismo, apesar de o álcool ser extremamente presente no grupo. Abordam, ainda, a questão do operário, mesmo os Carecas não fazendo mais parte dessa classe, pois, atualmente, encontram-se em outros tipos de emprego. O operário, todavia, como citado acima, faz alusão aos seus ancestrais Skinheads de 1969. As letras também falam sobre a necessidade de lutar, mesmo que seja pela violência física - algo que, desde o começo do movimento, está presente nos Carecas.

Lutamos todos os dias em busca da perfeição
Nessa vida sofrida, batalha pelo pão
Pobre massacrado, escravizado pelo patrão
Operário castigado, sangue e suor pela nação

Lutamos todos os dias

A juventude está largada, está na droga e na perdição
As meninas de 12 anos, já beirando a prostituição
Vou meter as nossas cabeças, pegar futuro com as mãos
mete o pé nesses otários, e derramar seu sangue pelo chão
Lutamos todos os dias / Classe Oi!perária

Além disso, a banda apresenta músicas que tratam sobre o cotidiano Careca, o governo e suas ideologias. Na música Subúrbio e ABC, podemos observar diversas ideologias do movimento Careca, a ideia da luta diária para manter a sua sobrevivência, o orgulho por serem Carecas, sua oposição perante o Estado, o hábito de frequentarem bares, o gosto por futebol e a unificação das ramificações Carecas do Subúrbio e Carecas do ABC. Esta música foi composta em 2012, quando o Careca N. ainda fazia parte do movimento e da banda, em uma tentativa de unir os Carecas do Subúrbio e do ABC. Esses dois grupos Carecas compartilham de ideologia muito semelhante, e é sazonal quando estão juntos ou não: isso irá depender de brigas internas entre os dois grupos. Uma parte dos Carecas é a favor de uma união, passando a serem todos apenas Carecas do Subúrbio, e outra parte luta contra essa unificação. A letra em questão impulsionou diversos eventos

Carecas e é conhecida e lembrada até os dias de hoje, pois apesar de os dois grupos não estarem unidos, compartilham da mesma realidade.

Lutar para vencer
 Vencer para viver
 Carecas do Subúrbio
 Carecas do ABC
 Nós somos a Carecada
 Andando pela cidade
 Tentando sobreviver
 Nessa calamidade
 Porque nós somos os Carecas: Subúrbio e ABC
 Tentando escapar
 Da algema do Estado
 Não sei por que errei
 Mas fui crucificado
 Porque nós somos os Carecas: Subúrbio e ABC
 Parece um batalhão
 Classe operária a marchar
 Estamos todos juntos a procura de um bar
 Porque nós somos os Carecas: Subúrbio e ABC
 Nós somos a Carecada
 A raça mais odiada
 Gostamos é de mulher, futebol e cerveja gelada.
 Porque nós somos os Carecas: Subúrbio e ABC
 Andando pela cidade, eu pude perceber.
 Que todo o nosso ódio está contra você
 Porque nós somos os Carecas: Subúrbio e ABC
Subúrbio e ABC / Classe Oi!perária

Ser Careca não é fazer parte de um grupo ou uma gangue, não é apenas brigar nas ruas ou frequentar os eventos musicais; para os membros, ser Careca é um estilo de vida. Eles são Carecas “24 horas por dia”. Segundo o entrevistado, em qualquer lugar em que estejam, a ideologia Careca está com eles e permeia a forma com que irão agir. Desta forma, podemos observar na música que o “ser Careca” é exaltado, e o quanto os membros são orgulhosos.

Nascemos em uma época em que tudo se mudou
 O movimento Skinhead cresceu e se organizou

 Skinhead é lealdade, Skinhead é poder
 Skinhead é atitude, é minha forma de viver

 No sol ou na chuva, na cadeia ou na rua
 Não importa onde é que estou
 Odiado e Orgulhoso

 Skinhead é lealdade, Skinhead é poder
 Skinhead é atitude, é minha forma de viver

 Lutamos pela nação, ideal e cultura
 Por isso que a encrenca sempre nos procura

Skinhead é lealdade, Skinhead é poder
Skinhead é atitude, é minha forma de viver

O seu certo está errado, e não ficarei calado
Minha bota é minha arma, minha bota na sua cara

Skinhead é lealdade, Skinhead é poder
Skinhead é atitude, é minha forma de viver
Subúrbio e ABC / Classe Oi!perária

As demais letras das músicas da banda Classe Oi!perária serão apresentadas no capítulo em que analisaremos a questão do nacionalismo Careca e sua ideia de heróis nacionais.

4.3 Banda Histeria Oi!

Em um novo estilo de evento dos Carecas, a “Discotecagem Careca”, onde os membros do movimento e convidados se reúnem não para ouvir as bandas Carecas tocarem, mas para beberem cerveja, conversarem e ouvirem músicas em LPs, selecionadas por um DJ também membro do movimento, encontramos M. e R., membros da banda Histeria Oi!, extremamente conhecida no meio underground, para realizar a entrevista sobre a banda e suas músicas.

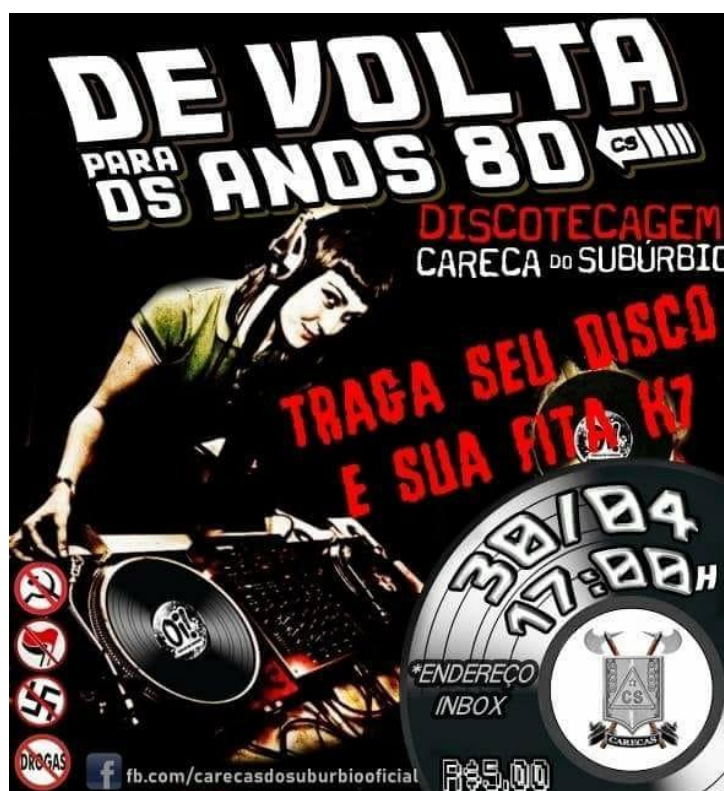


Figura 15 – Imagem do folder de divulgação da Discotecagem dos Carecas do Subúrbio.
 Imagem enviada pelo Careca **A**.

No ano de 1982, marcado pelo festival “Começo do Fim do Mundo”¹⁰ - um festival Punk que ficou conhecido no meio underground e nas notícias que repercutiram durante e após o seu término, o Histeria dava seus primeiros passos. **V.** e **R.**, um trabalhando como office boy e o outro como taxista, tinham dificuldades para comprar os instrumentos de que necessitavam para montar uma banda. Com o tempo, conseguiram encontrar outras pessoas que acolhessem a ideia de montar uma banda Punk e aceitassem se tornar integrantes dela. Ambos eram amigos de escola e, lá, encontraram **A.** para ser o baixista. Com o tempo, conseguiram mais um baixista para a banda, **T.** Daí em diante, a banda tomou uma forma mais séria e os ensaios começaram a ter dia, hora e local certo para acontecerem. Mas **T.** tinha planos de cursar uma universidade, algo que não era almejado pelos demais membros, então ele logo se desvincilhou da banda, dando espaço para **R.**, **D.** e **C.** A banda já começou participando do festival Punk “Começo do Fim do Mundo” e começou a fazer sucesso no meio Punk como uma banda de Oi!.

Compramos uma bateria velha, uma guitarra velha, um amplificador e começamos a ensaiar em casa abandonada aqui no Tatuapé. Largava as coisas lá, metia o cadeadão, morria de medo de alguém levar. Arrumamos um baixista, um camarada nosso chamado **A.**. A gente estudava num colégio - tentava estudar, né, eram dois xaropes. Nem sabia o que queria estudar. Conseguimos um baixista e montamos a banda na época, eu, o **V.** e o **A.**. Tivemos a treta com a família dele, a família dele não queria que tocassem com a gente. A ideia da banda era uma banda Punk, era aquela coisa do “faça você mesmo”. Não tinha essa coisa da referência, esse, aquele. Referência era Ramones, mais Ramones que qualquer outra coisa, que era dois, três acordes e acabou. Com o tempo, arrumamos outro baixista, que era o **T.**, aí que começamos a tocar mesmo, realmente a tocar como banda mesmo, tem ensaio, tem horário. Passou um tempo, o **T.** virou o cabeça, virou cabeça no modo de falar. Ele queria estudar, era todo moleque, né, 18, 20 anos. Ele queria fazer faculdade e enchia o saco nesse sentido. Nós chamamos o **R.**, que já era conhecido nosso, amigo de infância, e precisava arrumar um outro vocalista, porque o **V.** era vocalista, mas guitarra e vocal já não tava legal só ele. Aí nós arrumamos o **C.**.

¹⁰ Organizado no Sesc Pompeia em São Paulo, nos dias 27 e 28 de novembro de 1982, no ano mais forte do movimento Punk em São Paulo, o “Começo do Fim do Mundo” foi um evento cuja proposta era firmar a união entre grupos Punks da capital e do ABC Paulista, que vinham envolvendo-se em conflitos cada vez mais violentos. O festival teve como atração shows, mas também trazia discos, fanzines e filmes de bandas Punks. O evento também ficou conhecido porque há relatos de que, no segundo dia de shows, a polícia invadiu para queimar documentos relacionados à ditadura, registrando, assim, alguns conflitos.

Depois de uns três ou quatro meses, arrumamos também o D., aí veio a formação da banda mesmo. V., 51 anos



Figura 16 – Recorte de jornal com a notícia sobre o sucesso no Brasil da banda Histeria Oi!.

Imagem enviada pelo Careca V.

Os entrevistados afirmam que nunca migraram para os Carecas, pois eles são uma banda, não pertencentes ao movimento Punk, apenas se estabilizaram naquela época tocando músicas Punks, grupo existente quando o Histeria surgiu. Em 1982, os acontecimentos no meio underground estavam todos relacionados ao movimento Punk, que estava no seu auge, não apenas no Brasil, mas em outros países. Com o tempo, os membros da banda começaram a se identificar com as primeiras notícias que chegavam sobre Skinheads no Brasil e, mais tarde, com os Carecas do Subúrbio, que surgiam também atraídos pelo estilo de música Oi!, algo que trouxe afinidade para os membros do Histeria Oi!.

A necessidade dos jovens daquela época de se agruparem por gostos e ideologias ocorre até hoje, quando os indivíduos adotam um ponto de vista mais crítico e emotivo em relação ao mundo e aos acontecimentos, dando lugar ao prazer e à emoção, resgatando uma sensibilidade que se destaca entre as novas gerações e substituindo o individualismo que, até então, perpetuava na modernidade, segundo Maffesoli (2010), entrando na fase que o autor nomeou como Tribal.

Para podermos compreender as bandas e as motivações para que os indivíduos se juntem e dediquem-se às suas músicas de protesto, precisamos compreender o que os motiva a estarem juntos, nas conhecidas tribos urbanas.

Para Maffesoli (2010), a persona é um indivíduo que é mutável e se integra em uma variedade de situações que só serão validadas se forem representadas em conjunto – assim, a persona só existe na relação com o outro. Ou seja, é a relação comum nos grupos, não apenas nos nossos sujeitos de pesquisa, mas, ao pensarmos neles, compreendemos que são as afinidades, as vivências do dia a dia que eles sentem em comum que fazem com que eles se aproximem e formem um grupo. Deste ponto, as bandas têm o papel de interlocutoras das ideologias do grupo, pois as letras das músicas cantadas transmitem a mensagem do grupo, tornando os espaços de sociabilidade marcados pela presença da música, que une o grupo com o sentimento de pertença.

Baseadas na necessidade de solidariedade e do sentimento de pertença, as tribos têm o papel de realizar o processo de desindividualismo, valorizando o papel de cada pessoa dentro dela, mas, ao mesmo tempo, ressaltando que todos que fazem parte de um grupo. As tribos urbanas transformam a identidade de cada sujeito em uma subjetividade comum, o sentimento de paixão compartilhada, de fazer parte de algo em que acreditam comunitariamente.

A adesão a estes grupos é sempre realizada de uma maneira rápida. O jovem tem uma enorme facilidade em adotar determinada tribo para si, mesmo sem haver um objeto concreto que possa assegurar a continuidade desse grupo. É uma rede de amigos que se reúne para afirmar o sentimento que os fortalece como grupo e como indivíduos, o sentimento de pertença. Sua união é o que chamamos de comunidade social, sua orientação é sociabilizar-se por meio de relações emocionais. Ou seja, a comunidade é a unificação de diversos processos de integração dos sujeitos e resulta em suprir a necessidade do grupo em atender o seu desejo de sentir-se pertencente, utilizando-se para isso qualquer ligação emocional ou afetiva.

É o que move toda e qualquer tribo. É o acreditar naquilo. O cara acredita, ele pensa igual ao outro que tá do lado dele e acredita tanto quanto ele. Essa é a mola propulsora ou que dá aderência entre as pessoas dentro do movimento. V., 51 anos

Essas comunidades podem ser abertas ou fechadas, o que irá depender da tradição, das regras, das crenças, dos valores e das atitudes afetivas do grupo. A admissão ou rejeição de um novo integrante pode variar muito, de modo que vários

requisitos criados pela tribo determinarão as características necessárias do indivíduo e se ele atende às exigências para fazer parte do grupo.

As comunidades abertas e a emoção partilhada são o que desperta a grande variedade de grupos que chegam a construir laços sociais com bases sólidas, ou seja, os indivíduos estão se organizando em microtribos e buscando novas formas de solidariedade que não conseguem encontrar nas grandes instituições sociais habituais. O tribalismo é a tradução da necessidade dos indivíduos de estarem juntos, podendo compartilhar emoções em comum. É o que Maffesoli (2010, p. 129) denomina cultura do sentimento, formado por relações em conjunto com o outro, por formas coletivas de empatia, tendo como única preocupação o presente vivido coletivamente. O encontro de interesses complementares cria um lado social, outro tipo de solidariedade que possui moral própria, dando origem a uma nova organização social.

O homem não é mais considerado isoladamente. E mesmo quando admitimos, e eu teria tendência a fazê-lo, a preponderância do imaginário, não devemos esquecer que ele resulta de um corpo social e que, de retorno, volta a materializar-se nele. Não se trata, exatamente, de autossuficiência, mas de constante retroação. Toda vida mental nasce de uma relação e de seu jogo de ações e retroações. (MAFFESOLI, 2010, p. 129).

O encontro de interesses complementares dá origem a um novo princípio de solidariedade, fundada na diversidade (MAFFESOLI, 2010). É a complementação de partes diversificadas, chamada de solidariedade orgânica. Para que ela exista, o indivíduo necessita obter maior autonomia, uma consciência individual livre, para que haja a diversidade de papéis sociais. É a busca por outros indivíduos que tenham pensamento, desejo, ideologias e sentimentos semelhantes entre si. Em outras palavras, é a busca por sujeitos que pensam igualmente a nós. Esta relação de solidariedade é o que as tribos urbanas ofertam para seus integrantes, o sentir em comum.

É nítido na fala dos membros das bandas estudadas que a motivação que os leva a participar do movimento Careca ou a ser uma banda que toca para os Carecas do Subúrbio é a identificação, o sentimento de pertencer a um grupo que tem a mesma ideologia, a mesma vontade de levar a vida.

Eu, por exemplo, sou Oi!, sou Skinhead, eu tenho a minha forma de pensar, como Skinhead, no sentido de irmandade. Porque Skinhead, além de tudo, é um sentido de irmandade, o princípio básico é a irmandade. Somos todos irmãos, independente dele pensar [sic], do outro pensar, nós somos irmãos. **V.**, 51 anos

O que vemos nas falas e nas atitudes dos membros é um sentimento que podemos chamar de paixão, pois eles acreditam no meio onde estão, acreditam em sua ideologia, levam o “ser Careca” todos os dias como uma doutrina. Acreditam que o grupo seja dotado de soluções para os problemas em que eles se encontram, mesmo que essa ideia seja utópica, pois, mesmo apresentando o movimento em suas falas como a “salvação”, a maior parte dos membros encontra-se com diversos problemas, como financeiros, por exemplo, mas a crença de que é o movimento que irá mudar sua realidade permanece; a afinidade pela ideologia que o grupo prega os entrelaça e faz com que continuem pertencentes ao movimento. Muitos acreditam que de dentro dos Carecas pode sair a salvação para os problemas que o país enfrenta e até mesmo que esta salvação seja por meio da política, por acreditarem que a ideologia Careca seria a ideal não apenas para governar, mas para trazer mudanças significativas ao país.

Eu, até hoje, se tem alguém do movimento que aspire a um partido e se eleger um vereador, eu gostaria que tivesse essa pessoa, que realmente com o ideal Careca que se engajasse na política. **R.**, 52 anos

Nós somos uma banda que tem em suas características uma identidade forte com o movimento Oi! e os Carecas fazem parte disso. **R.**, 52 anos

Quando **R.** afirma que a banda Histeria tem afinidade com o estilo musical Oi!, como os Carecas e os Punks também têm, vale contextualizar que Garry Bushell, jornalista da década de 1980, quando retirou o termo Oi! da música dos Cockney Rejects "Oi! Oi! Oi!", afirmava que se referia a um estilo musical que unia "Punks, Skins e toda a juventude sem futuro". Vale também lembrar que, primeiramente, o Oi! foi associado aos Skinheads Nazistas, pois existiam bandas neste meio que tocavam esse estilo musical. Porém, vários outros estilos de bandas começaram a tocar esse estilo de música e se declararam publicamente contra a associação do Nazismo com o Oi!, Com o tempo, os Skinheads Nazistas se afastaram do estilo musical Oi!, ligando-se ao estilo musical RAC¹¹ (OLIVEIRA, 2017). Ao se

11 Rock Against Communism: movimento musical que contém letras de ideologia política. Apesar de seu nome confrontar-se diretamente com o comunismo, suas músicas nem sempre são focadas no mesmo.

conectarem com o estilo musical Oi!, que chegou ao Brasil por meio de fanzines e pelo contato de membros de bandas brasileiras com bandas do underground estrangeiro, fazendo com que diversas bandas do Brasil, no meio tribal, fossem influenciadas por esse estilo, é claro observar que os jovens que se sentiam pertencentes à realidade que o underground estrangeiro trazia, os jovens considerados “sem futuro”, encontraram nesse estilo musical o sentimento necessário para adotá-lo para si e para o grupo do qual faziam parte. Houve, assim, uma grande aceitação do estilo não só por Punks, mas também por Carecas que se posicionavam contrários à ideologia Punk, todavia compartilhavam o sentimento de pertença no estilo musical Oi!.

Perante uma sociedade em que os laços sociais estão cada vez mais frágeis, o neotribalismo é a resposta desses indivíduos a uma sociedade fragmentada e individualista. A vivência no interior das tribos é o que permite que exista a possibilidade de um encontro afetivo, um canal simbólico de expressão identitária.

Na sociedade, o sujeito pode assumir diferentes papéis e pertencer a diferentes tribos. Com uma simples mudança de figurino, o indivíduo pode se encontrar e participar de uma tribo, depois mudar novamente e pertencer a outro grupo, daí o grande índice que vemos de migração dentro das tribos, principalmente, dos Punks para os Carecas.

A autenticidade dramática do social corresponde à trágica superficialidade da sociedade, como argumenta em seu livro Maffesoli (2010). Daí, então, entendemos a importância da estética para esses grupos, pois o propósito da vida cotidiana pode ocultar-se na superficialidade das coisas. Logo, a estética é um modo de experimentar, de sentir em comum e é, também, uma maneira de reconhecer-se. Sendo assim, os cabelos diferenciados, as roupas, entre outras características, servem de cimento para fortalecer essa relação grupal.

A teatralidade instaura e reafirma a comunidade. O culto do corpo, dos jogos da aparência só valem porque se inscrevem em uma cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador. (MAFFESOLI, 2010, p. 129).

É essa teatralidade que encontramos incorporada até mesmo nas roupas, como na imagem a seguir de um membro da banda Histeria Oi! no ano de 1984. As

roupas são características aos jovens tribais daquela época, mas são adotadas até os dias de hoje: camiseta de banda, calça jeans e coturno. As peças são utilizadas não apenas pelos Carecas, mas também pelos Punks, com alguns detalhes de diferença - nos Punks, encontramos um estilo de cabelo colorido e comprimento maior, ao contrário dos Carecas, que utilizam cabelo curto e raspado. Também há diferença nas escolhas de camisetas de bandas, que nem sempre são as mesmas escolhidas por essas duas tribos.



Figura 17 – Guitarrista da banda Histeria Oi! Imagem enviada pelo Careca V.

Com isto, são identificados núcleos sociais organizados cada vez menores, denominados tribos urbanas. As diferentes formas de um indivíduo se vestir ou até mesmo a utilização de objetos em seu corpo como piercings e tatuagens remetem a uma era distante na qual o homem utilizava-se de símbolos em seu próprio corpo, como os índios. Estes símbolos são também uma forma de teatralidade existente nas tribos.

Com a metáfora da religião, Maffesoli (2010, p. 142) adota o termo “religiosidade” para traduzir um imaginário vivido em comum em que se inauguram as histórias humanas. Tanto a religiosidade quanto outros aspectos como a estética fazem com que os grupos criem novas formas de reagrupamento, novas crenças e valores, mas todos voltados para um só fim: o sentimento de pertença.

Quando observamos as rupturas importantes na história das mentalidades, como afirma Maffesoli (2010), é fácil compreender que a efervescência que é causa e efeito delas é frequentemente assumida por pequenos grupos religiosos que se vivenciam como totalidade, pois vivem e agem a partir de um ponto de vista de totalidade. Ou seja, a separação do idealismo não tem mais sentido, os modos de vida são vividos como tais, e são representados no dia a dia, a banalidade e a utopia, a necessidade e o desejo, transformando seus laços sociais.

Esses pequenos grupos tendem a restaurar estruturalmente a eficácia simbólica, constituindo pouco a pouco uma rede mística, com fios mais sólidos que permitem falar do ressurgimento da vida social. Essa é considerada a lição que aprendemos das épocas de massa, que se apoiam na concatenação de grupos com intencionalidades exigentes. É o que Maffesoli (2010) nomeia de reencantamento do mundo.

Na identidade religiosa, tal como existem épocas que foram caracterizadas em nossa história por eventos resultantes diretamente ou indiretamente de ações da igreja, houve grupos que se destacaram por serem diferentes da onda trazida pelo cristianismo, como as seitas. Vale ressaltar que, nesse período, a Igreja era o verdadeiro governo de muitos países fundados com suas ideologias no catolicismo romano (MAFFESOLI, 2010).

Uma das grandes características das seitas é privilegiar o aspecto instituinte, que, por um lado, tem sua força do estar junto sempre renovada e, por outro, a relativização do futuro, a importância dada ao presente na tríade temporal. A seita é uma comunidade local que não tem necessidade de uma organização institucional visível. Para este grupo, basta apenas o sentimento de que se faz parte da comunhão invisível dos crentes. Ou seja, é um pequeno grupo que funciona na proximidade e que se inscreve em pontilhado em um conjunto mais amplo.

Além disso, Maffesoli (2010) afirma que na seita há a existência da burocratização, podendo existir chefes ou gurus. É um sistema hierárquico que torna cada membro indispensável, todos fazem parte de tudo. Estar presente, ser próximo, o sentimento de participação em um todo e a responsabilidade são algumas características desse grupo.

O tipo religioso serve para exemplificar com perfeição o fenômeno das redes de contato desses indivíduos, que escapa a qualquer espécie de centralidade e até mesmo, muitas vezes, da racionalidade. Os modos de vida contemporânea não se reproduzem a partir de um polo unificado. De maneira aleatória, sob o controle do acaso, são distribuídos de ocorrências, de experiências e de situações variadas. Mas todas induzem os agrupamentos afinitários.

A existência cotidiana não é apenas assunto de alguns, ela se tornou um processo de massa. A estética, por sua vez, não pode mais resumir-se em uma questão de gosto ou de conteúdo. Agora, a estética é a forma pura que é de interesse, ou seja, como se vive e como se exprime a sensação coletiva (MAFFESOLI, 2010).

Com o passar das épocas e sabendo-se que cada uma teve determinada concepção da alteridade que determinou a forma essencial de uma dada sociedade, resultou que, além de existir uma sensação coletiva, houvesse uma lógica de rede. Ou seja, os processos para atraírem indivíduos ou para repeli-los de um grupo são feitos por meio de escolhas estabelecidas dentro do próprio grupo, como afirma Maffesoli (2010): quer dizer, algo que dá precedência ao calor afetivo, ou que, pelo menos, demonstra que este tem um lugar privilegiado na estruturação ou no objetivo social. (MAFFESOLI, 2010, p. 149).

A dessocialização, como cita Maffesoli (2010), é ocasionada pela cultura de massa e resulta na pluralização de grupos primários, causando um novo enfoque para a subjetividade, trazendo novas noções de hábitos e valores aos indivíduos e a habituação das tribos urbanas a um novo cenário.

O fenômeno das tribos urbanas não está presente apenas entre os jovens, mas é nesse meio que ele mais se perpetua, pois alimenta a ideia do “ser jovem” e

de sua necessidade em se adequar em um grupo que seja o reflexo do moderno, do novo e do arrojado, da necessidade de pertença e de aceitação do seu “eu” perante os demais. É esta ideia que as tribos geram e que é vendida pela cultura de massa, criando produtos próprios e marcas a serem consumidas por esses indivíduos.

Os grupos têm como foco manterem-se aquecidos. Se suas manifestações ou agrupamento gerarem um bem comum, esse aspecto será considerado secundário, pois, para o neotribalismo, o que está em jogo é viver em conjunto, sentir-se acolhido.

Essa rede que liga os grupos com a massa não tem a rigidez dos modos de organização que conhecemos. Remete antes a um estado de espírito, a uma ambientação, manifestando-se por meio dos estilos de vida que vão privilegiar a aparência e a forma. Trata-se do inconsciente ou consciente coletivo que serve de matriz para a multiplicidade das aparências, das situações e das ações grupais, como cita Maffesoli (2010).

Esses grupos ganham mais força com o viés midiático e podem ser encontrados no consumismo das grandes lojas de departamentos e em grandes centros comerciais que, além de venderem o produto, destilam simbolismo, ou seja, vendem o sentimento de pertencer a alguma espécie em comum. Assim ocorre quando o Oi! é adotado pelos Punks e Carecas, pois o estilo ganha um grande enfoque da mídia e é vendido no Brasil para esses grupos que se identificam com ele e o adotam.

Podemos observá-lo, igualmente, nesse caminhar sem rumo definido que se pode observar nas avenidas de nossas grandes cidades. Observamos com atenção, esse ombro a ombro indistinto, que se assemelha às peregrinações animais, é, de fato, constituído por uma multidão de pequenas células que entram em interação. (MAFFESOLI, 2010, p. 168).

É importante ressaltar que existe um constante movimento de vaivém entre as tribos e a massa, estabelecido em um conjunto que tem medo do vazio. Esses símbolos e signos que, desordenadamente, manifestam-se nas ruas das grandes metrópoles, nas praias, na música, não poupam nenhum domínio dessa ambiência. Essa lógica tribal não poderia existir se não estivesse inserida na massa, por meio do encadeamento da rede, e é assim que as bandas se alimentam e crescem, pois

geram para os membros do grupo o sentimento de pertença, angariando novos membros para o grupo que escutam suas letras e se identificam com a ideologia. Por isso, para os membros do Histeria Oi!, não importa para quem eles estivessem tocando: o importante é que estivessem tocando o que eles acreditam, sua ideologia.

Nós não temos restrição de tocar em lugar nenhum. O propósito da banda sempre foi esse. Ah! Vai ter um evento de playboy, não importa; chamando a gente pra tocar, nós vamos tocar, só que vamos tocar aquilo que a gente acredita. Nosso ritmo, nossas letras, nossas músicas, sempre primamos por isso, ter música própria. **R.**, 52 anos

O Histeria, segundo os entrevistados, traz em suas letras de músicas críticas de forma sarcástica sobre a política, no intuito de que seus ouvintes compreendam a ênfase que a banda passa por meio da sua sonoridade, apontando as falhas dos governantes no país, problemas sociais do cotidiano, e exaltando o nacionalismo, mas fazendo com que sua música seja agradável para todos aqueles que a escutam, visando a um maior alcance. Exemplo é a letra de “Legal mesmo”, na qual a banda faz críticas ao fato de o Brasil ser um país de Terceiro Mundo, mas de forma extremamente sarcástica.

Legal mesmo é poder estar imaginando de tudo
E conseguir firmar em solos do Terceiro Mundo
Uma ideia diferente de colônia independente
Gritar do submundo eu também sou gente
Eu Também sou gente
Eu Também sou gente

O mundo inteiro gira
E todos os dias são diferentes
Para os ricos povos
Ou aqui para a gente
Ou aqui para a gente
Ou aqui para a gente

Em meio à papelada
O papelão que e a frente

Comando esta galera

Que ainda pensa diferente
E paga para sofrer
E continua contente
E continua contente

Legal mesmo é imaginar
Que todo o burro
Vai empacar

E sua carga nojenta
 No caminho vai estragar
 E o fedor espalhado
 Como um perfume será usado
 Pelos ricos povos burgueses
 Pelos ricos povos burgueses
Legal mesmo / Histeria Oi!

O que acontece, em minha opinião: a gente faz música pra dar um recado político, um recado social, um recado que tá na cultura Oi! e serve pra todo mundo. Além disso, o nosso som é dançável, empolgante; A gente se preocupa muito em dar uma mensagem nacionalista, mensagem coerente com nosso cotidiano, com nossos ideais. **R.**, 52 anos

As nossas músicas, a gente chama de músicas atemporais. Se escutá-las há 30 anos, 20 anos, escutar hoje, escutar daqui a 10 anos, dá a impressão que a música acabou de ser feita. **V.**, 51 anos

Atualmente, apesar de os membros estarem presentes em eventos e serem uma banda de extrema importância no meio underground Oi! brasileiro, o Histeria está parado e não tem tocado em nenhum evento por problemas internos da banda, mas ainda é respeitada e não é difícil ouvir uma banda fazer cover de suas músicas.



Figura 18 – Foto da última formação do Histeria Oi!. Imagem enviada pelo Careca **V.**

A banda faz críticas à política, e, como já citado acima, de forma sarcástica, satirizam a procura dos candidatos políticos nas eleições por votos, utilizando o seu conhecimento apenas para o desvio de verba e não para um benefício em comum da população, como falam na música a seguir:

Pobres sonhos juvenis
 Sempre à procura de um ideal
 Todo mundo se dando bem
 Na maior cara de pau
 Estamos à procura de alguma coisa
 Para sair desta roubada

Estamos atrás de alguma grana
Pra não ficarmos sem nada

A procura é muito grande
Pra resolver a situação
Eram melhor os professores
Os alunos afundaram a nação

Procuramos alguma saída
Pros políticos poderem sair
Brigam tanto quanto jovens
Agora não querem mais sair

Nos procuram em todas eleições
Com promessas de resoluções
Tentando resolver nossos problemas
Tudo em nome da nação

Sai, sai fora, ladrão
Sai fora, ladrão / Histeria Oi!

Mas, ao ser questionado sobre a política, **R.** afirma que não é a favor do comunismo ou do socialismo como outros grupos pregam; que os exemplos vistos são prova de que esse modelo não deu certo e não daria aqui no Brasil, mas afirma que o que precisamos no país é uma liderança. Como já vimos na fala do membro do Histeria Oi!, essa liderança poderia, e seria positiva, se viesse dos Carecas do Subúrbio, questão esta que discutiremos no capítulo à frente.

Eu tenho uma visão política, onde eu acredito que o comunismo nunca deu certo e nunca vai dar certo. Porque pela própria concepção dos ideais socialistas, onde é aquilo que eles propõem pra massa muito bom [sic], sendo que eles tão num nível a mais. Os governantes, eu quero dizer, quem governa a situação. Você vê um país comunista, esse fechadão aí que é a Coreia do Norte, é todo mundo cinza, só que os governantes são cinza platinado. Os caras vivem bem, a população vive mal pra caramba, os caras se tornando uma potência nuclear, eu não sei o que eles andam explodindo lá, deve ser lixo nuclear. Eu tenho a visão política que o socialismo, pra mim, já era, não dá certo. Principalmente aqui no Brasil, que é uma miscigenação, é um país que durante toda a história, desde o descobrimento, veio de tudo que não prestava da Europa, do Velho Mundo. Veio tudo pra cá, o que não queriam nos EUA. A colonização do Brasil desde o descobrimento, ela vem nessa miscigenação, e a Lei de Gerson impera desde a colonização. O jeitinho brasileiro: “se eu for me dar bem, que mal faz?” Eu vejo que o que precisa aqui no Brasil, lógico, uma liderança. **R.**, 52 anos

4.4 Banda Soldados da Pátria

Da mesma maneira que realizamos as demais entrevistas, em um dia de evento dos Carecas do Subúrbio foram realizadas as entrevistas de D. e T. D., membros da banda Soldados da Pátria.

D. conta que, em meados de 2000, seu amigo J. falou para o entrevistado sobre seu grande desejo de montar uma banda e, rapidamente, os dois já começaram a escrever letras relacionadas ao movimento Carecas do Subúrbio para poderem começar a tocar. Muitos integrantes do movimento se prontificaram a fazer parte da banda, entretanto, logo saíram dos Carecas e a ideia da banda não saiu do papel, sendo existente a ideia há 20 anos, mas colocada em prática apenas em no ano de 2017.

É comum acompanharmos, em muitos relatos dos Carecas, a migração dos seus membros que, muitas vezes, permanecem dentro do grupo por um breve período. Hall (2006) aponta, em um debate sobre a identidade, diversos pontos que nos auxiliam a compreender o deslocamento dos sujeitos dentro do grupo.

O primeiro passo para a compreensão é estabelecer a modernidade como um período em que o sujeito é individualista e traz consigo resquícios de outros períodos, como o Humanismo renascentista, no qual o homem era o centro do universo, e, também, o Iluminismo, momento em que o foco está no homem racional e científico. Contudo, à medida que a sociedade moderna se tornava mais complexa, coletiva e social, por conta das transformações políticas e econômicas, o ser humano também modificava sua identidade, passando a ser visto como um ser “definido”, no interior dessas novas estruturas de sociedade. Deste ponto, origina-se o sujeito sociológico, indivíduo que estabelece sua identidade por meio das relações que ele constrói, sendo central do tempo moderno.

O sujeito sociológico passa pelo descentramento, segundo Pais (2006), em virtude de avanços das ciências humanas realizados na modernidade tardia, ocasionando o que o autor chama de “morte” do sujeito da época moderna. Discutidos de forma elaborada por Hall (2006) em sua obra, os cinco avanços que colaboraram com o descentramento do sujeito moderno foram: as tradições do

pensamento marxista, que expuseram diferentes interpretações do trabalho de Marx e ocasionaram contradições e questionamentos sobre a posição do sujeito na sociedade; Freud e sua descoberta do inconsciente, que defendia a identidade como algo móvel, formado por processos conscientes e inconsciente do sujeito; o trabalho de Ferdinand de Saussure, no qual afirmava que não somos autores das afirmações que fazemos, uma vez que toda afirmação carrega eco dos nossos significados e de muitos outros, pois, para ele, o que dizemos tem um “antes” e um “depois”; o trabalho de Michel Foucault sobre o poder disciplinar, que trazia uma proposta de manter os sujeitos, com seu modo de agir, em controle e disciplina, sendo este o produto das instituições coletivas da modernidade tardia; e, por último, o feminismo, como os demais grupos da década de 1960 que surgiram e marcaram época por acentuar a identidade social. O feminismo, que não questionava apenas a posição social da mulher na sociedade, proporcionou críticas e debates em torno das identidades sexuais e de gênero (HALL, 2006).

A partir dos pontos apresentados, Hall (2006) compreende a efetiva descentralização do sujeito e da identidade no período moderno e na modernidade tardia. Assim, o sujeito pós-moderno efetivava a “celebração móvel”, constituindo-se da relação do seu “eu interior” e do “eu público” e não seria mais unificado, mas apresentar-se-ia como fragmentado (HALL, 2006). Ao construir sua identidade e receber influências exteriores para tal, um indivíduo teria várias facetas, não apenas uma identidade. Isso ocorreria dependendo do espaço em que ele se encontrasse. Adaptar-se-ia ao local e a outros indivíduos, ou seja, no trabalho, na prática da religião, no grupo de amigos. Em cada um desses espaços, ele conduziria sua identidade da melhor forma, de modo a se relacionar com outros indivíduos.

Por serem os sujeitos mutáveis, visto que têm identidade fragmentada, os deslocamentos dentro de grupos são comuns, ao mesmo tempo em que o indivíduo busca o sentimento de pertença e por isso procura encaixar-se em uma tribo que ele acredita pensar como ele. Esse mesmo indivíduo é móvel e está formando constantemente sua identidade, construindo nas diversas relações sociais um traço do que busca para si. Por isso, encontrar o deslocamento de indivíduos de um grupo para outro é comum, uma vez que eles estão procurando sua identidade, sem entender que ela pode e é, neste tempo pós-moderno, fragmentada, e não precisa

ser composta de apenas uma, mas pode comportar diversas facetas. A busca por encontrar-se permeia os indivíduos, que saltam de grupo em grupo com esta finalidade, ou, ao contrário disso, quando encontram-se tão certos do que acreditam ser a sua identidade, posicionam-se emblematicamente em campo de atrito social contra o que acreditam não ser o correto, contra o que não é presente em sua identidade. Exemplo disso é o posicionamento contrário de Punks e Carecas: no começo de sua história andavam juntos pelas ruas como grupos que interagiam entre si, porém, quando os Carecas do Subúrbio se identificam com os Skinheads da Grã-Bretanha e decidem adotar sua ideologia, eles se distanciam da ideologia dos Punks, que se torna contrária à nova identidade adotada. Entretanto, apesar de serem grupos de ideologias diferentes e se posicionarem um contra o outro, é fácil identificarmos a migração de membros desses grupos entre eles, pois, ainda na busca por sua identidade, não conseguem se fixar em um grupo.

Por conta da dificuldade relacionada à migração de membros do grupo encontrada antigamente, mas que prevalece até os dias de hoje, a banda Soldados da Pátria teve diversas formações. Uma dessas formações se desintegrou porque existia a vontade de fazer uma banda, mas, como já afirmamos outrora, os Carecas do Subúrbio não são músicos; vão aprendendo a tocar conforme a necessidade da banda e o grande desejo dos integrantes de possuírem os grupos musicais por serem o “carro chefe” do grupo, a maneira que se utilizam para transmitir as suas ideologias.

Quando eu comecei, a ideia do Soldados, do nome Soldados da Pátria, isso quem montou foi o **J.** Ele teve essa ideia em 2000. Ele conversou comigo sobre isso, que ele tinha vontade dessa banda, eu comecei a bolar umas letras, a gente escreveu umas letras. Dali pra frente, entraram no projeto da banda, saíram do movimento, nunca nem tocou uma música, tanto que a gente tem quase 30 músicas prontas. A gente só conseguiu colocar em prática a banda mais nova e mais antiga do Subúrbio ano passado. No papel, ela existe há quase 20 anos. **T. D.**, 34 anos.

T. D. afirma que entrou no movimento dos Carecas do Subúrbio para fazer tudo o que fosse preciso pelo grupo, “desde brigas a um fanzine” (sic). Vendo o desejo que há anos existia de montar a banda Soldados da Pátria, mesmo com os primeiros membros e o dono da ideia original, **J.**, presentes, **T. D.** se prontificou a concluir esse projeto dentro do grupo. Engajou-se, assumindo a banda, que conseguiu fazer sua primeira apresentação para os Carecas em 2017.

O entrevistado **D.** relata que, além de estarem tentando se estabelecer como uma banda que já possui diversas músicas, os membros já são conhecidos e frequentam o movimento há algum tempo. Além de **T. D.**, como já citado no capítulo “Memória Careca”, ser, atualmente, um líder dentro dos Carecas do Subúrbio, ele tem, juntamente com os demais membros, a preocupação de também incentivar novos conjuntos musicais, pois as bandas e os membros dos Carecas estão envelhecendo. Logo, precisam incentivar os novos integrantes a formarem novas bandas, entendido o papel principal delas no grupo.

Ao contrário das outras duas bandas apresentadas anteriormente (Classe Oi!perária e Histeria Oi!), a banda Soldados da Pátria é uma banda Careca que pretende tocar apenas dentro do movimento dos Carecas do Subúrbio, tendo em vista que um dos integrantes, **T. D.**, é um dos atuais líderes do movimento e se posiciona extremamente centrado no grupo. Ele prioriza os Carecas do Subúrbio e o crescimento do grupo, não olhando apenas como banda, pois seu foco é realizar modificações dentro do movimento para mantê-lo vivo e em constante crescimento. Deste modo, as músicas são voltadas aos Carecas do Subúrbio, não apenas abordando a ideologia, mas o que ocorre dentro do grupo.

Então, no caso dos Soldados, a gente foca mais em falar a respeito do movimento, fazer música para o pessoal do movimento mesmo. Falar de coisa que já aconteceu no movimento ou que tem a ver com o que se passou na cena e tal, talvez faça mais sentido pra quem tá dentro do movimento, da Gangue, do que pra quem tá fora. Diferente de algumas bandas como Combatente, que já tem mais protesto, mais a ideia de passar uma mensagem pra quem não é do movimento de como o movimento funciona, sobre o que a gente acredita, sobre o que a gente luta. **T. D.**, 34 anos.

A banda não toca apenas Oi!, muito comum no meio das bandas que tocam para os Carecas. Os entrevistados afirmam buscar outras referências como o Rock Nacional, também o Punk Rock e o Ska¹², além de afirmarem que possuem sua própria identidade.

¹² O Ska é um gênero musical que teve a sua origem na Jamaica no final da década de 1950, combinando elementos caribenhos, como o mento e o calipso, e estadunidenses como o jazz, jump blues e rhythm and blues. As suas letras abordavam temas como marginalidade, discriminação, a vida dura da classe trabalhadora e, acima de tudo, a diversão em harmonia. Esse ritmo foi adotado pelos primeiros Skinheads, da década de 1960, na Grã-Bretanha.

A gente tem uma pegada diferente, não é só Oi!. A gente meio que tem nossa identidade, a gente não foi buscar uma referência só do Oi!, a gente tem muita referência do Rock Nacional, também de Punk Rock, de Oi!, de tudo, até de Ska. Hoje em dia, a maioria da banda nacional gosta mais de Ska do que de Oi! ou Punk Rock, então a gente tem que dar uma modernizada também nesse som. **T. D.**, 34 anos.

T. D. afirma que as músicas são uma forma de doutrinar os Carecas – daí a importância das bandas para o movimento, uma vez que, ao reproduzir o que está sendo cantado pelo interlocutor da banda, os membros terão as letras perpetuadas em sua cabeça e irão propagar aquelas ideias que ouviram, propagar a ideologia que está sendo cantada.

E também é uma forma de doutrinar a cabeça do Careca. É que nem um louvor, aquilo que você tá louvando é aquilo que vai ficar na sua mente, é o que vai ficar no seu coração, é o que você vai pregar. A música funciona de certa forma do mesmo jeito, a gente acaba repetindo as frases das músicas e adaptando muita coisa de uma letra pra ideologia. **T. D.**, 34 anos.

O nome da banda Soldados da Pátria, segundo os entrevistados, está relacionado ao fato de que o sujeito que entra para o movimento Carecas do Subúrbio se torna um soldado, um soldado das ruas, que protesta pelo que julga estar errado em seu país. É, então, um soldado dá pátria, como afirma **T. D.**

Soldados da Pátria, não é no sentido de soldados/exército, é no sentido de que todo mundo que protesta, que vai pra rua lutar contra o governo, contra a corrupção, dentro do movimento Careca se torna um soldado, soldado da rua, soldado cívico, pela pátria. **T. D.**, 34 anos.



Figura 19 – Fotos da última formação Soldados da Pátria. Imagem enviada pelo Careca **A.**

Como citado acima, as letras das músicas da banda Soldado da Pátria falam sobre problemas enfrentados pelos membros do grupo no dia a dia e sobre seu posicionamento ideológico, como as demais bandas citadas. O que chama a atenção nessa banda, porém, é que eles não cantam apenas os problemas ou fazem um protesto, eles cantam o que é ser Carecas do Subúrbio. Afirmam que os Carecas são os soldados da pátria, que nunca desistiram de lutar, ou mesmo, para morrer nas brigas. E é com essa letra que demonstra o nacionalismo extremo dos Carecas que iremos iniciar o próximo capítulo, que abordará esse tema e a ideia de herói nacional dentro dos Carecas do Subúrbio, transmitido por suas falas, postura e suas músicas.

O Subúrbio não acabou
Somos a minoria
Mas não fugimos
Das nossas brigas
Soldados da Pátria
Que nunca desistirão
Com grito de revolta e união
Muitos desertaram
Muitos se mudaram
Mas o verdadeiro suburbano
É inderrotável
Tão fácil para vocês
Correm com a maioria
Porém mesmo sozinho
Eu nunca desistiria
Pois dentro da minha alma
Sempre vai haver
Pronto para lutar
Pronto para morrer
Soldados da Pátria / Carecas do Subúrbio

5. A MÚSICA DOS CARECAS DO SUBÚRBIO, OS “CARECAS” POR ELES MESMOS

As letras de músicas feitas pelos Carecas do Subúrbio fornecem muitas de suas opiniões. A intenção, ao estudarmos essas letras, não foi apenas de perceber as informações que eram veiculadas, mas também de captar as informações e compreender dois pontos extremamente fortes nos Carecas que chamaram a atenção durante vivência no grupo: a defesa do nacionalismo e a ideia de um herói nacional presente no grupo. Comparamos as letras de músicas e a posição de seus produtores e dos ouvintes das músicas em declaração por meio de entrevistas.

Deste modo, neste capítulo, um dos focos será analisar estas declarações, comparando-as com as letras de músicas produzidas pelas bandas Carecas que, segundo os entrevistados, são as porta-vozes da ideologia dos Carecas do Subúrbio.

O primeiro aspecto que chama a atenção é o importante papel exercido pelos membros que fazem parte de bandas Carecas, sendo também os líderes do movimento, ou aqueles que “traçam a direção do movimento”. Destacam-se pela liderança exercida, produzindo letras musicais e estabelecendo contato diretamente com os membros do grupo e com a sociedade em geral, uma vez que a música disseminada por eles tem o papel, também, de atrair novos adeptos à ideologia e de despertar nesses indivíduos o desejo de participar do movimento.

A maioria dos entrevistados reconhece o papel e a atuação desses membros que compõem as bandas, como afirma **P. C.:**

Eu acho que as bandas, quanto mais bandas você tem, mais forte é a cena. As bandas, na minha opinião, é o que recruta essa molecada [sic]. O cara tem acesso à mensagem que você tá passando, porque com os Carecas, é difícil alguém chegar pra conhecer o que tá fazendo, por causa da fama de violência. Através da música, você consegue atingir outras pessoas. O cara que pensa mais ou menos com aquilo que você tá falando, ele acaba se aproximando. **P. C.**, 45 anos

As letras musicais abordam diversos aspectos, desde a ideologia dos Carecas do Subúrbio até as dificuldades do dia a dia desses indivíduos, pois a maioria dos membros do grupo, como já citado anteriormente, é da classe baixa e

possui pouco estudo, o que resulta em maiores obstáculos para ocupar cargos altos em seus trabalhos. Muitas vezes, quando os compositores das letras das bandas citam as “lutas”, não estão apenas se referindo a brigas que os membros possam travar com outros indivíduos, mas, segundo eles, referem-se às dificuldades por eles vividas.

As lutas, dependendo de cada música, pode ser em vários sentidos [sic]. As lutas do dia a dia, trabalho, família. Aqui a gente não vive, sobrevive mesmo. Mas também tem a luta de movimento, de brigas. Nos dois sentidos, depende do contexto. Também tem luta do movimento. **T. D.**, 34 anos.

Como podemos observar na letra de música da banda Histeria Oi! citada abaixo, são destacados pelos autores os temas relativos a aspectos da realidade social. Eles apontam os problemas vivenciados pela sociedade, pois, segundo eles, as bandas narram os problemas que não são apenas característicos dos membros do grupo, mas que permeiam a sociedade no geral. Indicam o governo como o culpado das dificuldades sociais que vivem, fazendo uma crítica ao afastamento da população pelo Estado, que não promove as soluções necessárias para as dificuldades por eles vividas. Afirmam ainda que a culpa não é da população, mas, sim, dos governantes.

Sedentos pela fama
Esquecem sua ignorância
Não tiveram passado
Muitos menos infância

Oi oi oi
Esquecem de tudo
Até de quem os ajudou
Só prometem melhoras
Mas isso aqui só piorou

Oi oi oi oi
Quando governam
Possuem a força bruta
Eles que fazem besteira
E nós que vamos à luta
Abraçam o povo
Com a sua falsa fala
Quando precisamos deles
Nos cospem na cara

Oi oi oi oi
Nessa história toda
Não entramos antes e nem depois
Se eles fizerem besteira
Culpa nossa é que não foi

Oi oi oi oi
 Culpa nossa é que não foi
 Culpa nossa é que não foi
Culpa nossa é que não foi / Histeria Oi!

O entrevistado **R.**, membro da banda Histeria Oi!, destaca na entrevista que a crítica à política, que encontramos não apenas nessa banda, mas nas bandas Carecas no geral, estão voltadas à situação que o país vivencia não apenas atualmente; de acordo com ele, a música traz essa crítica desde o início do grupo. Para eles, o cenário político até os dias de hoje não mudou e continua apresentando os mesmos problemas.

Sempre foi o senso crítico, mas não a crítica comum. Tentar fazer uma crítica mais aprofundada, de uma forma sarcástica, temas políticos, sociais, hoje que principalmente a política que tá [sic], os acontecimentos que a gente tem desde a formação da banda, a gente reflete na música. Não que a gente tá colocando e tá falando de tal político e que ele fez tal safadeza, a gente coloca de uma forma que todos políticos são safados. Não adianta falar que os caras de hoje só. Tá num nível assim que, se você pega a música do Histeria da época que eu entrei (eu entrei no Histeria em 85), você vê que as letras são atuais até hoje. Então, politicamente falando, nada mudou. Muda as músicas, a merda continua a mesma. **R.**, 52 anos

Na letra da música “Babaca”, as críticas ao governo continuam apontando que os meios de comunicação são os veículos utilizados pelo governo para a manipulação da população. Assim, a letra afirma que é necessário se afastar da televisão, pois ela funciona como um porta-voz que manipula seus telespectadores, criando ilusões, como afirma a letra abaixo:

Ligo a TV, programa idiota
 Não tem nada para me oferecer
 Saio pelas ruas procurando, nada encontro
 Eu não sei o que fazer

Saia da ilusão
 Saia dessa farsa
 Não seja mais um babaca

Lembro do meu governo
 Que se dedica em me conformar
 Para que assim fique fácil
 Fácil de me controlar

Negro, branco, índio, mendigo
 Jovem rebelde, dona de casa
 Aonde é que você se encaixa?
 Saia da ilusão
 Saia dessa farsa
Babaca / Classe Oi!perária

Sendo um tema extremamente abordado pelos Carecas por meio de seu discurso, não apenas pelas letras das músicas, os meios de comunicação são frequentemente apontados como manipuladores. É comum ouvir dos membros do grupo críticas aos meios de comunicação, pois, segundo eles, até mesmo quando a mídia expõe os Carecas do Subúrbio, são apresentadas apenas informações que os ligam com a violência. Para eles, o grupo tem outros pontos positivos, mas a opinião de quem está fora do movimento é deturpada, pois apenas conhecem os Carecas por aquilo que a mídia traz de informações.

A sociedade enxerga os Carecas e sempre vão enxergar [sic] através da mídia, através da falta de conhecimento das pessoas. Sempre vai enxergar a gente como nazista, sempre vão enxergar os Carecas que não gostam de nordestino, que não gosta de preto, não gosta de amarelo, que não gosta disso e aquilo. A pessoa só passa a acreditar no Careca quando ela vai no evento e vê qual que é do rolê mesmo. Conhece as pessoas, vê que lá tem preto, tem branco, tem nordestino, que lá o pessoal não usa droga e através disso a pessoa fala: “poxa, pensei que fosse outra coisa”. As pessoas, sem conhecer, ela julga. **C. A.**, 42 anos.

Além disso, para os Carecas, os meios de comunicação transmitem uma inversão de valores, pois, para o grupo, não existem as “vítimas da sociedade”. Pessoas com problemas de adição a drogas, por exemplo, não necessitam de atenção da mídia, pois são um exemplo ruim. Os Carecas acreditam que, enquanto o grupo é tachado de preconceituoso, a mídia dá destaque a sujeitos que não merecem a atenção.

A mídia induz as pessoas a ter essa inversão de valor do oprimido, coitado, o drogadinho, a vítima da sociedade. [Para a mídia,] Esse é o cara legal, essa é a pessoa certa, esse é o padrão certo. **A. C.**, 26 anos.

A música da banda Classe Oi!perária a seguir traduz a opinião dos Carecas do Subúrbio sobre os meios de comunicação:

Promessas vagas atiradas à população
Palavras induzidas do discurso da televisão
Vocês se enganam achando isso tão normal
Por trás desse sorriso banal

Mentiras é o que esperam de você
Mentiras é o que esperam de você

Não assista ao noticiário
Olhe atento ao redor
Retire esta venda
Lute por algo melhor

Mentiras é o que esperam de você
 Mentiras é o que esperam de você
Mentiras / Classe Oi!perária

Mas não só para governo e mídia se dirigem as críticas e a raiva dos Carecas. Eles se opõem também a alguns religiosos que são vistos como exploradores dos seus fiéis e arrecadam dinheiro, utilizando-se da religião e da fé de quem os acompanha. Esta opinião exposta pela banda Histeria Oi! é apresentada a seguir:

Pelas praças e esquinas
 Essa escola de vermes
 Explorando a fé do povo
 Em troca de futilidades

Com palavras vazias
 Procurando lucro fácil
 Manipulam as mentes
 De seus seguidores

Capitalismo selvagem
 Apodrecendo as estruturas
 Em cima de demagogia
 Destruindo os nossos lares

Conduzindo seu rebanho
 Para um grande absurdo
 Prometendo vida eterna
 Para quem nem tem futuro
Falsos profetas / Histeria Oi!

As músicas fazem uma crítica aos religiosos que se utilizam da fé para arrecadar dinheiro, entretanto, sabemos que os Carecas do Subúrbio propõem que seus membros estejam dentro de uma religião, que construam uma família, segundo eles, como é pregado na Bíblia. Demonstramos este ponto abaixo, com a letra da música “Cai na real”, que ironiza os góticos por não respeitarem a religião. Também é demonstrada a aversão dos Carecas a outros grupos que não têm a mesma ideologia que a sua, chamando-os para travarem uma briga.

Gótico, que legal
 Gótico, que legal
 Cuspiu na porta da igreja
 Atitude radical

Cai na real e vem para luta
 Cai na real e vem para luta
 Gótico filho da puta

Anarquista, que legal
 Anarquista, que legal

Encoxa o Punk no tanque
 Atitude radical
 Anticristo, que legal
 Anticristo, que legal
 Com a cruz de ponta cabeça
 Atitude radical
 Idolatrar o demônio
 Não vai pagar seu salário
 Idolatrar o demônio
 Não vai pagar seu salário
Cai na real / Classe Oi!perária

Dentre tantas críticas que os Carecas apresentam em suas letras de músicas e tantos aspectos a que seu ódio é direcionado, os membros se posicionam acreditando que é dentro do movimento que irão conseguir lutar contra os problemas que enfrentam. Utilizam a frase “odiado e orgulhoso” para justificar que, apesar de terem uma imagem negativa perante a sociedade— segundo eles, espalhada de forma errônea pela mídia, eles são orgulhosos do movimento de que fazem parte e exaltam a sua origem e seus ancestrais ingleses, que serviram de incentivo para a construção do grupo.

Nascemos em uma época em que tudo mudou
 O movimento Skinhead cresceu e se organizou
 Skinhead é lealdade, Skinhead é poder
 Skinhead é atitude, é minha forma de viver
 No sol ou na chuva, na cadeia ou na rua
 Não importa onde é que estou
 Odiado e Orgulhoso
 Skinhead é lealdade, Skinhead é poder
 Skinhead é atitude, é minha forma de viver
 Lutamos pela nação, ideal e cultura
 Por isso que a encrenca sempre nos procura
 Skinhead é lealdade, Skinhead é poder
 Skinhead é atitude, é minha forma de viver
 O seu certo está errado e não ficarei calado
 Minha bota é minha arma, minha bota na sua cara
 Skinhead é lealdade, Skinhead é poder
 Skinhead é atitude, é minha forma de viver
Minha forma de viver / Classe Oi!perária

Esta letra deixa claro o que já tínhamos detectado nos Carecas do Subúrbio no primeiro capítulo desta pesquisa: os membros do grupo afirmam que ser Careca é um estilo de vida e que o papel do grupo é unificar-se para lutar, por meio da

violência se for necessário, pela nação que acreditam que precisa ser melhorada. Por isso, estabelecem diversas críticas em suas letras de músicas sobre o governo e sobre os meios de comunicação, que, de acordo com eles, apenas manipulam e não trazem nenhuma melhoria para a população.

Deste ponto, trataremos sobre o tema que é mais fortemente abordado nas letras das músicas: o nacionalismo e como os Carecas se enxergam nesse aspecto; como se posicionam perante a sociedade, acreditando que podem melhorar os problemas sociais e ser a salvação de uma pátria cheia de problemas. Para isto, fizemos um levantamento das letras, não apenas das bandas apresentadas no capítulo anterior (Classe Oi!perária, Histeria Oi! e Soldados da Pátria), mas também de bandas que são consideradas importantes para o movimento, sendo elas Bota Gasta, Vírus 27, Dose Brutal, Expulsos do Bar, Bandeira de Combate, Reação Proletária e Puro Impacto. Deste modo, pudemos elencar os temas do nacionalismo e das lutas, pois as lutas estão diretamente ligadas ao nacionalismo.

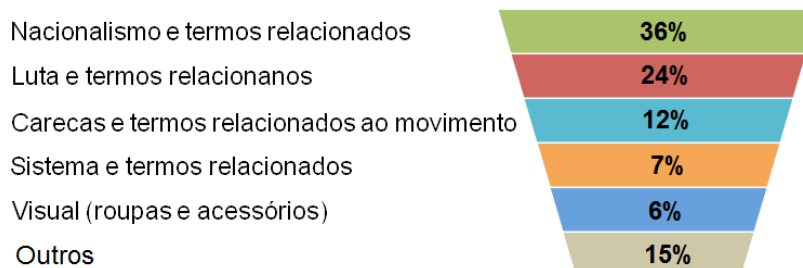


Gráfico 1 – Termos utilizados nas letras das músicas Carecas.

No gráfico, podemos observar, segundo levantamento realizado por esta pesquisadora, os termos mais utilizados pelas bandas formadas por Carecas ou bandas que os Carecas do Subúrbio escutam, mesmo que não se proclamem bandas unicamente pertencentes ao movimento, como o Histeria Oi! e o Classe Oi!perária, que tocam não apenas em eventos dos Carecas, mas que afirmam seguir a ideologia do grupo, determinando sua aceitação pelos membros. No tópico “outros” foram incluídos temas como críticas a outros grupos – como, por exemplo, os góticos, e o tema raça, que também é apresentado nas letras musicais, mas com menor frequência.

Ao detectarmos quais os temas mais abordados pelos Carecas do Subúrbio em suas músicas, além de esses temas também serem facilmente detectados em suas falas e postura, iremos compreender o nacionalismo e a ideia de herói dentro do grupo, pois podemos observar que os Carecas se comportam como heróis nacionais, e acreditam que sairá de dentro do grupo um “salvador da pátria”.

5.1 O nacionalismo dos Carecas do Subúrbio

Ao analisarmos as músicas das bandas Carecas ou de bandas que tocam para os Carecas do Subúrbio e cujas ideologias são aceitas pelo grupo, deparamo-nos com a repetição da palavra nacionalismo. Mas o que é o nacionalismo para este grupo? Com tanta diversidade no país miscigenado que é o Brasil, qual é essa cultura nacional que eles querem defender? Como os Carecas se posicionam perante o nacionalismo que eles pregam de diversas formas? São dúvidas acerca deste tema que pretendemos aqui compreender.

Para iniciarmos esse debate, primeiramente discutiremos a que os Carecas se opõem ao se colocarem como nacionalistas. Em diversos momentos em que acompanhamos esse grupo e nas entrevistas por eles concedidas, pudemos notar o enorme incômodo do grupo em relação a estrangeiros, ou seja, os Carecas do Subúrbio se posicionam como xenofóbicos. Argumentam que o Brasil não é capaz de atender a sua própria população, logo, não deveria prestar assistência aos imigrantes, em especial àqueles que deixaram sua terra por possuírem dificuldades financeiras. Para os Carecas, quando o governo brasileiro presta assistência para essa população que chega ao país, o dinheiro do que deveria ser utilizado em benefício da própria população vai para indivíduos que não são pertencentes ao país, logo não poderiam acarretar tantos benefícios.

Acompanhamos os Carecas do Subúrbio em um passeio que realizaram na Galeria do Rock, localizada na Avenida São João, na cidade de São Paulo. É comum que diversas tribos urbanas compareçam à Galeria porque lá encontram-se lojas especializadas para diversos grupos. Também por isso é comum haver diversos embates entre tribos, afinal, ao se encontrarem, a briga normalmente acontece. Os Carecas, naquele dia, encontraram-se na galeria, segundo eles, para beber cerveja e para demonstrar para as outras tribos que o grupo está vivo e ativo nas ruas de São Paulo. Ao iniciarmos as entrevistas para esta pesquisa em uma

lanchonete dentro da galeria, próximo aos Carecas encontrava-se um grupo de angolanos que estava bebendo e confraternizando. Assim, pudemos observar o incômodo dos membros do grupo com os estrangeiros que lá se encontravam.

O entrevistado **P. C.** descreve por que os Carecas acreditam que os imigrantes são um problema para o país:

A maioria entra de boa e vive sem fiscalização nenhuma. O aumento dessa população é nítido a cada dia, e não é só os angolanos: tem os africanos de vários países, tem os chineses, os haitianos, pessoal da Síria, sem falar dos bolivianos. Isso reflete nos imóveis invadidos, várias praças invadidas com acampamentos. E isso só aumenta a pobreza geral. **P. C.**, 45 anos

É comum escutarmos dos Carecas que o Brasil deve ser dos brasileiros, que é preciso existir uma valorização da cultura e do povo que nasceu no país, por isso, não cabem aqui os estrangeiros, que “roubam” empregos e verbas que seriam destinadas à população brasileira.

O nacionalismo surgiu após a Revolução Capitalista (PEREIRA, 2008), em sentido estrito, seria o sentimento de valorização, aproximação e identificação de um indivíduo por uma nação. Segundo Pereira (2008), o nacionalismo é uma ideologia da sociedade moderna; é o nacionalismo que une a nação, é um sentimento de destino comum que gera a coesão necessária para a nação para que ela se assegure de um território, organize um Estado, resultando em um estado-nação. Assim, o nacionalismo é a ideologia da autonomia, da segurança e do desenvolvimento econômico nacional. Já a nação é um grupo social que partilha de um destino comum e se dispõe a ou tem condições de constituir um estado-nação. Pereira (2008) afirma que o nacionalismo é uma ideologia originalmente burguesa, mas que possui uma conotação popular, uma vez que é preciso que capitalistas e trabalhadores superem de alguma maneira seus conflitos internos, partilhem um destino comum e se solidarizem na competição com as demais nações (PEREIRA, 2008).

O nacionalismo é fruto da revolução capitalista que, além dele, deu origem a uma outra ideologia de origem burguesa, o liberalismo, e a três ideologias – o socialismo, o eficientismo e o ambientalismo – cujo as origens são, respectivamente, a classe trabalhadora, a classe média profissional e a classe média geral (PEREIRA, 2008. P. 171).

O nacionalismo é a força unificadora dos estados-nação modernos, ou seja, da unidade político-territorial constituída de uma nação, de um

Estado, e de um território em que está organizada a humanidade (PEREIRA, 2008. P. 173).

Os nacionalistas buscam suas raízes nacionais em tempos imemoriais. A nação não é constituída homogeneamente, pois possui diversos pontos diferentes, como a ausência de uma etnia em comum, religião ou cultura, mas existe uma história comum que garante ao grupo social uma razoável homogeneidade cultural, por isso compartilham um destino (PEREIRA, 2008).

Para Pereira (2008), entre países fortes e fracos, relação na qual o imperialismo é inevitável, o nacionalismo mudará as características na medida em que essa relação de forças se modifica graças ao nacionalismo do país dominante, como Portugal, que foi colonizador do Brasil, por exemplo.

Por outro lado, com menor frequência citado nas músicas dos Carecas do Subúrbio, o patriotismo se diferencia do nacionalismo devido a esta definição ser mais estreita, pois ser patriota é uma manifestação de amor aos símbolos do Estado, como, por exemplo, a bandeira e o hino.

Inúmeras vezes observamos que existe uma confusão entre os termos nacionalismo e patriotismo. Todavia, podemos diferenciá-los, afirmando que o nacionalismo é uma ideologia, como afirmou Pereira (2008), e, por meio dessa ideologia, indivíduos se tornam patriotas. O nacionalismo implica em uma nação com o princípio organizado fundamentalmente na política. De outro lado, o patriotismo implica no sentimento vivenciado pela sua pátria; em tese, implica em fazer algo benéfico ao seu país ou nação.

O nacionalismo implica em uma definição política, sobretudo da preservação da nação enquanto entidade, por vezes na defesa de território delineado por fronteiras terrestres, mas, acima de tudo, nos campos linguístico, cultural etc., contra processos de destruição identitária ou transformação. Apesar disto, os Carecas do Subúrbio afirmam que o nacionalismo, para eles, não está ligado à política; para os entrevistados, acreditar no nacionalismo ligado à política implica em estar ligado a partidos políticos. Os Carecas afirmam que são patriotas, mas também nacionalistas, pois saem para protestar e isso os diferenciaria daqueles que são apenas patriotas. Para eles, uma forma de protesto está, também, em seu estilo de roupa, no seu

comportamento perante a sociedade e nas letras de músicas que trazem seus protestos. Ser nacionalista, então, não envolve partidos políticos, mas a valorização de tudo o que está dentro do país, inclusive os produtos nacionais, não importando produtos estrangeiros.

A gente não pode confundir o nacionalismo com política. O comunismo com política. Todo tipo de ideologia, ela é boa. O problema é que elas estão no poder de pessoas, seres humanos e os seres humanos é que são errados. Por exemplo, o comunismo é uma coisa legal, só que todos os partidos comunistas ou segmentos comunistas foram uma porcaria. O nacionalismo é uma ideia legal, agora tudo que foi criado nessa base que tenha a ver com política, já não era legal. Não é porque a gente é nacionalista que a gente apoia isso, aquilo, outro, aquele partido, pelo menos no nosso caso dos Carecas do Subúrbio. Tem outros grupos de nacionalistas que têm outro pensamento, integralistas e tal. Nós, não. Nacionalismo pelo dicionário e hoje pelo Wikipédia e a galera só se baseia pelo exemplo que é dado que nacionalista é não tomar Coca-Cola. Não, isso não é nacionalismo, isso é uma forma de exemplificar. Agora: qual a diferença do patriota para o nacionalista? O patriota é o cara que ama a pátria dele, o símbolo, ama tudo aquilo que tem a ver com a pátria dele, mas chega em casa do trabalho, senta no sofá, fica na casa dele, ama da casa dele e tá lutando pra mudar a vida dele, tá trabalhando, estudando, esse é o cara patriota. O nacionalista ele é igual, só que ele não vai ficar em casa conformado: ele sai pra rua, luta, protesta, isso é a diferença do nacionalista para o patriota. Então nós somos nacionalistas porque somos patriotas que protestam, a gente não fica em casa. A gente tá lutando, mesmo com o próprio visual é uma forma de manifesto – por mais que a gente não tenha um manifesto que atinge de uma maneira tão efetiva o sistema ou os políticos, mas a gente tem a nossa forma de fazer isso através da música, visual, tudo no nosso comportamento é dessa forma. Mas, colocando mais por esse lado político, o que a gente acredita na verdade em nacionalismo não é nos partidos nacionalistas ou algo assim, a gente acredita numa nacionalização dos produtos, das empresas. **T. D.**, 34 anos

Por isso os Carecas acreditam que a violência física, que eles chamam de lutas, são necessárias, pois, para conseguirem protestar, alcançarem o que acreditam ser melhor para o país, é preciso que haja violência. A violência é utilizada para a defesa de seus ideais até mesmo de forma contraditória; para os Carecas do Subúrbio, estabelecer atritos é uma forma de lutar contra a violência, pois é por meio de atritos que irão alcançar a melhoria que almejam, como explica em entrevista **A.**:

Eu entendi. Mas não sei se é a mesma coisa. A diferença é assim, a violência da gang em si, aquela coisa de combate, confronto, vamos dizer assim com outras gangs, seria uma violência, entra até na brincadeira que a gente tava falando de soldados, é aquela violência que a gente pode alegar que é instintiva, de instinto, de defesa, de você lutar por alguma coisa, você usa a violência como meio pra você defender alguma coisa, diferente da criminalidade generalizada, que você usa ela pra atacar uma pessoa, destruir alguma coisa, porque por incrível que pareça, pra que se tenha uma organização você precisa ter uma desorganização. Deu pra

entender o que eu falei? Você usar da violência pra evitar que a violência aconteça. Então seria mais ou menos essa ideia. A violência da guangue em si é uma coisa por uma luta de um ideal. Você brigar com outra banca que você bate de frente, porque tá fazendo coisas que não condiz com o que a gente acredita que tá dentro de um padrão normal de vida da violência criminosa. A gente não briga pra machucar a pessoa no sentido de prejudicar outra pessoa, a gente briga pra que aconteça melhorias. **A.** 26 anos

Por isso é comum nos depararmos com brigas entre Punks e Carecas, pois para os Carecas lutar contra os Punks é lutar por um ideal, é estabelecer que a cultura Punk não é a melhor a ser adotada para um país que os Carecas idealizam, ou seja, para os Carecas os Punks causam malefícios com sua ideologia para a sociedade e é preciso lutar, também, contra eles para estabelecer o que é melhor para o Brasil.

Podemos observar na fala do **A. O.** a imagem que os Carecas possuem dos Punks, pois para eles, a ideologia dos Punks não têm nada a oferecer para o país, e é preciso que eles enxerguem que o nacionalismo, o patriotismo é melhor para o país, por isso entram em confronto com Punks.

É o seguinte: porque está no meu sangue, na minha vida, na minha ideologia, é o que eu quero pro Brasil, uma coisa melhor, uma coisa patriótica, uma coisa nacionalista, e eu quero mostrar pra esse pessoal que tem que acordar, que a vida é isso. Os caras roubando e tomando cerveja aqui, esses Punk apoiando homossexualismo, drogas... Punk, é só isso, é só nojeira. **A. O.**, 58 anos

Vale ressaltar que o posicionamento dos Carecas do Subúrbio com Punks apresenta controvérsias, uma vez que uma parcela dos Carecas estabelece vínculos de amizade e convívio com membros de algumas vertentes dos Punks, como com o grupo Punk Devastação. O posicionamento contra os Punks irá depender da ramificação dos Punks a que o indivíduo pertence e, também, o quão extremista é o Careca em sua ideologia.

Para os Carecas, alguns pontos não cabem no nacionalismo no qual eles acreditam e pregam como ideal, pois, apesar de não se considerarem integralistas, eles utilizam um ponto muito importante dessa ideologia: o lema “Deus, pátria e família”. O grupo não aceita, como citado acima, indivíduos de outros países que estejam refugiados no Brasil, não aceitam homossexuais porque fogem da família dita ideal, e buscam, acima de tudo, pregar o seu amor pelo país, mesmo que

efetivamente não encontremos ações sociais que os coloquem à frente de melhorias do Brasil.

Só o seguinte, eu odeio você chegar a mim e dizer: “eu sou simpatizante”. Meu, eu odeio viado [sic], odeio você fechar a Avenida Paulista, tão importante, pra liberar pra homossexual. **A. O.**, 58 anos.

Sobretudo é preciso deixar explícito aqui que o grau da intolerância do Careca com homossexuais irá depender de cada Careca. Todos os integrantes do grupo são contra os homossexuais, pois acreditam que a família deve ser constituída da forma tradicionalmente pregada, mas o grau de intolerância quanto à homossexualidade e a reação ao se deparar com um indivíduo que se declara homossexual dependerá de cada Careca. Nem todos os membros entram em conflitos pela opção sexual de cada indivíduo, como explica o entrevistado **T. D.**:

O falecido **C.**, ele tinha uma frase que eu achava legal e definia bem isso aí. Ele falava: “Aqui nos Carecas do Subúrbio, a gente é contra o homossexualismo, mas ser contra não quer dizer que a gente se dá o direito de agredir, de tirar a vida de alguém por sua opção sexual”. **T. D.** 34 anos

Além disso, para os Carecas do Subúrbio, ter uma família faz parte do ideal que eles acreditam que seria o melhor para o país. Sendo assim, ter uma família, amar seu país e, para a grande maioria, estar inserido em uma religião, faz com que eles sejam o melhor padrão de cidadão para o Brasil.

O entrevistado **P. C.** afirma que não existe nacionalismo no Brasil, mas que isso é um problema da população, que tem vergonha da sua nacionalidade e este é mais um dos problemas que o grupo enxerga como empecilho para alcançarem uma melhora para o país. Afinal, para eles, se não se ama a pátria, ninguém irá lutar por ela e passa-se a valorizar os outros países.

Nacionalismo hoje é uma coisa de utopia no Brasil. Você fala com a pessoa e você ouve: “a merda desse país, a merda de não sei o quê”. Na verdade, a merda não é o país, a merda somos nós que não sabe escolher [sic] quem governa essa porra. Esse lance do nacionalismo... Eu desde pequeno via o Ayrton Senna com aquele lance da bandeira, eu achava aquilo sensacional, o orgulho de mostrar de onde você é. Antigamente se tinha vergonha em dizer que era brasileiro. Eu sempre fui um cara que tive orgulho da bandeira do Brasil, aquela parada de escola, 7 de setembro, você cantar o Hino Nacional. Hoje isso tá cada vez mais escasso nas pessoas. O que é bom é só coisa de fora. **P. C.**, 45 anos

Hall (2005) destaca que as nações são como comunidades imaginadas, cuja perpetuação consiste em manter a memória do passado pelo desejo em viver em conjunto e pela preservação da herança. As nações modernas são híbridos culturais, pois são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas e o exercício de diferentes formas de poder é o que as unifica (HALL, 2005, p. 62).

Deste modo, a identidade nacional é uma característica das chamadas comunidades de vida, ou seja, o indivíduo vive em conjunto com outros sujeitos em uma ligação absoluta. O sentimento de pertença a determinado lugar faz com que a ligação com o ambiente onde vive e os costumes deste lugar se traduzam em um indivíduo que é o conjunto de características do ambiente onde cresceu (HALL, 2005, p. 47). A afirmação do autor se refere à identidade nacional que é definida no momento do nascimento do indivíduo e é construída com a convivência no lugar onde reside e com os costumes, o que transforma o indivíduo em pertencente a determinado país. De certo, encontramos no nacionalismo pregado pelos Carecas a identidade nacional que Hall (2005) elucida, pois os indivíduos do grupo demonstram o sentimento de pertença, de orgulho de suas origens, o orgulho de serem brasileiros.

A globalização é uma poderosa força de mudança que desloca as identidades culturais nacionais, sendo que, para Hall (2005), três importantes impactos contribuíram para esse deslocamento: a desintegração; o reforço pela resistência; e a mutação que faz com que novas identidades híbridas tomem o lugar da identidade nacional.

O efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural. Eles argumentam que existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, acima e abaixo do nível do estado-nação (HALL, 2005, p.73).

Deste modo, surgem novas identidades globais e identidades locais, pois a globalização possui o efeito contestador e deslocador das identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Deixando-as mais plurais, políticas e diversas. Com isto, essa movimentação pode produzir dois efeitos segundo Hall (2005), que cita Kevis Robins (1991): o efeito de “tradição”, no qual as nações recuperam sua pureza anterior para recobrir as unidades e certezas que são sentidas como se tivessem sido perdidas (HALL, 2005, p 87); mas também causa o efeito de

“tradução”, que é a aceitação das nações quanto às identidades estarem sujeitas ao plano da história, da representação, da diferença e da política. Contudo, para Hall (2005), as nações estariam gravitando entre manter a “tradição” e transformar a “tradução”, o que afeta diretamente nas velhas e novas formas de identidade cultural. Nesse deslocamento é que surge a concepção de culturas híbridas – entre a tradição e a tradução, sendo um dos diversos tipos de identidades encontradas na modernidade tardia.

Assim, os indivíduos possuem características nacionais porque criam um emaranhado de representações em torno da identidade nacional, definindo símbolos, padrões, língua e modo de pensar que compõem uma cultura específica, porém, a identidade nacional não é única nem específica. Deste modo, Hall (2005) aborda que as identidades nacionais não são únicas e específicas pois existem diferenças em uma mesma nação, como o gênero e a etnia. A globalização auxiliou para diversos deslocamentos que ocorrem no interior das identidades culturais nacionais, promovendo o foco para as identidades locais e regionais, como o hibridismo das culturas que as migrações de povos ocasionam. Desta forma, as identidades culturais são híbridas, pois são movidas por mudanças, encontros e desencontros, não existindo apenas uma identidade para cada sujeito. O indivíduo é, assim, composto por uma identificação passível de mudanças e transformações.

Com isto, podemos observar a necessidade dos Carecas do Subúrbio em manter a tradição, citada por Bauman (2005), na tentativa de recuperar as certezas que sentem como se as estivessem perdido. Apoiam-se em trechos da história do país, reconstruindo-a como a ideal para que o Brasil “volte a funcionar”; têm o ideal de que, no passado, encontramos as soluções para os problemas presentes. Exemplo é a defesa da volta da ditadura militar, pois os Carecas acreditam que só pelas Forças Armadas o país conseguiria se erguer diante de tantas incertezas atuais. Para isso, um Careca do Subúrbio, como afirma **P. C.**, busca “ser o mais correto possível perante a sociedade” e, para estar nessa categoria, os Carecas acreditam que devem ser patriotas, que devem erguer a bandeira de “Deus, pátria e família” e que devem ter sua postura o mais próximo possível de um soldado que está preparado para lutar pelo seu país.

Na música a seguir, de autoria da banda Classe Oi!perária, podemos observar que os Carecas se afirmam nacionalistas, apontam que existem problemas que precisam ser solucionados e que eles trabalham para melhorar a sociedade; segundo eles, isso reflete em um bem-estar comum.

O problema é você, que não quer mudar
Os problemas são aqueles que só querem nos calar
Subúrbio, batalha, metrópoles é quem ganha
Enquanto a maioria se mata e muitos apanham

Chega de patifaria, somos Carecas nacionalistas
Chega de patifaria, somos Carecas, Deus, pátria e família

Pois do jeito que vai é só corpos que caem
Caem pelas calçadas pela pinga ingerida, cai no poço cocaína consumida

Chega de patifaria, somos Carecas nacionalistas
Chega de patifaria, somos Carecas, Deus, pátria e família

O problema é você, que não quer mudar
Os problemas são aqueles que só querem nos calar
Subúrbio, batalha, metrópoles é quem ganha
Enquanto a maioria se mata e muitos apanham

Chega de patifaria, somos Carecas nacionalistas
Chega de patifaria, somos Carecas, Deus, pátria e família
Carecas nacionalistas / Classe Oi!perária

De fato, em diversas letras musicais os Carecas se colocam como soldados que lutam por uma melhoria no Brasil. Para eles, é preciso que sejam feitas mudanças, mesmo que isso signifique gerar mais violência. O Careca **A. O.** afirma que o grupo luta; que a luta deles é pela sociedade; e que as brigas de que ele já participou foram em busca de melhoria para todos os indivíduos, buscando acabar com as diferenças e oferecer para toda a população o acesso a bens que muitos têm dificuldades para alcançar, ao contrário dos políticos, que possuem inúmeros privilégios.

Os Carecas têm que fazer pela sociedade. Só os Carecas sabem: é lutar ou morrer. Eu já apanhei demais, te juro. Apanhei tanto, já apanhei tanto, eu luto por você. **A. O.**, 58 anos

Direito a gasolina, direito a aluguel, e o político tem casa própria. Você não tem casa própria, você tá se fodendo, trabalha pra porra, pra pagar um aluguel de 1.000 reais e você ganha 1.100, entendeu? Isso é meu ponto de vista. **A. O.**, 58 anos

Os Carecas também fazem questão de participar de eventos que estejam ligados à história do país, como, por exemplo, o 7 de setembro, a comemoração da

independência do Brasil. Para eles, é essencial participar da data. Além disso, aproveitam o evento para divulgar a participação do grupo por meio da utilização de faixas e para pregarem sua ideologia, com a preocupação de mostrarem que não são racistas, mas, sim, nacionalistas.

Pois é, no 7 de setembro de 2014/2015, os próprios polícia [sic] já viram nós com outra cara, porque teve outras manifestações que nós fomos, o público chamando a gente de racista e nazista, coisa que nós não somos. É fácil o cara pegar um Google aí e ver o que é, o que são os Carecas. Primeira coisa que fala é que nós não somos racistas nem nazistas, e eles vivem falando. E eu sou negro, não posso ser racista sendo negro. **M. I. P.**, 42 anos



Figura 20 – Fotos dos Carecas no Sambódromo no desfile cívico da cidade de São Paulo.

Foto: Renata Matias

Para o grupo, o nacionalismo não pode apenas ficar na teoria. É preciso entender que os Carecas são uma gangue, logo, existirão brigas pelas ruas e reuniões para se organizarem, não apenas para eventos musicais, mas para futuros atritos ou para a participação em algum outro evento, como as datas comemorativas do país. Isso faz com que muitos que procuram o grupo, ao se depararem com a realidade do que é ser um Careca do Subúrbio, desistam de ser um membro.

Teve até um rapazinho que foi embora. Ele veio com aquela ideia de nacionalismo, muita teoria, ele chegou, viu o negócio, pô, Careca, gangue, ficou meio assim... Muita gente idealiza na internet aquela coisa de política, coisa muito bonita, e não é. Você chega, você vai ter um compromisso, uma reunião, é uma gangue, já fica com receio. São os teóricos que sempre existiram. **A.**, 26 anos

Ser nacionalista é estar presente nas manifestações, participando a fim de contestar as mudanças necessárias no país. **T. D.** afirma que é preciso ter a atitude de participar, reclamar, que este é um dever cívico e que isso constitui o papel de nacionalista. Além disso, estar presente manifestando faz com que o grupo se idealize como os militares, com a justificativa de que suas características são de extrema-direita, o que, segundo eles, faz com que sejam um grupo próximo da postura militar.

A postura nacionalista, patriótica, vocês estavam falando aqui, acaba aproximando o movimento dos Carecas do lado mais conservador, tudo já associa a o quê? Os Carecas do lado da extrema-direita, o lado fascista, militarismo, que na verdade esse lance militarista sempre existiu entre os Carecas, mas não pelo fato de você acreditar na doutrina rigorosa e tal dos militares, mas você ter uma forma de protestar com atitudes; não só de você sentar no seu sofá porque você cumpriu seu dever como patriota, seus deveres e cumprimentos cívicos, mas de você ter uma atitude que seja condizente com aquilo que você acredita. Então é legal você ir numa manifestação e mostrar a sua cara, que você é a favor de tal situação, acho que isso é ser nacionalista. Se você tem uma atitude de cunho social que vai interferir na sociedade, isso é ser nacionalista. Essa atitude que faz com que o Careca seja, ocupe esse termo nacionalista, atitude patriótica.
T. D., 34 anos

Na música “Soldados do asfalto”, é abordada a ideia de que os Carecas do Subúrbio são como soldados, comparando-se, como citado acima, com o militarismo. Seu papel é lutar contra os inimigos, erguer sua bandeira nacionalista, antirracista e a favor de “Deus, pátria e família”, pois eles levam consigo a bandeira do Brasil e precisam lutar pela nação.

Anoitece na cidade, inimigos não são poucos
tem que andar bem esperto pela praça central

Soldados do asfalto, a bandeira do Brasil está a seu lado

A cidade é um palco de uma guerra entre o céu e o inferno
Somos soldados do asfalto de botas e suspensórios

Soldados do asfalto, a bandeira do Brasil está a seu lado

Nacionalistas antirracistas
Soldados do asfalto, Deus, pátria e família

Soldados do asfalto, a bandeira do Brasil está a seu lado

Amanhece na cidade, inimigos não são poucos
Tem que andar bem esperto, o futuro é incerto

Soldados do asfalto, a bandeira do Brasil está a seu lado
Soldados do asfalto/ Classe Oi!perária

Deus, na frase muito utilizada pelo grupo “Deus, pátria e família”, é uma questão de ter princípios, de estabelecerem o que é certo, e a forma correta de se agir na sociedade foi pregada, segundo os Carecas, pelo cristianismo. Ter “Deus” também é um posicionamento contra grupos que não seguem as leis cristãs, como os antifascistas. Para os Carecas, eles, além de serem de esquerda, não possuem um “Deus”. Possuir a imagem de uma entidade divina é, para os Carecas, uma das bandeiras para ser um homem digno, apesar de que, como anteriormente citado na pesquisa, os Carecas se contradigam, afirmando que é possível ter um membro ateu. É claro observar que, para eles, ter “Deus” é uma questão de manter uma postura correta na sociedade, mas isso não os impede de continuar sendo uma gangue.

Porque, quando fala Deus, pode ser Deus propriamente dito ou deus numa questão de princípio. Até uma forma, na verdade de contradizer, hoje, mais em evidência, os antifas¹³, é uma forma da gente se mostrar contra aquilo, de oposição a isso, não é uma coisa... Me perguntam muito isso: “você brigam, como que é Deus e tal”. Às vezes cobram da gente ser mais corretos do que os apóstolos. **T. D.**, 34 anos

Ser Careca do Subúrbio é ser um soldado da pátria, é ter uma postura nacionalista, amar sua pátria, constituir uma família e lutar pelo que eles consideram o bem da sociedade. Para os membros do grupo, a postura Careca exige que o indivíduo tenha uma conduta digna, que não use drogas, não cause baderna na rua e, se o sujeito estiver disposto a erguer a bandeira de “Deus, pátria e família”, estiver disposto a “lutar” pelas causas dos Carecas e, até mesmo, participar das brigas que ocorrem com outros grupos que têm ideologias diferentes, o sujeito pode participar do grupo.

Você se decidir ser Careca, não é fácil, você tem que entender qual a nossa conduta de vida. Se você tiver disposto a isso, sem problema nenhum [entrar para o movimento]. **D. M.**, 28 anos

Por isso mesmo tem pouca gente. É chato pra caramba – pra nós não é, mas pra maior parte da juventude é. Não tem droga, não tem bagunça. Pra mim é natural, pra mim tá dentro de quem eu sou. Agora, pra maior parte da molecada... A molecada quer saber de ficar fumando maconha. **A.**, 26 anos.

¹³ Antifas: palavra que significa Antifascistas.

Portanto, é cobrado dos membros do grupo e dos indivíduos que desejam fazer parte do grupo que tenham disciplina, que o membro seja uma testemunha da conduta Careca, pois, ao agir de forma correta, dentro e fora de casa, pregando os princípios que o grupo acredita serem importantes, como os citados acima, ele propagará o que é ser um membro dos Carecas. Pois, para os integrantes do grupo, ser correto em suas atitudes, não utilizando drogas, prezando pela família e sua nação, faz com que ele seja um espelho de todo o grupo perante a sociedade.

A disciplina é uma conduta de vida. Que o cara tenha uma vida regrada, que ele possa ter uma conduta disciplinar dentro de casa, fora de casa, que ele seja uma boa testemunha. Até porque não tem como a gente acompanhar dia inteiro a vida de todo mundo, a gente espera que a pessoa seja fiel àquilo que a gente espera dele. O cara disciplinado não vai sair por aí queimando o movimento, falando em nome do movimento coisas que não deveria, comprometendo o movimento em situações que não são legais, tudo isso envolve a disciplina do cara dentro do movimento. Como é a conduta dele com a família, filhos, esposa se tiver, com os pais, dentro de casa, no trabalho, pessoalmente. **D. M.**, 28 anos

P. C. aborda o que é preciso para ser um indivíduo correto dentro da postura Careca e perante a sociedade, além de afirmar que lutam contra o que pode prejudicar a juventude segundo a ideologia do grupo, como as letras das músicas funks e a homossexualidade – que, para eles, não deve ser exposta para a sociedade, pois seria uma maneira de desvirtuar os jovens hoje em dia. Assim, para eles, é preciso lutar contra, mesmo que seja pela violência:

O fato de não matar, não roubar, não usar drogas, ser um cara trabalhador, um cara respeitador, cara honesto, pai de família e por aí... Assim, não aceitar esse tipo de coisa que existe e que prejudica hoje os jovens e usando os meios necessários pra combater isso, inclusive a força. Não sou obrigado a entrar no ônibus e o cara lá ouvindo funk sem eu falar nada, não sou obrigado a entrar num lugar e ver duas meninas de mãos dadas ali como se fosse a coisa mais natural do mundo. Dependendo da situação, porrada. Você pede a primeira vez, na segunda já pede obrigando. **P. C.**, 45 anos

É uma utopia acreditar que os Carecas possuem uma imagem correta como eles pregam, pois, apesar de afirmarem em seus discursos que tentam ser como militares, possuir disciplina e agir de maneira positiva perante a sociedade, não podemos esquecer que o grupo é também uma gangue e possui suas próprias regras, seus rivais, brigam na rua e agredem membros de outros grupos que tenham ideologias diferentes, como afirma **P. C.**:

Como o Careca ele quer fazer tudo a parte correta [sic], a polícia tenta manter a ordem, então, Careca é simpático a esse tipo de coisa. Porém, não estamos na crista da lei. **P. C.**, 45 anos

Deste modo, observamos que ser Careca é ter uma postura com disciplina, apesar de existirem contradições como citado acima. Ainda que no levantamento realizado na Decradi não conste nenhum inquérito contra os membros dos Carecas do Subúrbio, observamos seu envolvimento em brigas de rua contra membros de outras gangues – as gangues, de modo geral, preferem resolver suas diferenças nas ruas e não as levar para a polícia. Assim, por maior que seja o desacordo entre o que é dito e o que é feito pelos Carecas, os membros do grupo se posicionam como soldados, prontos para lutar e erguer a bandeira do “Deus, pátria e família”. Para eles, é com essa ideologia que se posicionam em campo de atrito social, e julgam que suas lutas são necessárias para um bem comum da sociedade, pois é de dentro dos Carecas que sairá a salvação para os problemas que existem. Por isso, são extremamente nacionalistas, dentro de sua própria definição da palavra e, apesar de não possuírem preconceito com sujeitos de outras regiões do país, apenas com imigrantes, também fazem questão de demonstrar que têm orgulho, não apenas de serem brasileiros, mas da cidade onde moram. Observamos muitos que não têm tatuada apenas a bandeira do Brasil, mas também a do estado de São Paulo, como afirma o Careca **C. A. L.**: “Tenho a bandeira do estado de São Paulo e a bandeira do Brasil tatuadas”.

De fato, os membros dos Carecas do Subúrbio se posicionam como a força nacionalista e acreditam que, de dentro do grupo, surgirá a solução para os problemas vividos pela sociedade e quem irá lutar pela desigualdade social. Como eles ainda se colocam como a classe operária, apesar de não existirem mais operários dentro do grupo, eles lutam para solucionar os problemas dos menos favorecidos, pois todo dia é uma luta – a luta pela sobrevivência dentro de um mundo desigual que resulta em diversos sujeitos com problemas econômicos. Para eles, são os próprios Carecas do Subúrbio que podem “salvar” a nação. Entretanto, não observamos a inserção de forma relevante dos membros do grupo em causas sociais ou na política. O que os Carecas algumas vezes realizam é a captação de alimentos durante seus eventos musicais para a entrega em alguma instituição, mas não observamos essa ação com grande frequência, pois, como muitos Carecas têm

problemas financeiros, os membros priorizam ajudar o colega de movimento. De fato, o auxílio acaba sendo dentro do próprio grupo, e em outras áreas, como a política, por mais que os Carecas abordem diversos assuntos sobre o tema, não estão envolvidos nessa área. Cultivam, porém, o desejo de que um dia surja um indivíduo de dentro do grupo que irá fazer parte da política e será a melhor opção para a nação, pois irá salvá-la.

Contudo, os Carecas se colocam como heróis, os heróis da nação. Olham ao seu redor e veem os outros membros do grupo da mesma maneira. Afirmam que querem lutar pela pátria, pela juventude, mostrando sua postura correta de agir para um dia se tornarem mártires. Propagam a ideologia do grupo, e afirmam que, se preciso fosse, morreriam lutando pela nação.

Ser Careca é ser diferente, é pensar que, através do meu nacionalismo, do meu patriotismo, das minhas ideias contra as drogas, da minha confraternização com os amigos, eu posso ser um mártir amanhã e mostrar isso para os jovens que a gente tava certo. **C. A. L.**, 42 anos

5.2 Carecas do Subúrbio, os heróis do Brasil

O homem sempre exteriorizou sua grande necessidade de se expressar. Desde os primórdios, utilizou as condições que tinha para se comunicar, naquela época, por meio de pinturas nas paredes das cavernas. Com o tempo, os sujeitos foram se aprimorando e produzindo outras maneiras de deixar suas marcas, buscando representar, por meio de pinturas e esculturas, o que via e sentia (GOMBRICH, 1999). Mesmo que de maneira ainda rústica, os sujeitos representavam em suas maneiras de expressão os seus heróis e os deuses em que acreditavam, as entidades que utilizavam para explicar os fenômenos existentes na natureza.

No Renascimento, por exemplo, os pintores e arquitetos desenvolveram a técnica da perspectiva, que possibilitou que os artistas representassem formas tridimensionais em uma superfície bidimensional para expor suas ideias (COSTA; COSTA, 1992). Mais adiante, na Revolução Industrial, o desenvolvimento das máquinas possibilitou ao homem a facilidade de expor suas ideias, visto que poderia

produzir os suportes em massa. Na atualidade, a representação gráfica abrange diversas áreas do conhecimento e é empregada como ferramenta de trabalho por pintores, designers, cenógrafos e desenhistas, entre outras áreas.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando a população estava assustada com os acontecimentos e precisava alimentar a esperança de que o mundo iria ficar em paz, surgem os primeiros super-heróis advindos da cultura do entretenimento (MARNY, 1988). Com o tempo, inspirados nos romances de detetive e livros de ficção científica, os jovens Jerry Siegel e Joe Shuster criaram o personagem que foi considerado o primeiro super-herói, o Superman, que foi um grande sucesso e resultou na criação de um novo segmento de histórias de quadrinhos (SILVA, F., 2006). Com o tempo, foram criados novos heróis e a indústria cultural foi a responsável por divulgá-los pelo mundo.

De fato, a mitologia de heróis e deuses faz parte do imaginário coletivo social desde os primórdios e cada sociedade, como gregos, romanos etc., criou seus heróis e lendas mitológicas, pois essas sociedades viviam cercadas de incerteza e necessitavam explicar os fenômenos da natureza (CAMPBELL, 1949). Na modernidade não foi diferente: a indústria cultural trabalhou para que o imaginário coletivo tivesse seus heróis, que foram difundidos pelo mundo. No mundo multicultural onde vivemos, os super-heróis fazem parte da infância dos indivíduos e perpetuam no seu imaginário quando adultos, pois são alimentados pela indústria cultural, que disponibiliza produtos sobre diversos personagens. Os elementos criados e propagados como heróis se utilizam de elementos icônicos e da narrativa da associação por semelhança do sujeito com seu herói de escolha.

Morris M. e Morris T. (2009) trazem a definição de herói do dicionário que, sendo um termo do grego antigo, significa “homem com qualidades magnânimas, semideuses”, ou “homem extraordinário por seus feitos guerreiros”, ou ainda “homem extraordinário por feitos e qualidades nobres”. Assim, as qualidades nobres são personificadas, o herói é um ser invulnerável que arrisca vulnerabilidade, apesar de não a possuí-la, em nome de um bem maior. O super-herói é um indivíduo de força extraordinária, mas que possui pontos fracos e fortes, mas um indivíduo de caráter nobre e que faz atos dignos (MORRIS; MORRIS, 2009, p. 25).

De fato, podemos encontrar os heróis do dia a dia, que são aqueles que trabalham para um bem em comum, mesmo que isso requeira o confronto com o perigo do indivíduo, mas que resulte no bem para o outro; ou ainda algo que envolva sacrifícios do sujeito, que se disponibiliza a passar por determinada situação de perigo (MORRIS M. E MORRIS T. 2009).

Deste modo, qualquer indivíduo que defenda o bem e o certo pode ser visto como um herói (MORRIS M. E MORRIS T. 2009). Se a luta for por um bem em comum e o sujeito lutar apesar de todas as adversidades e expectativas, ele pode ser visto como um herói.

Segundo o autor, qualquer pessoa que defende o bem e o certo pode ser visto como um herói. Uma pessoa pode entrar em uma luta heroica contra o câncer ou alguma outra doença terminal. Um indivíduo pode lutar heroicamente para ter uma educação formal adequada, apesar de todas as adversidades e expectativas contrárias.

A imagem de herói será constituída no imaginário de cada indivíduo, que pode, por exemplo, ver como heróis seus pais ou outra pessoa que admira. Esses sujeitos que se tornam relevantes no imaginário de alguém como heróis se tornam exemplos morais, como acontece, também, nos super-heróis dos quadrinhos, que são dotados de qualidades (MORRIS M. E MORRIS T. 2009).

Ao observarmos os Carecas do Subúrbio e até mesmo ao questioná-los, compreendemos que, para eles, heróis são os próprios membros do grupo, pois foram eles que tiveram coragem de manter a ideologia Careca e o movimento ativo todos esses anos. Os integrantes do grupo idealizam que os membros lutam dia após dia para manter sua ideologia, resistindo apesar de todas as dificuldades que passam, e é essa ideologia que pode resultar em melhorias para o país.

O entrevistado M. I. P., ao ser questionado sobre quais são os seus heróis, ele aponta que são os membros do grupo, pois eles iniciaram o movimento, lutaram para que ele se mantivesse até os dias de hoje, e é a união, a irmandade que os diferencia positivamente. É esse sentimento transmitido desde o início que o mantém no grupo e torna os outros Carecas os seus heróis.

Veja bem, tem uns Carecas que são de bater palma pra eles, porque eles começaram o movimento aí e tão até hoje, eles não ramelaram. E é assim, eu não vou citar nome, senão vou citar um monte de nomes aqui, só aqui na minha frente eu tô vendo vários. E a nossa irmandade é uma irmandade, não tem como falar que não é uma irmandade. É, eu me encontrei, o jeito, o estilo de vida, era tudo que eu tava precisando, não só curtir o som e ir pros rolês... O Careca do Subúrbio é muito mais que isso aí, é união, é ajudar o outro. **M. I. P.**, 49 anos

Para os Carecas do Subúrbio, a ideologia que o movimento trouxe desde seu surgimento na década de 1980 com os seus fundadores e que é propagada para os novos membros até os dias atuais traz benefícios para o país, pois pregam a constituição da família, a presença de Deus e o amor à pátria. Para os membros, por mais que não consigam ter uma abrangência maior, ao conseguirem captar mais membros e torná-los adeptos a suas ideologias já estão beneficiando o país. Assim, os integrantes mais velhos são tidos como heróis do grupo, pois construíram o movimento, conseguiram propagá-lo e angariar novos adeptos a sua ideologia, transformando jovens que poderiam estar “perdidos”, como os Carecas costumam dizer, e trazê-los para o grupo. Por isso é comum vermos um Careca falando de seu padrinho dentro do movimento, pois, segundo eles, entrar para o movimento é a salvação de uma vida desregrada que viviam e, no grupo, encontram uma ideologia conservadora dotada de irmandade.

Representa uma parte histórica, é o que eu falo, o que deixa nós eternos não é o céu, é as atitudes que a gente tem em vida [sic]. E eu vejo eles como isso, tiveram atitudes boas deles, tiveram as mudanças deles, fizeram algo pelo país e isso torna eles eternos. É assim que eu espero me tornar um dia, mesmo que eu parta dessa pra outros planos. Assim, meu filho ou algum amigo do movimento ou alguém fala: “poxa, meu pai foi um grande homem, o **C.** foi um grande homem e aqui ele vai ser eternizado”. **C. A. L.**, 42 anos

Como podemos observar na entrevista a seguir, **C. A. L.** relata que o movimento luta contra o que está errado para eles na sociedade, como o comunismo, a formação de famílias não tradicionais (ou seja, não composta por pai, mãe e filhos), a ausência de tradição e a ausência de nacionalismo, e o movimento Careca do Subúrbio vem para mudar isso, pois traz ideias contrárias e conservadoras, que seriam as ideais para um Brasil melhor.

Porque a gente vê que as pessoas estão muito com ideias erradas, ideias comunistas, ideias que abaixa a família [sic], são coisas sem tradição nenhuma. Fui pela ideia nacionalista, ideia de tentar mudar algo, de tentar conscientizar os jovens que o movimento é uma coisa certa, sem droga,

uma coisa família, que as pessoas do movimento acreditam em Deus. **C. A. L.**, 42 anos

Para Morris M. e Morris T. (2009), super-heróis são seres sobre-humanos que conseguem superar as limitações humanas, por isso se tornam o símbolo do desejo pelo poder. Os super-heróis fazem parte do inconsciente coletivo e traduzem os desejos e sonhos dos indivíduos que, muitas vezes, se espelham nos heróis da ficção para obter uma imagem de herói. Mas também existem os heróis do dia a dia, como os heróis nacionais constituídos na história de cada país. Assim, conclusivamente, observamos que os Carecas do Subúrbio projetam os seus heróis nos próprios membros do grupo, pois eles trazem uma ideologia capaz de solucionar os problemas que, para eles, precisam ser mudados no Brasil. Seu conservadorismo é um ponto-chave para as melhorias necessárias, e são suas lutas e sua postura de soldados da pátria que irão salvar o país, pois eles se posicionam em campo de atrito social, e é preciso lutar carregados de sua ideologia para que o Brasil melhore para todos.

Na letra da música “Honra”, observamos que os Carecas se colocam como soldados que lutam pela pátria, que são os “soldados da nação” e que necessitam de apoio nacional.

Lutando com honra, coragem e bravura,
Os guerreiros da nação combatem a maldita conjura
Armados com ideais, tradições e valores
Ao lado da verdade, venceremos os traidores

Lutando bravamente, alcançaremos a vitória,
saudaremos os combatentes que lutaram pela pátria

A luta é pela vida, o inimigo é mortal
Os guerreiros nacionalistas precisam de apoio nacional
Lutando bravamente, alcançaremos a vitória,
saudaremos os combatentes que lutaram pela pátria

Defendemos a família, a cristandade e a nação
Vamos todos à luta, sem remorso e sem perdão

Lutando bravamente, alcançaremos a vitória,
saudaremos os combatentes que lutaram pela pátria

Classe Oi!perária / Honra

Na letra de música a seguir, o que nos chama atenção primeiramente é o nome da banda: como citado anteriormente, a banda Soldados da Pátria já carrega em seu nome o posicionamento dos Carecas, pois eles acreditam que são os soldados que lutam pelo Brasil. Sendo as bandas musicais que divulgam a ideologia

Careca, elas carregam não apenas em seu nome, mas em suas letras, qual deve ser a atitude de um membro do grupo. Na letra a seguir, perante a criminalidade que assombra a metrópole, não será o governo ou a polícia que irá solucionar esse problema, mas, sim, os Carecas, que irão entrar em cena contra a violência.

Tudo está fora de lugar
E a violência não para de aumentar
Trabalhador sendo assassinado
A polícia sendo atacada
O povo vivendo com medo
Governo não se importa
Aumentando nossa revolta
Tirando toda nossa dignidade

É bom você se preparar
Pois sua hora vai chegar
Não vamos mais nos esconder
Agora vamos contra-atacar

Criminalidade / Soldados da Pátria

O Careca do Subúrbio como herói é um indivíduo forte, pois pratica atividade física, é antidrogas (apesar de grande parte consumir álcool), conservador, propagador do lema “Deus, pátria e família”, pois acredita na constituição da família tradicional, no amor a sua pátria e na regência de Deus sobre suas atitudes. Por ser dotado de tudo isso é o herói ideal para o Brasil, que passa constantemente por problemas em diversos âmbitos, como saúde, economia e transporte. É um sujeito que nasce da periferia, é um trabalhador operário, mas que, com sua ideologia, irá lutar e vencer. Virará um mártir para as próximas gerações.

Sou brasileiro guerreiro, lutando contra a exploração
Sou mais um suburbano que não vive de ilusão
Acabando com as injustiças que sofre um cidadão

Cidadão / Bota Gasta

Sua luta por aquilo em que acreditam, apesar de serem cidadãos comuns, mas guerreiros por erguerem a bandeira de seus ideais, é o que os tornam heróis.

Ser soldado é participar de manifestações por aquilo em que acreditam, não apenas discutir verbalmente pelo que se almeja alcançar. Se for preciso, utilizam de força bruta, da violência, para conseguir as mudanças necessárias, como explica o Careca T. D.:

Seria nesse sentido dos manifestos [sic], de ir pra rua, de protestar e se precisar quebrar o pau no manifesto, quebra o pau. De ir pra luta mesmo, não só fica ali discursando. **T. D.**, 34 anos

O entrevistado **J. F. G.** ressalta que os Carecas podem auxiliar o Brasil em seus problemas de uma maneira geral, pois, além de arrecadarem alimentos em alguns eventos para distribuírem em instituições, a ideologia conservadora Careca, se fosse propagada, ajudaria muito o país, pois seus pilares seriam uma maneira de manter sua mente sã – acreditar em Deus, por exemplo, para ele, é sinônimo de saúde mental. Além disso, critica que, atualmente, vivemos em uma sociedade com uma falsa liberdade e ele culpa a mídia por isso, mas, segundo o entrevistado, como os Carecas não se importam com a mídia, continuam a pregar a sua ideologia. Se outros indivíduos a conhecessem, inclusive pelas letras de músicas de suas bandas, entenderiam como ela pode auxiliar o país a melhorar perante os problemas que vive, acredita o entrevistado.

De uma forma geral, com trabalho nosso, Carecada faz muito e isso aí é uma coisa da tradição Careca, em eventos a gente fazer coisas benéficas: recolhimento de alimento, outras coisas mais pra entidades. Careca tem muita forma de ajudar, se só um pouquinho só das nossas ideologias passasse, já ajudava muito o nosso país. Muitas vezes as pessoas acham que isso se refere só ao integralismo, mas não é. Isso aqui é pilares da sociedade. Deus pra mim, não só Deus, é saúde, pilar da sociedade. É saúde, é aquilo que temos que ter, porque não adianta só ter corpo são e mente sã, com Deus você também tem o seu espírito são. A pátria tem que gerar pra nós a segurança, os seus membros societários, pra família, pra nós é a educação, tudo aquilo que a gente tem ao longo da nossa vida e aquilo que vamos repassar aos nossos filhos. Educação é uma base fundamental. Você tem 30 anos, na minha época e época dos seus pais, pode perguntar a eles, não precisava ter bancos pintados de cor diferenciada, fila diferencial. Nós observávamos uma pessoa de idade, uma pessoa deficiente ou uma gestante ou uma pessoa qualquer que você via que tava com sacolas pesadas, você levantava, você dava lugar. “Senhora, passa aqui na frente, vem aqui, por favor”. A gente pedia pra pessoa ir, aquela coisa que vem de família, de berço, que nós estamos perdendo. Careca ainda tem muita coisa, muitas. A questão é conseguir transpor uma determinada barreira que se chama mídia; a mídia só quer aquilo que é vendável pra sua distribuição e Careca não é. Ideologias de liberdade mesmo, luta por liberdade, porque falar que temos liberdade é mentira, nós vivemos uma falsa liberdade. Pouco triste, né? Viver uma falsa liberdade. Eu gostaria que as pessoas fizessem reportagem com o movimento que não deturpasse só como gangue de rua. Começou, sim, como uma gangue de rua, mas tem muito mais coisa além disso, muita coisa além das tretas com as bancas antigas. Às vezes a gente é chamado de fascista, quem não conhece, quem não sabe. Mas acredito que a gente tem muito pra contribuir, é só começar a acompanhar um pouquinho, ouvir as nossas músicas, compreender o que essas determinadas letras querem dizer. Careca tem muito pra contribuir. **J. F. G.**, 49 anos

Ser Careca, para os membros do grupo, é um estilo de vida, é algo que nasce com eles. São sujeitos que se descobrem pertencentes ao movimento com o tempo, pois carregam consigo a ideologia necessária para fazer parte do movimento e julgam estar agindo corretamente segundo sua ideologia.

É tudo. As pessoas não se tornam Carecas; ele nasceu Careca, só não sabe. Quando ele vê o que é aquilo, ele fala: “é isso que sou, eu sou tudo isso, sou todo esse movimento, sou todas essas pessoas. Sou parte desse todo, de toda essa família”. Eu nasci Careca, nasci, vivo [isso]. Não sei se já errei, lá na frente é que a gente vai ver, mas eu acredito que todas as atitudes que tive hoje na vida, busquei fazê-las no máximo da certeza que eu tava fazendo a coisa certa. Algumas pessoas podem até julgar: “você fez coisas erradas”. Eu falo: “depende, não matei ninguém, não roubei ninguém”, mas às vezes [dei] os corretivinhos pra pessoa acertar na vida. **J. F. G.**, 49 anos

Assim, como esclarecem Morris M. e Morris T. (2009), super-heróis são sujeitos, também, os sujeitos do dia a dia, os indivíduos que idealizamos como heróis. No movimento Carecas do Subúrbio, os membros, além de idealizarem os membros que são mais antigos no grupo ou fundaram o movimento como heróis, por terem coragem de manter sua ideologia diante das adversidades e lutando com força física com outros grupos para fazer valer suas crenças, os Carecas se colocam como heróis que têm a solução necessária para libertar o Brasil de seus problemas, pois é com sua ideologia que muitos problemas serão sanados. Até mesmo procuram se tornar mártires, sendo, futuramente, reconhecidos por terem se posicionado em campo de atrito social para lutar por suas causas, que acreditam ser de todos. Suas bandas são emblemáticas e trazem a ideologia do movimento a fim de propagá-las não apenas no grupo, mas fora dele também. São o ponto-chave que mantém o movimento vivo, unido e crente em seus ideais, que devem ser propagados pelos membros como soldados que manifestam e defendem a bandeira do país com coragem. Assim, conseguirão conquistar um Brasil melhor para todos.

Soldado, erga a bandeira para defender suas fronteiras
É sua maior razão, Ordem e Progresso é o lema da nação
Combata com coragem, não tenha medo de morrer
Porque um país melhor para todos tem que nascer.
Oi! Oi! Soldados do Subúrbio
Oi! Oi! Unidos pelo Brasil
Oi! Oi! Soldados do Subúrbio
Oi! Oi! Unidos pelo Brasil
Soldados do Subúrbio, nunca parem de lutar
Movimentem suas botas para o Brasil melhorar.
Nunca perca a esperança
Uma luz sempre a brilhar

No caminho dos soldados
 Quem não se cansa vem lutar
 Oi! Oi! Soldados do Subúrbio
 Oi! Oi! Unidos pelo Brasil
 Oi! Oi! Soldados do Subúrbio
 Oi! Oi! Unidos pelo Brasil
Soldados do Subúrbio / Bota Gasta

Na letra a seguir, podemos observar que os Carecas estão, inclusive, acima dos militares, e são eles a “massa forte” do país que está preparada para lutar. O sistema vigente no país não é suficiente para abarcar todos os problemas e solucioná-los, seriam então os Carecas do Subúrbio os heróis responsáveis por essa mudança.

Nós somos a massa forte
 Lutamos pra viver
 Nos unimos pra abrigar
 Viver, viver, viver.
 Sai fora, militares
 Detesto o poder
 Me obriga a gritar
 Lutar sem padecer
 Destrua o poder.
 Sistema é sempre errado
 Não quero nem saber
 De candidatos demagogos
 Que só pensam no poder
Lutar, Lutar, Lutar / Vírus 27

Assim, os Carecas são a linha de frente, forte e preparada para as lutas diárias, as lutas por melhores condições. São eles que devem representar a população com sua ideologia conservadora e solucionar seus problemas

Nosso idealismo irá
 vigorar sem intervenção
 a força oposta se ajoelhará
 diante a nós, mas não terá perdão.
 Somos a linha de frente
 repleto de otimismo e nada nos afeta
 não se oponha a nossa força
 se curve diante a nós
 ou então saia da reta
 Somos a linha de frente
 repleto de otimismo e nada nos afeta
Linha de Frente / Vírus 27

Conclusivamente, para ser um herói, o indivíduo deve personificar qualidades nobres; indivíduos que trabalham por um bem em comum, como bombeiros e policiais que transcendem seus interesses próprios pelo bem-estar dos cidadãos. O

conceito de herói, porém, vai além disso: ele se expande para indivíduos que julgamos que fazem o bem ou o que é certo (MORRIS M. E MORRIS T. 2009). Para tornar-se um herói, é preciso que o sujeito esteja disposto a fazer sacrifícios próprios para servir o maior número de pessoas possível e ter autodisciplina para focar em suas aptidões que irão beneficiar a sociedade. Os super-heróis proporcionam grandiosas imagens fictícias vividas e são, ao mesmo tempo, inspiração e motivação para os demais sujeitos. Os heróis foram criados para aniquilar o medo que vive de diversas maneiras instituído na sociedade e os super-heróis nascem com o dever de mostrar que todos os perigos podem ser enfrentados e vencidos, mesmo que para isso seja necessário utilizar a força bruta, que os humanos comuns têm medo de utilizar e que isso acabe por virar um hábito, mas os heróis podem usá-la para salvar a sociedade (MORRIS M. E MORRIS T. 2009).

Os super-heróis são boas pessoas que dão bons exemplos e são capazes de usar a força quando necessário, e até de cometer atos violentos, dentro dos limites, para derrotar e subjugar o mal, sem deixar que seus atos repercutam e forma negativa em seu caráter (MORRIS M. E MORRIS T. 2009). Assim, podemos compreender que, para os Carecas do Subúrbio, propagar sua ideologia faz deles bons exemplos, pois acreditam que é ela que poderá solucionar os problemas que o Brasil enfrenta em diferentes setores, como saúde, educação, corrupção no governo etc. Eles se posicionam como heróis que se utilizam da violência para protestar, para combater o que julgam estar errado e prejudicando eles mesmos e a sociedade. São indivíduos nobres, soldados da nação que carregam em sua bandeira “Deus, pátria e família” e cujo nacionalismo os diferencia como linha de frente que luta. Ao espalhar sua ideologia, acreditam que irão construir uma sociedade melhor. Contraditoriamente, tivemos oportunidade de acompanhar a presença do grupo em algumas manifestações, como aquelas que ocuparam as ruas no ano de 2016, pedindo o impeachment da então presidente Dilma Rousseff, e também a participação do grupo em datas comemorativas como o 7 de setembro – comemoração da independência do Brasil, ocasião na qual participaram da plateia que assistiu ao desfile cívico na cidade de São Paulo. Pudemos observar ainda, em alguns eventos, a organização dos membros para arrecadar alimentos para auxiliar uma instituição carente ou um membro dos Carecas do Subúrbio que estivesse passando por problemas financeiros. Entretanto, o que mais pudemos observar é

que os Carecas acreditam que sua ideologia conservadora é a ideal para que o país melhore nas diversas frentes: economia, saúde, educação; propagam em suas letras de músicas das bandas que são os soldados da nação, pois são nacionalistas e erguem essa bandeira. Acreditam que sairá de dentro dos Carecas do Subúrbio o indivíduo que irá melhorar o Brasil, mas não vemos ações que legitimem sua fala. Na verdade, o grupo se posiciona em maior parte com atrito com outras gangues que possuem ideologias diferentes, unem-se para ouvir suas bandas, beber cerveja, e rever seus amigos, mas cultivam em suas palavras, letras de músicas a ideia de soldados de serem os heróis nacionais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, os Skinheads surgidos na Grã-Bretanha não tinham nenhuma ligação com a política nem tinham um ideal para se agruparem: eram apenas operários que nos fins de semana se uniam para beber cerveja, escutar música – o Ska, e conversar. Gostavam de futebol e ocasionavam muitas brigas nos estádios; como tinham suas cabeças raspadas, logo a imprensa da época os apelidou de Skinheads e eles adotaram o nome.

Aqueles que arrumavam brigas nos estádios posteriormente receberam o nome de Hooligans e existem até os dias de hoje, mas também foram criadas diversas ramificações, como Sharps, White Powers, Hash etc, todas baseadas nos ancestrais britânicos, mas diferenciando-se pela sua própria ideologia.

A chegada das notícias sobre os Skinheads no Brasil foi um processo tortuoso e passou pelo movimento Punk, pois mesmo os fundadores dos Carecas do Subúrbio, antes de iniciarem o movimento, fizeram parte do movimento Punk. Em determinado momento, porém, aqueles que viriam a ser os primeiros Carecas pararam de acreditar que aquele grupo era o mais adequado para participarem, visto que queriam um movimento nacionalista, que não fosse comunista e que estivesse longe das drogas.

Os Carecas do Subúrbio começam a se organizar com maior força quando nasce sua primeira banda musical, pela qual propagam sua ideologia fora e dentro do grupo. Anteriormente, também, era comum a veiculação de fanzines, que transmitiam a opinião do grupo, mas eles perderam força, deixando espaço para as bandas.

As bandas musicais se posicionam emblematicamente em campo de atrito social e são elas que propagam a ideologia Careca para os seus membros e para quem está fora do grupo. Sua relevância é indiscutível, pois as reuniões do movimento acontecem quando unem bandas para tocar em um som e os membros, junto com sujeitos que desejam ser Carecas do Subúrbio e convidados, se reúnem para vê-las tocar, conversar e, em sua maioria, beber cerveja.

A interpretação do vocalista da banda logo toma força na voz de todos os membros, que cantam as letras musicais como suas verdades e as propagam sem questionar, pois, para os sujeitos que fazem parte do grupo, as bandas têm o papel primordial de propagar a ideologia do movimento.

São as bandas que conduzem as práticas sociais do grupo como o batismo de novos membros, pois um novo integrante é aceito nos Carecas quando, ao som da letra de “Batismo”, ele apanha dos demais integrantes e, assim, passa a fazer parte do grupo.

Ser Careca do Subúrbio para os membros não é apenas estar presente nos eventos: para eles, é assumir um estilo de vida, um estilo conservador, pelo qual propagam a ideia de “Deus, pátria e família”. Consideram que Deus governa as atitudes deles, por isso precisam compor uma família como prega o cristianismo – uma família tradicional, pois essa é a vontade de Deus. Ressaltam também a ideia de pátria e o amor que têm pelo seu país, o qual pretendem defender. Apesar de esses três pilares fazerem parte da política do integralismo, os Carecas frisam que não estão relacionados com essa ideologia política.

As músicas trazem, principalmente, letras que abordam o tema nacionalismo, pois os Carecas do Subúrbio afirmam ser nacionalistas; têm orgulho de serem brasileiros, orgulho da sua bandeira e estão dispostos a lutar pelo Brasil.

Os membros do grupo praticam esportes exatamente para poder enfrentar as lutas pela sua pátria, as lutas do dia a dia. Para eles, participar de uma manifestação já é uma forma de estarem lutando ativamente pelo país. A violência é justificável para o grupo, pois afirmam que emplacam brigas com grupos de ideologias rivais que, segundo eles, não irão beneficiar o país, como a ideologia comunista, que julgam não ser ideal para o Brasil. Além disso, são xenofóbicos e homofóbicos, pois acreditam que o Brasil deve ser dos brasileiros e o dinheiro investido pelo governo deve ser dos cidadãos nascidos na pátria. Para eles, os homossexuais tentam implantar a “cultura gay”, destruindo a família tradicional e dando mau exemplo para as crianças, por isso deve-se ir contra eles.

Assim, o Careca do Subúrbio é um indivíduo forte, conservador e provido da ideologia de que está pronto para lutar pelo seu país. Em sua postura, sua fala e em suas letras musicais, os Carecas criam dois tipos de heróis: a) os Carecas do Subúrbio mais velhos no movimento, pois eles tiveram a coragem de lutar pelo que acreditavam e propagar a ideologia, mesmo que por meio de muitas brigas com outros grupos rivais; b) os Carecas do Subúrbio atuais que se posicionam emblematicamente em campo de atrito social e travam brigas até hoje com membros de outros grupos, participam de protestos, propagam a ideologia Careca, fazem parte de bandas musicais que propagam a ideologia Careca mais efetivamente e desejam um dia virar mártires para os futuros colegas de grupo. Deste modo, surge a ideia de herói nacional dentro dos Carecas, pois observamos em diversas frentes (postura, fala e letras de músicas) que eles se posicionam como soldados da pátria, como os indivíduos que, por meio da sua ideologia conservadora, irão transformar o Brasil em um país melhor para todos os cidadãos.

É preciso ressaltar que, embora os Carecas do Subúrbio exponham em suas letras e em seu discurso o desejo de serem os soldados da pátria e vejam em seus companheiros de grupo a imagem de heróis, é nítido que eles esperam que em seu meio surja um Careca que, de alguma maneira, seja na política ou em lutas corporais de forma mais ativa, será o grande herói da nação. Ao mesmo tempo em que eles veem seus colegas como heróis, buscam se tornar mártires e propagam em suas letras que lutam, que se posicionam contra o que não é benéfico ao país, eles também demonstram esperar que surja um super-herói como os da ficção, dotado de super poderes incríveis que o ajudarão a erguer a bandeira da ideologia dos Carecas do Subúrbio, implantando o conservadorismo do grupo, o amor e o orgulho pela pátria e aniquilando os problemas sociais enfrentados pela população e pela maioria dos Carecas do grupo.

Deste modo, este trabalho pretendeu compreender a relevância das letras musicais das bandas dos Carecas do Subúrbio e sua ideologia, compreendendo também qual o motivo que leva os integrantes a participar de tantas brigas, o motivo de serem uma gangue tão violenta e se realmente o grupo acreditava possuir uma imagem de herói. Compreendemos assim que a violência é instituída como uma forma de “fazer valer” a sua ideologia perante aquelas dos demais grupos, sendo

assim, para o grupo, justificável serem violentos, pois a força é necessária para que consigam estabelecer o correto, o melhor para a sociedade brasileira. Para eles, este melhor é a ideologia Careca, pois é uma ideologia que preza pelo brasileiro, por aquilo que o Brasil produz e pela história do país, rejeitando o que vem de fora, o que não é tradicional ou pregado pelo cristianismo. Colocam-se como soldados da pátria que estão dispostos a lutar pelo seu país, mesmo que sua ideologia seja carregada de contradições, preconceitos e não seja representativamente adotada pela população, mas são eles, para o grupo, os heróis do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis: punks e darls no espetáculo urbano.** São Paulo, Scritta, 1994.

ANTLIFF, Allan. **Anarquia e Arte: da Comuna de Paris à queda do muro de Berlin.** Tradução de Lana Lim. São Paulo: Madras, 2009.

ALMEIDA, Alexandre de. **Música Skinhead White Power brasileira: Guia de Referência.** Tese (História Sociais) USP-SP. São Paulo, 2017.

ALMEIDA, Alexandre de. **Skinheads: os “mitos ordenados” do Poder Branco paulista.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) PUC-SP. São Paulo, 2004.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida **Noites Nômadias: Espaço e Subjetividade nas Culturas Jovens Contemporâneas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi / Zygmunt Bauman.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura. / Zygmunt Bauman.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi / Zygmunt Bauman.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Resenha de: SZWAKO, José. Identidades liquidadas. **Revista Sociologia e Política**, n. 27, Curitiba, nov. 2006.

BEM, Arim Soares do. **A insustentável identidade dos Skinheads tropicais: uma abordagem sociológica.** In: Ângela Maria Benedita B. de Brito, Moisés de Melo Santana e Rosa L. S. Correia. (Org.). Educação e identidade negra. 1 ed. Maceió: Edufal, 2005, v. 1, p. 100-115.

BRACHT, Alessandro. **Skinheads: as origens britânicas de uma subcultura jovem (1968-1971).** *Histórica*. Porto Alegre, n 7, p. 149-166, 2003.

BOSCHI, Renato Raul; VALLADARES, Licia do Prado (Coord.). **Movimentos Coletivos no Brasil Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Série Debates Urbanos.

BRACHT, Alessandro. O Nacionalismo dos Skinheads Brasileiros. [Editorial]. **Sæculum – Revista de História**, João Pessoa, n. 12, jan. / jun. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh>>. Acesso em: 3 de abril de 2017.

BRITO, Israel Carlos Fernandes de; MELO, Patrícia Targino. **Os “carecas do subúrbio” e o neofascismo na produção musical**. Periódico Científico Projeção, Direito e Sociedade [vol. 5] nº 1. Junho 2014.

BROTTO, Julio Cezar de Paula. **A Comunhão Trinitária como Fundamento da Ação Missionário-Pastoral das Igrejas Cristãs junto às tribos urbanas de rosto underground**. REFLEXUS - Ano VIII, n. 11, 2014/1. Disponível em: <final_corrigido> Acessado em: 24 de maio de 2018.

CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade, a invasão dos bandos sub**. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

CABANES, Robert. [et al.] (Org.). **Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo**. Tradução de Fernando Ferrone e Cibele Saliba Rizek. São Paulo: Boitempo, 2011.

CABANES, Robert; TELLES, Vera da Silva. **Nas Tramas da Cidade: Trajetórias Urbanas e Seus Territórios**. São Paulo: Humanitas, 2006.

CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista**. Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv, 08 (01): 607-630, 2010.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo, Studio Nobel, 1993.

CARMO, Paulo Sérgio. **Cultura da Rebeldia: A juventude em questão**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural: O direito à cultura**. 1. ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: O discurso competente e outras falas**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CHAUÍ, Marilena. Cultura y Democracia. **Cuadernos del pensamiento crítico latino-americano**. Buenos Aires, n. 8, 2008.

COSTA, António Firmino. Identidades Culturais Urbanas em época de Globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 17 n. 48, fev. 2002.

COSTA, Marcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio**: Caminhos de um Nomadismo Moderno. 1. ed. São Paulo: Vozes, 1993.

COSTA, Marcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da. **Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana**. 1. ed. São Paulo: Educ, 2006.

CASTRO, Lúcia Rabello de (org.) **Subjetividade e Cidadania**, Rio de Janeiro: Editora Lidador, 2001.

CONRAD, Joseph. **Juventude**. Tradução de Flávio Moreira da Costa. São Paulo: Marco Zero, 1986. Coleção Lances de Literatura.

COURTOIS, Stephane; PACKZOWSKI, Andrzej; PANNE, Jean-Louis; WERTH, Nicolas. **O Livro Negro do Comunismo**: Crimes, Terror e Repressão. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CUNHA, Luís. **Entre ideologia e propaganda**: a construção do herói nacional. Repositório institucional da Universidade do Minho – Núcleo de Estudos em Antropologia, Lisboa, 1995. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6133>>. Acesso em: 27 de setembro de 2016.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DURHAM, Eunice “A dinâmica cultural na sociedade moderna”, in, A dinâmica da cultura, São Paulo, Cosac Naify, (2004 [1977]).

FARAH, Elias. **Cidadania**. 1. ed. São Paulo: Ed. Juarez de Oliveira, 2001.

FRANÇA, Carlos Eduardo. **Algumas histórias dos grupos de skinheads no Brasil**: as múltiplas percepções, representações e ressignificações das formações identitárias dos “Carecas do Brasil” e do poder branco paulista. Levs, Marília, n. 05, p.89-97, maio 2010.

GUADAGNIN, Paulo Roberto Rodrigues. **A Subcultura Inglesa Mod**: A nazificação da Juventude Operária e a Crise Econômica da década de 1970. Cadernos FAPA, N. Especial VI Fórum FAPA, 2008.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. Violência urbana: um problema social. **Tempo Social; Revista Sociologia – USP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 105-119, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n1/a07v10n1.pdf>>. Acesso em: 23 de setembro de 2016.

HALL, Stuartt. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914 – 1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JARCEM, Renê Gomes Rodrigues. **Superman: Como a indústria cultural usa a similitude na construção do mito dos super-heróis de suas representações midiáticas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Faculdade Maurício de Nassau. Recife, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/historiar>> Acessado em: 10 de janeiro de 2018.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. **Neonazismo: Nova Roupagem Para Um Velho Problema**. Arkópolis. Umuarama, v.11, n.2, abr./jun., p.67-73, 2003.

JUSTO, Wilma Regina Enéias A. S. **Tribos Urbanas, Você e Eu: Conversas com a juventude**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. 1. ed. Rio de Janeiro: Oxford do Brasil, 1998.

KOTLER, Philip. **Marketing para o século XXI**. 1. ed. São Paulo: Editora Futura, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor 1997.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo na sociedade de massa**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes e Débora de Castro Barros. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. **Neonazismo: o retorno da intolerância**. Tempo. vol.3, n.6, pp. 1-11, 1998.

MALVASI, Paulo Artur; TRASSI, Maria de Lourdes. **Violentamente Pacíficos: Desconstruindo a associação juventude e violência**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARSHALL, George. **Espírito de 69: A bíblia Skinhead**. Tradução e notas adicionais de Glauco Mattoso. São Paulo: Trama Editorial, 1993.

MATIAS, Renata Cristina. **Skinheads** - Carecas do Brasil: Identidade Juvenil e Produção Artística. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) Universidade Cruzeiro do Sul - São Paulo, 2012.

MATTOSO, Glauco. **O calvário dos Carecas**. História do trote estudantil. São Paulo: EMW Editores, 1985.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial**: História e Estratégias. São Paulo: Contexto, 2010.

MICHEL, Henri. **Os fascismos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no Século XX**: O Espírito do Tempo. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

MORRIS, Matt; MORRIS, Tom; IRWIN, William (Coord.). **Super-Heróis e a filosofia**: Verdade, justiça e o caminho socrático. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2009.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933 – 1974)**: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Editora 34, 2008.

NAZARETH, Carolina Cadima Fernandes. **Carecas do ABC e carecas do subúrbio**: um panorama sobre a violência neonazista no Brasil. Revista Eletrônica de Ciências Sociais - V.I n.1. Set. 2009.

OLIVEIRA, Pedro Carvalho. **As origens e o desenvolvimento do Hate Rock**: Uma breve história política dos neofascismo por meio de sua música. Boletim Historiar, n. 19, abr./jun. 2017, p. 66-83.

PAIS, José Machado. **Jovem e cidadania**. Sociologia, problemas e práticas, n.º 49, 2005, pp. 53-70. Disponível em: <<https://sistemas.tjam.jus.br/coij/wp-content/uploads/2014/06/JovensECidadania.pdf>> Acessado em: 12 de março de 2018.

PAIS, José Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates**: Jovens, Trabalho e Futuro. Porto: Âmbar, 2001.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (Org.). **Tribos Urbanas**: Produção Artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

PEDERIVA, Ana Barbara Aparecida. **Anos Dourados ou Rebeldes**: Juventude, Territórios, Movimentos e Canções nos anos 60. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) PUC-SP. São Paulo, 2004.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo**. Estudos Avançados 22 (62), 2008.

QUINSAMI, Rafael Hansen; COMARU, Israel. Os Skinheads analisados pelo cinema contemporâneo: Um Skinhead no divã e tolerância zero (1993 -2001). Revista Thema 08 (01), 2011. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/62/35>> Acessado em: 06 de dezembro de 2017.

SALGADO, Plínio. **A Quarta Humanidade**. In: Obras Completas, v. 5, São Paulo: Editora das Américas, 1955.

SALAS, António. **O Diário de um Skinhead**: Um infiltrado do movimento neonazista. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

SALEM, Helena. **As Tribos do Mal**: O Neonazismo no Brasil e no Mundo. São Paulo; Atual, 1995.

SAND, SHLOMO. **A invenção do povo Judeu**. Tradução de Eveline Bouteiller. 3. Ed, São Paulo: Benvirá, 2011.

SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude**: Como o conceito de *Teenage* revolucionou o século XX. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. Rio de Janeiro: Cortez, 2007.

SILVA, Edson Alencar. **Quem toca a música do povo de Deus?** Um estudo sobre a música gravada por evangélicos no Brasil, anos 1970-90. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) PUC-SP. São Paulo, 2012.

TALLON, John M. **Natural Born Skinhead**. Kindle Edition, 1971. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Natural-Born-Skinhead-1971-Tallon/dp/1503249352>> Acessado em: 10 de fevereiro de 2018.

VEGA, David. **Cadarços Brancos**: Entre o Sonho e a Barbárie. São Paulo: Ed. Giostri, 2010.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **O ressurgimento da extrema direita e do neonazismo**: a dimensão histórica e internacional. In: MILMAN, Luís (org). Neonazismo, Negacionismo e revisionismo político. Porto Alegre: Ed UFRGS, p. 17-46, 2000.

Jovens e musica: um guia bibliográfico. Org: Margarete Arroyo; Colaboradores: NASCIMENTO, Thais Vieira do; JANZEN, Thenielle Braun. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

O processo de desenvolvimento do adolescente: articulando a identidade na diversidade, nos contextos e com outros na XXXII. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, 2003, Florianópolis-SC. **Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes:** relação com pares e negociação de diferença. São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicologia, 2003. v. 11, n. 1, p. 61-75.

ANEXOS

Anexo A – Entrevista com o Careca do Subúrbio K. F.

Pesquisadora – Você está há quanto tempo no movimento Careca do Subúrbio?

K. F. – Eu conheço mesmo o movimento desde 1993. Mas, no movimento mesmo, eu comecei a separar mais ativamente e frequentar as reuniões e eventos foi a partir de 1996. Tem um tempinho aí, tem uma caminhadinha, já.

Pesquisadora - Como que você entrou no movimento?

K. F. – Por incrível que pareça, eu conheci o movimento obviamente eu era Punk ainda. Eu não participava de nenhuma gangue Punk, apesar de conhecer algumas. Eu me aproximei realmente por gostar do estilo musical. Eu comecei ouvindo o estilo de música Punk, Punk Rock, e aí isso foi me aproximando do movimento como um todo. De forma cultural, principalmente cultural, não ideológica. Quando eu comecei a me aproximar mais da questão ideológica, na verdade eu meio que coloquei o pé no freio. Eu vi que, em termos ideológicos, não era bem o que eu esperava, não era bem o meu perfil. Então, por mais que eu gostasse no movimento Punk, gostava das músicas e tudo mais, mas ideologicamente a questão da anarquia, do não governo, era coisa muito fora do minha ideia de valores.

Pesquisadora– E como foi a sua migração para os Carecas?

K. F. – Então, foi quando eu comecei a ter contato com o movimento e aí eu comecei a ver qual era a diferença entre Punks e Carecas. Eu confesso pra você que os Carecas me chamaram mais atenção, não somente por causa da ideologia, mas eu comecei a me identificar mais por questão de perfil. Por causa dos valores que eles pregavam desde aquela época. Essa questão de valores mais família, de você ser mais conservador. Apesar que, naquela época, isso não era tão forte como é hoje. Acho que o termo nacionalista que eles usam até hoje ficou como uma marca registrada dos Carecas, principalmente por causa daquela época mais distante. Algo que sempre foi muito forte, muito forte, o patriotismo. Eu prefiro falar patriotismo que nacionalismo, tá? Isso sempre foi muito forte. Como eu venho de uma família tradicional, bastante tradicional aqui de São Paulo... Meus avós

participaram da Revolução Constitucionalista então, isso sempre foi muito forte, o orgulho paulista, os hinos. Tem os desfiles, as comemorações, 9 de julho, 31 de março, 7 de setembro. Meus avós me levavam todas, desde menininho, desde criancinha, eu ia vestido de policial. Entendeu? Então como eu não me aproximei mais por esse lado, eu vim de uma geração aonde eu não era muito bicho-grilo nem muito rebelde, mas tendo muito o lado da rebeldia jovem, mantendo o lado conservador da minha família, isso vai aproximando mais os Carecas. Então, ao mesmo tempo que eu queria ser um cara mais rebelde, me expressar mais, eu não queria partir pro lado anarquia, das drogas, da promiscuidade. Então isso acabou me aproximando dos Carecas, né? Que por um lado tinham toda aquela questão de bravura, de violência e tudo mais, só que por um lado eles eram extremamente conservadores e amavam a pátria. E, da mesma forma, eles gostavam praticamente do mesmo estilo de música. É muito próximo, né? Punk Rock do Oi! é muito próximo, né?

Pra quem não tem muito conhecimento, não tem grande diferença. Então, isso foi me aproximando cada vez mais. Mas não foi por aí que eu acabei chegando nos Carecas, porque depois desse processo todo de adolescente para a fase adulto, eu acabei me convertendo; fui pra igreja cristã e, dentro da igreja que eu pertencia, tinha um trabalho com tribos urbanas, de evangelismo. E logo de primeira eu já fui para esse trabalho, já comecei a participar das reuniões e tudo mais. E acabou que em uma das reuniões desse pessoal, fatalmente começou a chegar Punks Skinheads. Até então, durante um bom tempo, eram só os headbangers, né? E aí fatalmente, com o tempo, eles iriam chegar nos Punks, iriam chegar nos Skinheads e Carecas e tal. Foi que aconteceu, começou a chegar um pessoal na reunião que na época eles já haviam sido Carecas do Subúrbio e aquele momento eles estavam no ABC. E começaram a participar das reuniões, se converteram também, começaram a frequentar a igreja, e aí começou a chegar um pessoal Punk, né? Na época tinha um cara que ele era líder da maior gangue Punk de São Paulo, na época que era a “Devastação Punk”. Foi pra igreja também e acabou se convertendo, permaneceu na igreja.

Pesquisadora – Qual igreja?

K. F. - Na época, era a Igreja Renascer em Cristo. E aí nós encontramos nesse trabalho, nos juntamos e começamos então a dar um pouco mais de foco no evangelismo para as tribos Punks e para os Carecas. Então, foi por incrível que pareça, quando eu comecei a ter mais contato com os Carecas de dentro da igreja.

Pesquisadora – Você não se considerava Careca ainda?

K. F. – Não, não, e aí foi quando eu comecei a frequentar os sons, comecei a conhecer todo o pessoal da época, de 1996. Então, de 95/96 que comecei a conhecer o pessoal mesmo que andava com os Carecas, participando dos sons, participando das reuniões, conversando. Sabendo das tretas, das confusões, das brigas; “oh, vai ter briga em tal lugar”. Às vezes, tinha até local marcado, sabia de tal situação, algum rolê de Punk ou alguém que eles já tinham carta marcada, alguma situação que eles têm que saber, têm que cobrar, “vamos lá” e aí as coisas aconteciam assim naquela época.

Pesquisadora – Não tem mais essas brigas da cobrança?

K. F. – Não, não. Hoje não tem mais isso. Praticamente não acontece mais porque os tempos são outros, né, Renata? Os tempos são outros. Naquela época, muita coisa se resolvia na base da porrada, falando o português claro, as coisas se resolviam na pancadaria, era na briga. Entendeu? Era gangue contra gangue, era um contra o outro. Hoje já não é mais assim, hoje qualquer coisa se resolve na base do chumbo [ri]. Na base do tiro.

Pesquisadora – Chega a esse ponto mesmo, das tribos resolverem na base do tiro?

K. F. – Com o tempo isso foi aumentando cada vez mais. No início se resolvia muita coisa na base da porrada, quem tinha maior número, quem era mais forte, quem era mais preparado. No início, os Carecas sempre tinham vantagem. Até hoje, sempre foram muito mais preparados para esse tipo de...

Pesquisadora – Praticam atividades físicas né? Deixam vocês mais...

K. F. – Assim... A prática de atividade física, a prática de artes marciais não está diretamente envolvida com as brigas, com as tretas, digamos assim. A prática de atividades físicas e marciais, ela está ligada à cultura de você ter uma boa saúde, de você ter disciplina, de você se envolver mais com cuidado de si mesmo do que mais diretamente com as brigas. Agora, é óbvio, quando você se prepara mais fisicamente, você tem conhecimento de defesa, de arte marcial, isso te faz muito mais preparado para um embate na rua do que quem vive drogado, bêbado, por aí vai.

Pesquisadora – A preocupação com o físico é cobrado dentro dos Carecas?

K. F. – É cobrado, é cobrado, porque isso faz parte da nossa cultura. Da questão da virilidade, da força, até da própria disciplina. Quanto mais você se envolve com o esporte, quanto mais você se envolve com arte marcial, quanto mais você se envolve com uma arte marcial que cobre de você disciplina, menos você vai ter envolvimento com coisas que vão te destruir. Isso é um foco que sempre vai existir dentro dos Carecas. Quanto menos você fumar, quanto menos você beber, menos você tiver práticas que vão denegrir a tua saúde, mais preparado você vai tá pra qualquer situação. Isso é uma coisa que é natural, é natural.

Pesquisadora - A briga também é um evento?

K. F. – A briga, naquela época, principalmente, acabava sendo um evento, entendeu? Dentro dos nossos eventos, dentro dos eventos dos Carecas na época aconteciam algumas brigas. Dentro dos próprios Carecas? Dentro dos próprios Carecas, porque quem não andava totalmente na linha, quem não seguia totalmente a ideologia, os parâmetros daquilo que era necessário para ser um Careca, obviamente ia ser cobrado e se houvesse algum sinal de traição ou do cara que tivesse pisado na bola ou tivesse agindo de forma muito imprópria, certamente ele era cobrado de uma forma mais violenta, uma forma mais dura, digamos assim. Mas não era o pior. O pior mesmo eram as briga de quando se encontravam nas rua em algum evento. Naquela época tinha muito evento no centro da cidade, centro velho da cidade, então, ali fatalmente onde juntavam os Punks em algum evento que os Carecas ouviam também, como era aberto, fatalmente eles iriam se encontrar e

fatalmente haveria algum tipo de confusão. Isso era práxis. Principalmente naquela época, como eu falei, quando o tempo foi passando, e a coisa deixou de ser resolvida na base do olho por olho, na base do mano a mano, como eu costumo dizer, começou a ser resolvida na bala. Aí fica mais difícil, fica mais complicado, porque você tem uma ideologia; você seguir determinados valores, isso é uma coisa, mas você se arriscar a deixar tua família, deixar seu filho sem pai, sua esposa sem marido, por algo que não vale a pena, então, a coisa começa a se distanciar da ideia que era original. Os Carecas continuam mantendo a mesma ideia original, mas eles foram obrigados a se adequar ao tempo, Então, eu costumo dizer que o movimento amadureceu muito, os próprios antigos, né, costumo chamar os mais antigos os mais velhos no movimento. Eles próprios falam que, se nós tivéssemos antigamente a cabeça que nós temos hoje, o movimento teria ido muito mais além, teria chegado em patamares muito mais altos, muito maiores do que estamos hoje. Hoje estamos mais velhos, hoje todos já têm a noção que tiveram a necessidade de procurar um emprego melhor pra sustentar a família, para dar um estudo para os filhos, coisa que a maioria não teve. Não teve ou não teve como procurar ou não se interessou. Não teve condições, mas que hoje todos se preocupam em fazer para os filhos. Porque eles entendem que meus filhos talvez não queiram ser Carecas. Mas, se eles quiserem, eles vão ter uma outra ideia, vão ter um outro parâmetro da coisa. Se ele quiser ser Careca, pode ser Careca, desde que ele seja um advogado, desde que ele seja um médico, desde que ele seja um engenheiro, desde que ele seja um psicólogo. Qualquer que seja a formação dele, a formação acadêmica, mas que ele seja uma pessoa normal da sociedade e que saiba preservar o que pra nós, hoje, é muito importante para os Carecas, que é a preservação dos valores da família, dos valores nacionais da história daquilo que faz o povo brasileiro um povo aguerrido, povo guerreiro. Um povo que tem história. Infelizmente, a nossa história não é respeitada e não é mantida. E os Carecas têm muito disso, de querer preservar isso no sangue e passar isso para as suas gerações. A maturidade que eles chegaram hoje, eu acho que é muito importante, demorou muito, demorou bastante pra chegar nessa maturidade que chegaram hoje, mas acho que isso é muito importante. Porque nos dá a certeza que futuramente o movimento não vai se extinguir. Se hoje nós tivéssemos uma cabeça diferente e fôssemos mais arcaicos, como alguns anos atrás, talvez eu poderia dizer para você que o movimento estaria prestes a se fardar

totalmente. Mas, com a maturidade que se tem hoje, mesmo eles sendo mais velhos, 40 anos, eu acho que era o que faltava para que o movimento pudesse chegar no ponto em que agora a gente tem maturidade e cabeça pra levar adiante aquilo que realmente é o que tem que ser feito.

Pesquisadora – Quando na igreja foi se aproximando os Carecas, os Skinheads, que região que era?

K. F. – Zona Leste. Guaianazes pra ser bem exato. Era onde tínhamos a Sedinha lá, era muito forte, era onde tudo acontecia. Reuniões, “Inverno Oi”, “Dezembro Oi”, todos os sons, Tudo acontecia lá em Guaianazes, fora os rolês que eram feitos, mas o centro mesmo, a concentração de todo mundo era em Guaianazes.

Pesquisadora – E foi isso que foi te atraindo para os Carecas?

K. F. – Foi exatamente isso, porque, por incrível que pareça, de dentro da igreja, eu olhava os Carecas não só como alvo do evangelismo. Até pela necessidade que nós encontrávamos no meio deles, de pessoas que precisavam mesmo de Deus. Porque você ter valores conservadores é uma coisa, você precisar de Deus é outra. Não é porque você é um conservador que não precisa de Deus, então, a gente chegou com essa ideia. E acabou que nós fizemos uma amizade muito grande, porque eles, por um lado, respeitavam muito o pessoal da Igreja, e o pessoal da Igreja, por outro lado, além de respeitar, teve os Carecas como um alvo muito forte, então, as coisas meio que se juntaram. Eu fui uma pessoa que fiz muitas amizades no meio dos Carecas, então eu não vi problema nenhum em ser cristão e ser Careca. E foi aí que a coisa começou. Eu sempre tinha duas coisas que me prenderam bastante para estar entre os Carecas: foi a amizade, o respeito e o fato de que eles de verdade precisavam muito daquilo que eu tinha pra oferecer. Não a religião, mas, no meio dos Carecas diz assim: não tem Deus, mas eles não tinham muita proximidade com os valores espirituais, né, propriamente dito. Então, a coisa começou a andar junto.

Pesquisadora - Bom, mas você sendo cristão, e toda a questão de violência e de rebeldia e tal, até mesmo de cultura dos Carecas, pode dentro da igreja, não tem problema?

K. F. - Na verdade, a igreja não é uma religião, a igreja é um lugar de comunhão com as pessoas. É um lugar que faz parte da sociedade, não é um lugar de pessoas religiosas, até porque a religião, na minha opinião, é algo que destrói a vida das pessoas, é algo que afasta as pessoas de Deus, não que liga as pessoas a Deus. A maioria das guerras hoje acontecem por causa disso. Então, eu entendi que eu poderia ser Careca e não necessariamente ser uma pessoa destruída, e que eu poderia agregar valor falando sobre Deus e poder agregar valor dentro dos Carecas. E foi isso que me trouxe pra dentro do movimento. E é o que me faz permanecer dentro do movimento até hoje.

Pesquisadora – Qual a sua posição hoje nos Carecas, na religião, e você ainda concilia as duas?

K. F. – Sim, sempre. Eu posso dizer que esse é o meu maior objetivo. Meu objetivo não é tirá-los do movimento e trazer pra dentro da igreja; meu objetivo é fazer com que eles tenham conhecimento de Deus dentro do movimento. Porque quem é Careca sempre vai ser Careca, esteja você num centro, esteja você na igreja, esteja você onde estiver, você sempre vai ser Careca. Aonde te olharem, vão falar: “você é Careca do Subúrbio”. Porque quem participa do movimento sempre faz história no movimento. Pode ser uma história boa, pode ser uma história ruim. Mas você sempre vai ter uma história. Então, a minha maior referência dentro do movimento. Tanto que dentro do movimento todo mundo me chama de Bispo ou Oi! Pastor. Eu fiquei muito tempo dentro da igreja, me tornei pastor, fui bispo nessa instituição religiosa.

O que é legal é você olhar pra dentro do movimento e você ver que as pessoas não te respeitam por aquilo que você é ou o título, mas que as pessoas te olham por aquilo que você faz de diferente no movimento. Isso que é importante. Porque uma pessoa que não agrega, ela acaba não sendo lembrada. Uma pessoa que não agrega, que não acrescenta, ela até pode continuar junta, mas, talvez, se ela não tiver atitude que também é necessário dentro do movimento Careca, ela vai ser mais um dentro do movimento. Não que quem está no movimento tenha que ser o cara diferenciado, não é isso. Todo mundo tem o seu valor, todos, mas, quando você agrega pra trazer diferença, entre tantas pessoas, isso acaba tendo um valor diferente não individualmente pra mim, mas para o movimento e isso é importante.

Então, eu julgo que a minha permanência no movimento como cristão é muito importante por causa disso. Se eu puder trazer uma palavra, se eu puder trazer um pronunciamento, se eu puder dar uma orientação, se eu puder fazer uma oração, se eu puder contribuir com uma determinada situação, seja com palavras, seja com atitude ou orientação individualmente ou em grupo... Se eu puder fazer isso, pra mim tá ótimo. Se esse é meu papel lá dentro, excelente. Isso não me faz mais ou menos Careca, isso não me faz melhor ou pior que qualquer um deles, até porque, no movimento, todos são iguais, equalizadamente iguais. Mas eu acho que a importância de estar entre o movimento nesse aspecto é exatamente nesse sentido. Eu já não sou o único cristão no movimento. Outros já vieram, já se converteram, já estão frequentando a igreja de alguma maneira, mesmo que não regularmente, mas frequentam. Então, isso traz, não sei se a palavra certa é maturidade... Maturidade também, mas um autocontrole diferente, faz com que as atitudes sejam diferentes, Careca sempre vai ser Careca. Quem foi Careca um dia sempre vai ser Careca, em termos de atitude, forma de pensar, o raciocínio; sempre vai ser.

Pesquisadora – Existe mesmo essa vertente de Cristo, existe essa diferenciação?

K. F. – Eu não concordo com essa nomenclatura Careca de Cristo, eu acho que... Por isso que eu falei pra você: se o cara é Careca, ele sempre vai ser Careca. O movimento Careca é um só. Se você é cristão e quer estar junto com os Carecas, com quem é Careca... Porque o movimento Careca genuíno é um só.

Pesquisadora – Vocês não ligam nacionalismo e integralismo?

K. F. – Então, o nacionalismo, ele é uma característica do integralismo. Mas, se eu usar o termo, acho que é por isso exatamente que os Carecas do Subúrbio não usam o integralismo. Porque o termo nacionalista, se eu associar a vertentes políticas, eu vou associar ao fascismo, ao nazismo. Então, nós sabemos que o integralismo não é nada disso. Mas, por outro lado, para não nos vincularmos a essas vertentes também que nós discordamos, fascismo, nazismo etc., nós acabamos não aderindo, não colocando o integralismo como uma ideologia nacional política. Por isso não temos partido, por isso não apoiamos partido político. Tá? Os Carecas do Subúrbio. Por isso eu prefiro usar, ao invés do termo nacionalismo,

patriotismo. Vocês são nacionalista? Eu prefiro usar o termo patriotas, somos patriotas. Mas, assim, tem época que o Subúrbio e o ABC andam juntos, frequentam eventos juntos, você já presenciou várias vezes. Tenho amigos lá, considero alguns, não tenho problema nenhum com eles. Existem épocas que a gente prefere se distanciar, que às vezes as ideias acabam não batendo.

Pesquisadora – Como funciona essa hierarquia dentro dos Carecas?

K. F. – Na verdade, a gente costuma dizer o seguinte: quem manda nos Carecas é a ideologia. Então, para que haja uma ordem dentro do grupo, é necessário que você siga os parâmetros da nossa cultura, da nossa ideologia. De que forma isso é cobrado? Porque alguém tem que cobrar isso – não diria nem cobrar, mas gerir essa coisa toda. A responsabilidade para gerir o grupo de uma forma bem homogênea, digamos assim, são os olhos de todos, sempre os mais antigos é que vão tomar a frente.

Pesquisadora – Como os Carecas ajudam outros Carecas?

K. F. – Na medida do possível, o auxílio vem no financeiro. Eu mesmo pessoalmente já ajudei com dinheiro mesmo. Com dinheiro, com alimento, ajudando, quando: “pô, tô com três contas de luz aqui em casa atrasadas”, “tô sem gás”, “tô desempregado”. Eu falo: “me manda aí só o código de barras que eu já pago por aqui”. Pago as contas, mando uma cesta básica, ajudo a comprar um gás. “Sabe aquele remédio? Fulano de Tal tá precisando de tal medicação, vamo dar uma força”. Junta um pouco daqui, um pouco dali, alguém tem conhecimento de alguém que pode conseguir medicamento de graça, vamos levar e assim vai.

Pesquisadora - E fora, o auxílio com a sociedade? O que vocês acreditam que é o papel de vocês pra sociedade?

K. F. – Então, nós acreditamos que o nosso papel pra sociedade é ser um agente que multiplica e que preserva os valores cívicos, patriótico. Esse é o primeiro ponto que o Careca tem como objetivo. Que as pessoas encontrem nos Carecas um ser, uma pessoa na sociedade, um agente que promulgue de verdade valores conservadores em termos de civismo e patriotismo. Esse é o primeiro ponto. O objetivo dos Carecas também é que a sociedade enxergue nos Carecas uma pessoa

que a sociedade possa contar como um guerreiro brasileiro. Como um soldado de verdade, não armado, obviamente, mas um soldado da sociedade que sirva pra proteger mesmo contra toda essa massa de destruição de valores vem acontecendo de alguns anos para cá, de distorção da família, da ordem familiar, da ordem espiritual, da ordem política. Tudo aquilo que destrói valores que agrega uma família, que agrega a sociedade, os Carecas são contra e, se necessário, de forma bruta. Não que nossa primeira atitude seja a violência; não é e nunca vai ser, a não ser que a violência seja empregada para que haja defesa. Nesse sentido, entendeu? Como eu falei pra você, os Carecas vão sempre ser Carecas e a fama dos Carecas não foi feita à toa. A fama dos Carecas em serem violentos não foi porque são escoteiros. Não tem como falar, os caras são bravos mesmo e nunca vão aceitar, porque eles têm os seus valores, são coisas que eles não vão abrir mão nunca, nunca.

Pesquisadora – Qual a relação de vocês com essas organizações conservadoras, a polícia, os militares?

K. F. – Eles têm o total apoio dos Carecas. Obviamente, durante muito tempo e por causa desse muito tempo até hoje, os Carecas são alvo da polícia, de investigação e até de cuidados do Decradi. E até de cuidados. Hoje eu posso dizer que os Carecas, como alvo da polícia, hoje já é alvo diferente, porque todos sabem que onde os Carecas estão. Estão por um motivo conservador, numa manifestação, por exemplo. A polícia sabe que se os Carecas estão lá, porque são a favor da manifestação, não tão lá pra procurar confusão. A gente tava conversando em off aqui, falando do último episódio onde fomos detidos na Avenida Paulista; 21 Carecas foram detidos na Paulista por causa do episódio que aconteceu lá. Quando nós chegamos na delegacia, o próprio delegado falou: “pow, Carecada, justo vocês aqui”. Ele falou: “fiquem tranquilos, nós sabemos por que vocês vieram pra cá, sabemos que a culpa não foi de vocês, sabemos que vocês foram contra um grupo extremista que estava no meio da manifestação”. Que aliás, eles foram embora porque um deles tinha acabado de sair, tava em condicional e não podia entrar em confusão e eles que nos provocaram, então eles foram embora e nós tivemos que prestar o B.O. A polícia sabe que aonde os Carecas estão, no mínimo a coisa vai ficar em ordem, a não ser que haja alguma manifestação contrária, mas onde os Carecas estão, não vai ter confusão, não vai ter briga e no mínimo segurança vai haver. Todo mundo sabe

disso. Então, nós apoiamos a ação da polícia, nós apoiamos a ação dos militares, nós apoiamos a ação de grupos que hoje buscam um governo mais conservador, que buscam esse conservadorismo de volta, porque, pra nós, além de estar dentro da nossa cultura, dentro de nossos valores, é algo que nós achamos necessários, eles tem o nosso apoio, sim.

Pesquisadora – Como tá a relação com o Decradi?

K. F. – A nossa relação com o Decradi, ela é bem de paz, digamos assim, bem de paz mesmo. Porque eu acho que eles têm todo o material necessário pra nos investigar, pra saber quem são os Carecas, todo o material pra saber quem são os culpados das confusões e até crimes que já aconteceram, então, a gente não tem preocupação nenhuma com relação à Decradi. Todos os eventos que nós fazemos, avisamos ao Decradi e avisamos ao batalhão de Polícia Militar da região, seja “Inverno Oi!”, “Dezembro Oi!”, qualquer evento cultural que nós façamos; tanto o Decradi quanto a Polícia Militar é avisada. Então a gente não tem problema nenhum, quem tinha que prestar algum depoimento ou estava, digamos assim, pendurado em alguma ação criminal junto ao Decradi ou algum outro órgão já respondeu, tá livre, já foi considerado inocente, já foi investigado, não tem nada que a gente deva para o Decradi. Eles praticamente têm o contato de todo mundo, têm o perfil de todo mundo, tem o seu contato, tem o meu contato, qualquer coisa, eles nos perguntam, entendeu? “Vai ter tal evento? Beleza, a gente já tá sabendo, tá bom?” “Tá bom!” Então é uma relação bem aberta, bem próxima, até porque não tem por onde se esconder hoje. Qualquer esquina que você virar tem câmera te filmando, não tem porque você tentar fazer alguma coisa. Dizer: “ah, vamos armar qualquer situação”, como todo mundo acha. “Ah, foram os Carecas que invadiram, jogaram o coquetel molotov, colocaram bomba, que bateram”... Peguem as câmeras e olha quem é. Há pouco tempo nós fomos procurados pela produção de um programa do SBT, programa do Cabrini, Roberto Cabrini. Eles vieram, nos entrevistaram, andaram conosco durante alguns dias numa reunião, num evento que fizemos.

Pesquisadora – E tem algumas medidas disciplinares, por exemplo, você fez tal coisa, você vai ficar afastado...?

K. F. – Vai ficar afastado. Exatamente, pode ser isso. Por isso eu disse: dependendo da situação, se for muito grave, esse cara vai tomar uma sova disciplinar pra poder entender que não é dessa forma. Pode ser que isso não aconteça e a medida disciplinar seja: “me dá aqui sua camiseta dos Carecas, você vai até poder participar de reuniões, mas você não vai andar em visual nenhum e durante tanto tempo até a gente avaliar a sua conduta e ver como você vai se comportar. Aí, depois desse tempo, vai ficar na boa aí durante um ano pra gente avaliar, aí a gente devolve a sua camiseta, vai poder voltar usar seu visual, sua camiseta e voltar a dizer que é Careca. Se não, nem falar que é Careca você pode. Vem na reunião, vem nos eventos e tal, mas nem fala que é Careca”.

Pesquisadora – Quem participar da reunião?

K. F. – Sempre são os Carecas do Subúrbio.

Pesquisadora – Todos podem participar?

K. F. – Todos. E pessoas que queiram adentrar ao grupo e estejam começando a caminhar, durante um tempo para um som, um evento.

Pesquisadora – Tem um tempo pré-determinado?

K. F. – Ah, acompanhar durante um tempo, até ser convidado para uma reunião dos Carecas. Geralmente essa pessoa participa de uma reunião que não é a nossa reunião oficial, digamos assim, para que ela seja conhecida antes e seja apresentada pra quem vai fazer essa reunião; fale das suas intenções e tudo mais, para depois ela começar a participar das reuniões, ser apresentada ao grupo e se apresentar realmente ao grupo, falar: “sou Fulana de Tal, faço isso, tenho família, trabalho com não sei o quê, quero participar dos Carecas por causa disso”.

Pesquisadora – E essa reunião tem periodicidade?

K. F. – Geralmente eles costumam se encontrar todo final de semana. Acho que reunião, reunião mesmo deve acontecer a cada 15 dias. Que é o que havia sido determinado. Reuniões pra decisões a cada 15 dias. E aí para o pessoal se encontra todo final de semana.

Pesquisadora – E tem lugar certo?

K. F. – Geralmente sempre na Zona Leste, nosso foco de sempre o metrô Carrão.

Pesquisadora – Vocês fazem alguma ação social?

K. F. – Geralmente a gente procura fazer as ações sociais, a princípio, dentro do próprio grupo, pegar primeiramente quem realmente precisa... Não adianta eu tentar fazer uma ação social fora, sendo que dentro eu tenho gente necessitada, então, para que não haja esse disparate, a gente acaba primeiro atendendo os de casa. Mas, na maioria das vezes, quando a gente faz isso com pessoas de fora, a gente procura fazer com alguma entidade diretamente, até porque na maioria das vezes é arrecadação de roupas, de alimentos. A gente procura uma entidade que a gente conheça, um pouco mais séria e aí a gente acaba doando o que é arrecadado, nessas campanhas que a gente costuma fazer. Mas a princípio, individualmente, as ações sociais acontecem dentro de casa mesmo, entre os próprios Carecas.

Pesquisadora – Você considera o movimento Careca um movimento machista?

K. F. – Eu acho que já foi mais. Eu acho que hoje, não. Acho que hoje, a voz feminina dentro do movimento ela tem tanto poder quanto a voz masculina. Antigamente não era bem assim, as garotas Carecas, como sempre foram chamadas as mulheres, elas não tinham essa voz ativa assim, não. As decisões sempre vieram muito mais dos homens que sempre tiveram à frente. Hoje, eu acho que é bem mais diferente, tem bem mais opinião dentro do grupo.

Pesquisadora – Quem são considerados inimigos dos Carecas?

K. F. – Todo mundo fala assim: “Punks são inimigos dos Carecas”. Os inimigos dos Carecas são aqueles que querem ser inimigos. Existem muitos Punks antigos que são Punks de verdade, não são Punks modinha, não, são caras que conhecem a gente há muitos anos e que vire e mexe a gente se tromba por aí, no centro da cidade ou no metrô ou em algum lugar e o respeito é total. Já teve épocas que os Punks e Carecas andavam juntos, manifestações, centro da cidade, galeria... Inimigo de Careca é aquele que quer ser inimigo de Careca. “Ah, seu nazista, fascista...” Primeiro, o cara é inimigo porque tá gritando uma mentira. “Ah, Careca, porque você é assassino...” Mentira! “Ah, Careca, eu não gosto de você porque você é fortão,

porque você pratica artes marciais...” Pou, vai treinar, vai fazer alguma coisa. “Ah, Careca, porque você é patriota...” Por que você é o quê? Você é inimigo da nação? Inimigo de Careca é aquele que quer. Eu já fui procurado por Punks, principalmente depois de toda essa onda aí de manifestações, que os Carecas começaram a mostrar de novo mais a cara na sociedade, na mídia, em entrevistas, o próprio livro – muita gente me procurou depois do teu livro. Bastante gente, inclusive Punks, rivais aos Carecas, me procurando pra conversar, porque pegou o livro da Renata, teve o trabalho de comprar o livro, ler o livro e me procurar. O cara falou assim: “pou, eu tô lendo o livro aqui e se for isso aqui mesmo então não é verdade as coisas que a gente sabe de vocês”. Eu falei: “então, amigão, o que você sabe a nosso respeito?” Primeira coisa, eu falei: “qual a tua idade, garoto?” Segunda: “quem te falou a nosso respeito? Qual é a fonte que você tem de conhecimento a nosso respeito? Porque se você tá com o livro da Renata, tá pegando uma fonte 100% original de informações sobre os Carecas, então se você quiser usar isso aí como fonte, é isso aí que você tá lendo”. Eu não preciso arrebentar o cara pra me tornar inimigo dele, ele vai tornar meu inimigo se quiser. Ele pode ter outra ideologia, ele pode não concordar com a minha ideologia, com a minha atitude, com o meu estilo de vida, mas ele não precisa ser meu inimigo. Eu também posso não concordar com ele, isso não quer dizer que eu não tenha que respeitar ele. Essa pessoa como vida, a partir do momento que ele é meu inimigo declarado e quer me machucar, me fazer algum mal, quer me bater, quer tacar um coquetel molotov em mim, aí a coisa muda de figura. Infelizmente, isso é um aspecto que acontece no meio underground hoje em dia.

Pesquisadora – Pra você como tá o movimento hoje?

K. F. – O movimento, ele não tem crescido de uma forma rápida. Acho que a maturidade que o movimento alcançou hoje trouxe uma base muito forte para o movimento. Acho que o crescimento dos Carecas do Subúrbio está acontecendo de forma sólida, não entram mais pessoas assim: “ah, vamos ver no que vai dar. Vamos andar um ano... Se der certo, beleza”. Entra dez, 15 de uma vez, daqui três meses, metade já não tá mais andando, metade já saiu fora; não. Hoje o movimento tá crescendo de forma muito sólida. Muitas pessoas maduras estão chegando para o movimento, então é gente que realmente tem trabalho, tem formação acadêmica,

gente que tem uma cabeça boa, não é gente que vem pra andar com os Carecas pra se tornar o “fortão”, pra falar: “eu sou Careca, cuidado comigo!” As pessoas que estão adentrando ao movimento hoje, elas são conscientes, então, o movimento tá numa fase bem madura.

Anexo B – Entrevista com o Careca do Subúrbio J. F. G.

Pesquisadora – Há quanto tempo você está nos Carecas?

J. F. G. – Olha, não é quanto tempo, porque eu sempre me considerei Careca. Eu fiz muitos rolês com a banda, tive já em muitas tretas com a banca e procuro ir no máximo de festivais possíveis. Mas batismo Careca eu nunca fiz.

Pesquisadora – Muitos não fizeram?

J. F. G. – Correto. Mas dentro das ideologias, Carecas do Subúrbio é única, pra mim é única. Porque, por exemplo, quando teve o rachão, foi onde pra mim pesou muito, tava já injuriando das tretas, a verdade era essa. Um dia marquei uma situação com alguns colegas, “vamos na Leste, vamos na Leste, vamos num sonzinho bacana” e, por acaso, nós passamos no ABC pra pegar um colega nosso e, na transição aí dos trens, trombamos com outra facção e o negócio não deu muito e eu peguei uma certa aversão com o ABC devido essa treta porque eu tomei uma facada. Mas se for contar tudo, tudo, desde [19]89.

Pesquisadora – Como você conheceu o grupo, os Carecas do Subúrbio?

J. F. G. – Foi através de um primo meu que já é falecido, já faz muitos anos. Em 86, ele tava no rolê também com o pessoal, foi através aí que eu conheci.

Pesquisadora – Qual motivo te levou a entrar nesse grupo?

J. F. G. – A princípio, identificação com o grupo em si. Na época tinha aqui em São Paulo, ou era Punk ou era cabeludo. Não existia o Rap né, não existia muita, na periferia em si. O que mais rolava era samba, não era samba que se tem hoje, era aquele pagode – Bezerra da Silva e outras coisas mais. E eu não me identificava com aquilo, eu me identificava muito com o Punk Rock, mas não qualquer Punk Rock. Ouvindo bandas do Subúrbio, bandas Carecas mesmo, veio a identificação maior.

Pesquisadora – A música te ajudou?

J. F. G. – Sim. Apesar de que nunca toquei nenhum tipo de instrumento, nunca toquei instrumento nenhum, mas o som em si.

Pesquisadora – Mas qual o papel das bandas?

J. F. G. – Muito. Divulgação da Cultura Oi. Informação, tem muita informação. São questões... Não parece, mas, se você vê o rap dos anos 80 e as bandas que tocassem Punk Rock, tinha muita diferença, em letras, material. E as bandas Carecas... Garotos Podres e muitas outras, nossa, Vírus 27 tem muita influência, pelas próprias letras e outras bandas mais... Histeria, um monte, muita gente e conforme a gente conversa, a gente vai se reunindo, vai tendo as trocas de informação; tudo isso, pra mim, é um ganho massivo. Sempre tive na área de humanas e tudo isso me levou a fazer história. Parece incrível e pesquisei muita coisa a fundo pra onde nós chegamos. Hoje eu só posso concluir uma coisa, de verdade: que nós evoluímos nesses dez anos em tecnologia, mas humanos não evoluímos nos últimos 12 mil anos. A gente continua morando lá na caverna, nós não evoluímos como deveríamos evoluir. Sociedade humana, somos uma sociedade, evoluímos muito em tecnologia, [mas] como pessoas, ainda continuamos naquele mesmo sisteminha da caverna. Eu saio hoje pra matar um dinossauro, um leão, o que for, trazer comida a minha casa e pra minha família, só me interessa a minha família ou a mim, a gente não se importa com as demais pessoas, existe muito isso na sociedade humana. Todo mundo aqui é família, não tenho família só minha esposa, pai, mãe, não, todos eles aqui minha família. Sociedade humana.

Pesquisadora – Você acha que bandas, as letras têm qual papel na divulgação do movimento?

J. F. G. – Fundamentalíssimo.

Pesquisadora – E chega a divulgar fora do movimento?

J. F. G. – Faz. Eu sou professor. Muitas vezes eu vejo alguns professores aí, banda de colega, que o colega fala assim: “essa é a banda da minha juventude rebelde, nos anos 80” e ele colocou a música lá e eu tava ouvindo Legião Urbana. Falei: “pô, isso aí não era não, meu, underground era outra coisa. Você não teve nas brigas de rua, você não sabe o que era as bancas, o que se rolava nas ruas de São Paulo, a fomentação das ideologias, os rachões, tudo quanto é ideologias”. Muito puxado o que foi realmente, só quem tava lá mesmo, como eu falei. Tenho muitos colegas no ABC, tem um monte no Subúrbio. Pra mim também foi complicado, mas eu não

esqueço de algumas coisas que rolaram e que aconteceram comigo. Às vezes é difícil, mas eu gosto de todas as bandas. Tanto lá do ABC quanto aqui do Subúrbio. De outras localidades do Brasil também.

Pesquisadora – Você acha que o movimento tem capacidade de crescer e ser representativo no país pra melhorias?

J. F. G. – Acredito, sempre acreditei. A maior questão é que Careca não se vende pra mídia, nós não somos material de vendagem pra mídia. Nenhuma banda aqui do Subúrbio não quer assinar com gravadora pra ganhar e ficar famosinho, sendo manipulado na TV ou na mídia em geral, isso daí não. Tem muito som que as pessoas puxam aí no YouTube que as pessoas veem que é a letra, o que realmente quer dizer determinadas coisas, é muito, é um nível bem grande. Eu acho que existe a desinformação, às vezes, igual eu falo, tenho alunos de tudo quanto é tipo na escola: héteros, bi, homossexuais, brancos, negros, de tudo quanto é situação. Eu não discrimino nenhum, jamais discriminaria. Igual eu falo: pra mim, o foco é o material humano. Só que, se de repente eu falar que sou Skinhead... Há nove anos atrás na escola que eu trabalho, o negócio foi meio... Hoje todos sabem, eles sabem o que é. Antes não sabia, aí a pessoa fala: “você é homofóbico, você mata gays, você odeia negros”, uma coisa absurda. Então faltam informações. Tendo as informações certas, nos lugares certos... Só não será possível aceitar manipulação da mídia.

Pesquisadora – O que você acha que falta pro movimento pra ele se expandir?

J. F. G. – Mais divulgação. Porque no movimento Careca tem lá suas restrições, postura, atitude. Garotada não quer muitas vezes determinadas posturas ou determinadas atitudes pra seguir. Depois de algum tempo, até pode ser que eles pensem diferente. São poucos que pensam, os que pensam são os poucos jovens que vamos pegando que acabam realmente vindo para o movimento.

Pesquisadora – Qual sua posição política?

J. F. G. – Sou centro, sou apolítico. Nós conversamos aqui agorinha. Marxismo é lindo. Você ler o Manifesto Comunista do Marx Weber é lindo, aquilo é lindo, quero isso pra mim, quero isso pra humanidade, mas é aquilo que falei: nós não evoluímos

porque todos os humanos teriam que ter senso de sociedade, todos nós. Quando será que vamos chegar nesse ponto de sabermos que todo mundo aqui é parte de um todo, a gente aqui pega cerveja e vai dividindo com todo mundo? As pessoas não costumam fazer isso, “é meu, é meu”. Não fazem, e política pra mim não difere quem ganha, nós temos que saber cobrar o nosso representante lá. “Ah, eu não votei no cara...” Não tem problema, não foi ele que ganhou? Ele é meu representante, eu pago meus impostos. Tudo o que eu consumo, tudo que eu gasto tem impostos tributados ali e eu estou pagando os meus impostos, quero que sejam usados de forma coerente, e aquele cara não foi eleito pela maioria? Não é representante do povo? Tem que ser cobrado. As pessoas têm que saber cobrar. Meu lado de político é esse: tem que ser cobrado aquilo que tá na Constituição. Existe uma Constituição no país, eles têm que cumpri-la, o Estado é obrigado a cumpri-la e não cumprem nada. Não cumprem porque as pessoas não os cobram.

Pesquisadora – Para você, o que é ser Careca do Suburbio?

J. F. G. – É tudo. As pessoas não se tornam Carecas, ele nasceu Careca, só não sabe. Quando ele vê o que é aquilo, ele fala “é isso que sou, eu sou tudo isso, sou todo esse movimento, sou todas essas pessoas”. Sou parte desse todo, de toda essa família. Eu nasci Careca, nasci, vivo [isso]. Não sei se já errei, lá na frente é que a gente vai ver, mas eu acredito que todas as atitudes que tive hoje na vida, busquei fazê-las no máximo da certeza que eu tava fazendo a coisa certa. Algumas pessoas podem até julgar: “você fez coisas erradas”. Eu falo: “depende, não matei ninguém, não roubei ninguém, mas às vezes os corretivinhos pra pessoa acertar na vida. É como você suspender o aluno, você aplica uma suspensão. O pai dá um corretivo, aí o Estado: “opa, mas não pode bater”. Não sei até onde não pode né?

Pesquisadora – Como você acredita que os Carecas podem ampliar o Brasil?

J. F. G. – De uma forma geral, com trabalho nosso, Carecada faz muito e isso aí é uma coisa da tradição Careca, em eventos a gente fazer coisas benéficas: recolhimento de alimento, outras coisas mais pra entidades. Careca tem muita forma de ajudar, se só um pouquinho só das nossas ideologias passasse, já ajudava muito o nosso país. Muitas vezes as pessoas acham que isso se refere só ao integralismo, mas não é. Isso aqui é pilares da sociedade. Deus pra mim, não só Deus, é saúde,

pilar da sociedade. É saúde, é aquilo que temos que ter, porque não adianta só ter corpo são e mente sã, com Deus você também tem o seu espírito são. A pátria tem que gerar pra nós a segurança, os seus membros societários, pra família, pra nós é a educação, tudo aquilo que a gente tem ao longo da nossa vida e aquilo que vamos repassar aos nossos filhos. Educação é uma base fundamental. Você tem 30 anos, na minha época e época dos seus pais, pode perguntar a eles, não precisava ter bancos pintados de cor diferenciada, fila diferencial. Nós observávamos uma pessoa de idade, uma pessoa deficiente ou uma gestante ou uma pessoa qualquer que você via que tava com sacolas pesadas, você levantava, você dava lugar. “Senhora, passa aqui na frente, vem aqui, por favor”. A gente pedia pra pessoa ir, aquela coisa que vem de família, de berço, que nós estamos perdendo. Careca ainda tem muita coisa, muitas. A questão é conseguir transpor uma determinada barreira que se chama mídia; a mídia só quer aquilo que é vendável pra sua distribuição e Careca não é. Ideologias de liberdade mesmo, luta por liberdade, porque falar que temos liberdade é mentira, nós vivemos uma falsa liberdade. Pouco triste, né? Viver uma falsa liberdade. Eu gostaria que as pessoas fizessem reportagem com o movimento que não deturpasse só como gangue de rua. Começou, sim, como uma gangue de rua, mas tem muito mais coisa além disso, muita coisa além das tretas com as bancas antigas. Às vezes a gente é chamado de fascista, quem não conhece, quem não sabe. Mas acredito que a gente tem muito pra contribuir, é só começar a acompanhar um pouquinho o T. D. e a TV¹⁴, ouvir as nossas músicas, compreender o que essas determinadas letras querem dizer. Careca tem muito pra contribuir.

Pesquisadora – Você tem [o lema] “Deus, pátria e família” integrado? Você separa “Deus, pátria e família” do integralismo?

J. F. G. – Eu separo. Não só do integralismo, mas de algumas outras coisas também. Pra mim, são pilares da sociedade, pilares mesmo. Saúde, segurança e educação.

¹⁴ O Careca do Subúrbio T. D. posta vídeos no site Youtube abordando assuntos sobre o movimento.

Anexo C – Árvore Genealógica dos Skinheads

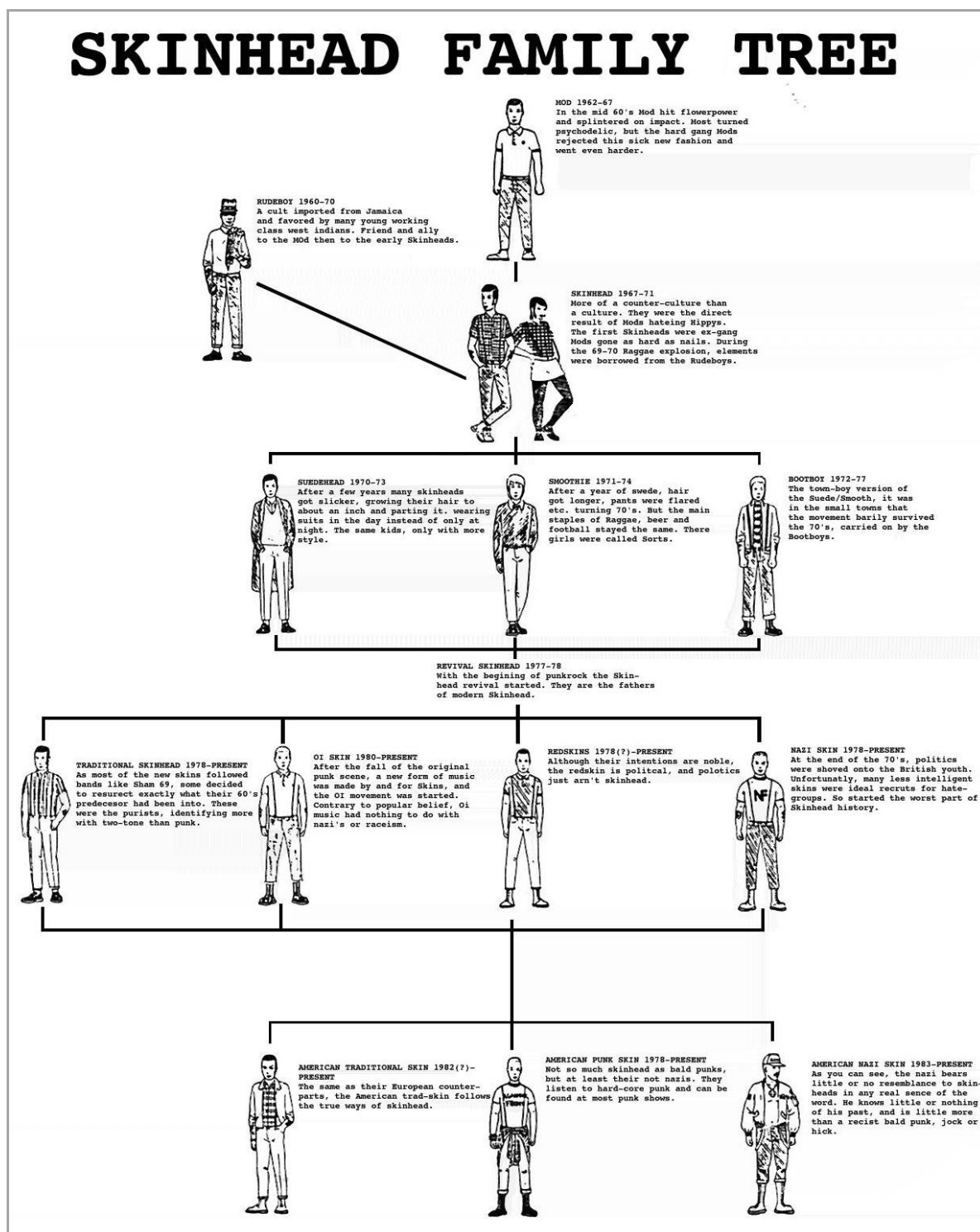


Figura 3 - Árvore genealógica da tribo urbana Skinheads, demonstrando desde seu surgimento a suas ramificações.

Fonte: Integrantes do movimento Carecas do Subúrbio.

Anexo D – Imagens da revista Atenção e de Fanzines

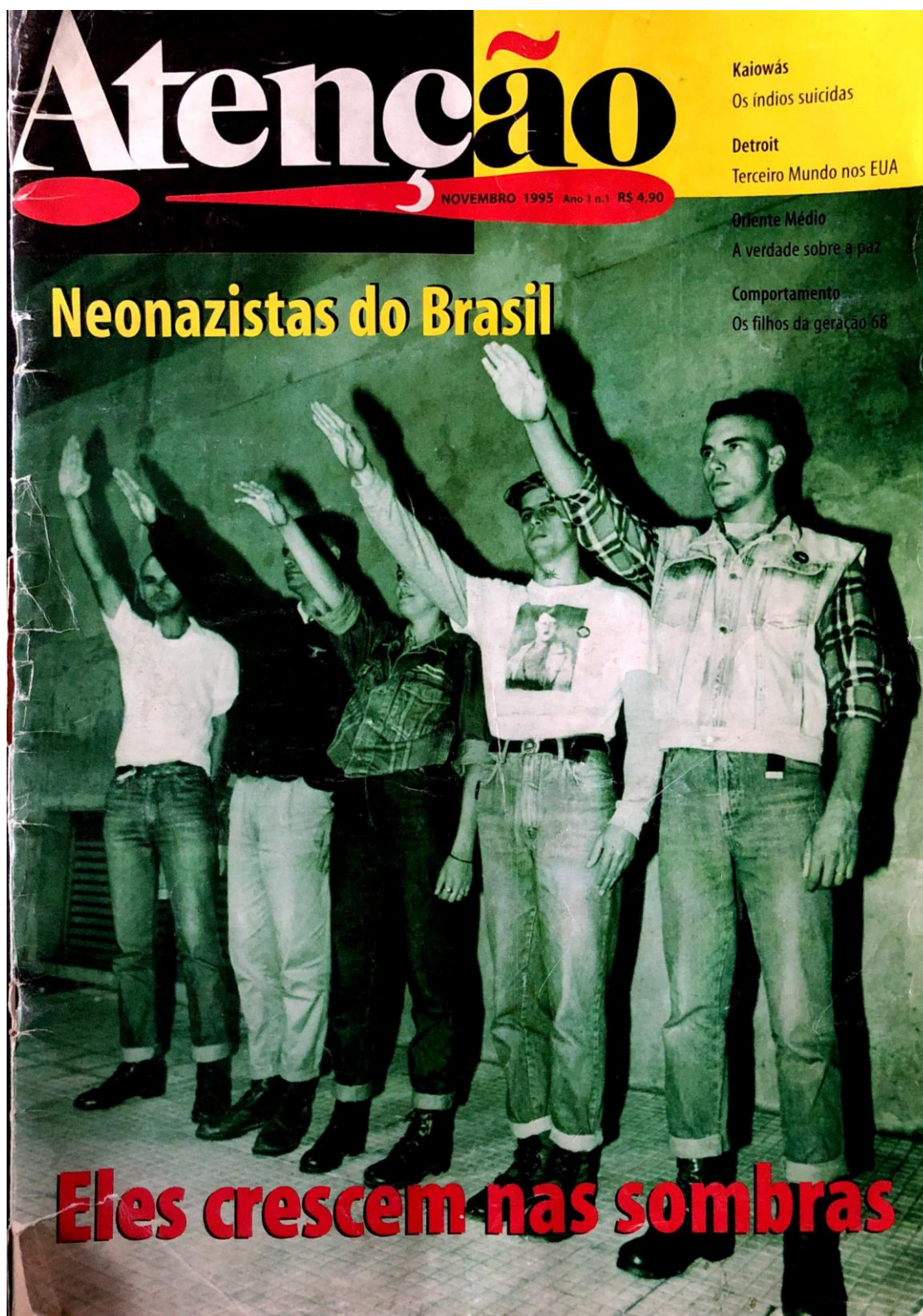


Imagem enviada pelo entrevistado T. J.



Imagem enviada pelo entrevistado T. J.

Os órfãos de Hitler mostram a cara

A AUTORA

Clarinha Glock é repórter do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. Recebeu em 1991 o Prêmio Esso Regional por equipe, com a série «O Rio Grande Devastado». Premiada duas vezes pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul (1991 e 1994) e pela Associação Rio-grandense de Imprensa.

Tudo em volta do professor Wandercy Pugliese reforça a imagem de líder da nova geração nazista. O Fusca branco, parado na porta, não foi escolhido por acaso: era o carro preferido de Adolf Hitler. Sua sala de estar dá para outra, cheia de fotografias do *führer* na parede, ao lado de um azulejo com a suástica nazista. Há ainda capacetes, pôsteres e outras lembranças da II Guerra Mundial. Mas o maior troféu parece ser o próprio filho, homenagem viva ao ídolo alemão: o menino chama-se Adolf.

Wandercy não usa os livros de história tradicionais para contar aos alunos do pré-vestibular o que aconteceu a partir da ascensão de Hitler. Usa os da editora gaúcha Revisão, de Porto Alegre, que ficou conhecida depois que seu dono, Sigfried Castan Ellwanger, sofreu vários processos por publicar obras recheadas de trechos racistas.

Olhos e cabelos escuros, 32 anos, atlético, ele é o tipo de professor carismático, que atrai a curiosidade dos jovens de Blumenau, Santa Catarina, onde trabalha. Foi expulso de outros cursos por espalhar suas visões racistas e inclusive ter vendido camisetas em homenagem a Hitler. Chega a convidar alunos para sessões de vídeo em sua ca-

sa, no bairro classe média de Itaoupava Norte. As fitas, compradas de outra empresa porto-alegrense, a Scotton International, mostram Hitler em família, alegre, carinhoso. O interesse pelo tema, diz Pugliese, veio cedo.

«Aos 13 anos, perguntei para minha mãe quem era Hitler. Ela disse que era um homem ruim», recorda. Depois, conta Pugliese, sobreviventes de guerra lhe afirmaram que o Holocausto é uma grande mentira e que Hitler nunca quis entrar no conflito mundial. «Eles diziam: como se era feliz na época do *führer*.» E para ele o vilão virou herói. A bandeira de Pugliese é o nacionalismo. E ditadura para consertar o Brasil. «Somos formiguinhas carregando livros para, no futuro, acontecer uma reviravolta», garante.

Consideram Hitler perfeito

A mídia lhe deu destaque. Apareceu no *Fantástico* da TV Globo. Acabou tornando-se o símbolo de um grupo de «viúvas» de Hitler. Sem base científica ou histórica, consideram o ditador alemão um líder perfeito. Sua visão racista acaba sendo encoberta pela bandeira da liberdade de expressão. Mas os discursos os denunciam.

«Negros? São uns coitados, ficaram desempregados no Treze de Maio (*Dia da Abolição da Escravatura em 1888*) e agora estão pobres», diz Pugliese com ar piedoso. «Devia haver um controle de natalidade entre os brasileiros para elevar o nível de vida no mundo», completa.

Idéias como as de Wandercy Pugliese se expandem pelo Brasil e pelo mundo, através de grupos que se articulam internacionalmente lançando mão de modernos meios, inclusive a Internet (a maior rede mundial de computadores). Circulando em diferentes públicos, ganham conotações mais ou menos radicais conforme a idade e situação social de cada um. Um recente relatório da Liga Antidifamação (ADL), entidade judaica de defesa dos direitos humanos, chama a atenção para uma nova onda de violência praticada por *skinheads* em Portugal, França, Itália e Argentina. Estes grupos de gangues de rua ultradireitistas, geralmente de origem operária, segundo um informe da Liga, já contam com cerca de 700 mil adeptos espalhados por 33 países. O Brasil tem uma das maiores concentrações de simpatizantes destes grupos.

Os *skinheads* surgiram no nosso país no início dos anos 80, quando reemergiu o anti-semitismo com as negações da existência do Holocausto. Dissidentes do movimento *punk*, os *skins* apareceram inicialmente na região industrial do ABC paulista e zona Leste da capital.

O professor Wandercy Pugliese e o convite para o aniversário de seu filho.

A partir de 1984, espalharam-se por várias capitais, principalmente Rio de Janeiro e Porto Alegre.

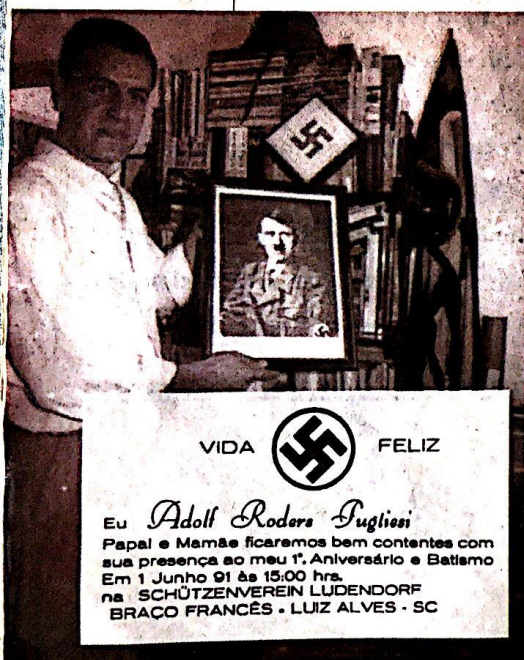
No final da década, divergências ideológicas fragmentaram os *skins* numa série de grupos, conforme explica a antropóloga Márcia Regina da Costa, autora de tese sobre o tema. Surgiram então os Carecas do Brasil. Depois vieram os Carecas do ABC, reafirmando a orientação operária do movimento, e os Carecas de Cristo, que pregam a religião e a racionalização da violência. Mais recentemente, surgiram grupos em Belém e à beira do Rio Amazonas. Todos compartilham o culto à violência, o nacionalismo e a aversão aos homossexuais.

«Os *skinheads* cresceram como gangue de rua», observa o *skin* Brutus, 25 anos, negro, segundo colega completo. Nome verdadeiro: Robson Melo. Seu grande orgulho é a tatuagem nacionalista na parte interna do lábio, exemplo de fidelidade à causa. Em setembro, Brutus se envolveu numa briga de rua com os *anarcopunks* na região central paulistana. Um *skin* foi morto a tiros.

Os atos de violência têm se multiplicado nos últimos anos. Segundo dossiê do Núcleo de Estudos da Violência, vinculado à Universidade de São Paulo, apenas entre outubro de 1992 e fevereiro de 1994, vinte incidentes foram noticiados na imprensa, entre os quais quatro homicídios e dez agressões físicas. Eles, em geral, atacam em grupos de cinco a cinquenta pessoas. Há brigas ocasionais entre gangues em bares e boates. Mas também há registro de atos premeditados, indicio de organização: fabricação e fixação de cartazes, publicações, cartas anônimas e telefonemas que precedem os ataques, utilização de explosivos, comemorações de datas especiais.

Ferramenteiro da região do ABC, Charles, 23 anos, amigo de Brutus, jura não ter nada contra nordestinos ou negros. Pelo contrário, seus amigos vêm do Nordeste. O mesmo não se aplica aos judeus. «Eles querem implantar a cultura deles aqui. Não apóio nenhum tipo de raça estrangeira que queira dominar o povo brasileiro, seja judeu, alemão, islâmico», diz.

Essa confusão de idéias faz com que, num mesmo grupo, haja divisões. Os *Skinheads* do ABC, por exemplo, comportam pelo menos um representante de um movimento similar ao da Europa e dos Estados Unidos denominado Sharp (*Skinheads Against Prejudice* ou Carecas Contra o Preconceito Racial). Ele é Cláudio, que não revela o nome completo, apenas o apelido: Neguinho, devido ao tom marrom da pele. Cláudio, 22 anos, convive com Brutus e Charles, embora nenhum dos dois companheiros apóie sua participação no Sharp. Mas para se integrar aos *Skinheads* do ABC, Cláudio se adapta às regras. Sua ira recai sobre os homossexuais, alvo unânime. «Eles não são raça, e a discriminação, se existe, é porque têm uma atitude



Antônio Pacheco/Agência B5

VIDA  FELIZ

Eu *Adolf Roders Pugliesi*
Papai e Mamãe ficaremos bem contentes com
sua presença ao meu 1º Aniversário e Batismo
Em 1 Junho 91 às 15:00 hrs.
na SCHÜTZENVEREIN LUDENDORF
BRACO FRANCÉS • LUIZ ALVES • SC

Imagem enviada pelo entrevistado T. J.

que não agrada ao grupo», explica Cláudio.

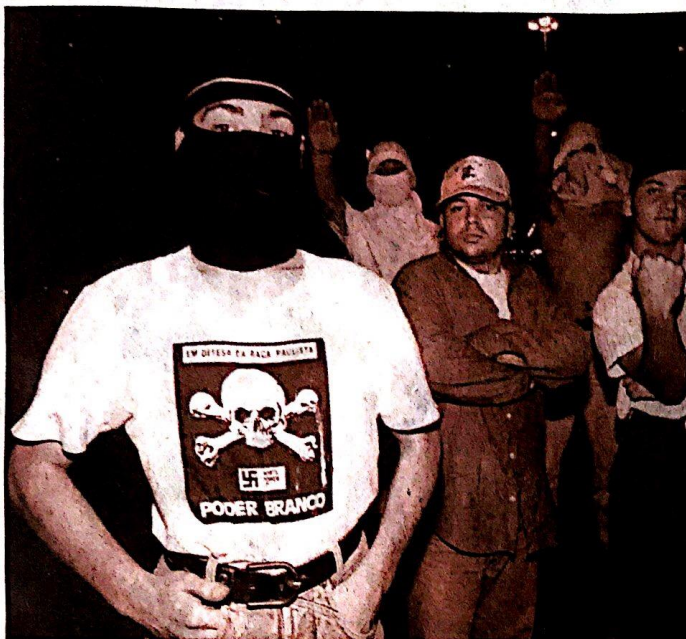
Restrições aos homossexuais e às drogas andam junto porque, segundo eles, vão contra a doutrina cristã: a maioria se diz católica. Os Carecas do Brasil constituem a versão mais intelectualizada desses grupos. Trocam informações através de fanzines, revistas que divulgam a música oi, estilo neonazista que combina o punk com o ska (variação do reggae), tudo entremeado por valores nacionalistas. O modelo de nacionalismo mais apreciado é o de Hitler. É compreensível. Esses jovens querem melhores oportunidades, salários dignos, escola e um governo forte que atenda às suas necessidades, como o líder alemão propiciou num primeiro momento, ao tomar o poder.

Relatório da polícia de São Paulo define: *skinhead* ou careca típico é um trabalhador não-qualificado de baixa renda que dedica muito tempo desenvolvendo o corpo e treinando armas. Usa correntes de ferro ou soco-ingles contra suas vítimas, geralmente judeus, negros ou migrantes pobres do Nordeste. A principal diferença entre carecas e *skinheads* está no racismo contra os negros. «Os *skins* são mais articulados com a extrema-direita europeia racista. A facção brasileira ultra-racista White Power (Poder Branco) veio dos *skins*. Já os carecas têm conflitos com essa posição porque em suas origens se mesclam ingredientes negros e nordestinos», explica Márcia Regina.

Financiamento de empresas

Muitos não querem dar o nome com medo de perseguição no trabalho. R.S., 20 anos, segundo semestre da faculdade, elogia Gustavo Barroso, autor preferido dos integralistas, que praticamente fez uma adaptação do nazismo no Brasil. «Gosto da idéia dele de exigir um atestado de ideologia para entrar no Exército», explica R.S.

Marcel Marcus Manhóli, 23 anos, de Cianorte, Paraná, troca cartas com R.S. Para ele, ser membro dos Carecas significa apelar para a luta física quando for preciso. Tem o corpo moldado pelas artes marciais. Filho de operário, trabalha de manhã como funileiro, sai correndo para a academia de musculação e depois do almoço viaja 70 quilômetros até Maringá, onde estuda História. A prova de fogo para entrar num grupo é passar por um violento corredor de pancadas.



INFONAZISMO

Neonazis do mundo todo utilizam a Internet para planejar ações conjuntas, para trocar artigos racistas, jogos anti-semitas, receitas de bombas, sugestões de financiamentos e informações sobre as atividades das entidades de direitos humanos que vigiam seus passos.

Ele ficou duas semanas se recuperando do batismo. O Carecas do Brasil é «um movimento de busca de identidade contra a massificação», discursa Manhóli, um dos fundadores do movimento que começou há quatro anos. «Lealdade, saúde, honestidade são princípios básicos para se tornar um integrante», avisa.

São elementos da ideologia careca também a consciência de pertencerem a uma classe subalterna e desprivilegiada, e a luta contra o imperialismo e os corruptos. Na prática, seus inimigos acabam sendo os homossexuais e o White Power, este por causa dos conceitos abertamente racistas, explica Manhóli. Visualmente, ele poderia ser confundido com um desses violentos defensores da supremacia branca: usa cabelo ralo e coturno. Mas como é intelectual, pretende lutar através de idéias. Considera esquerdista demais o ensino na faculdade e se autodenomina um perseguido pelos professores. Sua ânsia por conseguir um ideal pelo qual lutar o torna também um público fácil para as obras revisionistas do Holocausto da Editora Revisão.

Manhóli recebe correspondência de

grupos da Argentina e da Colômbia. Boletins mostram jovens fazendo a saudação nazista. Entre eles, os *white power* com a bandeira de São Paulo. Pelo correio, Manhóli recebeu também cartas divulgando a existência da União Nacionalista Brasileira (UNB), criada pelo paulista Anésio de Lara Campos Jr. Em 1989, Anésio participou de cerimônia na Praça da Sé, São Paulo, em homenagem aos 100 anos de nascimento de Hitler. Apesar das suásticas de seus companheiros, Anésio jura que nunca foi nazista e só admira Hitler porque o ditador tentou livrar a Europa do comunismo. Agora, trocou a suástica pelo N de nacionalismo. Atraiu integralistas e avisa que quer reunir todos os nacionalistas num grande movimento. É apoiado por Emerson Gama, 23 anos, corretor de consórcio, que ostenta um bigode como o de Adolf Hitler, e Marcelo Albuquerque Magalhães, 21 anos, almoxarife.

As disparidades do trio podem ser sentidas assim que eles começam a explicar a ideologia do movimento. Magalhães, fã do líder integralista Plínio Salgado, acusa Gama de racista. Este considera Magalhães um covarde por não

CRONOLOGIA

20/9/92 - São Paulo: Doze carecas do White Power agridem dois adolescentes judeus fora de uma sinagoga.

10/10/92 - Rio de Janeiro: Carecas destroem o Canecão no show dos Ramones. Queriam expulsar as gangues dos mortos.

23/11/92 - São Paulo: Aécio Cândido dos Santos, negro, 32 anos, é surrado por oito *skinheads* que dizem: «Negros, judeus e nordestinos têm que morrer.»

Imagem enviada pelo entrevistado T. J.

AO), Estados Unidos. Um ano depois, mais uma remessa de cartas foi enviada, desta vez contendo o Manifesto Ariano do Sul (MAS). «O MAS tem como objetivo despertar a consciência racial da pequena minoria branca do extremo sul do Brasil que se encontra à beira do total extermínio», diz um trecho do folheto, assinado pelo grupo White Power de Lincoln.

No envelope, o remetente era falso e o endereço usado era o da Organização Sionista do Rio Grande do Sul. A comunidade judaica tem evitado se manifestar. Muitos acreditam que denunciar grupos racistas é incentivá-los a continuar atuando. Mas os representantes da Federação Israelita, com apoio dos movimentos de justiça e direitos humanos e do Ministério Público, estão acionando na Justiça os responsáveis pela incitação.

Liberdade para difundir o racismo?

Nem processo inédito na América Latina, o editor Siegfried Castan Ellwanger está sendo julgado pela incitação ao ódio racial através da publicação de uma ampla bibliografia com trechos discriminatórios aos judeus. A trajetória do sócio-proprietário da Editora Revisão ajuda a torná-lo uma figura atraente. Na década de 80, lançou *Holocausto Judeu ou Alemão*, nos *Bastidores da Mentira do Século*: sob o pretexto de questionar a existência de câmaras de gás, difundiu conceitos nazi-racistas sobre a «superioridade étnica», desmascarados com o final da II Guerra Mundial há cinquenta anos.

A comunidade judaica e os movimentos de direitos humanos protestaram. A editora publicou outras obras, como *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Novos protestos, processos na Justiça. Sob o pretexto da liberdade de expressão, Castan ganhou notoriedade como «escritor perseguido». Muitos sequer sabiam o conteúdo de suas obras. Ex-funcionário e proprietário de uma empresa de siderurgia, ninguém consegue explicar como este descendente de uma família humilde de Candelária, no interior gaúcho, consegue dinheiro para publicar tantas obras. Já são mais de dez, num país onde a venda de livros não é uma atividade tão valorizada.

A obsessão de Castan com o tema o coloca dentro do cenário mundial de revisionistas da mesma linha, como o inglês David Irving, expulso da Alemanha. O nome do gaúcho estava ligado, até pouco tempo, à empresa de fitas de vídeo e áudio com temas nazistas, a Scotton International.

Castan dificilmente é encontrado na sede da editora, em Porto Alegre. Os amigos informam que ele teve prejuízos com os processos que lhe moveram e precisou vender propriedades. Mas a secretária diz que ele está viajando pelo país divulgando suas publicações. Coin-

cidência ou não, em suas entrevistas, hoje Castan se diz um nacionalista, preocupado com a atuação do «governo entreguista». Não nega que tenha conexões no exterior.

«Em virtude das traduções para o inglês, alemão e espanhol do livro *Holocausto Judeu ou Alemão*, recebi correspondência de pesquisadores de vários países», informa. A Editora Revisão facilita a pessoas como o paranaense Manhóli e o catarinense Pugliese receber material informativo com conotações racistas, semelhantes ao distribuído nos Estados Unidos e em vários cantos do mundo.

Castan foi absolvido em primeira instância e aguarda o julgamento do recurso impetrado pelos acusadores. Na justificativa da absolvição, novamente veio à tona o tema «liberdade de expressão». A tênue linha que separa a liberdade de uma pessoa dizer o que bem-entende e o crime de racismo é uma polêmica mal resolvida no Brasil.

«Estamos saindo de um período militar que impunha a censura e existe um anticorpo no Poder Judiciário contra qualquer forma em que ela se apresente», entende o advogado Hélio Sant'Anna, representante da Federação Israelita do Rio Grande do Sul no processo contra Castan. «Só que muitas pessoas ainda não se deram conta da diferença entre censura e crime, e discriminação é crime.»

A absolvição de Castan põe à mostra as agruras por que passa o Judiciário. A juíza substituída que proferiu a sentença, Bernadete Coutinho Friedrich, só soube do caso por causa da licença tirada pela titular, Laís Barbosa, que tomou os depoimentos das testemunhas. Friedrich analisou o processo em noventa dias, junto com outros 89 casos, prazo considerado curto por Jair Krishcke, do Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre. Na sentença, a juíza conclui que Castan dá uma nova versão da História. Os assistentes da acusação argumentam que o crime julgado é de incitação ao racismo, não de duvidar de fatos históricos.

«Estão sendo abertas as portas para o surgimento de um novo líder como Hitler, que conduziu seu país à desgraça e exterminou milhares de seres humanos considerados impuros», bradou o jornalista Ben Abraham, sobrevivente dos campos de concentração nazistas. Abraham ganhou na Justiça de São Paulo uma ação contra Castan, condenado por injúria e calúnia. O dono da Editora Revisão havia acusado Abraham de mentiroso. Afinal, para Castan os campos de concentração não passam de «farsa sionista».

«O Brasil, recém-saído de uma ditadura, tem um caldo de cultura muito propício a que idéias desbaratadas venham a prosperar, como havia na Alemanha após a I Guerra», analisa Krishcke. Ele observa que especialmente os jovens estão vivendo sem perspectivas e



Boletim de Notícias NS
Do Nacional-Socialista - Edição em Português

Quem foi Adolf Hitler?

O Partido Nacional-Socialista no Estrangeiro (NSDAP-AO), sediado nos Estados Unidos, publica, em oito idiomas diferentes, quatro jornais que são distribuídos pelo mundo todo.

as desigualdades sociais são muito grandes. «A resposta ao racismo deve ser cotidiana e qualificada, baseada em informação. As pessoas têm de aprender a exercer sua cidadania», diz.

O vereador Márcio de Souza, de Florianópolis, ameaçado pelos *white power* por ser negro e por ter entrado na Justiça contra as manifestações racistas do grupo, acredita que é preciso encarar o ódio racial como questão política e aprimorar os instrumentos legais para que o Estado tenha uma ação enérgica.

A Semana de Tiro ao Preto

Há dois anos, os *white power* distribuíram panfletos em escolas da capital de Santa Catarina propondo, entre outras coisas, a Semana de Tiro ao Preto. O grupo é herdeiro de um movimento surgido na Alemanha depois da guerra. Faz ameaças de pôr bombas em lugares frequentados por negros e pregam «a retirada imediata de todos os crioulos de nosso território e sua volta para a África». A comunidade negra reagiu com protestos públicos. Márcio acredita que isto ajudou a fazer com que o grupo recuasse. «Mas sabemos que ainda estão localizados em Florianópolis porque há pichações de suásticas nos muros», diz o vereador.

Recentemente, o governo alemão condenou quatro *skinheads* a penas entre dez e quinze anos de prisão por provocar um incêndio que matou duas mulheres e três meninas turcas em Solingen, em 1993. Em setembro, o editor da publicação de ultradireita *Aula*, Herwin

7/7/93 - São Paulo:
A torcida Mancha Verde compra bombas do White Power e as usa contra torcidas adversárias: 28 feridos. A polícia investiga os vínculos.

15/12/93 - Rio:
Membros da Frente Nacionalista Carecas do Brasil agredem integrantes de manifestação pelo Dia Internacional de Luta contra a Aids.

19/8/95 - Teotônia (RS): O jornalista Valdir Schardong, da Rádio Popular de Teotônia, recebe ameaças do grupo White Power.

24/9/95 - São Paulo:
Briga entre *anarcho-punks* (anti-racistas) e *skinheads* num show de rock resulta na morte do *skin* Marcelo Torres de Souza, de 21 anos.

Os órfãos de Hitler mostram a cara

Nachtmann, foi condenado em Gratz, Áustria, a dez meses de liberdade condicional e pagamento de 20 mil dólares por apologia do nazismo. Em Córdoba, Argentina, um sargento e um soldado da polícia militar foram suspensos porque o soldado tinha gravado em seu capacete uma suástica, símbolo nazista.

Enquanto outros países começam a reagir, no Brasil ainda são poucas as condenações. A mais recente aconteceu em agosto, quando André Luis Ribeiro Stercke e Christian Gektonogoff de Souza Pinto, membros do grupo neonazista *skinhead*, foram condenados a dois anos de prisão por terem incitado a discriminação e preconceito de raça no programa *Documento Especial*, do SBT. O juiz Pedro Luiz Menin, da 14ª Vara Criminal de São Paulo, concedeu aos réus a liberdade condicional por serem primários e terem bons antecedentes.

A condenação fez com que muitos grupos passassem a fugir da imprensa. Mas continuam presentes, apoiados por material vindo principalmente dos Estados Unidos, divulgando suas idéias em panfletos, como o que o Power Swastic distribuiu em maio na movimentada Avenida Paulista. A publicação conclamava os paulistanos a seguir o exemplo da onda racista que cresce no Japão, país onde «não se pode entrar infiltrado». Encerrava assim: «O dia de vocês está chegando. Até breve, judeus!»

O principal fornecedor de propaganda é Gerhard Lauck, do Partido Nacional-Socialista no Estrangeiro (NSDAP/AO), que mantém ligações com outros grupos

racistas, como o Nações Arianas (Aryan Nations). O Nações pretende criar um Estado nacional para abrigar os brancos. Reunindo representantes da temível Ku Klux Klan, *skinheads* e milícias, é considerado um dos mais perigosos movimentos atualmente nos Estados Unidos. Entidades de direitos humanos, como The South Poverty Law Center, mantêm controle acirrado sobre as atividades desses grupos através do projeto Klanwatch.

Além do Nações, a Resistência Ariana Branca, liderada pelo ex-cavaleiro da Ku Klux Klan Tom Metzger, está se associando a movimentos armados como a Milícia de Michigan, acusada do atentado contra o prédio federal de Oklahoma, em abril, que matou 167 pessoas.

A situação fez o governo americano mudar a forma de encarar o problema do neonazismo, sempre livre para atuar, amparado no artigo primeiro da Constituição dos Estados Unidos, que garante liberdade de expressão. As milícias são abertamente contra o governo. «Há dez anos tenho advertido sobre a possibilidade de crescimento da violência por causa da insatisfação do povo com as medidas do governo, especialmente agora com o presidente Bill Clinton», diz Tom Metzger, diretor da Resistência Ariana Branca.

Receitas de bomba via Internet

Mas como bom ariano, sua maior preocupação é com a diminuição da taxa de nascimentos da população branca. Atualmente, tudo é motivo para acirrar a luta racial nos Estados Unidos. Metzger transformou o caso do ex-astro negro de futebol americano O. J. Simpson, absolvido da acusação de ter assassinado a mulher (branca), em fonte de propaganda para angariar novos militantes arianos. O movimento nacionalista aproveitou para pedir dinheiro para financiar a repatriação dos negros para a África. Sorrateiramente, a mesma ideologia está chegando ao Brasil.

Metzger admite cooperar com os movimentos *white power* e separatistas brancos, «não importa onde estejam». «No Brasil, contamos com a Reunião Paulista», acrescenta. O grupo tem sede na cidade de Sumaré, SP. O número de janeiro do boletim do Partido Nacional-Socialista editado nos Estados Unidos, com versão em português, traz uma convocação aos representantes da Reunião Paulista para que se unam e expulsem a «corja de vagabundos que infestam o país». Na sua visão limitada, eles se referem aos negros e índios, principalmente.

A forma mais rápida de comunicação é a Internet, na qual já se podem encontrar piadas racistas, instruções de como fabricar bombas, jogos anti-semitas e uma variedade de artigos nazistas. Uma mensagem captada em Porto Alegre, no dia 13 de outubro passado, mostra que eles con-

seguem inclusive ter acesso a documentos de entidades de direitos humanos encarregadas de controlar o avanço de grupos racistas, como a Liga Antidifamação. E divulgam para os membros interessados, através de grupos de discussão, os detalhes dos documentos, acompanhados de comentários irônicos.

Na Internet, os neonazis podem encontrar até instruções sobre como ajudar a financiar organizações. Na lista dos financiáveis, o grupo do economista Lyndon LaRouche desconta como um dos preferidos entre os *patriotas*. O culto ao economista, de 72 anos, chegou ao Brasil. O principal representante da organização na América Latina é o mexicano Lorenzo Carrasco Bazúa, 45 anos. Ele está no Brasil com visto de correspondente da revista *Executive Intelligence Review* (EIR) e assina artigos em jornais do Rio de Janeiro como diretor do Instituto Schiller. As duas instituições fazem parte da poderosa organização de LaRouche.

O escritório de Bazúa funciona no Rio de Janeiro e ele viaja pelo país para dar palestras. Recentemente, falou na Comissão de Agricultura da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, sobre a crise mundial de alimentos. O discurso de Bazúa incluiu um comparativo sobre a situação da agricultura no México e no Brasil, alertando que podemos vir a enfrentar os mesmos graves problemas que ocorrem naquele país.

A penetração de Bazúa chegou a tal ponto que, em 1991, ele foi convidado para dar depoimento na Câmara dos Deputados em Brasília, sobre a internacionalização da Amazônia, perante Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Bazúa não quis falar a *Atenção!*. Disse que era apenas correspondente da *EIR* e não teria por que ser entrevistado. Mas na introdução de seu discurso na CPI deu uma idéia sobre seus objetivos. «Quem vos fala é correspondente da revista *Executive Intelligence Review*, fundada há dezoito anos pelo economista, político e filósofo norte-americano Lyndon LaRouche, com a finalidade básica de denunciar os planos das oligarquias anglo-americanas, lideradas pelo ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger», explicou logo de saída.

A organização afirma ter como meta evitar a imposição a todo o mundo de uma ordem malthusiana, baseada na promoção da especulação e da usura no sistema financeiro internacional e no controle mundial dos recursos naturais. Em outras palavras, LaRouche e seus representantes trazem à tona, de forma indireta, a velha teoria de conspiração para dominar o mundo, que nos Estados Unidos e na Europa é difundida pelos movimentos neonazistas contra os judeus.

Em 1992, o então deputado federal Fábio Feldmann já pedia informações sobre Bazúa e Cora Menna Barreto. Os dois estavam distribuindo, na Câmara dos Deputados, cópias de textos assina-

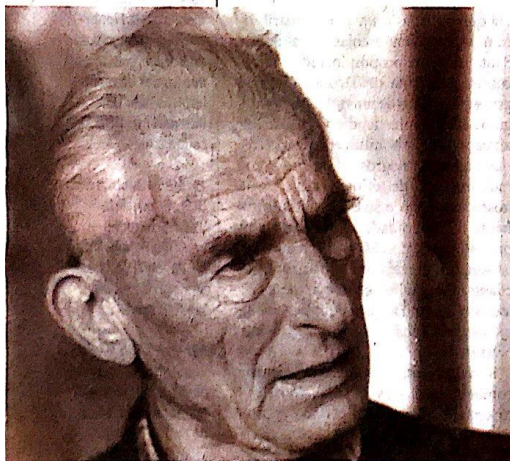
LEITURAS
COOPER, Marc.
«A mãe de todas as milícias». *Atenção!*, Scritta, outubro de 1995.

COSTA, Márcia Regina da. *Os Carecas do Subúrbio*. Vozes.

HOCKENOS, Paul.
Libres para Odiar - Neonazistas: Ameaças e Poder. Scritta.

SCHMIDT, Michael.
Néo-Nazis, La Terrible enquête. França Éditions J. - C. Lattès.

SVORAY, Nick e TAYLOR, Yaron.
In Hitler's Shadow. EUA: Doubleday.



Jörgen Zauk, ex-soldado de Hitler, vive no Paraná divulgando o nazismo.

dos por Bazúa com acusações de que Feldmann seria representante do sionismo internacional e traidor da pátria. «Fábio Feldmann, a usura disfarçada de ecologismo», dizia um título. Feldmann recebeu da presidência da Câmara um dossiê, em que lia: «Lyn-don LaRouche é um camaleão político.» LaRouche atualmente dirige um culto político extremista que funciona atrelado a outras organizações. Discretamente, na forma de institutos, alianças e comitês, elas recolhem fundos para sustentar as operações de LaRouche e manter sua liderança. O Instituto Schiller, do qual Bazúa era diretor, é uma delas.

«Seguindo um padrão estabelecido nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, como Índia e Turquia, a rede política LaRouche tem conseguido contatos com latino-americanos em posições de alto nível», prossegue o relatório. Esteve com o presidente argentino Raúl Alfonsín na Argentina, em 1984, e com o presidente mexicano López Portillo, dois anos antes. Entre as publicações de LaRouche na América Latina estão a *Solidariedade Ibero-Americana* (antes denominada *Nova Solidariedade*), *Fusão Nuclear e Resumo Executivo* (versão em espanhol do EIR), e *The New Federalist*.

A relação do culto a LaRouche com o grupo Nação do Islã, que organizou no último dia 16 de outubro a Marcha de 1 Milhão de Negros, em Washington, existe desde 1980, quando os dois organizaram fóruns para discutir como a Aids era parte de uma «conspiração do governo americano contra os negros». A Nação do Islã é um grupo de negros separatistas antibranços, acusados de ter ligações com pessoas da Líbia e gangues violentas.

A política de LaRouche, por sua vez, denuncia bizarras conspirações e tem simpatizantes na classe média branca. Conforme dossiê publicado em 1994 pela Liga Antidifamação, as duas organizações também estão ligadas a movimentos de defesa da supremacia branca. A rede de LaRouche empregou membros da Ku Klux Klan como consultores de segurança. E os representantes da Nação do Islã convidaram Tom Metzger, da Resistência Ariana Branca, para um encontro em 1985, em Los Angeles. Tempos depois, dizem os relatórios da ADL, o grupo de Metzger deu contribuições para o líder da Nação do Islã, Louis Farrakhan. De acordo com Metzger, ele e Farrakhan trocaram «informação».

Mas como é possível que uma organização de negros antibranços colabo-



FANATISMO

«As manchetes dos jornais nos lembram que o ódio não morreu junto com Hitler: estamos atravessando uma nova época de fanatismo e de violência. Quem se preocupa com os destinos do mundo, deve recusar-se a deixar que fenômenos parecidos tenham condições para firmar-se.» Simon Wiesenthal

re com grupos racistas que lutam pela supremacia branca? Um dos militantes da Resistência Ariana Branca explica: «O senhor Farrakhan (líder da Nação do Islã) é negro e provavelmente quer matar todos nós, diabos brancos. Mas é bom que ele queira que os negros deixem a sociedade branca e se tornem auto-suficientes, vivendo em comunidades negras. E é claro que Farrakhan é antijudeu e anti-sionista. Quem se importa de que cor é o dedo que aponta o demônio? O negro perigoso é o que fala em coligações coloridas. Precisamos de gente de todas as cores contra a integração e se isso acirrar as tensões raciais, tanto melhor.»

Os membros da Nação do Islã e LaRouche fizeram uma aliança para avançar nos ataques contra os judeus, dizem os representantes da Liga Antidifamação. Na carta aberta lançada ao presidente Bill Clinton, publicada no jornal *The Washington Post* de novembro de 1994, no entanto, em nenhum momento essa postura de LaRouche é citada.

A carta é uma manifestação a favor da libertação de LaRouche, preso nos Estados Unidos por fraudar cartões de cré-

dito, tentar obstruir o trabalho da Justiça, entre outras violações. Ficou na prisão cinco anos mas conseguiu liberdade condicional. Pessoas de todo o mundo assinaram a carta a favor dele, inclusive brasileiros. Entre eles, os senadores Aluizio Bezerra e Márcio Lacerda; os deputados federais Carrion Júnior e Aldo Rebelo; e o então deputado estadual gaúcho Carlos Araújo. Carlos alega que assinou porque lhe disseram simplesmente tratar-se de um preso político: «Assinei de boa-fé.»

Aldo Rebelo diz que não apoiou o movimento de LaRouche, mas sim a sua libertação, porque «se configurou que estava preso por delito de opinião, e não pelos crimes mencionados». Assinou o manifesto pró-LaRouche, portanto, por ser «contra qualquer restrição à liberdade de pensamento».

Seja como for, os abaixo-assinados ajudaram a pôr o Brasil no centro de uma perigosa cadeia de pensamentos e de violência. O ressurgimento do nazismo e o estímulo às teorias racistas persistem como ameaça muito próxima, baseada principalmente na ignorância e na falta de memória.

Atenção 13 Novembro

QUEM SÃO

White Power

Defendem a supremacia branca e são o grupo mais articulado internacionalmente e o que mais recebe material de propaganda de outros países. Nos EUA, os *white power* estão inseridos em grupos como Ku Klux Klan e Nações Arianas.

Skinheads

Costumam usar a cabeça raspada, coturnos, roupas militares e camisetas com uma caveira. Estão em todos os estados do Brasil, divididos em facções.

Carecas do ABC

Facção dos *skinheads* que se caracteriza mais como gangue de rua. Seus membros normalmente não tem segundo grau, e incluem negros e nordestinos.

Carecas do Brasil

Facção mais intelectualizada dos *skins*. Têm como lema «estudar para mudar o país». Muitos estão na Universidade.

Sharp

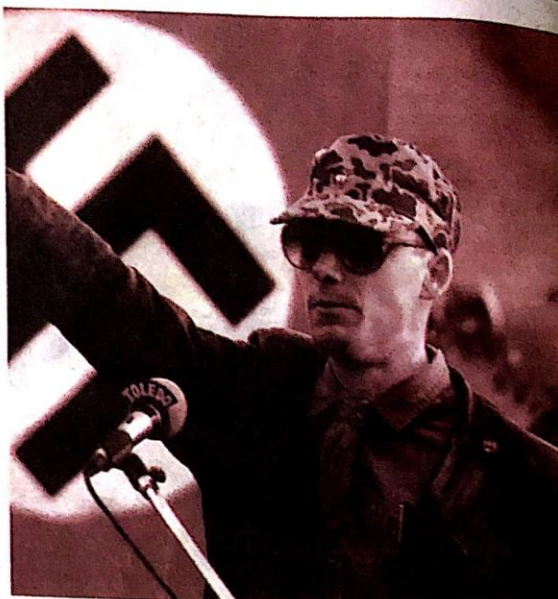
(Skinheads Contra o Preconceito) Facção mais recente dos Carecas do Brasil. São contra qualquer discriminação, mas odeiam os homossexuais.

Imagem enviada pelo entrevistado T. J.

Os órfãos de Hitler mostram a cara

Os grupos neonazistas crescem por toda a Europa, promovendo a violência contra os estrangeiros, bode expiatório para o desemprego.

Na Alemanha, em seis anos, suas fileiras se multiplicaram por dez. Eles mantêm estreitas ligações com os partidos de extrema-direita, que crescem a cada eleição.



O mundo skin depois da queda do muro

INEXPRESSIVOS e durante décadas res-
tritos à parte ocidental da Alemanha, os
grupos neonazistas hoje são um fator de
violência e irracionalidade presente em
todo o continente europeu, de Portugal à
antiga URSS. Na Itália eles são conheci-
dos como *naziskins*, na Inglaterra se mis-
turam aos *hooligans* que infernizam as
arquibancadas do futebol, na Espanha
utilizam os hinos e saudações do fran-
quismo. Os símbolos variam, mas o visual
é quase sempre o mesmo (a cabeça pela-
da dos *skinheads*) e o inimigo, este sim,
invariável: o estrangeiro, não importa de
onde ele venha.



Até a queda do Muro de Berlim e o fim
dos regimes do Leste Europeu, poucos
levavam a sério os garotos que ostenta-
vam suásticas e se reuniam para come-
morar eventos como o aniversário de
Rudolf Hess. O desemprego e a falta de
perspectiva para a juventude fizeram da
antiga Alemanha Oriental um celeiro
farto para o fanatismo da extrema-direi-
ta. Em seis anos, as fileiras do neonazis-
mo alemão cresceram dez vezes atin-
gindo 40 mil afiliados em 1994, segun-
do a contabilidade do governo.

O crescimento numérico foi acompa-
nhado da escalada da violência. Dos ro-
tineiros espancamentos de africanos e
asiáticos, os netos de Hitler passaram
para ações mais ousadas, como os ata-
ques aos abrigos de refugiados do Ter-
ceiro Mundo, que se beneficiavam das
leis alemãs de asilo, mais liberais do que
no resto da Europa. A ofensiva xenófo-
ba culminou, em novembro de 1992,
com a morte de três imigrantes turcas –
duas mulheres e uma menina de 10
anos – quando a casa em que elas vi-
viam, na cidade alemã de Moelln, foi in-
cendiada por neonazistas. Só então o
governo conservador de Helmut Kohl,
pressionado por gigantescas manifesta-
ções anti-racistas, começou a enfrentar
a extrema-direita com mais energia.

Embora disseminados geografica-
mente, os grupos de inspiração nazista
expressam apenas uma ínfima minoria
da juventude européia. Mais do que a
truculência de suas ações, o que torna os
skinheads e assemelhados um perigo
para a democracia é a conexão entre

eles e os partidos de extrema-direita,
que ganham espaço a cada eleição. Or-
ganizações como a Frente Nacional, na
França, e o Partido da Liberdade, na
Áustria, já ocupam o primeiro plano da
disputa política nesses países. Na Itália,
Alleanza Nazionale, neofascista, chegou
no ano passado a participar de uma co-
ligação de governo pela primeira vez no
pós-guerra.

Com sua retórica de ódio aos imi-
grantes, transformados em culpados
pela falta de trabalho e pela deterioração
dos serviços sociais, esses partidos esti-
mulam, na prática, a violência homicida
contra os estrangeiros. Recentemente,
em Paris, um bando de trogloditas afo-
gou no Sena um tunisiano, a poucos
metros de um comício do líder racista
Jean-Marie Le Pen, que negou qualquer
ligação entre as duas coisas. Evidente-
mente.

Mesmo a direita dita *civilizada* se vê,
muitas vezes, constringida diante dos
seus pontos de contato com os cabeças-
peladas. Jacques Chirac, o atual presi-
dente francês, gostava de reclamar do
«cheiro» dos imigrantes árabes. Em qua-
se todos os países europeus os governos
têm adotado, nos últimos anos, medidas
restritivas ao ingresso de estrangeiros.
Na Alemanha, a onda de indignação
provocada pelos crimes xenófobos dos
últimos anos não impediu o Parlamento
de limitar drasticamente o direito de asi-
lo, cedendo às pressões da direita. Os
neonazistas podem estar a anos-luz de
distância do poder, mas o racismo nun-
ca teve tanta força desde 1945. ●

Imagem enviada pelo entrevistado T. J.

LIBERDADE

Como todos sabem a muitos rachas entre gang's da cidade de S. Paulo e da região do ABC, uns porque são Funk's outros porque são Carecas um pape que tem que se acabar pois todos nos somos uma tribo só, e que lutamos por um BRASIL melhor, e não para ficarmos se matando uns aos outros, nesse verdadeiro alvo e o estado e todos aqueles que nós sujam de suas merdas para cada vez mais encherem os seus bolsos com o nosso suor com a nossa desgraça, porra está na hora de enxergarmos um pouco mais pois estas querrinhas não vão nos levar a nenhum lugar.

mais pois estas guerrinhas não vão nos levar a nenhum lugar. No nosso dia a dia equê que ganhamos de nossos patrões a não ser a humilhação e aquela miséria no fim do mês, equê que ganhamos dos nossos governadôres a não ser a fome é a miséria, desespero e desgraças, equê que ganhamos da Igreja a não ^{ser} palavras em vão, equê ganhamos dos policiais a não os espancamentos que até nos causam a morte.

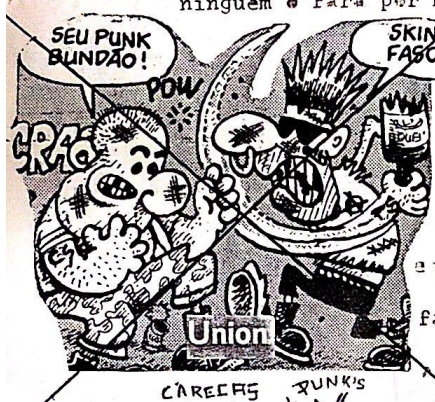
Mas mesmo diante destes quadros as guerras continuam ou melhor /
parece que começa a melhorar, mas o sempre um Skin e um Punk se alhand
torte. Vamos a união e não a repressão pois se nós não fizermos nada /
ninguém o fara por nos.

**HEAD-
LISTA!** Não podemos mais aguentar tanta repressão
seja ela qual for, não podemos nós alimen-
tar de vento, hoje o preço dos alimentos
estão totalmente fora de nosso alcance, pois
um pai de família assalariado tem de matar e
roubar para não ver seu filho chorando de fome.

De que vale a violência sobre aquele ser
que como você é fudido? De que vale a vida
se ficarmos o tempo todo de braços cruzados
esperando a boa vontade dos porcos do governo.

Em vez de ficarmos nós matando porque não fazemos algo de útil a toda população...

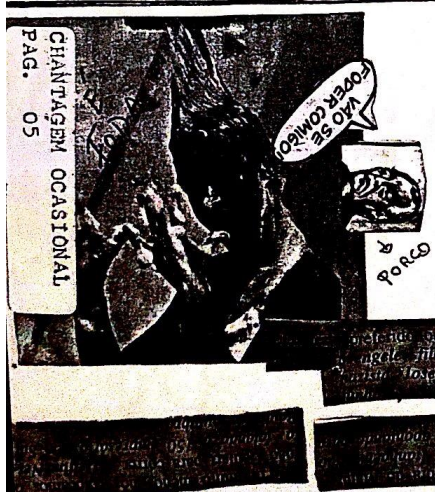
pense melhor no assunto, e não agrida /
um ser igual a você.



LIXO:
Tem muito embalo que suja o nome Punk. Devemos pegar o pessoal cabeça pra unir nossas forças e destruir o sistema.

Lixo Suburbano
São Paulo - SP

CHANTAGEM OCASIONAL
PAG. 04



As crianças de São Paulo riram com naturalidade em raios laser e bombas atômicas, usam sem piscar os microcomputadores e aceitam a poluição como fato inerente à vida urbana.

FUCK

DA PUA ACREDITAR!

AFRICA: NO ENTÃO
O Ocidente pode ir para o inferno!
Desmond Tutu, prímio Nobel da Paz de 1985, é arcebispo da Cidade do Cabo, em julho

DESTAQUES

Não ouço rádio, não vejo televisão e não leio jornais. Não sei de nada do que está acontecendo. Ex-presidente João Baptista Figueiredo, em março, nove dias após a decretação do Plano Cruzado

Imagem enviada pelo entrevistado T. J.



Imagem enviada pelo entrevistado T. J.

[illegible]

Paula Prata.



Imagem enviada pelo Careca A. O.

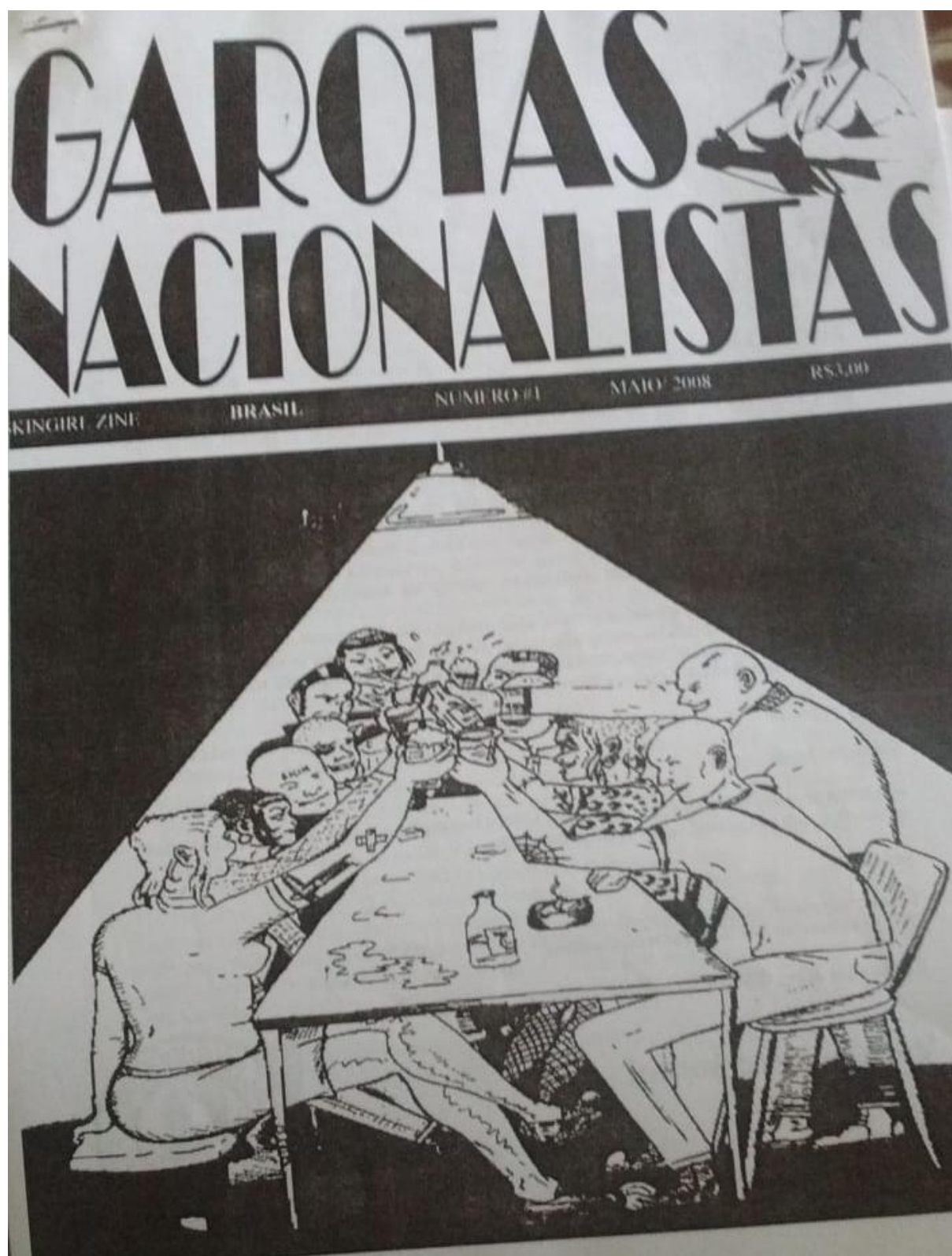


Imagem enviada pelo Careca A. O.

Anexo E – Fotos dos Carecas do Subúrbio da décadas de 1980 e 1990



Foto enviada pelo Careca A. O.



Foto enviada pelo Careca A. O.

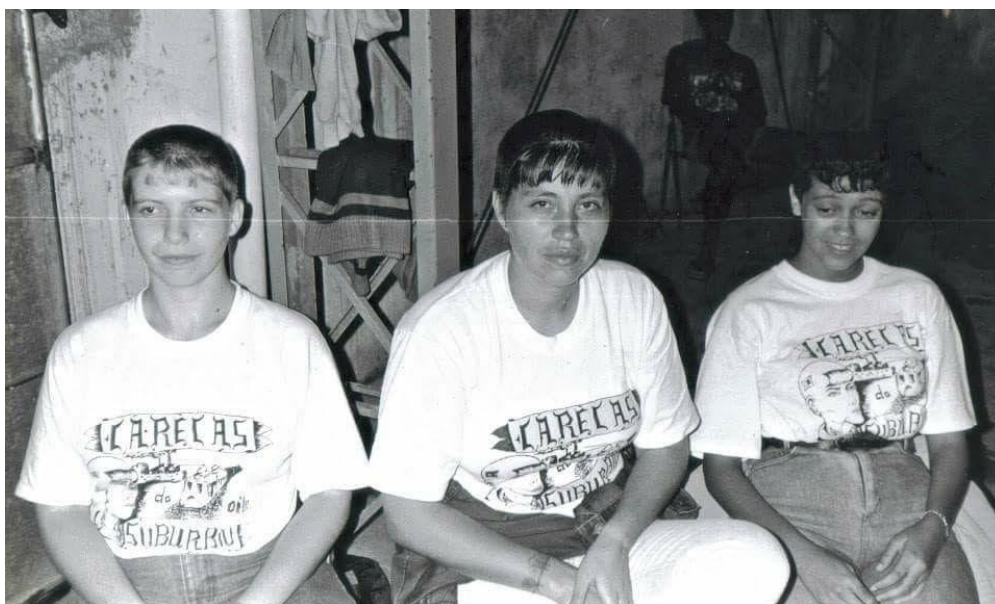


Foto enviada pelo Careca A. O.

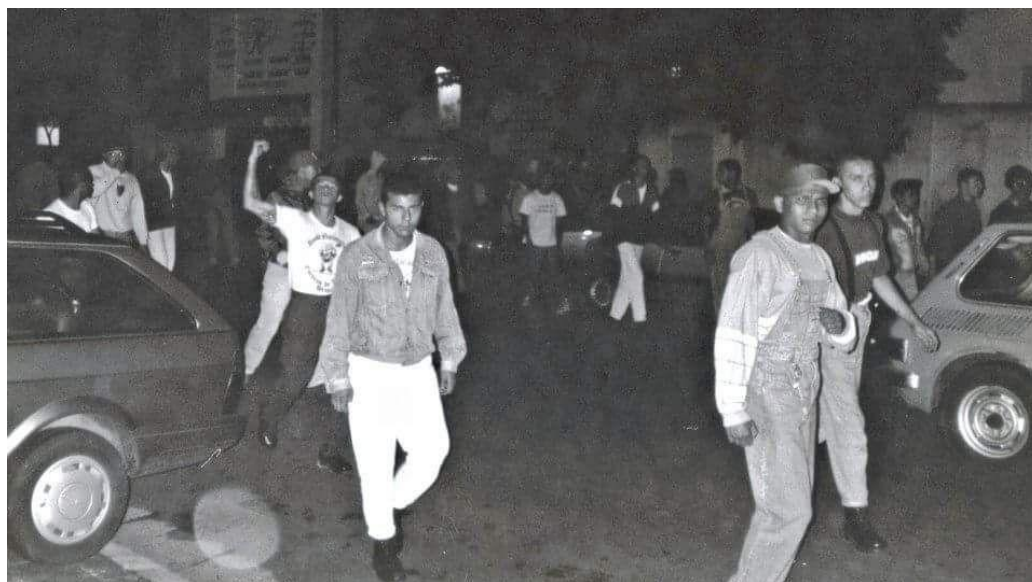


Foto enviada pelo Careca A. O.